

SARAH J. MAAS



MULHER-GATO™
LADRA DE ALMAS



MULHER-GATO™
LADRA DE ALMAS



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MULHER-GATO

LADRA DE ALMAS

LENDAS DA DC 3



SARAH J. MAAS





Copyright © 2019 DC Comics.
BATMAN and all related characters and elements
© & ™ DC Comics. WB SHIELD: ™ & © WBEI. (s19)
S0124247

Título original: *Catwoman: Soulstealer*
Tradução por Editora Arqueiro Ltda.
Tradução publicada mediante acordo com Random House Children's
Books, uma divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

TRADUÇÃO: Mariana Serpa

PREPARO DE ORIGINAIS: Luara França

REVISÃO: Mariana Rimoli e Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO: DTPhoenix Editorial

IMAGENS DE CAPA: Howard Huang (mulher); Stuart Wade (design do logo)

ADAPTAÇÃO DE CAPA: Ana Paula Daudt Brandão

FOTO DA AUTORA: © Josh Wasserman

ADAPTAÇÃO PARA E-BOOK: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M11m

Maas, Sarah J.

Mulher-gato [recurso eletrônico]: ladra de almas/ Sarah J. Maas; tradução de Mariana Serpa. São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital (Lendas da DC: 3)

Tradução de: Catwoman: soulstealer

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-972-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Serpa, Mariana. II. Título.

19-56535

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para as mulheres que tocam o terror,
mas não deixam de se divertir

Sumário

Antes

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Dois anos depois

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Agradecimentos](#)

[Coleção Lendas da DC](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

ANTES





CAPÍTULO 1

A multidão que urrava na arena improvisada não fazia o sangue dela ferver.

Ela não se abalava, não se irritava, não se aquecia com saltinhos. Não. Selina Kyle apenas girava os ombros – uma vez, duas vezes.

E esperava.

Os aplausos empolgados que pareciam invadir o corredor sombrio até o vestiário nada mais eram que o barulho distante de um trovão. Uma tempestade, igualzinha à que varreria o East End enquanto Selina caminhava do condomínio até a arena. Ela chegara ensopada à marquise da estação de metrô que levava à espelunca subterrânea, o pardieiro de jogatina de Carmine Falcone, último integrante da turba infinita de chefões da máfia de Gotham City.

Porém, como qualquer outra tempestade, essa luta também chegaria ao fim.

Selina conferiu se os cabelos escuros, ainda molhados de chuva e presos num coque no alto da cabeça, estavam firmes. Em sua segunda

briga de rua, cometera o erro de usar rabo de cavalo. A outra garota conseguira agarrá-lo, e aqueles poucos segundos em que Selina tivera o pescoço exposto foram os mais longos de sua vida. Mas ela conseguira vencer – por pouco. E aprendera. Aprendera com cada uma das lutas desde então, nas ruas ou na arena cravada nos esgotos de Gotham.

Ela não se importava com o oponente da noite. Os desafiantes costumavam ser variações do mesmo tema: homens desesperados porque deviam a Falcone mais do que podiam pagar. Idiotas dispostos a arriscar a própria vida por uma chance de quitar suas dívidas enfrentando uma Leoparda no ringue.

O prêmio: nunca mais ter que olhar para trás em meio às sombras, nunca mais se perguntar se havia alguém à espreita. O preço da derrota: ser entregue a eles de bandeja e permanecer endividado. Em geral, era quase a promessa de uma passagem só de ida para o fundo do rio Sprang. A probabilidade de vitória era uma em um milhão.

Independentemente de qual saco de pancadas ela enfrentaria aquela noite, Selina rezava para que Falcone acenasse com a cabeça mais depressa que da vez anterior. Aquela luta... ele a forçara a prolongar aquela luta particularmente violenta. A multidão estava empolgada demais, disposta a gastar dinheiro em bebida barata e tudo o mais à venda na espelunca subterrânea. Ela voltara para casa com mais hematomas que de costume, e o homem que ficara inconsciente de tanto apanhar...

Não é problema seu, dissera ela a si mesma incontáveis vezes. Mesmo quando tinha pesadelos com os rostos ensanguentados de seus adversários, fosse dormindo ou acordada. O que Falcone fazia depois das lutas não era problema dela. Selina deixava os oponentes respirando. Pelo menos essa culpa ela não carregava.

E pelo menos não era burra a ponto de reagir abertamente, como algumas das outras Leopardas. As que eram orgulhosas demais, ou burras demais, ou jovens demais para assimilar as regras do jogo. Não, suas pequenas rebeliões contra Carmine Falcone eram mais sutis. Ele

queria ver homens mortos; ela os deixava inconscientes, mas fazia isso tão bem que ninguém na multidão reclamava.

Uma verdadeira corda bamba, ainda mais com a vida de sua irmã em jogo. Se ela pressionasse demais, Falcone poderia fazer perguntas, começar a imaginar quem seria tão importante para Selina. Saberia onde atacar com mais força. Ela jamais permitiria que chegasse a esse ponto. Jamais arriscaria a segurança de Maggie dessa forma. Aquelas lutas eram todas por ela. Cada uma delas.

Fazia três anos que Selina havia se unido às Leopardas, e quase dois anos e meio que provara sua força contra as outras gangues de garotas a ponto de Mika, sua Alfa, apresentá-la a Falcone. Selina não tivera a audácia de perder esse encontro.

A regra das gangues de garotas era clara: a Alfa de cada gangue reinava e protegia, ditava punições e recompensas. As palavras da Alfa eram lei. E quem fazia essas palavras serem cumpridas eram a Segunda e Terceira. A partir daí, a hierarquia ficava meio turva. As lutas eram uma forma de subir de posto – ou cair, dependendo do resultado. Até a Alfa podia ser desafiada por quem fosse burra ou corajosa o bastante.

A ideia de ascensão, porém, nem sequer passava pela cabeça de Selina quando Mika trouxera Falcone para vê-la derrotar a Segunda da Matilha de Lobas, deixando a garota toda ensanguentada no chão do beco.

Antes daquela luta, haviam sido marcadas no pálido braço esquerdo de Selina apenas quatro pintas de leopardo, representando o troféu de cada luta conquistada.

Selina ajeitou a bainha da regata branca. Agora, aos 17 anos, já acumulava 27 pintas tatuadas em ambos os braços.

Invicta.

Era o que o mestre de cerimônias declarava no salão. Selina ouvia as palavras entoadas: *A campeã invicta, a mais cruel das Leopardas...*

Ela segurou o item que tinha permissão de levar para o ringue: o chicote de couro.

Algumas Leopardas optavam por usar maquiagem ou roupas como marca registrada, para fazer sua identidade se destacar no ringue. Selina tinha pouco dinheiro para gastar nesse tipo de coisa – já que um tubinho de batom podia custar o valor de um lanche. Mika, porém, não se impressionara quando Selina apareceu para a primeira luta oficial vestindo seu antigo collant de ginástica e um par de leggings.

Parece que você está indo para uma aula de dança, dissera a Alfa. *Vamos pelo menos te dar umas garras.*

Dentro do ringue eram permitidos todos os tipos de armas pequenas, exceto facas e armas de fogo. Naquela noite, contudo, não havia nenhuma à mão. Só se via o chicote, descartado na pilha de tralhas deixada por algum circo que antes ocupara o lugar.

Você tem dez minutos para aprender a usar isso, avisara Mika a Selina, deixando-a se virar com o chicote.

Ela mal havia conseguido estalar o treco quando foi empurrada para dentro do ringue de luta. Naquela noite, o chicote atrapalhara mais do que ajudara, mas a multidão foi à loucura. E uma pequena parte de Selina também se animou, com aquele estalido a açoitar o mundo.

A partir de então, ela aprendera a manejá-lo. Até que ele se transformasse numa extensão de seu braço, até que lhe desse a vantagem que sua silhueta esguia não oferecia. A dose de drama que o chicote fornecia ao ringue também não era de todo má.

Houve uma batida na porta de metal. Era a deixa para sua entrada.

Selina conferiu o chicote na cintura, a calça justa preta, o par de tênis verde que combinava com seus olhos – embora ninguém jamais tivesse comentado a respeito. Verificou se estavam bem presos. Tudo certo.

Pelo menos dentro do possível.

Ela tinha os músculos soltos e o corpo flexível graças aos antigos aquecimentos de ginástica, agora adaptados para os combates. Entre o confronto físico, o chicote e a refinada acrobacia, usados tanto como exibição quanto para desequilibrar os oponentes mais pesados, ter a

certeza que seu corpo estava preparado para as lutas já era meia batalha vencida.

Selina abriu a porta enferrujada e barulhenta. Mais adiante, no corredor, Mika cuidava da garota nova sob o tremeluzir das luzes fluorescentes que lhe drenavam o costumeiro brilho dourado da pele.

A Alfa disparou um olhar e avaliou Selina por sobre o ombro, balançando a trança preta. A garota pálida que fungava à sua frente limpava, com cuidado, o sangue que escorria do nariz inchado. Um dos olhos da gatinha já estava enorme e vermelho, e o outro nadava em lágrimas não vertidas.

Era por isso que a plateia estava daquele jeito. Para uma Leoparda ter apanhado daquela maneira, devia ter sido uma luta e tanto. Violenta a tal ponto que Mika segurava o braço pálido da garota para evitar que ela perdesse o equilíbrio.

No corredor sombrio que levava ao ringue, um dos capangas de Falcone acenou. Selina fechou a porta ao sair. Não deixara nenhum objeto de valor. De todo modo, não possuía nada que valesse a pena roubar.

– Cuidado – disse Mika, quando Selina passou. A moça asiática tinha a voz baixa e suave. – Ele arrumou um pessoal do mal hoje.

A gatinha soltou um sibilo e deu um tranco com a cabeça quando Mika tocou de leve seu lábio aberto com um lenço antisséptico. Mika retrucou com uma rosnada de advertência, e a gatinha sabiamente se pôs imóvel, tremendo um pouco enquanto a Alfa limpava o corte.

– Ele guardou o melhor para você. Sinto muito – acrescentou Mika, sem olhar para trás.

– É sempre assim – respondeu Selina num tom frio, mas com o estômago se revirando. – Eu dou conta.

Ela não tinha alternativa. Se perdesse, não haveria ninguém para cuidar de Maggie. Recusar-se a lutar? Também não era opção.

Já fazia três anos que Selina conhecia Mika, e a Alfa jamais sugerira que elas encerrassem o acordo com Carmine Falcone. Não, pois o

respaldo de Falcone às Leopardas fazia as outras gangues do East End pensarem duas vezes antes de invadir seu território. Mesmo que elas fossem obrigadas a participar daquelas lutas e oferecer Leopardas para a diversão dos espectadores.

Falcone transformara aquilo num espetáculo semanal. Um verdadeiro circo romano que despertava amor *e* medo entre a escória da bandidagem de Gotham City. Sem dúvida era útil que muitos dos outros notórios delinquentes estivessem presos graças a certos benfeitores que percorriam a cidade envoltos em capas.

Mika liberou a gatinha para o vestiário e apontou para Selina com o queixo. Um comando para que ela se adiantasse.

Selina, porém, fez uma pausa para examinar o corredor e as saídas. Mesmo ali embaixo, no coração do território de Falcone, seria suicídio baixar a guarda. Ainda mais para uma Alfa com tantos inimigos quanto Mika.

Três silhuetas deslizaram por uma porta no canto oposto do corredor, e Selina relaxou um pouco os ombros ao ver a garota latina. Ani, a Segunda de Mika, com mais duas Leopardas subalternas.

Ótimo. Elas vigiariam a saída, e a Alfa ficaria de olho nelas.

A gritaria da multidão ressoava pelo chão de concreto, fazendo tremer os azulejos nas paredes, reverberava nos ossos de Selina enquanto ela se aproximava da porta de metal amassada do ringue. O capanga fez um gesto grosseiro para que ela se apressasse, mas Selina não alterou o ritmo das passadas. Desfilando.

As Leopardas, aquelas lutas... eram o trabalho dela. E pagavam bem. Com a mãe desaparecida e a irmã doente, nenhum emprego dentro da lei pagaria tanto em tão pouco tempo.

Três anos antes, as Leopardas não fizeram perguntas. Não ficaram imaginando se ela provocara a briga com a garota da gangue da Navalha no pátio do quarteirão – depois com outra, e mais outra, até Mika chegar farejando atrás da esquentadinha do Prédio C.

Mika se limitara a dizer a Selina que aquele tipo de provocação no

East End a levaria à morte rapidinho, e que uma lutadora como ela seria muito útil às Leopardas. A Alfa não perguntou com quem ela tinha aprendido a lutar. Ou a apanhar.

O capanga abriu a porta, e o estrondo da multidão a urrar avançou com tudo pelo corredor, como um bando de lobos raivosos.

Selina Kyle soltou um suspiro longo e profundo, ergueu a cabeça e adentrou o som, a luz e a fúria.

Que comece a carnificina.

Ela tinha as mãos tão inchadas que mal conseguia segurar as chaves.

O estalido metálico dominou o corredor do prédio feito a porcaria de uma sineta anunciando o jantar.

Foi necessário cada milésimo de concentração que lhe restava para manter a mão firme e enfiar a chave na fechadura de cima. Selina se recusou a olhar as três outras, mais abaixo... todas imponentes como o topo de uma montanha.

Tempo demais. Falcone prolongara a luta por tempo demais.

Mika não mentira em relação ao oponente de Selina. O sujeito também era lutador. Não bem treinado, mas grandalhão. Pesava o dobro dela. E estava desesperado para quitar sua dívida. Os golpes foram dolorosos. Para dizer o mínimo.

Ela, no entanto, saíra vencedora. Não por força bruta, mas por inteligência. Quando os ferimentos começaram a se somar, quando o homem arrancou o chicote de sua mão, quando ela perdeu temporariamente a visão de um olho por conta do sangue... teve que usar a física contra ele. Sua professora de ciências ficaria orgulhosa.

Se ela aparecesse na aula do dia seguinte. Ou na da semana seguinte.

Com um estalido, a fechadura de cima se abriu.

Contra adversários maiores e mais pesados, a pura força muscular não era sua maior aliada. Não, o arsenal dela era diferente: velocidade, agilidade, flexibilidade obtidas graças às intermináveis aulas de

ginástica. E ao chicote. Tudo usado para surpreender seus oponentes, para controlar a velocidade de um homem de 90 quilos que avançava em sua direção e usá-la contra ele próprio. Com alguns movimentos, a investida se transformava numa queda de costas no chão. Ou num encontrão com uma das pilastras. Ou num abraço do chicote nas pernas do sujeito, para desestabilizá-lo, e uma cotovelada na barriga.

Mire sempre nos tecidos moles. Ela aprendera isso antes mesmo de botar os pés no ringue.

Com a visão do olho esquerdo ainda meio embaçada, Selina examinou os dois lados do corredor azul-acinzentado, espiando a pichação e uma poça de algo que não era água. Nada daquilo a assustava.

As partes mais sombrias do corredor... a exata razão de haver quatro trancas naquela porta. A razão pela qual Maggie não deveria abri-la em hipótese *alguma*. Muito menos para a mãe delas. Nem para qualquer pessoa que estivesse com ela.

A porta de metal ainda exibia um amassado, consequência da última vez, havia seis meses.

Um pedaço fundo e comprido, perto do olho mágico, onde o homem suado ao lado de sua mãe drogada dera um soco diante da recusa de Selina em abrir a porta. Os dois só foram embora quando uma vizinha ameaçou chamar a polícia.

Havia gente bacana naquele prédio. Gente boa. Mas chamar a polícia teria piorado tudo. Polícia era sinônimo de perguntas. Perguntas sobre a *situação* delas.

Selina se virou de volta para a porta, confirmando que ninguém se enfiara naquelas sombras. No estado em que se encontrava... conseguiu abrir a segunda fechadura. E a terceira.

Selina começava a abrir a última fechadura quando o elevador ressoou na ponta do corredor. As portas amassadas se abriram, revelando a Sra. Sullivan, sacolas de mercado numa das mãos, as chaves feito garras entre os dedos da outra.

As duas trocaram olhares; a velha cruzou o corredor, meio manca, e Selina a cumprimentou com um meneio de cabeça, rezando para que o capuz do moletom por sob a jaqueta disfarçasse bem seu rosto. A Sra. Sullivan franziu a testa numa carranca, estalou a língua e correu para o apartamento. A mulher tinha cinco trancas na porta.

Selina demorou para abrir a última tranca, ciente de que a mulher monitorava todos os seus movimentos. Cogitou dizer à Sra. Sullivan que não estava demorando para poder assaltá-la. Cogitou, mas desistiu da ideia por causa do olhar de desprezo da velha.

Lixo. Era essa a palavra que dançava nos olhos da Sra. Sullivan quando ela fechou a porta de seu apartamento, com um estrondo, e cerrou ruidosamente todas as trancas.

Selina sentia dor demais para se dar ao trabalho de ficar irritada. Já tinha passado por coisa pior.

Abriu a última tranca e entrou no apartamento, então fechou e trancou depressa a porta. Tranca após tranca após tranca, e por último, bem no alto, a correntinha.

O apartamento estava escuro, iluminado pelo tênue brilho dourado das luzes dos postes da rua, que entrava pelas duas janelas do conjugado. Selina tinha plena certeza de que havia gente em Gotham City com banheiros maiores que aquele apartamento, mas pelo menos ela mantinha a limpeza em dia.

O aroma ácido de molho de tomate e pão pairava no ar. Uma espiadela na geladeira revelou que Maggie devorara a comida que Selina comprara para depois da escola. Muita comida.

Que bom.

Selina fechou a geladeira, abriu o congelador e tirou um saco de ervilhas, que estava junto a uma pilha de potes de comida. Pressionou a embalagem no rosto latejante e contou a comida congelada. Apenas três potes. Teriam que render para as duas pelo resto da semana, depois que acabasse a comida italiana.

Com o saco de ervilhas colado no rosto, saboreando as pontadas

frias, Selina guardou o chicote debaixo da pia, tirou os tênis e caminhou pelo carpete verde-escuro da sala até o corredor, onde ficavam o banheiro e, bem à frente, o único quarto. O diminuto banheiro estava escuro e vazio. À esquerda, porém, um brilho cálido vazava pela porta entreaberta.

O maço de notas em seu bolso traseiro ainda não era suficiente. Não dava conta do aluguel, da comida e do plano de saúde de Maggie.

Com um aperto no peito, ela empurrou a porta com o ombro e espichou o pescoço para dentro do quarto. Era a única área colorida do apartamento, pintado de amarelo-vivo e repleto de pôsteres da Broadway, que Selina tivera a sorte de encontrar quando mais uma escola do East End fora fechada e doara vários pertences do departamento de teatro.

Aqueles pôsteres agora protegiam a garotinha deitada na cama, enroscada sob o edredom com estampa infantil, já surrado e cobrindo apenas metade de seu corpo depois de dez anos de uso. Assim era tudo no quarto, incluindo a luzinha de vaga-lume na tomada da parede, que Maggie insistia em deixar acesa.

Selina não a culpava. Aos 13 anos, Maggie já passara por tanta merda que conquistara o direito de fazer o que bem entendesse. A respiração forçada e rascante que preenchia o quarto era prova suficiente. Em silêncio, Selina pegou um dos vários nebulizadores que ficavam junto à cama de Maggie e conferiu o medidor. Havia líquido de sobra para caso ela tivesse outra crise de tosse durante a noite. Por mais que Selina soubesse que pularia do sofá da sala e sairia correndo no instante em que ouvisse a tosse seca da irmã.

Selina conectou o umidificador à tomada e desabou sobre uma cadeira velha e ressecada de couro sintético diante da pequena mesa que havia no centro da cozinha.

Tudo doía. Tudo latejava, ardia e suplicava para que ela se deitasse.

Selina conferiu o relógio. Duas da manhã. Elas precisavam estar na escola dali a... cinco horas. Bom, Maggie precisava. Selina certamente

não iria, com a cara daquele jeito.

Ela tirou o dinheiro do bolso e colocou sobre a mesa de plástico.

Puxou uma caixinha que estava no centro da mesa e, com a mão que estava apenas um tantinho menos dolorida que a outra, pegou o que havia dentro. Teria que usar a cabeça nas compras do mercado – não dava para esticar para sempre o auxílio do governo. Não a ponto de dar conta de si própria e de uma irmã com fibrose cística grave. Enquanto esperava Maggie sair da aula de teatro depois da escola, Selina usara um dos computadores da biblioteca para pesquisar sobre o uso de alimentos medicinais. Comida saudável não trazia cura, mas podia ajudar. Valia a pena tentar *qualquer coisa*. Se fosse possível ganhar tempo. Se trouxesse algum alívio a Maggie.

Fibrose cística. Selina não se lembrava da época em que desconhecia essas palavras. Seu significado: doença genética incurável que causa acúmulo de muco em diversos órgãos, sobretudo nos pulmões. O muco entupia e bloqueava as vias aéreas, para onde atraía bactérias que, na melhor das hipóteses, causavam infecções. Na pior, danos aos pulmões e falência respiratória.

O muco, além disso, também se acumulava no pâncreas, bloqueando as enzimas que ajudavam na digestão dos alimentos e na absorção dos nutrientes.

Certo dia, Selina pesquisara no Google: “expectativa de vida para fibrose cística grave”.

Fechara o navegador e passara meia hora vomitando no banheiro da biblioteca.

Ela examinou o dinheiro sobre a mesa e engoliu em seco. A comida saudável de que Maggie precisava não era barata. As refeições de micro-ondas congeladas eram um quebra-galho. Lixo em forma de comida. O jantar italiano fresquinho que Maggie comera aquela noite era uma raridade.

E talvez um pedido de desculpas de Selina, por ter deixado a irmã sozinha para ir lutar.

– O seu rosto.

Selina ergueu a cabeça com um solavanco ao ouvir as duras palavras e disse:

– Você devia estar dormindo.

Os cabelos cacheados de Maggie estavam despenteados, e o rosto pálido e muito magro exibía um vinco deixado pelo travesseiro. Apenas os olhos verdes – o traço que as duas tinham em comum apesar de serem filhas de pais diferentes – estavam vívidos. Alertas.

– Não esquece de botar gelo nas mãos. Senão amanhã não vão prestar para nada – disse Maggie.

Selina abriu um meio sorriso para a irmã, o que apenas fez seu rosto doer ainda mais, e obedeceu, transferindo as ervilhas da bochecha latejante para os nós das mãos, inchados e abertos. Pelo menos o hematoma diminuía desde o fim da luta, uma hora antes.

Maggie cruzou o quarto devagar, e Selina tentou não estremecer com a respiração ofegante da irmã, o pigarro baixo. A última infecção pulmonar causara estrago, e suas bochechinhas, em geral rosadas, haviam perdido a cor.

– Você devia ir para o hospital – sussurrou Maggie. – Ou então me deixe te limpar.

– Como está se sentindo? – perguntou Selina, ignorando ambas as sugestões.

Maggie puxou a pilha de dinheiro, arregalando os olhos ao começar a contar as notas de vinte amassadas.

– Tudo bem.

– Fez o dever de casa?

Um olhar irônico, exasperado.

– Fiz. O de hoje e o de amanhã.

– Muito bem.

Maggie observou a irmã, os olhos verdes alertas demais, sabidos demais.

– Temos médico amanhã depois da escola – disse ela.

– E daí?

Maggie terminou de contar o dinheiro e ajeitou a pilha de notas com cuidado na caixinha, junto ao cartão do auxílio do governo.

– A mamãe não vai.

Nem o pai de Maggie ia, fosse lá quem fosse. Selina achava que nem a mãe delas sabia. O pai da própria Selina... ela só sabia o que a mãe havia falado, doidona, num de seus monólogos confusos: os dois tinham se conhecido numa festa, por intermédio de uma amiga. Nada mais. Nem sequer um nome.

Selina passou as ervilhas congeladas da mão direita para a esquerda.

– Não, ela não vai. Mas eu vou.

Maggie raspou uma manchinha invisível no tampo da mesa.

– Os testes para a peça da primavera vão começar.

– Você vai se inscrever?

Ela deu de ombros, bem de leve.

– Quero perguntar ao médico se eu posso.

Tão responsável, sua irmã.

– Qual musical vão encenar este ano? – perguntou Selina.

– *Carrossel*.

– A gente já viu esse?

A irmã fez que não com a cabeça, os cachos balançando, um sorriso escancarado.

Selina sorriu de volta.

– Então imagino que vá ser o filme de amanhã à noite.

Sexta-feira: noite de cineminha. Cortesia de um aparelho de DVD, que ela e as Leopardas haviam surrupiado da caçamba de uma caminhonete, e da extensa coleção de filmes da biblioteca.

Maggie assentiu. Musicais da Broadway: o sonho nada secreto de Maggie, sua obsessão. Selina não fazia ideia de onde viera aquilo. A família nunca tivera dinheiro para ir ao teatro, mas Maggie participara de muitas excursões da escola às produtoras de Gotham City. Talvez tivesse abraçado esse amor imortal numa excursão. Um amor que não

arrefecia, mesmo com a fibrose cística lhe açoitando os pulmões com tanta força que ficava difícil cantar, dançar e circular em cima de um palco.

Talvez um transplante de pulmão mudasse tudo aquilo, mas Maggie estava no fim de uma longuíssima lista. Por mais que sua saúde piorasse a cada mês, ela não subia de posição. Quanto às incríveis descobertas da indústria farmacêutica, capazes de acrescentar décadas de vida a alguns pacientes com fibrose cística... Maggie não respondia a elas.

Selina, no entanto, não tinha coragem de contar nada daquilo à irmã. Jamais a faria sentir incapaz de fazer algo.

A mera disposição de Maggie de se inscrever para os testes apertava o peito de Selina de maneira insuportável.

– É melhor você ir dormir – disse Selina à irmã, colocando de lado as ervilhas congeladas.

– Você também – retrucou Maggie, em tom ácido.

Selina soltou uma risada baixa, e seu corpo dolorido protestou em agonia.

– Vamos juntas.

Ela se levantou, contraindo o corpo, e guardou as ervilhas de volta no congelador.

Tinha acabado de dar meia-volta quando braços frágeis a abraçaram com cuidado pela cintura. Como se Maggie soubesse que os hematomas agora lhe fustigavam as costelas.

– Eu te amo, Selina – disse ela, baixinho.

Selina beijou o topo da cabeça de Maggie por sobre o emaranhado de cachinhos e esfregou as costas da irmã, apesar dos dedos latejando de dor.

Com tudo aquilo, valia a pena... a dor enquanto abraçava a irmã, sob o ruído incessante da geladeira.

Valia a pena.

– Não entendo por que a parcela paga pelo plano foi tão menor – reclamou Selina.

Ela se esforçava para manter a voz firme, para não esmurrar o balcão da recepção do hospital.

A senhora de jaleco rosa floral mal ergueu os olhos do computador.

– Só estou te informando o que o sistema está *me* informando. – Ela apontou para a tela com a unha comprida e roxa. – E o sistema está dizendo que você deve quinhentos.

Selina cerrou os dentes com tanta força que chegou a sentir dor, olhando por sobre o ombro para Maggie, que aguardava numa das cadeiras de plástico encostadas à parede branca. Tinha um livro na mão, mas seus olhos não olhavam para a página.

Selina manteve o tom de voz baixo, mesmo sabendo que Maggie inclinaria o corpinho para tentar ouvir.

– No mês passado tive que pagar cem.

A unha roxa tamborilou na tela.

– O Dr. Tasker fez uns exames hoje. O seu plano não cobre.

– Eu não fui informada disso.

Mesmo que ela tivesse sido, Maggie *precisava* daqueles exames. Os resultados recebidos, no entanto... Selina afastou o pensamento, bem como as palavras do médico, ditas havia alguns instantes.

A mulher enfim ergueu os olhos da tela e observou Selina. O inchaço do rosto diminuía, e os hematomas estavam disfarçados por uma boa maquiagem e um penteado engenhoso com uma cortina de cabelos escuros. A mulher apertou os olhos azuis.

– Você é a mãe ou a responsável legal?

– A gente não tem como pagar essa conta – Selina limitou-se a responder.

– Isso você vai precisar ver com o plano de saúde.

Sim, mas Maggie precisaria de outros exames. O próximo seria dali a duas semanas. O terceiro, dali a um mês. Selina fez as contas e engoliu o nó na garganta.

– Não tem nada que o hospital possa fazer?

A mulher se pôs a digitar no teclado barulhento e respondeu:

– Quem resolve é o plano de saúde.

– O plano de saúde vai dizer que quem resolve são *vocês*.

O batuque no teclado cessou.

– Cadê a sua mãe? – indagou a mulher, olhando em volta de Selina como se fosse encontrar a mãe ali parada a poucos metros.

Selina ficou tentada a mandar a mulher dar uma olhada nos becos do East End, já que era o único lugar onde sua mãe poderia estar, fosse viva ou morta. Em vez disso, pegou o cartão do plano de saúde que jazia sobre o balcão.

– No trabalho – respondeu, em tom frio.

A mulher não pareceu convencida.

– Vamos mandar a conta para a sua casa.

Selina não se deu ao trabalho de abrir a boca; deu meia-volta, pegou a mochila pesada da irmã, pendurou-a no ombro e acenou para que Maggie a acompanhasse até o saguão dos elevadores.

– A gente não tem quinhentos dólares – murmurou Maggie, enquanto Selina apertava o botão do elevador com mais força que o necessário.

Não tinham. Seria impossível racionar o dinheiro da luta a ponto de pagar a comida, o aluguel e os exames do dia.

– Não se preocupe com isso – respondeu Selina, observando o visor iluminar os andares, um a um.

Maggie abraçou o próprio corpo. As notícias não haviam sido nada boas.

Selina mais uma vez foi invadida por aqueles pensamentos. Os quinhentos dólares, os exames idiotas, a fala do médico com cara de bonzinho: “A fibrose cística não tem cura, mas vamos tentar mais uma ou duas coisas.”

“Antes de quê?”, ela quase perguntou.

Maggie seguia se abraçando, as pontas dos dedos em formato de

baquetas de tambor, outra *porcaria* de sintoma da doença, cravadas com tanta força nos bracinhos finos que Selina estremeceu.

Selina soltou uma das mãos da irmã e entrelaçou os dedos nos dela.

As duas seguiram de mãos dadas, sem se desgrudar nenhuma vez durante o caminho para casa.

Os vizinhos estavam numa discussão feia.

Menos de cinco minutos depois do início do filme, a gritaria e os guinchos começaram a atravessar a parede atrás delas. Enroscada no sofá fundo e manchado que era também sua cama, com os pés da irmã em seu colo, Selina tinha um ouvido na briga de bêbados que se desenrolava no apartamento ao lado e outro no musical que passava na antiga televisão à sua frente.

Carrossel. A música era ótima, ainda que todos os personagens exagerassem um pouco nos escrúpulos e nos sorrisos, e o personagem principal fosse um completo babaca controlador. Mesmo assim, Maggie balançava a cabeça no ritmo das canções.

O aroma de macarrão com queijo barato pairava no ar. Selina oferecera a Maggie um jantar de verdade, na rua, mas a irmã preferira ir para casa, alegando estar cansada. Seu rosto permanecia preocupado desde o hospital. E o ar estava meio frio, de modo que Selina decidiu não tentar convencê-la.

Não que elas tivessem dinheiro para isso. No entanto, depois do prognóstico nada radiante do médico, que diferença faria um jantar?

Selina encarou o celular sobre a mesinha de centro, onde apoiava os pés. Mika e as outras Leopardas sabiam que sexta-feira não era dia de telefonema. Sabiam que aquele era o único dia em que Selina não apareceria, por melhor que fosse o trabalho ou a quantia paga.

Se Mika ligasse naquele exato instante, porém, dizendo que Falcone queria promover uma nova luta e que pagaria bem, Selina iria. Pegaria três lutas seguidas.

Mas... não. Ela precisava ser inteligente. Se tivesse hematomas demais, os assistentes sociais do hospital desconfiariam. Perguntariam onde estava sua mãe e decerto reconheceriam as tatuagens em seus braços. Tatuagens que ela mantinha escondidas o ano inteiro debaixo de mangas compridas. Mesmo quando estava só com Maggie, tomava o cuidado de se vestir no banheiro e nunca subir demais as mangas ao lavar as mãos.

No ringue, contudo... as tatuagens ficavam bem à mostra, à vista dos oponentes. “Olha só quantos eu já derrubei!”, gritavam para quem as visse. “E você é o próximo.”

A parede atrás delas estremeceu, fazendo chacoalhar as duas fotografias emolduradas. A maior: uma foto dela e de Maggie, há dois anos. Uma impressão vagabunda, feita na impressora da biblioteca da escola e exibida numa moldura roubada. Mostrava as duas sentadas em um banco do parque, num glorioso dia de outono; as árvores cintilavam à volta delas, e Maggie pedira a uma executiva que passava para tirar uma foto no celular. A qualidade da imagem não estava incrível, mas mesmo assim era inegável o brilho no rostinho de Maggie.

A segunda: uma foto de Selina cinco anos antes, em pleno ar, executando um salto mortal para trás numa trave de equilíbrio. Uma das inúmeras competições de ginástica artística das quais ela participara. E vencera. Sua instrutora do “Y” tentara convencê-la a seguir em frente após aqueles três anos iniciais, alegando que seu talento era extraordinário. Mas a doença de Maggie só piorava, a mãe delas tinha acabado de dar o fora, e o tempo e o dinheiro que seriam necessários para competir... não havia condições. Então Selina parou de ir às aulas de ginástica, parou de atender às ligações da treinadora. Embora ainda usasse nas lutas tudo o que aprendera.

Além do mais, a multidão adorava. Talvez até mais que o chicote. O movimento favorito do público era o salto de mola que se transformava num mortal para trás, acertando o adversário bem nos ombros. A

gravidade e uma chave de pernas no pescoço davam conta de derrubar qualquer um.

Uma série de xingamentos ecoou pelo apartamento; Maggie se inclinou para a frente, pegou o controle remoto sobre a mesa e aumentou o volume.

– Esta é a coreografia principal – explicou a irmã, os olhos fixos na tela. – A canção mais famosa do musical.

De fato, o babaca controlador engatara um monólogo aparentemente interminável.

– Ele acabou de descobrir que a mulher está grávida, e está surtando.

– Estou vendo – respondeu Selina, erguendo as sobrancelhas.

Maggie sorriu e balançou a cabeça.

– Você estava escutando os vizinhos.

Culpada. Selina se encolheu, como em um pedido de desculpas à irmã, e voltou a atenção ao musical.

Refletindo, imaginando e se deleitando com o filho que teria... total bobajada de macho.

– A escola vai mesmo encenar isso?

Maggie abanou a mão para que ela se calasse. A música mudou, e o babaca começou a pensar sobre como seria caso fosse uma filha, mais bobajada de macho e um bando de bostas misóginas.

Selina voltou a atenção para Maggie enquanto a música avançava, chegando ao ápice. Os belos olhos verdes da irmã estavam vivos e despertos.

– Chegou a hora – sussurrou ela.

A música explodiu. A irmã movia os lábios, repetindo em silêncio cada palavra.

Em silêncio, pois seus pulmões fracos não tinham condições de reter fôlego suficiente para entoar as canções, e a última infecção extinguiu qualquer possibilidade de que ela sustentasse uma nota musical.

Maggie seguiu cantando em silêncio, sem errar uma palavra.

Selina encarou a tela. O oceano estonteante, o homem cantando cada nota a plenos pulmões, entoando sonhos de proteger, vestir e pôr comida na mesa para o filho. De ganhar dinheiro de qualquer forma possível, fosse roubando ou trabalhando honestamente. Sua única alternativa: morrer tentando.

Então, por um instante, os vizinhos pareceram se calar para ouvir. O condomínio inteiro. Todo o East End.

Quando Selina tornou a olhar a irmã, Maggie a encarava, de boca fechada. Cheia de lágrimas nos olhos brilhantes.

Foi a clareza no rosto da irmã, o olhar lacrimojante de Maggie para as feridas nos olhos da própria Selina...

Selina se forçou a permanecer sentada por mais um minuto. Dois. Cinco. Dez.

Maggie voltou a assistir ao filme. Os vizinhos retornaram aos xingamentos e à gritaria.

Então Selina se levantou, como quem não quer nada, apoiou gentilmente no sofá os pés de Maggie, enroscados no cobertor, e foi até o banheiro. Ficou pensando se a irmã a vira pegar o telefone.

Selina fechou a porta do banheiro e abriu bem a torneira da pia.

Conseguiu fechar a tampa do vaso, pelo menos, antes de desabar por cima dele e cobrir o rosto com as mãos, respirando com força por entre os dedos. O banheiro se estreitou, e ficou impossível respirar, sorver o ar...

Ela deslizou a mão ao peito, como se pudesse fazer os pulmões se abrirem. Os seus e os de Maggie, à beira do colapso. “Há inúmeros pacientes desesperados na fila do transplante de pulmão”, dissera o médico aquela tarde. “Eu não contaria com isso.”

A menos que ela fosse rica, para comprar uma posição melhor na fila. Ou um par de pulmões no mercado ilegal.

Selina respirava aos borbotões; levou as mãos trêmulas aos joelhos e os abraçou com força. Elas passariam vinte anos lutando, na melhor das hipóteses. Na pior...

“O ritmo de avanço da doença e a resistência de Maggie aos medicamentos são muito preocupantes”, prosseguiu o médico, mais para seu grupo de residentes do que para as duas.

Maggie não perguntara a ele se poderia participar do musical. Ela sabia. Sabia que aquela alegria a reavivaria, que lhe daria uma diminuta fração de esperança. Não importava quantas lutas Selina lutasse por ela. Quantas lojas roubasse com as Leopardas. O sangue, os hematomas e as costelas quebradas seriam incapazes de comprar um novo par de pulmões para a irmã, ou a cura para aquela doença, ou a oportunidade de subir no palco da escola e cantar a plenos pulmões.

Selina soluçava forte, estremecendo a cada respiração.

Ela cobriu o rosto outra vez, como se pudesse escondê-lo... esconder as lágrimas que subiam feito uma onda e que ela insistia em tentar reprimir.

Com as mãos trêmulas, agarrou o telefone sobre a estreita bancada da pia, os dedos tão trêmulos que mal foi capaz de escrever a mensagem a Mika: Preciso de outra luta. O quanto antes.

Dali a uns minutos, Mika retornou: Se está precisando de grana, eu te arrumo.

Tentador, porém muito complicado. Ela não conseguiria pagar a dívida com Mika. E, por mais que confiasse na Alfa, ali era o East End. Todo mundo precisava de grana, e Mika talvez fosse impiedosa na hora de cobrar o dinheiro de volta.

Não me importo em lutar. Então, depois de um instante: Obrigada, mesmo assim.

A resposta de Mika veio de imediato: Alguma coisa com que eu deva me preocupar?

Não porque ela desse importância, mas porque, se fosse algo que ameaçasse as Leopardas, ela precisava saber.

Só umas merdas pessoais.

Ela não tinha certeza se as Leopardas sabiam da doença de sua irmã. Nunca dissera nada, e Mika não era bisbilhoteira.

Você já está recuperada de ontem para lutar de novo?, perguntou Mika.

Não.

Sim.

Selina soltou um suspiro, engolindo as lágrimas. Fechou a torneira e apurou os ouvidos. O musical ainda rolava... a briga dos vizinhos também.

Ela podia roubar o dinheiro, claro. Já roubara com as Leopardas. Até gostava do quebra-cabeça ensejado por alguns roubos: como arrombar o local, como burlar a segurança, como sair sem deixar rastros. Sozinha, no entanto... ela nunca tinha feito. Não arriscaria ser presa, sendo que lutar era uma alternativa relativamente mais segura.

Vou perguntar a Falcone, respondeu Mika.

Selina fechou o *flip* do telefone e pressionou a descarga. Não sabia como, mas suas mãos tinham parado de tremer quando ela voltou à sala, onde a irmã ainda estava enroscada no sofá.

Maggie pegou o controle remoto e pausou o filme. Perscrutou Selina com olhos que não deixavam passar nada, nem o telefone escondido na mão da irmã.

– Não dá para você simplesmente pedir o dinheiro emprestado? – perguntou ela, baixinho.

Selina meteu o telefone de volta no bolso, sem se dar ao trabalho de tentar adivinhar como Maggie havia ligado os pontos.

– Não.

Falcone costumava mandar as Leopardas para visitinhas a seus devedores. Fosse para lembrá-los da dívida ou para efetuar a punição, caso o prazo final fosse ignorado. Era feio e sujo, e nem morta Selina contrairia uma dívida com ele.

– Mas...

– Não.

Maggie abriu a boca outra vez, os olhos verdes incandescentes, mas no mesmo instante houve uma batida à porta. As duas congelaram. Nada bom. Àquela hora. Outra batida forte.

– *Polícia!*



CAPÍTULO 2

Merda.

Selina catalogara todas as possibilidades de saída daquele apartamento. Será que a irmã conseguiria fugir correndo com ela pela escada de incêndio?

Se fosse preciso, ela carregaria Maggie. Selina estremeceu e levantou-se de um salto, e a dor insistente se irradiou por todo o seu corpo.

À terceira batida à porta, Maggie descobriu as pernas.

– O que a gente faz? – sussurrou ela.

Se tivesse alguma coisa a ver com as Leopardas...

– Estamos procurando Maria Kyle – disse o policial.

Selina soltou um suspiro, que Maggie ecoou. Graças a Deus.

Elas já haviam passado por aquilo. Várias vezes.

– Vai se esconder – disse Maggie, apenas movendo os lábios.

Se a polícia visse os hematomas, sem dúvida começaria a fazer perguntas. Selina balançou a cabeça. Mas Maggie, num comando

silencioso, levantou-se e apontou para o quarto.

Outra batida à porta.

Selina foi mancando até o olho mágico e confirmou que do outro lado *de fato* havia dois policiais grandalhões da DPGC, a Delegacia de Polícia de Gotham City, um de cabelo escuro, o outro careca e bigodudo, antes de correr até o armário do quarto.

Aquele fora um esconderijo confiável no passado, e ainda havia um espacinho no fundo onde ela podia se enfiar. Ou enfiar Maggie. Selina começava a escalar as pilhas de roupas quando Maggie destrancou os cadeados e abriu a porta da frente.

De ouvidos atentos, Selina escutou a irmã falando baixinho, o retrato da sonolência e da confusão:

– A minha mãe não voltou para casa hoje.

– Podemos entrar? – indagou um dos policiais.

– Não tenho permissão de receber estranhos – respondeu a irmã. – Nem a polícia.

Uma pausa. Então, uma voz feminina:

– E assistentes sociais, Maggie?

O coração de Selina parou de bater.

Ela não tinha visto nenhuma mulher do lado de fora, nenhuma assistente social...

– Por quê? – perguntou Maggie, gaguejante. – A m-minha mãe não está aqui.

– Nós sabemos – disse a mulher, tranquila, porém fria. – Ela está na delegacia.

Selina disparou para fora do armário, balançando os cabides, o corpo latejando de dor, e foi pisando por sobre as pilhas de roupas dobradas, como se estivesse num campo minado que a impedia de chegar ao corredor.

Ela cambaleou até a sala, onde Maggie permanecia parada diante da porta, com dois policiais grandes e uma mulher pequena e loira de terninho mal cortado. Os quatro olharam para ela; os policiais

estreitaram os olhos para perscrutar os hematomas. A mulher franziu a testa, com um olhar desaprovador.

– Que bom. Fico contente em ver você aqui também – disse a assistente social.

Maggie foi se proteger atrás de Selina. Os policiais e a assistente social entraram no apartamento e fecharam a porta.

Selina sabia que os vizinhos provavelmente estavam escutando. A assistente social prosseguiu:

– Nós prendemos a sua mãe hoje mais cedo. Ela não está nada bem.
– Uma olhada pelo apartamento. – Mas tenho certeza de que vocês sabem disso.

– Sabemos – respondeu Selina, num tom seco.

– Você também não está nada bem – acrescentou a mulher.

– Estou ótima. Só caí da escada ontem.

– Deve ter sido uma queda e tanto – comentou um dos policiais, cruzando os braços musculosos. De seu cinturão pesado pendiam uma pistola, um cassete e uma arma de eletrochoque.

– Não temos como pagar a fiança – disse Selina.

A assistente social teve o desplante de soltar uma risadinha ao ouvir a jovem.

– Não viemos aqui para isso.

As irmãs se entreolharam.

– Viemos para levar vocês duas – concluiu a mulher.

– A Maggie é inocente – retrucou Selina, empurrando a irmã mais para trás.

– E você? – perguntou o segundo policial, erguendo as sobrancelhas no rosto gorducho.

Selina ignorou o homem, encarando a assistente social. Havia mil dólares escondidos na caixa presa com uma fita sob a pia da cozinha. Se eles estavam querendo dinheiro...

– Nem você nem a sua irmã estão com problemas, Selina Kyle – disse a assistente social, tal qual uma abelha operária burocrática e

temente às regras.

Uma olhadela pelo apartamento informou que a mulher sabia muito bem que as duas já estavam morando sozinhas havia anos. Ela continuou:

– Mas, como são menores de idade e estão morando aqui desassistidas... precisamos arrumar um lugar melhor para vocês. Há espaços ótimos em dois abrigos à espera de vocês duas.

Abrigos. Separados.

O apartamento, seu corpo, os sons ao redor... tudo começou a ficar meio distante para Selina.

– A nossa casa é aqui – disse Maggie, baixinho. – Estamos ótimas aqui.

– O governo não tem a mesma opinião – retrucou um dos policiais, de pele pálida e bigode amarelado. – Duas meninas morando sozinhas *neste* prédio?

O homem caminhou até a cozinha e se pôs a abrir os armários.

A cada passo dele, a cada rangido da madeira, o coração de Selina dava um salto. Suas mãos começaram a tremer quando o homem parou, abriu os armários da pia e espiou dentro. Um som de fita rasgada. Ele soltou uma risadinha, com a caixa de dinheiro na mão.

Abriu a tampa e sorriu para as cédulas lá dentro. Ergueu o maço de notas e o abanou. O parceiro soltou um leve assobio aprovador.

– Trabalho alternativo? – perguntou ele a Selina.

Pelo olhar do homem, ela soube a que tipo de trabalho ele se referia.

– Não – respondeu Selina, seca.

Ele sabia muito bem onde aquela caixa estaria escondida. Talvez tivesse imaginado que seriam drogas. Ela deveria ter escondido melhor, deveria ter pensado num lugar mais discreto onde guardar o dinheiro...

– Você tem ficha na polícia – disse a assistente social.

– Isso já faz três anos – respondeu Selina, num tom surpreendentemente tranquilo.

– Foram duas passagens por agressão – prosseguiu a mulher. – Nenhum juiz vai deixar vocês duas continuarem aqui.

Ela apontou para o quarto e continuou:

– Vão pegar suas coisas. Façam uma mala para duas semanas.

Maggie balançou a cabeça.

– Eu não vou.

Selina encarou o policial bigodudo, que sorriu para ela e enfiou os mil dólares no bolso. Um bolo se formou na barriga dela, e cada milímetro de seu corpo cansado foi invadido pelas batidas do coração.

Havia dois policiais corruptos em seu apartamento. E uma assistente social impiedosa. Nada bom. Nada seguro.

– Maggie – murmurou ela –, vai arrumar suas coisas.

A irmã se recusou a se mexer.

Selina se virou para a mulher, que agora tinha os braços magros cruzados.

– A minha irmã tem uma doença muito grave. Não tem condição de ela ficar num abrigo xexelento para enfermos.

– Todos os abrigos do nosso sistema recebem inspeções regulares de limpeza e segurança. Qualquer lugar aonde ela vá terá condições de atender às necessidades dela.

Babaquice. Selina já ouvira de algumas Leopardas que esses lugares eram, na melhor das hipóteses, antros de baratas.

– Quanto às necessidades especiais da Maggie – disse a mulher, já sem paciência, num tom mais contundente –, morar com uma irmã fichada na polícia também não me parece a opção mais segura.

– Você não sabe de *nada*! – vociferou Maggie.

– Vai arrumar suas coisas – retrucou Selina, com um olhar de advertência para a irmã.

Maggie balançou a cabeça, sacudindo os cachos castanhos.

– Eu não vou.

– É quase uma da manhã – disse a assistente social, tentando persuadi-las. – Vamos levar vocês a um lugar seguro.

– Eu estou segura *aqui* – disse Maggie, meio balbuciante.

Ao ouvir a voz de Maggie tomada pelo medo, o sangue de Selina começou a ferver.

Mantenha a calma. Mantenha o foco. Selina tentou outra vez.

– Já que está tão tarde, por que a gente não dorme aqui? Vocês voltam de manhã para buscar a gente.

– Para chegar e descobrir que vocês fugiram da cidade? – retrucou o policial de cabelo castanho, o que não pegara o dinheiro. – Nem pensar. Vão buscar suas coisas. Agora.

Sem opção. Sem escolha. Sem saída para aquela situação.

Selina tocou o braço esquelético da irmã. Remédios. Maggie teria que levar todos os remédios...

O toque pareceu desencadear algo na irmã.

Maggie saiu correndo.

Não para o quarto, mas para a porta do apartamento.

O mundo se distorceu por um instante, em câmera lenta.

Selina só conseguiu ver a irmã, tão pequenina e frágil, disparando para cruzar os policiais, os cabelos esvoaçantes. Só conseguiu ver o mais próximo, o bigodudo que tinha guardado o dinheiro no bolso, dar um bote para cima de Maggie, esticando a mão imensa em direção ao braço delicado da irmã.

Enquanto aquela mão agarrava o braço de Maggie, enquanto a respiração dela, rascante, *dolorida*, preenchia o apartamento, o mundo inteiro...

Selina explodiu.

O policial de cabelo castanho foi o primeiro. Um golpe no queixo empurrou sua cabeça, e uma cotovelada no nariz o derrubou. O homem desmaiou antes mesmo de cair no chão.

A assistente social soltou um ganido, mas Selina já alcançara o bigodudo, que partira para cima dela, com a mão gorducha ainda no braço de Maggie.

Selina foi de encontro ao homem. Ele soltou Maggie na mesma

hora, tentando empurrar Selina, mas em vez disso acertando a parede com uma pancada de rachar o gesso.

– Sua...

O sujeito se calou quando Selina se soltou das mãos dele, desviando de suas tentativas desajeitadas de agarrá-la outra vez, e largou um soco em sua cara.

O corpo dela urrava de agonia, as feridas se abriam, os hematomas berravam.

– Corre! – conseguiu gritar para Maggie.

A irmã, no entanto, permaneceu congelada. Boquiaberta, o rosto pálido de terror.

Mãos magras e brancas tornaram a apertar o braço de Maggie. A assistente social.

– Ela não vai a lugar nenhum.

Aquelas mãos... aquelas mãos, aquele rosto frio, cheio de ódio... Selina empurrou a mulher. Com força.

Com tanta força que a assistente social desabou por cima da mesa, derrubando as cadeiras.

Maggie gritou. Selina deu uma guinada, de punhos em riste e joelhos dobrados.

Não deu tempo. O policial bigodudo havia se levantado. Ela não teve como desviar e foi invadida por ondas de dor. Com um olhar maldoso, ele abriu um sorriso no rosto sangrento e empurrou a arma de choque no pescoço dela.

Ela foi tomada pela agonia... e o mundo veio abaixo.

E mais nada.

Ela foi acordada pelo zumbido das lâmpadas fluorescentes.

Sua língua era uma massa seca dentro da boca, a cabeça, confusa e pesada, o corpo...

Sentada numa cadeira. Algemada à mesa de metal à sua frente.

Numa sala de delegacia.

Selina soltou um grunhido baixinho, observando o local. Não havia espelho semitransparente. Nem alto-falantes, nem câmeras, nem nada.

Ela deu um tranco nas algemas presas à mesa, para ver se estavam travadas.

Estavam.

Maggie...

A porta de metal se abriu com um rangido, e Selina se colocou em guarda.

Não era a assistente social, a loira do terninho barato. Nem o policial que a olhara de cima a baixo.

Em vez disso, quem entrou foi uma mulher alta e magra, de pele dourada e cabelos negros feito a noite.

Selina já havia visto muitos empresários com quem Falcone costumava se associar, e sabia reconhecer um terninho de alto nível. Além do mais, por conta de seu trabalho com Mika, sabia que as joias de ouro no pescoço da mulher, simples e elegantes, eram legítimas e muito caras. As unhas feitas, o cabelo sedoso e cortado em camadas, os lábios carnudos pintados de vermelho... tudo gritava *dinheiro*.

Aquela mulher não era assistente social coisa nenhuma.

A mulher se aproximou da mesa e da cadeira vazia que havia à frente, tamborilando com as unhas carmesim numa pasta grossa que trazia nas mãos. A ficha de *Selina*.

Nada bom.

– Cadê a Maggie?

As palavras saíram baixas e rascantes. Água... ela precisava de água. E de uma aspirina.

– Meu nome é Talia.

– Cadê. A. Maggie?

Selina precisava reunir cada milésimo de força para manter a cabeça erguida. Culpa da arma de choque, que ainda lhe enviava ondas de dor pelo pescoço e pela coluna.

– O *seu* nome é Selina Kyle, e você tem 17 anos. Faz 18 daqui a três semanas. – A mulher estalou a língua, deslizou a cadeira de metal diante da mesa, abriu a pasta e começou a folhear as páginas. A mesa era comprida demais para que Selina visse o que ela estava examinando. – Para uma moça tão jovem, você já passou por muita coisa. – *Vira, estala, folheia.* – Jogo ilegal, roubo, agressão.

Selina foi, ao mesmo tempo, inundada pela vergonha e pelo orgulho. Vergonha por pensar que Maggie poderia um dia ouvir aquilo, a verdade nua e crua a respeito de seus crimes... Ela sabia que não suportaria o olhar no rosto da irmã. E orgulho por saber que *tinha* mesmo feito aquilo tudo, que sobrevivera como fora possível e dera à irmã o que fora possível.

Selina, porém, conseguiu responder, com a voz fria e enfatiada:

– Nunca cheguei a ser condenada pelos dois primeiros.

– Não, mas a acusação está aqui – retrucou Talia, batucando com a unha vermelha sobre o papel. – E você *vai* ser condenada em questão de dias, por lesão corporal grave contra dois oficiais de polícia e uma servidora do Estado.

Selina apenas encarou a mulher, por sob os olhos baixos. Não havia como sair daquela sala... daquela delegacia. Mesmo que fosse possível, ela teria que procurar Maggie. E a polícia saberia exatamente onde encontrá-la.

Talia abriu um sorrisinho, revelando os dentes branquíssimos.

– Foi a polícia que te machucou assim?

Selina não respondeu.

Talia tornou a folhear os papéis, à procura de algo.

– Ou será que esses hematomas e cortes são das brigas que você disputa a mando de Carmine Falcone?

Silêncio. Leopardas não abriam a boca. Selina não abria, das duas outras vezes em que estivera ali. Não seria agora.

– Você tem ideia do que significa estar a três semanas de completar 18 anos? – perguntou Talia, inclinando o corpo para a frente e apoiando

os braços sobre a mesa de metal. Sua fala tinha um leve sotaque, uma vibração diferente.

– Já vou poder jogar na loteria?

Outra vez, o mesmo sorrisinho.

– Significa que você vai ter sorte se o juiz te julgar como menor de idade. É a sua terceira passagem pela polícia. Seja como for, você vai em cana. A questão é se vai ser prisão de criancinha ou de gente grande.

– Cadê. A. Maggie?

A pergunta retumbava em seu sangue, um rugido alto e agressivo.

Talia deslizou uma pasta, presa por clipe, na direção de Selina.

– A sua irmã está num abrigo para enfermos. No Bowery do East End.

Ai, Deus. Se o condomínio delas era um lixo, o Bowery era o lixo. As gangues naquela área... nem Falcone mexia com elas.

Selina pegou com as mãos algemadas a pasta que Talia empurrara para ela; logo em cima havia a foto de um quarto estreito e ensebado. O *novo* quarto de Maggie. Ela virou a folha de papel, curvando os dedos.

– Sabe Deus quem gerencia esse abrigo – refletiu Talia, folheando o resto da ficha de Selina.

– Está tentando me irritar para que eu também seja fichada por agressão a uma ricaça babaca? – soltou Selina, num rosnado baixo, incapaz de se controlar.

Talia deu uma risada leve e ressoante.

– Você acha que consegue? Algemada?

Em resposta, ouviu-se um estalido seco.

Selina girou o punho livre e largou sobre a mesa o clipe de metal esticado. Um truque de ilusionismo; ela virara a foto do abrigo de Maggie para distrair a mulher, e ao mesmo tempo empalmara o clipe. Então, com cuidado, dera um jeitinho de abrir a algema. Há alguns anos ela comprara um par de cliques para treinar, para aprender como funcionava o mecanismo de tranca das algemas. Precisamente para esse tipo de situação.

Talia abriu um sorriso de orelha a orelha e soltou um murmúrio de satisfação.

– Espertinha. – Ela inclinou o queixo em direção à mão livre de Selina. – Sugiro que feche outra vez. Você sabe que a polícia fica tensa com esse tipo de coisa.

Ela fechou. Percebeu que não sairia daquela sala, nem da delegacia, mesmo que soltasse a outra algema e enchesse a mulher de socos.

Selina prendeu a algema de volta ao punho, mas deixou frouxa o suficiente para poder soltar outra vez, caso surgisse a necessidade.

Talia observava cada movimento seu, a cabeça inclinada para o lado, balançando os cabelos escuros.

– Eu vim te fazer uma oferta, Selina Kyle.

Selina aguardou.

Talia fechou a pasta.

– Eu sou diretora de uma escola vocacional para moças como você. Com habilidades físicas, sem dúvida. – Um meneio de cabeça para as algemas, outro para os hematomas. Ela apoiou a mão sobre a pasta. – Mas, acima de tudo, *inteligentes*. Já vi todos os seus boletins. Suas notas. As suas amigas Leopardas sabem que você é a melhor aluna da turma e que tirou nota máxima nas provas para todas as universidades do estado?

– Não estou entendendo esse papo.

Ela sempre cuidara para que as Leopardas nunca ficassem sabendo. O talento com a ginástica e o chicote eram o máximo que ela exibia. Selina inclinou um pouco o corpo e continuou:

– Nota dez não vale de nada no ringue.

Outra risada, agora baixa e opressiva.

– Se as suas faltas constantes não tivessem te impedido de se formar este ano, você poderia ter conseguido uma bela bolsa de estudos, sabia?

A universidade não era uma opção. Precisava cuidar de Maggie.

– Essa minha escola, por outro lado... – disse Talia, correndo a unha, uma enorme garra vermelha, pela superfície da pasta. – Poderia ser um

recomeço. Um lugar melhor que a casa de detenção para menores. Ou a prisão.

A cada minuto de Selina ali, Maggie seguia naquele abrigo nojento, respirando sujeira e imundície.

– A pegadinha, antes que você pergunte, é que a minha escola fica nas montanhas Dolomitas. Na Itália. E sua irmã não pode ir.

Selina piscou, processando o que a mulher acabara de dizer. Uma escola na Itália. Sem Maggie.

– Se vier comigo – prosseguiu Talia, dando um tapinha na pasta –, posso fazer a sua ficha... desaparecer. Para sempre.

Selina observou o arquivo, depois o belo rosto de Talia. Uma oferta desse tipo nunca vinha de graça.

– Não estou nem aí para a ficha – retrucou Selina. – Quero Maggie longe daquele abrigo.

Talia piscou, num único indício de surpresa.

– Quero que a minha irmã vá para uma casa de família. Com gente boa, disposta a adotá-la. Em alguma área bem bacana. Sem gangues, sem drogas, sem violência.

Silêncio.

– E quero – acrescentou Selina, baixinho – a garantia de que a minha mãe nunca mais vai conseguir chegar perto da Maggie.

As lâmpadas no teto estalaram. Talia roçou a superfície áspera da pasta, então levou as mãos ao colo.

– Você não está em posição de fazer exigências.

Selina recostou-se na cadeira, sem desviar os olhos da atenção sombria da mulher.

– Se quer tanto me arrebanhar para o seu clubinho de tráfico humano, pode fazer isso.

Talia irrompeu em uma gargalhada. Mas não havia alegria.

Selina girou os ombros e aguardou.

Talia soltou outra risada, então jogou a cascata de cabelos por sobre o ombro.

– Posso fazer isso.

Selina não deixou transparecer o choque.

– Tem mais uma condição – disse Talia, já se levantando.

Claro que tinha. Selina monitorava cada respiração da mulher.

– Partimos ainda hoje – disse Talia. – E você não vai poder se despedir.

Por um instante, Selina não ouviu as palavras, nem o ruído das lâmpadas, nem o estalido do escarpim cor de creme de Talia, que rumava para a porta. Ouviu aquela maldita canção de *Carrossel*.

E ainda a ouvia ao dizer, com a voz pesada:

– Pode soltar as algemas.

A pista de decolagem do aeroporto particular estava vazia.

Só se via o jatinho branco e brilhante parado logo adiante, com a escadinha já baixada, revelando o interior de madeira reluzente. Um par perfeito para o Aston Martin do qual Selina acabara de sair. Talia já seguia a passos ligeiros rumo ao avião.

Selina disparou atrás da mulher, esfregando os punhos e encarando o horizonte cintilante da cidade à sua esquerda. O céu a leste já começava a clarear. O dia estava nascendo.

Seu corpo doía. Tudo doía. Não só a carne e os ossos. Selina afastou o pensamento ao contemplar Gotham City. Luz e sombra.

Um vento frio bateu em seu rosto e despenteou seus cabelos. Ela alcançou Talia na subida da escada do jatinho particular. Uma comissária de bordo aguardava no topo, estendendo uma bandeja com duas taças de champanhe borbulhante.

– Esse avião é seu? – perguntou Selina.

Talia agarrou o corrimão da escada e plantou o salto do sapato no primeiro degrau.

– É.

A tal escola, então... Selina tornou a encarar o horizonte da cidade, por cujas ruas ela rezava para que Maggie estivesse sendo conduzida, até as árvores, o ar fresco e o sossego das boas áreas residenciais.

Ela engoliu em seco e subiu, atrás de Talia, os estreitos degraus do avião. O jatinho particular.

– Você é da família Wayne ou algo assim?

A família Wayne fazia muitos trabalhos beneficentes, e uma escola italiana chique para moças rebeldes não parecia muito distante disso.

Talia soltou uma risada baixa, sem se dar ao trabalho de se virar. Chegou ao último degrau e pegou uma das taças de champanhe com a comissária.

– Não – respondeu ela. – O meu sobrenome é Al Ghūl.

DOIS ANOS DEPOIS





CAPÍTULO 3

Ela era um fantasma. Um espectro.

Selina se lembrou disso ao chegar ao topo da escada do jatinho particular, estreitando os olhos para o sol do meio-dia que ofuscava os hangares do aeroporto exclusivo, e recebeu uma lufada do fedor de fim de agosto que reinava em Gotham City.

Isso, pelo menos, não mudara nos últimos dois anos. A própria Selina, no entanto...

Os escarpins cor de creme, que combinavam perfeitamente com os degraus do avião, eram apenas o início das mudanças. Os longos cabelos loiros, as unhas impecáveis e a pele bronzeada eram mais uma parte delas. Também havia o perfeito terninho de linho cor de areia, de alfaiataria, passado a vapor pela comissária meia hora antes da aterrissagem. A verdadeira cara do dinheiro tranquilo e inabalável.

Não havia qualquer sinal da garota que subira os degraus daquele mesmo avião, dois anos antes, ensanguentada e ferida. Nenhum traço da garota que lutara com unhas e dentes pela segurança da irmã, para

que ela preservasse a saúde que fosse possível... ainda mais agora, com Maggie muito bem cuidada, morando numa bela casa, em uma boa área residencial.

Nenhum mísero traço daquela garota.

A bem da verdade, os recursos da Liga dos Assassinos facilitaram demais aqueles primeiros passos de volta a Gotham City, abriram caminho para tudo que ela pretendia fazer ali. A Liga era maior e mais letal do que qualquer organização da cidade. Quase um mito. Uma verdadeira força da natureza, que não se sujeitava a nada nem a ninguém. Seus objetivos eram muito maiores do que o lucro financeiro. A Liga negociava com poder. O tipo de poder capaz de mudar países, de mudar o mundo. Os criminosos espertos saíam do caminho da Liga. Os muito espertos se curvavam a ela.

Selina respirou lenta e profundamente, tomando coragem, mexendo os dedos para espantar o leve tremor que corria por suas mãos. Não havia lugar para o medo, para a dúvida, para a hesitação. Não com tantos olhos sobre ela.

Fotógrafos portando câmeras de longo alcance disparavam fotos através da cerca ali perto.

Selina afastou qualquer resquício de nervosismo e dirigiu um olhar sagaz e atraente para eles, com metade do rosto encoberto pelo chapéu preto de aba larga. A cereja do bolo de seu novo visual. Fez um favor ainda maior aos fotógrafos e removeu os óculos escuros enquanto descia as escadas e rumava até o sedã preto à sua espera.

Então, porque enfim estava de volta àquele fim de mundo de cidade, porque enfim retornara ao lugar que fora ao mesmo tempo seu lar e seu inferno, ela deu um aceno e abriu um sorriso, que de tão branco e lustroso poderia iluminar todo o céu de Gotham City.

Clique, clique, clique.

Será que os fotógrafos nem sequer cogitaram questionar a informação anônima sobre a chegada da socialite Holly Vanderhees à cidade depois de uma longa temporada na Europa? Ou será que

temeram parecer idiotas ao perguntar *quem* era essa pessoa que simplesmente surgira do nada em Gotham?

As pistas que ela deixara vaziar à imprensa foram breves, porém detalhadas. Sua família tinha investimentos espalhados pelo mundo. Dinheiro de berço. Pais: falecidos. Irmãos: nenhum. Patrimônio líquido: bilhões.

Selina chegou ao sedã, onde o motorista segurava a porta. Foram dois anos de treinamento para refrear o aceno agradecido, para ignorar o ímpeto de cumprimentar os subalternos com a mais sutil das olhadelas.

O homem não ousou se apresentar. Não fez nada. Muito bem treinado para ser apenas um instrumento, não uma presença.

Mesmo agora, depois de tantos aprendizados e ensinamentos, aquilo ainda lhe revirava o estômago.

Mentira. Isso tudo é uma mentira. Foi o East End que me gerou, que me criou. As palavras pairavam em sua boca enquanto ela entrava no carro. *Isso tudo é uma mentira.*

Selina, porém, não precisou dizer uma palavra ao homem: ele já tinha o endereço da cobertura na área antiga de Gotham City que *Holly* alugara pela duração ainda desconhecida de sua estada. Sem dúvida se estenderia pela temporada dos bailes de gala, ela informara ao corretor de imóveis, que quase desmaiou ao dar de cara com a maior comissão de sua vida.

Ela deslizou pelo banco traseiro do carro e foi abraçada pelo couro macio; o motorista esperou que ela ajeitasse as pernas bronzeadas e depiladas e acomodasse a bolsa Birkin a seu lado, então fechou a porta, em silêncio. A temperatura marcava 21 graus, duas garrafas de água gelada descansavam na bandeja baixa a seu lado, e preso atrás do assento do passageiro havia um tablet, além de pacotes de lençinhos umedecidos com aroma de limão enfiados na redinha logo abaixo.

Não que ela fosse usar. Por que estragar a maquiagem que fizera com tanto cuidado antes de aterrissar? A base discretíssima, a sombra

cinza nos olhos, uma risca de delineador e um ousado tom vermelho-fogo nos lábios.

Ela se recusara a admitir o leve tremor nas mãos ao se maquiar. Mãos que precisara sacudir diversas vezes antes de ganhar firmeza para aplicar o delineador e o batom.

Ficar nervosa antes de uma missão não adiantava nada. Ela repetia isso a si mesma incessantes vezes, por mais que já tivesse repassado todas as técnicas de respiração que aprendera.

O motorista entrou no carro e ligou o rádio na estação que ela solicitou: música clássica. Como uma futura apoiadora da Ópera de Gotham City, precisava no mínimo parecer interessada.

Precisava parecer muitas coisas, já que o motorista sem dúvida faria fofoca. E com certeza as comissárias de bordo também. O dinheiro comprava quase tudo, mas o silêncio nunca era garantido. Em Gotham, a lealdade era negociada mais depressa que qualquer ação no mercado.

Não podia existir lealdade num lugar assim. Naqueles últimos anos, ela também aprendera isso.

O carro deixou a pista do aeroporto particular, e os pesados portões se abriram para que eles passassem. Selina correu a mão pelo couro macio da Birkin largada a seu lado. A bolsa, o sapato, as roupas, as joias... era tudo falso. Literalmente. Assim como os passaportes, verdadeiros bilhetes dourados de entrada nos círculos da sociedade que pairavam sobre os sobreviventes das ruas de Gotham.

“A natureza opera por meio do equilíbrio”, dissera certa vez Nyssa al Ghūl, sua mentora e instrutora pessoal na Itália. “Quando pendemos demais numa direção, ela sempre encontra um jeito de retornar ao centro.”

Gotham City passara muito, muito tempo pendendo na direção dos ricos e corruptos. Ela havia chegado para endireitar tudo, mais uma vez.

O carro seguiu trançando uma série de ruas, até pegar a via expressa que cruzava o rio Gotham rumo ao centro da cidade. Eles seguiram a toda pela ponte Brown, e a ponta sul de Gotham City se desvelou

diante dela, apinhada dos arranha-céus reluzentes que perfuravam feito lanças o céu límpido de verão. A mais imponente e alta de todas: a Torre Wayne. Todos os cidadãos da cidade tinham o desenho daquele prédio guardado na memória. Um símbolo de boas-vindas, diziam os cartões-postais.

Aquela torre era símbolo de tudo, menos de boas-vindas.

Quando Selina terminasse seu trabalho ali, o mundo também enxergaria isso.

Ela espiou, por entre os vãos das vigas de aço da ponte, as águas azuis e lamacentas do rio Gotham. Ao fim de seus trabalhos, quantos corpos estariam jazendo naquelas águas?

Gotham City estava destinada à ruína. Só era preciso um pouquinho de incentivo.

Que hora mais afortunada para o hipócrita do Batman desaparecer... Já fazia semanas que ele não dava as caras. E o tal Batwing, bem como uns outros poucos, mal dava conta de estancar a maré de criminosos dispostos a tirar vantagem dessa ausência.

Ela soltou um pigarro de desdém. Que nomes ridículos esses justiceiros escolhiam... “Asa de morcego”?

Selina ergueu o olhar para a reluzente metrópole, que se aproximava a cada batida de seu coração. Observou os prédios do East End, mais baixos e sombrios, maculando o horizonte.

Seu lar. O antigo, pelo menos. Fazia muito tempo que ela não se permitia considerar aquele lugar como seu lar. Ela se recusava a imaginar qualquer lugar como um lar, ou até cogitar que isso pudesse existir em sua vida.

O brutal treinamento na Liga dos Assassinos lhe havia ensinado muita coisa. Exterminara aquela garota desesperada, criada nas ruas, exaurira aquela garota até as entranhas e largara seu corpo nas profundezas das Dolomitas, junto ao sangue dos homens que Nyssa e as outras a ensinaram a derrotar... a punir.

“Você vai fazer impérios se curvarem”, professara Nyssa certa vez,

depois de uma demonstração especialmente torturante de como arrancar informações dos homens. A semente de uma promessa feita em seguida, enquanto ela vomitava as próprias vísceras.

Não, ela não tinha um *lar*. Mas valia a pena. Ela retornara para confirmar que tudo havia valido a pena. O treinamento, o preço imensurável. Ela não falharia. Não na mais importante de suas missões.

Selina soltou um suspiro reconfortante, contemplou a cidade iluminada e recostou-se no assento macio do carro.

Enfim, depois de um longo tempo, permitiu-se abrir um sorrisinho.

Que Gotham City fizesse bom proveito de seus últimos dias de verão.



CAPÍTULO 4

O pesadelo era sempre o mesmo.

O sol ofuscante, o calor tão seco que lhe roubava o ar dos pulmões, a planície de areia e arbustos raquíticos que se estendia até o horizonte.

Então os urros. Os berros. A explosão de areia e metal.

O sangue e o caos. Os tiros.

Um mundo de distância. Um mundo diferente. Uma vida diferente. Um inferno diferente. Pois o inferno, para Luke Fox, não era fogo e enxofre. Era ver ensacados, na hora do almoço, os corpos dos amigos com quem ele gargalhara de manhã na cantina.

Noite após noite o mesmo sonho, o mesmo instante.

Já fazia um ano que Luke retornara a Gotham City, e ele insistia em retornar, rastejante, à pessoa que havia sido.

Não importava quem fosse essa pessoa. Não importava quem tivesse sido dilacerado aquele dia, bem nas costelas, a parte desprotegida pelo colete à prova de balas. Era como se o inimigo que eles haviam sido enviados para abater soubesse exatamente onde jogar a bomba

improvisada, detonada sob o tanque que se arrastava à frente, mandando destroços pelo ar.

Para cima dele... e de seus soldados.

Valera a pena? O treinamento pesado, os três anos de serviço no Corpo de Fuzileiros. Ele tinha feito alguma diferença?

Eram essas as perguntas que não cansava de fazer a si mesmo. Que lhe atormentavam a cada passo, a cada respiração. As perguntas que o conduziam todas as noites pelas ruas de Gotham City.

Luke soltou um suspiro; seu peito subiu e desceu à luz do luar que entrava pelas janelas, iluminando a cicatriz irregular que corria por suas costelas, bem definida em sua pele escura. Ele perscrutou o céu pela janela da cobertura, que oferecia uma ampla vista do centro de Gotham City.

Nenhum símbolo em forma de morcego iluminando a noite.

Luke não sabia dizer se estava decepcionado.

Ele olhou o relógio ao lado da cama. Retornara ao apartamento havia apenas duas horas, após uma noite de patrulha silenciosa. Ao que parecia, o calor de agosto afastara das ruas até a escória de Gotham City.

Luke bufou, imaginando alguns dos criminosos optando por entrar num cinema com ar-condicionado em vez de tocar o terror ao ar livre.

Pelo menos ele ainda tinha senso de humor. Um pouco.

Não podia dizer o mesmo de Bruce Wayne. Ou, se tinha, não demonstrara durante os meses de treinamento com Luke.

A ideia fora de seu pai. No último verão, na casa de praia, após o espetáculo de fogos de artifício do churrasco que a família oferecia para celebrar o Quatro de Julho. Depois do Incidente.

Luke estava entre o pessoal reunido no jardim dos fundos, com uma cerveja na mão, quando os fogos explodiram no céu de sua praia particular, como ocorria todos os verões desde que ele se entendia por gente. Porém, ao contrário dos verões anteriores, quando os primeiros fogos foram soltos, *estourando* no céu escuro, seu corpo inteiro foi

tomado por uma pane, tal qual um apetrecho tecnológico. Ele não conseguia respirar, não conseguia controlar o profundo terror que tomou conta de seu corpo. Que o dominou à força, como se o chão estivesse prestes a engoli-lo, como se ele estivesse outra vez naquele deserto ensanguentado, revivendo o mesmo pesadelo.

Seu primeiro ataque de pânico. No meio da festança anual da família.

Bruce estava bem ao seu lado naquele momento. Percebeu os sintomas na mesma hora e chamou discretamente o pai de Luke para acompanhá-lo para dentro.

Quando Luke enfim conseguiu respirar, quando o mundo retornou, rastejante, e o deserto outra vez desapareceu, ele colocou tudo para fora: não conseguira salvar os outros. Sua equipe. Contou que não tinha ideia se havia feito a diferença naquele dia, ou em qualquer outro dia de sua vida. Seu pai e Bruce permaneceram sentados ao seu lado, apenas escutando. Como se não precisassem estar em nenhum outro lugar.

Em seguida, o diagnóstico: transtorno de estresse pós-traumático, desencadeado naquela noite por conta do barulho dos fogos de artifício, por seu brilho intermitente.

Então, o tratamento: terapia de grupo uma vez por semana e sessões individuais a cada três dias. Tudo ótimo... tudo bom. Tudo necessário. Tudo *vital*.

Seu pai, contudo, sugerira que o tratamento ficasse apenas entre ele, Bruce e Luke. Na semana seguinte, uma visita à mansão Wayne. A uma sala secreta no subsolo. Se Luke queria fazer a diferença, dissera Bruce, ele talvez pudesse ajudar.

Luke aprendera muita coisa nos treze meses desde então. A respeito de si mesmo, do que o assombrava e do homem que residia na mansão Wayne.

Desistindo de dormir, Luke se levantou da cama e foi até a varanda. Mesmo às quatro da manhã o ar grudava em sua pele, quente e pegajoso. Ele observou a cidade, tentando escutar sirenes. Qualquer

coisa que o tirasse da cama, daquela cobertura. Qualquer coisa para fazer naquelas últimas horas antes de o dia nascer, quando ele sabia que o sono já não viria.

Nada. Apenas o silêncio e o mormaço. Até as estrelas pareciam menores e sem brilho, constelações que ele conhecia de cor embaçadas sob o manto quente. Os nomes lhe cruzavam a cabeça, de maneira mais instintiva que intencional: Lira, Sagitário, Hércules...

Luke correu a mão pelos cabelos curtos. Tinha deixado as laterais crescerem um tantinho, mas ainda continuava usando um corte militar.

Um movimento no canto esquerdo lhe chamou a atenção.

Todos os sentidos de seu corpo entraram em estado de alerta, e ele assumiu uma leve postura de luta.

Nem trinta andares eram capazes de impedir os bandidos mais criativos de inventarem novas formas de assaltar um dos homens mais ricos de Gotham City.

Um lampejo dourado no canto da sacada.

Não no apartamento dele, mas na beira da varanda da outra cobertura, cuja lateral ele mal podia ver do ponto onde se encontrava. Junto à fonte do lampejo dourado, ele viu longos cabelos loiros, com leves ondas nas pontas.

Havia apenas dois apartamentos de cobertura; o outro estava vazio havia meses. Até a véspera, Luke se lembrou. O apartamento fora alugado por uma socialite. Dinheiro de berço, ele lera nos tabloides ao pesquisar por indícios de problemas vindouros. Holly Vanderhees.

Luke espiou pelo parapeito, espichando o pescoço para ver melhor a proprietária daqueles exuberantes cabelos loiros que ele mal conseguia enxergar.

Era inconveniente ter uma vizinha.

Ele devia ter comprado o apartamento ao lado, só para mantê-lo vazio.

Um erro idiota. Um erro primário.

Agora teria que tomar cuidado ao entrar e sair. Teria que justificar

seus horários estranhos, se ela fosse bisbilhoteira. Sobretudo se fosse fofoqueira. A maioria dessas madames era. Luke desenvolvera um saudável respeito por elas. Já tinha visto uma socialite destruir outra com palavras e boatos de maneira muito mais eficaz que as balas e bombas caseiras dos insurgentes.

A nova vizinha desapareceu pela varanda circular. Como se medisse sua extensão.

Primeira noite numa cidade nova. Talvez ela também estivesse sofrendo de insônia.

Por um brevíssimo instante, Luke cogitou cruzar o pequeno corredor compartilhado pelos dois apartamentos e bater à porta dela. Apresentar-se.

No entanto, não podia se dar ao luxo de cometer outro erro. Aproximação suscitava perguntas. E seria muito melhor que Holly Vanderhees não fizesse ideia de quem era seu vizinho, que nunca o visse nem ouvisse. Seria mais fácil passar despercebido.

Ele não entendia como Bruce dava conta do malabarismo entre o homem que o mundo julgava conhecer e o justiceiro que lutava pela segurança de Gotham City. Luke perguntava durante os treinos, mas Bruce nunca falava abertamente.

Era uma das poucas coisas que Bruce não lhe ensinara.

Mesmo antes de começar o treinamento, Luke já tinha um bom conhecimento sobre lutas e fabricação de engenhocas úteis. Mesmo antes de se alistar no Corpo de Fuzileiros, já sabia aprimorar o corpo com tanta perspicácia quanto a mente.

“Uma rara combinação”, sua mãe costumava dizer, escancarando um sorriso. “Beleza e inteligência.” Luke sempre ria, dispensando o elogio. Por mais que a parte da inteligência fosse, de fato, verdade. Ainda na escola, ele fora classificado como gênio. Isso lhe proporcionara grandes vantagens do outro lado do oceano.

Nos últimos tempos, ele não vinha usando muito essa genialidade – encarnava o papel do playboy milionário que o mundo julgava que *ele*

fosse. Filho de Lucius Fox, diretor-presidente das Indústrias Wayne, e com um confortável emprego garantido no setor de Ciências Aplicadas da empresa.

O que o emprego de fato proporcionava a Luke era o livre acesso à Torre Wayne e ao restrito subsolo sete, para brincar com a roupa, os apetrechos e os brinquedinhos que o ajudavam a encurralar a escória de Gotham City. Luke às vezes até modificava os artefatos de Bruce, já que seu colega vivia ansioso por atualizações. Daí vinha o elo entre os dois, o interesse em tecnologia.

Uma luz cinzenta e fraca começou a irradiar no horizonte a leste. Ele tinha mais uma partida de boxe aquela noite. Cuidaria para não deixar escapar nada à mãe durante o brunch, dali a algumas horas.

“A cada luta sua eu envelheço alguns anos”, ela reclamava a Luke e ao pai.

“*É só semiprofissional*”, retrucava o pai, em defesa do filho. Sabendo que o boxe, que Luke passara anos praticando antes de partir, sempre o fortalecera. Acalmava sua mente. Então, no ano seguinte ao retorno, ele voltara aos treinos. Como parte de sua interminável e permanente recuperação.

Mas só semiprofissional, como dizia seu pai. Como convinha a um membro da sociedade de Gotham City.

Por mais que ele não perdesse. Nunca.

Nem uma única luta.

O que sua mãe não sabia, o que ela não podia saber por mais que ele desejasse contar, era que Luke e o pai haviam decidido que as lutas não só o ajudariam a manter o equilíbrio, como justificariam quaisquer ferimentos que pudessem surgir durante suas atividades noturnas. Seu verdadeiro trabalho.

Batwing.

Ele próprio criara o nome, em parte para honrar o treinamento com Bruce, mas sobretudo em referência à asa, sua parte favorita da roupa. A parte na qual ele trabalhara com mais afinco, com a qual derrubava,

sem dó, criminosos embasbacados. Nada como um par de asas retráteis, capazes de percorrer grandes distâncias, para fazer os bandidos se mijarem nas calças.

E depois aterrissar tranquilamente no terraço do prédio, retornando sorrateiro para casa. Uma tarefa que agora, com a nova vizinha, seria muitíssimo mais árdua.

Luke franziu a testa em direção à varanda de Holly, deu meia-volta e trancou a porta, sentindo na pele o frio do ar-condicionado.

Ele daria um jeito de se mostrar o mais entediante possível.

Luke caminhou até o closet, e as luzes se acenderam automaticamente. Ele olhou o painel de madeira que ostentava um espelho de corpo inteiro. Um painel secreto revelou um segundo closet, escondido atrás do primeiro, totalmente abarrotado de roupas mecanizadas, armas e apetrechos.

Ele, porém, escolhera um short esportivo e uma antiga camiseta do Corpo de Fuzileiros. Enfiou os tênis velhos nos pés e saiu, a passos firmes. No andar de baixo havia uma academia de ginástica completa, que funcionava 24 horas por dia, sete dias por semana. Estaria vazia àquela hora da noite. Do dia. Fosse lá como se classificasse o horário das quatro da manhã.

Ao sair, Luke encarou o próprio reflexo no espelho. Sua pele ainda reluzia de suor, as bochechas estavam meio encovadas. Sua mãe demonstraria preocupação durante o brunch; era muito atenta para não perceber. Sobretudo se ele não se livrasse daquele olhar vazio e embotado.

Um ano, e ainda persistia.

Um ano tentando se ajustar à vida civil, controlando o transtorno de estresse pós-traumático, até que ele enfim conseguisse fazer *algo de útil* para impedir a ruína daquela cidade. A honra dos cidadãos e cidadãs honestos, que saíam para trabalhar e retornavam em caixões de madeira... e de suas famílias deixadas para trás.

Luke empurrou a porta da sala de ginástica com o ombro; seus

sentidos foram ofuscados pelas lâmpadas fluorescentes, e as telas de tevê sobre os aparelhos estavam sintonizadas em variados canais de notícias. Que também transmitiam notícias vazias, repletas de nada, pois a verdade do mundo... isso não dava dinheiro com publicidade. E os espectadores de fato não queriam ver seus casarões e seu estilo de vida perdulário questionados ao encarar a pobreza na qual vivia a maior parte do planeta. O desespero, a feiura de tudo aquilo.

Que diabo, eles não aguentavam nem olhar muito tempo para a porcaria do East End em sua própria cidade.

A mãe dele sabia disso. Lutava todos os dias contra isso. Ele supunha que os vestidos de baile e os terninhos bem cortados de sua mãe fossem um tipo diferente de armadura; e que ela, da mesma forma, usasse algumas máscaras para enfrentar as injustiças do mundo, sobretudo sendo uma mulher negra no alto escalão da sociedade. Ele queria poder dizer isso a ela. Queria poder explicar que se sentia honrado em seguir seus passos, por mais que a luta noturna de cada um fosse diferente. A dela ocorria nos bailes de gala e nos conselhos da cidade, onde, com todo charme e sagacidade, ela persuadia os ricos de Gotham City a contribuir com seus projetos sociais. As lutas dele, para além das do ringue, ocorriam em locais onde poucos ousavam se aventurar.

Luke escolheu uma esteira que lhe permitia enxergar quem entrasse na sala de ginástica (permanecer sempre alerta, outra lição aprendida com Bruce), então selecionou sua velocidade e inclinação preferidas. Seu corpo era uma ferramenta. Uma arma. Tal qual qualquer outra que ele havia enfrentado do outro lado do oceano.

No entanto, mesmo no meio da corrida, mesmo com o corpo úmido de suor e os pulmões ardendo no peito largo... Luke não conseguia sentir.

A si próprio.

Era como se sua pele e seus ossos fossem tão descolados dele quanto a armadura tecnológica que ele vestia todas as noites.

O sol começava a nascer no céu de Gotham City, e as janelas ofereciam uma vista inigualável do horizonte da cidade.

Um novo dia.

Ele faria valer a pena. Pelos amigos que não haviam retornado para casa, pelos cidadãos de Gotham... ele faria valer a pena.



CAPÍTULO 5

O silêncio pairava pesado sobre todo o Museu de Antiguidades.

Na calada da noite, o silêncio que envolvia as salas de mármore era tão concreto quanto o calor mormacento no exterior do imenso complexo. Somente o ruído ocasional do ar-condicionado ou o estalido das chaves de algum guarda sonolento interrompia o som do silêncio.

Selina, claro, não fazia barulho algum. Suas botas pretas mal tocavam o piso branco enquanto ela percorria, sorrateira, as alas e os corredores do imenso edifício, recebendo pelo visor de seu capacete uma leitura cuidadosa do emaranhado de sensores de alarme.

Era um quebra-cabeças, mas não um particularmente engenhoso.

O capacete, adaptado a seus gostos pessoais, fornecia um fluxo constante de informações. As orelhas, os olhos bem grandes... ela pegara um dos capacetes padrão – Máscaras da Morte, como eram chamados –, que a Liga dos Assassinos fornecia a todos os acólitos, e o modificara.

Gata, eles a chamavam, em zombaria. *Gatinha*. Acólitos e assassinos sussurravam, gemiam e ronronavam durante as sessões de treinamento, no refeitório, pelos corredores. Bastou uma olhadela para as marcas tatuadas em seus braços, e as brincadeiras começaram. No início, ela respondia à base de pancadas... mas só o que isso lhe rendeu foi o desprezo de Nyssa. “Controle é vital. Controle é tudo.”

Selina, então, assumira o controle. Das provocações, do odiado apelido.

Enquanto isso, foi aprimorando sua Máscara da Morte. Nos recônditos do laboratório de ciências do Santuário, na silenciosa calada da noite, ela ia soldando. De vez em quando levava um choque ou cortava os dedos em vez dos fios, até que Nyssa abriu um raro sorriso de aprovação ao ver Selina chegar para o treinamento com o capacete modificado. Os receptores de áudio ostentando a forma de orelhas de gato. Os olhos grandes. E as garras, afiadas como adagas, nas pontas das luvas de escalada.

Depois disso, as provocações pararam.

Sobretudo quando ela abriu um talho na lateral do corpo de Tigris, uma das mais cruéis assassinas e treinadoras de Nyssa e Talia, num acerto de contas.

E isso foi antes da permissão de Nyssa para que ela treinasse oficialmente com o chicote.

Vestida de preto dos pés à cabeça, a respiração quase inaudível, Selina parou em frente à entrada da ilustre Ala Egípcia e inspecionou o labirinto de lasers cintilantes.

Era um clichê absoluto: a teia de lasers quase invisível a olho nu.

Sem o capacete, ela poderia ter recorrido a um spray para desvelá-los. Clichê maior ainda.

Ainda assim, apesar do mapa de inúmeras arapucas e sugestões de rotas fornecido pelo capacete, Selina se viu analisando os lasers. Medindo os ângulos, os melhores espaços de pouso, os possíveis desastres.

A relíquia de bronze estava exposta a apenas quinze metros. Uma corrida em linha reta pelo corredor abobadado de mármore. Mesmo à noite, a pequena estátua permanecia iluminada, em impressionante destaque. Homenageava Bastet, a deusa dos guerreiros, com a cabeça em formato de felino. Protetora das crianças e dos gatos.

Menor que um frasco de xampu, a estátua de 3.200 anos permanecia em perfeitas condições. Isso, bem como as pedras preciosas cravadas em seu pescoço, tornava seu valor quase inestimável.

Quase inestimável. Alguém havia, a bem da verdade, colocado um preço naquela obra.

Um preço que fez Selina sorrir por sob o capacete.

Transferiu o peso do corpo para a perna esquerda, ergueu a direita e passou-a com facilidade pelo maior vão entre os sensores tremeluzentes.

A chave era o equilíbrio. Antigamente, a trave era o melhor momento do treino de ginástica, seu exercício preferido. Ela não fazia ideia do motivo. A maioria de suas colegas odiava a trave, morria de medo. Ela às vezes se perguntava se não era o próprio pavor que envenenava as colegas, prejudicando o equilíbrio delas.

Selina passou o restante do corpo pelo primeiro vão entre os sensores, pousando numa pequena ilha desprotegida. Havia prendido muito bem o chicote para aquele roubo, na lateral esquerda da cintura, e conferido três vezes para se assegurar de que ele não sairia do lugar conforme ela se movimentasse.

Os guardas não passariam por ali nos dez minutos seguintes. Era o tempo de que ela precisava. Ainda mais depois de tomar a liberdade de bagunçar a transmissão da câmera com uma simples mensagem de ERRO DE SISTEMA: CONTATAR PROVEDOR. E um número de telefone falso, o que afastaria a segurança durante uns bons quinze minutos.

Ela arqueou de leve o corpo por sobre o feixe seguinte, numa ponte, e por uma fração de segundo o mundo se virou de cabeça para baixo, enquanto ela tocava o piso de mármore com as mãos enluvadas.

Empurrando as pernas e contraindo os músculos abdominais, ela ergueu os pés e aterrissou do outro lado, num movimento suave como seda.

Uma dança. Aqueles movimentos pareciam uma dança. Da qual ela aprendera a gostar.

Da mesma forma que adorara roubar o diamante do Museu de Gotham, três dias antes. E a coleção de joias de uma joalheria, cinco dias antes do diamante. Pequenas danças... pequenos testes.

Hoje ela daria outro passo. Um passo maior.

Considerando que os dois primeiros roubos haviam se mostrado... decepcionantes.

Ela saía, claro, com o necessário. Mas ninguém sequer a havia chamado para a briga. Nenhum desafio. E ninguém fora atrás dela depois.

Selina deslizou pelo piso de mármore, desviando por sob um feixe baixo.

Ela se esforçaria para que hoje fosse diferente.

Um espaço maior se revelou diante dela, levando a uma rede de sensores ainda mais intrincada. O último trecho antes do estojo de vidro que abrigava a estátua, no centro do corredor.

Com umas poucas cambalhotas e inclinações, ela conseguiria.

Mas que graça tinha isso?

Ela passara quase a vida inteira privada de diversão. Apenas em poucos e raros momentos conseguia se divertir, e mesmo assim sempre eclipsada pelo pavor. Aquela noite, porém...

Ela aprendera a roubar tudo o que queria. Inclusive a própria diversão.

Selina prendeu a respiração, conferiu novamente o chicote, bem preso, e deu um mergulho.

Ela trazia os movimentos na memória muscular; seus cálculos eram precisos e afiados. Glorioso.

Flic-flac para a frente, seguido de um mortal para trás, depois um grupado alto, e por fim uma cambalhota que conduziu a um rolamento

perfeito por sobre o sensor do último alarme. Ela parou bem na frente do estojo de vidro.

Com a respiração forte dentro do capacete, Selina abriu um sorriso para a estátua de Bastet.

Pôde jurar que o pedaço de bronze velho retribuía o sorriso. “Vá em frente”, ele parecia dizer. “Pode pegar.”

Então, Selina pegou.

Sua luva negra projetou uma garra de aço reforçada. Afiadíssima. Pronta para abrir um círculo no vidro grosso.

Selina pegou o estojo com uma das mãos, deslizou a outra pelo vão do vidro e agarrou a estatueta.

Então, conforme o planejado, os alarmes começaram a soar.



Selina desapareceu antes da chegada da DPGC.

No entanto, não havia terminado.

Com a estátua de Bastet guardada numa bolsinha lateral, Selina se ajoelhou na beirada de um terraço alto e ajustou a mira de seu rifle.

Ela não atirava em pessoas. Nunca.

Aprendera com Nyssa a atirar, mas guardava para si sua opinião sobre o assunto. Jamais mencionara como vira armas servirem a propósitos malignos e destrutivos, como as vira trazer tanta dor e tanto sofrimento aos moradores do East End.

Sendo assim, era bom que Nyssa não estivesse ali. E que Selina guardasse tantas outras armas em seu arsenal.

Para essa tarefa, no entanto...

Selina contou os segundos. Sabia que estava perto.

Tocou de leve o gatilho, enquanto apontava o rifle para o alto do prédio de onze andares da Delegacia de Polícia de Gotham City. O prédio mais importante da cidade, em sua opinião.

A porta do terraço da delegacia se abriu, e dois homens irromperam em disparada.

Selina deixou que eles se aproximassem do objeto que procuravam. O holofote gigante.

Deixou que eles o acendessem. O feixe de luz atravessou o céu, projetando na massa de nuvens o ícone escuro do morcego. Ela deu aos homens um instante de calma antes de atirar.

O rifle ricocheteou em seu ombro, mas graças ao silenciador o tiro saiu como um sussurro. Ao contrário dos gritos dos policiais e do estampido de vidro e metal estilhaçados.

Um instante depois, Selina disparou outra vez; seu esmerado planejamento e a visão noturna da mira permitiram um voo perfeito da bala.

O tiro destruiu o gerador que reluzia no canto esquerdo do terraço, então se cravou à parede de tijolos junto à entrada da escadaria. Os homens berraram e xingaram outra vez, agora na direção dela.

Selina, porém, prendeu com um toque a trava de segurança do rifle, apoiou a arma no ombro e rumou para as escadas. Nada além de uma sombra na noite.

Desta vez alguém a procuraria. Ela esperava que entrassem na brincadeira.



CAPÍTULO 6

Luke ficara surpreso ao ver o nome de Alfred na tela do celular às três da manhã.

Sobretudo porque os dois nunca haviam ligado um para o outro, embora Bruce tivesse passado a Luke o número de seu mordomo para qualquer emergência. Do tipo que envolvesse um resgate discreto ou a notícia de que Bruce nunca mais voltaria para casa. Felizmente Luke jamais precisara telefonar, mas, se era Alfred quem estava ligando...

A chamada, bem como o homem do outro lado da linha, fora educada, porém firme.

– Oi, Alfred – disse Luke enquanto sentava-se na cama e se punha desperto.

– Boa noite, Sr. Fox – respondeu a voz do mordomo, num seco sotaque britânico.

Os pés de Luke tocaram o piso frio de madeira.

– Está tudo bem com o Bruce?

Era melhor ir direto ao assunto. Alfred, pelo menos, parecia desprezar papos furados tanto quanto ele.

– Sim. A missão está indo bem.

Luke sabia que o mordomo não diria mais nada. Observou o céu noturno pelas janelas do quarto, esforçando-se para encontrar a resposta adequada.

– Fico feliz em ouvir isso.

Uma pausa comprida. Luke estremeceu de leve. Alfred, porém, apenas disse:

– O comissário Gordon enviou uma mensagem pelos canais habituais, dizendo que precisa falar com *um* dos Morcegos que sobrevoam os céus desta cidade.

Luke não era idiota a ponto de perguntar se as palavras eram de Gordon ou de Alfred.

– Alguma coisa preocupante?

– O comissário disse ser urgente.

Isso não era nada bom. Na Batcaverna havia uma linha telefônica para chamadas diretas de Gordon, exatamente para esse tipo de situação. Uma linha que era redirecionada ao celular do próprio Alfred quando Bruce partia em alguma missão tão secreta que nem Luke podia saber a respeito.

Os dois concluíram a conversa rapidamente, e Luke se percebeu aliviado ao fim do telefonema.

Até então, a noite havia sido tranquila. Tranquila até demais. Ele inclusive fora dormir mais cedo, para variar. Naturalmente, não perdera a noite num encontro com uma das mulheres que sua mãe vivia tentando jogar para cima dele. Não, ele não saía com ninguém. Não quando ainda tentava voltar a ser a pessoa de antes; não com todas as responsabilidades de Batwing. Ainda por cima havia as inevitáveis perguntas, e a ameaça que ele representaria para qualquer pessoa que se aproximasse, caso um dia viesse à tona a verdade sobre sua identidade.

Cinco minutos depois, vestido na roupa pesada, porém confortável,

ele avançava sorrateiro pelas ruas de Gotham City, enquanto uma tempestade se abatia.

Agora, pingando água no chão ladrilhado do soturno gabinete de Gordon, era recebido pela carranca do pálido comissário de meia-idade, que remexia o bigode castanho. Nada surpreso em vê-lo emergir das sombras.

– Que bom que você veio.

Luke aguardou, com o rosto encoberto pela máscara. A luz tênue dançava sobre o azul-prateado de sua armadura, o símbolo do morcego cintilando de leve no peito.

Vida. A roupa emitia um murmúrio de vida, um ruído baixo. Fora desenvolvida por Luke em seu laboratório, cada detalhe desenhado, modificado e ajustado a seu gosto. Cheia de surpresinhas para a bandidagem de Gotham City.

– Cadê o outro? – disse Gordon por fim, espremendo os olhos castanhos por sob os óculos de aro grosso. – Faz um tempo que eu não o vejo.

Luke se aproximou da mesa, estalando de leve a roupa. Fora Bruce quem sugerira aquele metal em particular, e seu pai o fabricara.

– Está numa operação secreta.

Não havia necessidade de informar a Gordon que ele pouco sabia a respeito.

– Não diga.

Luke inclinou a cabeça, seu único sinal de impaciência. Sim, Bruce e Luke trabalhavam com Gordon. Tinham um acordo para garantir que a DPGC prenderia os criminosos capturados por eles, e forneciam respaldo quando necessário. Mas não cumpriam ordens da polícia. O próprio Luke ainda se irritava quando tinha que trabalhar com a DPGC. A cena que testemunhara ao acessar a delegacia pelo terraço apenas reforçava essa sensação. Ele cruzava os corredores, quase despercebido, quando avistou um garoto negro, de não mais de 15 anos, algemado a um banco do lado de fora da área de espera. Ensopado pela

chuva, as roupas coladas ao corpo magrelo. O garoto tinha o cuidado de manter a expressão impassível, embora o batique de seus pés no piso azulejado revelasse o nervosismo que sem dúvida o dominava. E com razão, a julgar pelas palavras que Luke ouviu um segundo depois, ao se enfiar num canto escuro.

“Por que o garoto foi preso?”, perguntara um oficial que passava.

Alheio à presença de Luke a poucos metros, o policial que certamente prendera o moleque respondeu, enxugando o suor do rosto vermelho. “Posse de maconha.”

“Foi flagrante?”, indagou o primeiro policial, com uma pausa.

O policial da cara vermelha abriu um sorriso forçado. “Que diferença faz?”

A pergunta, aquelas palavras... fizeram o sangue de Luke borbulhar.

Desde muito cedo, seus pais haviam lhe explicado que o mundo nem sempre era justo, e que, apesar de sua riqueza, ele deveria interagir com a polícia de forma muito pontual. Afirmavam ser para sua própria proteção. Diziam que às vezes a polícia inventava coisas que nada tinham a ver com ele, mas que o afetavam mesmo assim. A ele e aos garotos como ele.

Feito o garoto no banco. Com outra espiadela, Luke ficou pensando se o menino havia aprendido a mesma coisa.

Luke emergiu das sombras e caminhou até o ponto onde o garoto estava sentado.

Os policiais, já quase no fim do corredor, pararam. Ao vê-lo, soltaram um palavrão. Ele e Bruce nunca revelavam sua presença dentro da delegacia. Jamais.

O que aqueles policiais fariam se descobrissem a cor de sua pele sob a armadura? Luke jamais deixara de reparar quantos homens atrás das grades eram parecidos com ele; no entanto, sabia que os verdadeiros criminosos, os que realmente representavam uma ameaça a Gotham City, eram bem diferentes.

Luke se esforçou para acalmar os batimentos enfurecidos, a raiva

que fervia em suas veias, e perguntou ao garoto: “Tudo certo?”

Lentamente, o menino ergueu a cabeça. Perscrutou Luke de cima a baixo, começando a tremer um pouco, a calça jeans pingando água no chão, mas não disse nada.

Luke perguntou outra vez, sinalizando que era amigo, ainda mais com os policiais olhando, boquiabertos, mas sem ousar se aproximar. “Tudo certo, irmão?”

O garoto seguiu calado. Mas arregalou os olhos, feito duas jabuticabas, enquanto digería a pergunta. Luke lhe dirigiu um leve aceno de cabeça.

Virou-se para os policiais na ponta do corredor. “Arrumem um cobertor para o garoto. Ele está ensopado.”

Os dois pestanejaram, e o homem da cara vermelha ficou branco feito papel. Então saiu correndo. Luke esperou que ele retornasse, com a coberta na mão. E que cobrisse os ombros do garoto.

Quando o sujeito passou correndo, Luke observou seu crachá com nome e número de identificação. Então, ao enfim sair do recinto, telefonou para uma das melhores advogadas da cidade, que por acaso era sua ex-colega de escola. Ela não perguntou nada, apenas prometeu chegar à delegacia em vinte minutos.

Luke ainda tentava esquecer aquele encontro, recuperar o equilíbrio, quando perguntou a Gordon:

– Por que não usaram o sinal hoje à noite?

– Porque foi danificado.

Luke pestanejou, por mais que Gordon não pudesse ver.

– Explique.

Gordon se empertigou um pouco e encarou Luke, com o olhar penetrante.

Ele já havia se postado muitas vezes diante de um maldito espelho para conhecer a própria aparência naquela roupa: mais máquina que homem. Ainda por cima com as lentes oculares, reluzindo no mesmo azul pálido que o símbolo do morcego em seu peitoral. Não havia sinal

do ser humano sob a armadura; e ele preferia assim. Não havia como adivinhar quem ele era, quem ele amava. Além do mais, para enfrentar os inimigos... o efeito *Tubarão*, pensava ele: é mais petrificante *não* ter ideia do que espreita sob a superfície. Deixar que a mente imagine o pior.

Gordon depositou uma bandeja de metal sobre a mesa. Um objeto rolou e tilintou ao tocar as bordas. Um projétil.

– Alguém disparou isso hoje à noite. Bem na hora que íamos acender o sinal.

Luke se aproximou da mesa gasta, apinhada de papéis, e pegou a bala.

– Que crime é esse no qual não querem que eu me envolva?

Gordon cerrou a mandíbula.

– Não sabemos bem se as duas coisas estão interligadas, mas o Museu de Antiguidades foi invadido hoje à noite. Alguém roubou a estátua de um gato egípcio, avaliada em quase um milhão e meio. Chegamos menos de cinco minutos depois de o alarme tocar, não encontramos nada, voltamos para acender o sinal, e então... dois tiros disparados, por um atirador de elite. Um no holofote, o outro no gerador de força.

Luke ergueu a bala sob a luz da mesa de Gordon.

– Aposto que esse crime tem ligação com o roubo de meio milhão em joias na semana passada. E do diamante de dez quilates do Museu de Gotham. – Ele revirou o projétil entre os dedos. – Mas esses dois outros roubos aconteceram sem que fosse disparado um alarme sequer.

Gordon tirou os óculos e limpou as lentes na gravata torta.

– E daí?

Luke abriu um quadro no braço esquerdo, revelando o painel de controle da armadura. Digitou alguns comandos, e as lentes de seus olhos se modificaram, ampliando a imagem da bala na palma de sua mão para que ele avaliasse as irregularidades e dimensões.

– E daí – prosseguiu Gordon, erguendo o projétil entre dois dedos e

depois largando-o na bandeja – que hoje os alarmes foram disparados. E eles deixaram esse cartãozinho de visitas em forma de bala. Feita à mão. Sem identificação. Lustrosa. Disparada por uma arma muito mais cara que as dos suspeitos habituais.

Gordon tornou a botar os óculos.

– Não é igual a nenhuma munição usada pelas gangues principais. Arlequina é especialista em balística... e tem mira de atirador de elite. Mas não tem acesso a esse tipo de munição. – Luke assentiu, e Gordon continuou, coçando a cabeça: – Hera Venenosa não usa armas tradicionais, e faz meses que o Charada não dá as caras. Acha que tem alguém novo na cidade?

Luke deu uma olhada rápida para as janelas molhadas da delegacia vazia. Ele achava que tinha alguém novo.

– Uma pessoa que rouba joias e obras de arte. Os dois primeiros crimes foram cometidos em plena luz do dia. É quase como se o roubo de hoje à noite...

Ele tornou a pegar a bala, sentindo seu peso. Gordon concluiu:

– ...tivesse sido um recado, porque a gente não agiu depressa nas primeiras vezes, e então, para o nosso bem, a pessoa resolveu facilitar?

Luke bufou.

– É.

O que era... interessante. Ele havia visto os boletins de ocorrência. Nenhum ferido. Somente roubo de objetos de valor obscuro. Então, se a polícia tinha acendido o sinal, sabia exatamente que tipo de dragão adormecido estava cutucando.

Ou morcego adormecido, supôs ele.

– Posso ficar com isso aqui? – Luke ergueu a bala.

Gordon ajeitou os óculos.

– Claro. A gente já fez todos os testes. Pode ficar.

Gordon moveu o queixo em direção à porta, como se estivesse silenciosamente dispensando o convidado. Luke não gostou da ordem, mas segurou a raiva.

– Além do mais – acrescentou o comissário, passando a mão pelo cabelo castanho grisalho –, não estou tão convencido de que a pessoa estivesse querendo chamar a atenção da DPGC.

Exato.

Os recônditos empoeirados e adormecidos do cérebro de Luke começaram a despertar. Ele trabalhara como especialista em balística do outro lado do oceano, e aquele projétil, uma pessoa nova...

“Venha me encontrar”, a bala parecia dizer.

Talvez fossem os relâmpagos no ar, ou o calor do fim de agosto, mas Luke ficou tentado a aceitar o convite.

Selina se debruçou no batente da porta de carvalho entalhado e observou o negociante de antiguidades rabiscar mais um cálculo em seu bloquinho de papel.

Já fazia vinte minutos que o homem examinava a estátua de Bastet na sala enfeitada, cuja única fonte de luz era a luminária para exame sobre a obra. Ela passara o mesmo tempo parada diante da porta do sujeito, vestida de preto dos pés à cabeça, o rosto oculto pela Máscara da Morte e o capuz do suéter.

“Que dramática”, dissera o homem ao abrir a porta dos fundos.

Ela não respondera, optando pelo poder do silêncio e do chicote pendurado ao lado do corpo para transmitir as ameaças necessárias. Fora um pouco difícil encontrar o negociante, mesmo considerando que a posse legítima de antiguidades só poderia ser atestada levando em conta uma zona turva da ética. Uma estátua roubada direto do Museu de Antiguidades era diferente, claro, mas ela havia pesquisado. Sabia que aquele homem daria um jeito de garantir a mágica da transformação da estátua em dinheiro.

O homem, por fim, baixou a lupa, removeu as luvas de látex e correu a mão pela cabeça branca e calva.

– Bom, é verdadeira, não há dúvida.

Selina cruzou os braços, à espera.

O homem estreitou os olhos escuros e miúdos.

– Você sabe que vai dar um trabalhão encobrir os rastros na hora de vender, não sabe? Esse tipo de discrição não custa barato.

– Diga o preço.

Mesmo com a voz modificada pelo capacete, ela manteve o tom baixo e rascante. A irmã dela que era fã do teatro, mas Selina também tinha aprendido algumas técnicas de interpretação nos últimos anos.

O homem tornou a olhar a estátua, depois Selina.

– Novecentos mil.

– Vale muito mais que isso.

– A discrição custa caro, já falei. Vou ter que falsificar documentos de posse, pagar um portador particular para o comprador... essas coisas encarecem.

Selina não recuou.

– Aceito um milhão e duzentos.

O homem endireitou o corpo na cadeira de couro verde.

– Você aceita novecentos mil, já que vai ser pressionada a encontrar outro negociante que não vai nem *tocar* num item roubado desse. Ainda mais roubado de forma tão escancarada.

O sujeito deu outra olhada em Selina, parecendo considerar se a ladra era *ela* ou não.

Ela não deu nenhuma pista. Apenas afastou um pouco mais os pés sobre o tapete Aubusson azul.

– E você – retrucou ela, num tom suave – vai ser pressionado a encontrar outra peça dessas em breve, já que o governo egípcio intensificou a fiscalização ao mercado de antiguidades.

O homem entrelaçou os dedos e apoiou as mãos na mesa antiga de madeira e disse:

– Um milhão.

– Um milhão e duzentos – respondeu Selina, o encarando.

– Um milhão, e você não vai conseguir nem mais um centavo, pode

ter certeza.

Selina foi andando em direção à mesa, os passos tragados pelo tapete espesso. Enrolou a estátua no pano de veludo e a devolveu à estreita caixinha de madeira.

– Vamos ver se os negociantes de Londres concordam com você.

Ela deu meia-volta e começou a se encaminhar para a porta, iniciando uma contagem regressiva em sua mente.

Cinco. Quatro.

Aproximou-se do batente arqueado. *Três. Dois...*

Passou um pé pelo batente.

– Espere.

Antes de sair da loja, Selina confirmou a transferência do dinheiro para a conta offshore.

Ela jamais sonhara em ter uma quantia como aquela. Jamais *considerara* ter dinheiro na mão. Mas ainda não era suficiente para tudo o que ela havia planejado.

Selina não retornou de imediato para a cobertura fria e asséptica.

Como se seus pés tivessem vontade própria, seguiu caminhando pelas ruas tranquilas e úmidas, sem sair das sombras. Não era difícil: à medida que se aproximava das áreas pobres, a iluminação ia ficando cada vez mais escassa.

Numa dessas poças de sombra ela enfim parou, encarando o sombrio labirinto de prédios à frente.

Não fazia sentido cruzar o emaranhado de ruas do East End. Não fazia sentido caminhar até o condomínio.

Não havia ninguém ali que valesse a pena ver, de todo modo. E, certamente, nenhuma casa para visitar.

Por uma fração de segundo, algo lhe apertou o peito. Algo que ela havia enterrado nas profundezas de seu coração.

O dinheiro depositado na conta offshore pareceu se avultar, pesando sobre seus ombros.

O que esse dinheiro poderia fazer por toda aquela gente que morava ali. Quantas vidas poderiam ser transformadas. E salvas.

Depois. Tudo isso viria depois. O jogo tinha acabado de começar, e ainda havia muito a ser feito.

Mesmo assim, Selina permaneceu mais um pouco na entrada do East End.



CAPÍTULO 7

Na manhã seguinte, o pai de Luke atendeu ao segundo toque.

Era sexta-feira, ou seja, Lucius Fox estaria sentado em sua lustrosa cadeira de diretor-presidente, em sua lustrosa sala de diretor-presidente, preparando as anotações para a reunião do conselho, na segunda-feira seguinte, antes de sair para um carteadado rápido no clube.

– Luke – disse o pai, em saudação.

Cruzando o estacionamento particular atrás de seu prédio, Luke sorriu. Como sempre fazia, e como sempre faria, ao ouvir o tom de voz seco do pai.

– Bom dia, pai.

Ele quase pôde ouvir o pai dando uma golada no suco verde de todos os dias. “Ótimo para o cérebro”, dizia sua mãe, que insistia para que o pai tomasse um copo por dia. Tentara fazer com que Luke também adquirisse o hábito, mas conseguiu no máximo comprar um espremedor de suco para ele. Ele não tivera a coragem, ou a audácia, de contar a ela que passara três meses sem tirar o aparelho da caixa.

– Te vejo no escritório hoje? – perguntou o pai.

– Estou saindo agora.

Luke destravou a porta do Porsche 911 cinza-chumbo com um clique na chave. Acomodou-se no banco felpudo e completou:

– Queria ver se você tem uma ou duas horinhas livres antes de o dia ficar cheio.

– Experimento novo?

Ele *também* quase pôde ver o pai se empertigando na cadeira de couro. Havia sido uma honra, muito merecida, o convite de Bruce para que Lucius assumisse a presidência, mas o pai de Luke não escondia que a divisão de Ciências Aplicadas da empresa sempre seria sua verdadeira paixão.

Luke apoiou o telefone no compartimento de copos, afivelou o cinto de segurança e transferiu a chamada para o sistema de som do carro.

– Para sua tristeza, não.

Um longo e sofrido suspiro.

Luke abriu um sorriso, girou a chave e saiu da vaga de marcha à ré.

– Preciso analisar um projétil... aquela máquina ainda está lá?

– Talvez um pouco empoeirada, mas está.

– Que bom. Você podia...?

– Já estou mandando a manutenção enviar para o sétimo.

O que os funcionários das Indústrias Wayne viam ao atravessar o sétimo andar... Luke sabia que seu pai pagava todos muito bem. Também sabia, porém, que naquela cidade a lealdade custava dinheiro, e por isso o sétimo andar tinha basicamente o aspecto de uma câmara de concreto vazia. Até que uns botões revelassem a verdade.

– Valeu, pai – disse Luke, subindo a rampa da garagem e enfrentando o tráfego matinal que o faria levar uma eternidade para concluir o trajeto de três quilômetros até a empresa.

Esperou que o pai perguntasse a respeito do projétil, mas foi pego de surpresa pela pergunta seguinte:

– Você vai à festa no domingo?

– Que festa?

– A comemoração do Dia do Trabalho. Sem fogos de artifício – completou o pai, baixinho. – Nem dos vizinhos. Eu garanti que o município aprovasse uma lei do silêncio em favor da vida selvagem das redondezas.

Ele não tinha palavras para expressar a gratidão por seu pai ter abordado o assunto, e ainda por cima feito tamanho esforço para cuidar dele. Então, tomado pela culpa, Luke respondeu:

– Não dá. Vou ter que trabalhar.

O pai sabia o que isso significava.

– Nem uma noitezinha só?

– Foi a mamãe que te mandou fazer essa chantagem comigo?

Quando o sinal abriu, Luke conteve o ímpeto de descer a mão na buzina para um carro parado na pista da esquerda, então seguiu em frente. Mesmo com o peso do nome Fox, certas coisas nunca mudavam. Como o fato de ele ter sido abordado por dois policiais no mês anterior, apesar de estar circulando dentro do limite de velocidade.

Luke ainda lembrava dos dois policiais rodeando seu Porsche. Ainda sentia as mãos agarradas com força à costura do volante, sob a vista dos homens, enquanto tentava controlar a fúria que subia em suas entranhas. Ainda sentia o sangue pulsando ao falar, no tom mais claro possível, com os nervos controlados. Então, em movimentos lentos, muito lentos, ele pegara a carteira de motorista.

Ao verem seu nome e endereço, porém, os policiais arregalaram os olhos. O que estava junto à porta do motorista ficou vermelho feito um tomate, contorceu a boca e gaguejou um pedido de desculpas, como se cada palavra tivesse gosto de limão azedo.

Luke levava algumas horas para acalmar os ânimos e a tremedeira. Mesmo agora, ao lembrar, cerrava os dentes.

– É claro que eu não estou fazendo chantagem com você – respondeu o pai, num tom seco. – Mas sei exatamente como a sua mãe

vai ficar triste quando *eu* tiver que contar a ela que você não vai, e estou tentando evitar isso.

Luke soltou um suspiro.

– Eu até iria... mas com o Bruce longe... não dá.

– Bruce foi à festa no ano passado. E você também. Quem ficou cuidando de Gotham nesse dia? Alfred?

Luke apertou o volante do carro.

– Por que é tão importante que eu vá dessa vez?

O pai fez uma pausa prolongada.

– Pode ser que tenhamos convidado umas moças que...

Luke grunhiu.

– Caramba, pai. Sério? De novo?

Luke amava os pais mais do que tudo no mundo e sabia de sua imensa sorte em tê-los, mas... os dois estavam tentando arrumar uma namorada para ele desde o instante em que Luke pusera os pés no aeroporto. Por conveniência, também costumavam esquecer sua decisão de não namorar ninguém.

O pai dele deu uma risadinha.

Luke se encolheu.

– Está rolando uma série de roubos de objetos luxuosos. O fim de semana do Dia do Trabalho parece ser o momento perfeito para atacar, com metade da cidade indo para o litoral. Ainda mais os ricos.

– Ah, é?

– Você não parece preocupado.

O pai soltou um murmúrio.

– O que me preocupa é a possibilidade de certos indivíduos serem soltos do Asilo Arkham. Um roubo aqui, outro acolá? Vou sempre achar isso melhor que outros crimes.

Luke também pensava assim. Merdas gigantescas haviam acontecido em Gotham City no tempo em que ele estivera fora. Luke não fazia ideia de como Bruce dera conta de tudo sozinho.

– Eu vou compensar você... e a mamãe.

– Indo ao baile de gala no Museu de Gotham na semana que vem.

Luke tornou a grunhir.

– Você já ajeitou todo o esquema, não é?

O pai soltou uma risada.

– Não virei diretor-presidente à toa, e você sabe disso.

Luke avançou uns seis metros pela larga avenida, até que o tráfego engarrafou outra vez.

– Diga à mamãe que eu vou ao baile de gala.

Um evento desses... uma ideia lhe veio à mente, despertando-o mais que uma enorme caneca de café. Ah, um evento desses podia trazer *oportunidades* muito interessantes.

– Ótimo. Sua mãe e as moças encontrarão você lá.

Luke soltou uma risada, mesmo sem querer.

– Beleza, beleza. – Fez uma careta para o trânsito. – Chego no escritório em vinte minutos.

– Me traz um cachorro-quente, por favor? – pediu o pai. Luke ergueu as sobrancelhas. – Esse suco de espinafre está com gosto de bosta fria.

Luke gargalhou até chegar à Torre Wayne.

Nada foi encontrado no projétil. Nem um traço. Uma bala fantasma.

E nada, absolutamente *nada*, aconteceu no fim de semana do Dia do Trabalho. Como se os criminosos também tivessem resolvido pegar uma praia.

Será que *todo mundo* havia saído da cidade?

Luke se sentiu um babaca por sequer cogitar a ideia, mas, na semana seguinte, enquanto subia de elevador até seu apartamento levando o smoking recém-passado e coberto pela capa protetora, a última coisa que desejava era ir ao baile no Museu de Gotham, dali a algumas horas. O primeiro evento da temporada de gala: o mais chamativo e com maior cobertura da imprensa.

Ele, porém, tinha suas razões para comparecer. Esperava uma recompensa, já que a pessoa que estava roubando as obras de arte também havia passado a semana anterior bem quieta. No entanto, com um item tão tentador dando sopa, talvez a coisa mudasse de figura. Luke sorriu para si mesmo, e as portas do elevador se abriram, revelando o ensolarado corredor da cobertura.

E a loira estonteante que vinha em sua direção.

Era jovem – talvez na casa dos 20, um pouco mais nova que ele – e parou na mesma hora para observá-lo. Luke se controlou, abriu um meio sorriso, saiu do elevador e estendeu o braço para não deixar que a porta se fechasse.

– Vizinha nova? – perguntou, enquanto ela se aproximava com um sorrisinho.

Pois *estonteante* era pouco. A roupa de ginástica realçava muito bem as pernas longas e esguias. O casaco esportivo exibia a cintura fina. Ela parou diante de Luke, que encarou aqueles olhos verdes e... uau.

– Eu estava pensando quando é que a gente ia se conhecer – disse ela, a voz baixa e indiferente.

Nenhum traço de sotaque... decerto vinha de algum internato europeu. Na Suíça, ele apostava. Ela estendeu a mão bronzeada e bem cuidada com a palma para baixo, como ele já vira sua mãe e outras riquinhas de Gotham City fazerem. Como se o esperado fosse um beijo na mão.

– Holly Vanderhees – completou ela.

O inesperado, porém, foram os leves calos da moça, visto que ele optou por um rápido aperto de mão. Devia malhar muito. Mesmo sob o casaco de mangas compridas ele percebeu o suave delineado de seus braços.

– Eu já te conheço – disse ele, com um leve sorriso que costumava arrancar das moças rubores e risadinhas.

Ela apenas inclinou a cabeça, balançando os cabelos loiros.

– Então suponho que você esteja em vantagem.

Nenhum rubor, nenhuma risada. Uma mulher acostumada a lidar com homens... ou a deixar *os homens* ruborizados. Interessante.

Ele, então, partiu para o plano B: o sorriso malandro.

– Luke Fox.

O elevador começou a apitar, na exigência incessante de que alguém entrasse ou saísse.

– Pode soltar – disse ela, num tom...

Sem sombra de dúvida, uma mulher acostumada a dar ordens. E a ser obedecida. Dinheiro de berço, óbvio, talvez até uns títulos de nobreza do Velho Mundo para acompanhar.

Luke soltou as portas do elevador, que se fecharam.

– Desculpe por não ter ido me apresentar. – Ele ergueu o cabide com o smoking, como prova. – O verão anda muito agitado.

Holly o encarou com seus olhos verdes matadores.

– Você vai ao baile de gala do museu?

Só por motivos de trabalho, Luke pensou, mas deu um tapinha na capa protetora da roupa.

– Estou indo trocar de roupa.

Ela arqueou uma sobrancelha, mais escura que o cabelo loiro.

– Você leva três horas para se arrumar?

– E se eu levar? – retrucou Luke, abafando uma risada.

– Eu ia me oferecer para levar umas máscaras faciais e fazer um esquento.

Desta vez, Luke riu.

– Você vai ao baile?

Ela assentiu e perguntou:

– Alguma dica para os marinheiros de primeira viagem?

Muitas. A começar por jamais se meter no circuito de gala. Mas ela sem dúvida fora nascida e criada para esse tipo de coisa. Meio decepcionante, a bem da verdade.

– Evite o bufê de mariscos depois que a Jaclyn Brooksfeld chegar – disse Luke. – Ela cata todos os camarões e devolve as sobras para a

travessa.

Holly soltou uma risada rouca.

– Que nojo. – Ela olhou por sobre o ombro para a porta dele. – Você mora sozinho?

– Meus pais moram numa casa, na área residencial.

– Seus pais, é? Eles pagam babá para o filhinho que mora na cidade?

– Engraçadinha. – Ele revirou os olhos.

Holly riu outra vez, fazendo o corpo de Luke se arrepiar, então se inclinou por cima dele e apertou o botão do elevador.

– E os seus pais, onde moram? – perguntou ele.

Você parece ter idade para ainda estar na faculdade, pensou Luke.

Ao vê-la se empertigar, ele soube que tinha feito a pergunta errada.

– Eles morreram já faz uns anos.

Luke se encolheu e disse:

– Sinto muito. Sinto muito mesmo pela sua perda.

Ele não fazia ideia. Mesmo com tudo por que havia passado. Uma perda dessas... ele jamais superaria.

Holly observou os números subindo no visor do elevador.

– Obrigada.

Um silêncio se abateu, pesado e constrangedor.

– Quer uma carona para o baile? – soltou Luke.

– Não, obrigada. – O sorrisinho retornou. – Eu já tenho carona.

Ele piscou, surpreso. Em geral elas aceitavam. Em geral *elas* ofereciam carona.

– O que te traz a Gotham?

Holly examinou as unhas bem-feitas, procurando um defeito... então fechou o rosto numa expressão de tédio que ele já vira inúmeras vezes: na escola, nos bailes, nos *brunches*.

– Me cansei da Europa.

Só alguém com muito dinheiro e muito pouco a fazer diria uma coisa dessas. Alguém que nunca tivesse passado fome, nem medo, nem se dado ao trabalho de refletir sobre como vivia o resto do mundo.

Ou o que poderia fazer para ajudar.

Luke podia até ter crescido com o mundo a seus pés, mas seus pais, não. E os dois sempre haviam feito questão de que ele desse muito valor a tudo. O trabalho como Batwing e o serviço no Corpo de Fuzileiros só haviam reforçado essa consciência e gratidão. E evidenciado a ausência de tudo isso em Holly.

A centelha de empolgação se apagou.

– Você não trabalha nem para se divertir? – perguntou ele, sem rodeios, esperando que ela provasse o contrário.

– Por que eu faria algo assim? – respondeu ela, sustentando o olhar de tédio.

Ele já tinha ouvido o suficiente. E visto o suficiente. Conhecia umas cem daquele tipo. Crescera com elas. Por que fazer algo assim? Por que inventar de prestar serviço voluntário, se era possível simplesmente doar dinheiro e receber os louros? Doações serviam mais para fins de impostos do que pelo bem do próximo... tantas vezes ele ouvira *essa* frase. Holly era igualzinha.

Luke ergueu o smoking, em despedida.

– Bom, espero que o baile não te canse também.

Ele avançou pelo corredor rumo à porta do apartamento.

E sentiu, mais do que viu, Holly se virar para observá-lo.

As portas do elevador se abriram, e ele enfiou a chave na fechadura.

– Até mais ver, Luke Fox – disse Holly.

Ele ouviu a promessa na voz dela, e cogitou dizer que ele não estava nem um pouco interessado.

No entanto, resolveu ignorá-la, sabendo que isso irritaria uma moça como ela para além de qualquer insulto.

Deu uma olhadela por sobre o ombro, enquanto as portas do elevador se fechavam.

Ela, porém, já havia voltado a analisar as unhas, franzindo a testa para algum defeitinho.

Que decepção, e que desperdício.

Estonteante, porém mimada.



CAPÍTULO 8

Arrogante e muito consciente do próprio charme.

Foi a impressão de Selina a respeito de Luke Fox.

Enganá-lo tinha sido uma decepção, de tão fácil. Fazê-lo acreditar em suas patéticas palavras de menina mimada. Ele era igualzinho aos outros, que viam o que queriam ver.

O que ele queria, inclusive, ela percebera em dois tempos. Alguém que *o* divertisse.

“Me cansei da Europa. Por que eu inventaria de trabalhar?” Ela sabia muito bem aonde queria chegar com esses comentários. Sabia estar encenando o tipo que ele mais odiava, do qual ele se esforçava tanto para fugir que até esboçara interesse pela vizinha nova, mas... Selina admitiu que esperava *um pouco* mais de desconfiança. *Um pouco* mais de sagacidade para notar que as unhas, o cabelo e a falta de sotaque eram mentira.

Às vezes parecia que já não havia sobrado nada de Selina Kyle. Que ela partira para todo o sempre, e seu corpo agora não era nada além da

carcaça de um camaleão. A carcaça de *Holly*. Um corpo a ser vestido e manejado.

O pensamento, oco e frio, reverberou em sua mente.

Nenhum ricaço de Gotham City, nas duas semanas que se passaram, tinha percebido que ela era uma fraude. Era só dar as caras nos restaurantes certos, nos eventos beneficentes certos, e os convites transbordavam. Abarrotada de dinheiro europeu, Holly Vanderhees estava no caminho perfeito para se tornar a socialite do momento.

Ela ficava pensando se os idiotas perceberiam que as festas a que comparecia eram as mesmas das quais alguns convidados retornavam sem um bracelete ou um Rolex.

Porém, esses roubos menores serviam só para causar desconforto. Para que eles começassem a desconfiar uns dos outros.

Ela aprendera quase tudo sobre ser mão leve quando era Leoparda.

No entanto, Selina ainda se lembrava daquele primeiro roubo. Ainda pensava nele com frequência.

Suas mãos tremiam.

Ela só conseguia pensar nisso, sentada no banco do parque sob o sol do meio-dia, monitorando quem passava. As mãos trêmulas a denunciariam. E a colocariam na cadeia.

As pessoas passavam por ela, que observava rostos, roupas, gestos. Idosos, crianças e gente com cara de pobre eram dispensados no mesmo instante. Ela não havia contado a Mika sobre as regras que inventara, mas estava certa de que a Alfa não ia dar a mínima. Contanto que Selina trouxesse algo que valesse a pena vender. Alguma prova de que merecia um lugar entre elas.

Selina deslizou as mãos trêmulas no bolso do velho suéter cinza, a mochila a seu lado sobre o banco. Já fazia uma hora que estava ali sentada. Chegara pouco antes da correria do horário de almoço, do povo que saía desesperado por uns minutos de ar fresco antes de retornar aos trabalhos extenuantes nos escritórios dos prédios que se avultavam sobre o pequeno parque da cidade.

Ela ficaria com uma parte do dinheiro, informara Mika. Fosse lá o que roubasse, ficaria com uma parte do dinheiro. Talvez desse para arrumar um jantar decente para Maggie. Talvez até com sobremesa.

Um homem de terno se aproximou por sob os imensos carvalhos. Selina conteve o ímpeto de empertigar o corpo enquanto ele avançava pela calçada apinhada do parque, a cara enfiada no telefone, os polegares digitando qualquer coisa na tela.

Terno com jeito de caro. Sapatos engraxados. Cabelos penteados para trás. E um completo destemor e desinteresse em relação aos arredores.

Selina analisou a calça do homem. Sem sinal de carteira nos bolsos da frente, mas... ela percebeu que um dos lados do paletó parecia balançar mais devagar a cada passo que o sujeito dava em direção a ela, como se estivesse mais pesado.

Ela acomodou a mochila num dos ombros, puxou o flip do celular, começou a tamborilar nos botões e se pôs a caminhar a passadas rápidas.

Um tranco no homem. Com força.

Ele soltou um palavrão, derrubando o celular, e a mochila de Selina saiu voando, espalhando as canetas e os cadernos amassados pelo asfalto da calçada. No momento do encontrão, ela soltou um grunhido e se agarrou ao homem.

Uma pontada de culpa a invadiu quando ele se virou para segurá-la, preferindo o bem-estar dela ao do celular. No entanto, o sujeito se limitou a olhar Selina de cima a baixo, antes de encarar a bagunça espalhada na frente dos dois, com o telefone no meio.

O coração de Selina disparou tão alto que ela ficou surpresa por ele não ouvir.

– Me desculpe... – disse ela.

Ela se afastou do homem, afanando a carteira enfiada no bolso interno do paletó, usando a mão que estivera cuidadosamente posicionada no lugar certo. Selina esperou que ele desse pela falta do peso. Que percebesse que ela tinha guardado a carteira no bolso do próprio suéter.

Ele, porém, estava muito ocupado resgatando o telefone.

– Olha por onde anda, idiota – bradou ele, com uma carranca, ao perceber que a tela do celular estava rachada.

Que babaca. E a cara de desprezo para ela, olhando seu jeans surrado, o moletom puído... merecia perder a carteira.

Selina sustentou o olhar fingido, pestanejando e começando a recolher os pertences da mochila, que ela havia deixado meio aberta.

– Desculpe – tornou a murmurar.

Ele balançou a cabeça para o telefone, para a bagunça, para ela, e saiu pisando firme.

Agachada no chão, Selina observou o homem por uma fração de segundo. Esperou que ele apalpassse o paletó e percebesse.

Ele não apalpou; estava irritado demais com o telefone quebrado. Selina terminou de recolher suas coisas, pendurou a mochila nos dois ombros, desta vez, e rumou para o canto oposto do parque. Mika a aguardava, com Ani a tiracolo.

Selina deu uma olhada para o parque e as ruas, atrás de qualquer sinal de uniformes ou viaturas de polícia. Não viu nada.

Entregou a carteira a Mika, que respondeu com um meneio de cabeça firme e aprovador.

As três começaram a caminhar, casualmente, para sair dali.

– Achei que você era tipo a louca da ginástica olímpica – soltou Ani.

Selina não respondeu. Fazia três semanas que estava andando com as Leopardas, e já tinha aprendido a ficar de boca calada.

Ani só deu uma risadinha e um tapinha em suas costas.

– Da próxima vez dê uns saltos mortais, essas merdas.

– Daí não é exatamente um disfarce – retrucou Mika.

A Segunda Leoparda apenas deu de ombros.

– É, mas seria maneiro.

Na semana seguinte, Ani teve seu desejo atendido. Elas planejaram um roubo a uma loja de eletrônicos, e para desativar os alarmes e as câmeras de segurança eram necessárias algumas manobras flexíveis e

cuidadosas. Por ser a única ginasta do grupo, Selina acabou designada para a tarefa.

E terminou a noite com uma boa quantidade de dinheiro.

Já fazia mais de cinco anos desde aqueles primeiros roubos. Ela aprendera tanto com Mika e Ani quanto com suas próprias tentativas.

Depois que se unira à Liga, porém, Nyssa e Talia lhe ensinaram muito, muito mais.

“Faça Gotham City se curvar.”

Os furtos dariam início ao processo. À destruição. E o dinheiro era uma contraparte excelente. Um bônus, de certa forma. E todinho dela.

E, naquela noite...

O universo tinha senso de humor, concluiu Selina ao rumar para a academia do prédio: uma combinação de seus antigos exercícios de aquecimento com o que ela aprendera na Liga. Pois o grande prêmio daquela noite... bom, o proprietário era seu vizinho de porta.

Ela escolhera aquele apartamento por conta da proximidade com um dos homens mais ricos e populares de Gotham City. Ninguém questionaria as credenciais de uma vizinha de Luke Fox.

No East End, Selina com frequência testemunhara o péssimo tratamento dispensado a tantos negros da cidade. E imaginava que talvez o próprio Luke já tivesse sofrido preconceito. Mesmo assim, por tudo o que ela havia visto e ouvido, a família Fox era tratada por todos como membros da realeza.

Para ela, Luke parecia só um garoto bonito acostumado a ter todos os desejos realizados. Que com certeza cultivava músculos só para admirá-los no espelho. Havia muitos desse tipo ali em Gotham City, e agora que o verão havia terminado e a temporada de gala começava, todos os moleques herdeiros e titãs da indústria retornariam à cidade, vindos de suas casas de praia. E isso começaria no baile daquela noite.

Selina entrou na sala de ginástica a passos largos, abrindo um sorriso para o repórter na tela acima de sua esteira preferida, que lhe permitia

ficar de olho na porta. O noticiário exibia a cobertura ao vivo do tapete vermelho do museu, que antecedia o baile de gala, dali a algumas horas.

Uma pintura no valor de dez milhões de dólares, do tamanho de uma folha de papel, acabara de ser emprestada ao museu, cortesia da coleção pessoal de Luke Fox.

Selina abriu um sorriso afetado, subiu na esteira e amarrou os cabelos loiríssimos num frondoso rabo de cavalo.

Luke Fox podia se dar ao luxo de perder aquilo.

Selina já tinha estado no Museu de Arte de Gotham.

Naquela semana, obviamente, ela estivera lá. Fora avaliar as entradas, as claraboias, as diversas janelas e ruas dos arredores encobertos pela escuridão. A qualquer um que andasse por ali, ela não passara de uma simples gárgula acocorada na marquise de um dos prédios próximos, ou uma ondulação nas profundezas de um beco adjacente.

Ela passara cinco dias monitorando o museu; cinco dias esmiuçando as rondas dos guardas, o preparo físico de cada um, as armas que portavam. Cinco dias bolando seu plano, como se organizasse as peças de um tabuleiro de xadrez.

Os outros assassinos da Liga confiavam na ajuda da tecnologia, dos dispositivos modernos. Contudo, essas coisas eram falhas. E, por mais que ela sem dúvida fosse usá-las hoje à noite, depois que os convidados do baile fossem embora e Holly Vanderhees pusesse roupas mais confortáveis, Selina queria ser capaz de cruzar cada milímetro daquele museu de olhos fechados.

O planejamento era tão importante quanto o roubo em si. Sempre fora. Descobrir uma forma de entrar, desvendar o quebra-cabeça de alarmes, sistemas de segurança e saídas... isso a estimulava. Mesmo agora, depois de tanto treinamento, depois de seu corpo já ter internalizado tudo aquilo.

Um leve arrepio ainda lhe percorria o corpo enquanto ela permitia que o presidente de um dos maiores fundos de investimento de Gotham City a conduzisse numa valsa pelo cavernoso salão nobre do museu, todo decorado.

Primeiro passo do plano: deixar que Gotham visse Holly ali, acreditasse que ela pertencia à alta estirpe, e aproveitar aqueles momentos iniciais para dar uma olhada na pintura, ver onde estava exposta e avaliar a vigilância. Pouco antes do início da festa, o quadro havia sido acomodado num salão adjacente, por onde os convidados poderiam passar, de champanhe na mão, e admirar, solitários e contemplativos, a obra de arte.

Ou alguma babaquice do tipo. Assim ela teria mais facilidade em se aproximar e avaliar despreziosamente a pintura. O que faria tão logo terminasse de seduzir o babaca engomadinho que a tirara para dançar.

A vida no East End havia sido cruel; por outro lado, ninguém lá fingia ser algo diferente do que de fato era. Não existia o labirinto de mentiras e ilusões construído pelas palavras e a riqueza ofuscante daquela gente. Claro, o East End também abrigava gente indigna de confiança, mas... ela ainda preferia, sem pestanejar, seus antigos vizinhos aos convidados daquele baile.

O executivo a rodopiou, e o mundo se transformou num borrão vistoso de cores, brilhos e mármore. Tão diferente de sua primeira visita ao salão nobre do museu, ladeado por duas escadarias em espiral, o mezanino com vista para o espaço inteiro, cada milímetro do lugar envolto numa silenciosa e imponente sensação de mistério... de santidade.

Ela visitara o museu numa excursão da escola, no sétimo ano, mas estava mais empenhada em evitar que os colegas ouvissem seu estômago roncar nas silenciosas galerias do que em observar as obras de arte. Naquela época, vestia roupas recolhidas de doações, não um vestido dourado transpassado que custava os proventos do ano inteiro dos pobretões de Gotham City. Com escarpins combinando.

Agora, Selina rodopiava pelo salão, o vestido de tule bordado e crepe de seda cintilando sob as luzes dos lustres e inúmeros candelabros espalhados pelo espaço repleto de convidados.

– Você vai estar no baile em prol das crianças, imagino?

O executivo não era feio. Para um homem com idade para ser seu pai. Pena que tudo a respeito dele, de sua vida, lhe causasse repulsa.

Selina abriu um sorriso forçado nos lábios vermelhos.

– Só se você for.

Um brilho de interesse nos olhos do homem; o mesmo que ela avistara do outro lado do salão e encorajara com ardilosas olhadelas. Até que ele se aproximou e a tirou para dançar.

Nojento, de tão fácil. Ridículo, de tão previsível.

O executivo deslocou a mão, que segurava a cintura de Selina, um pouquinho para baixo. Ela teve que se esforçar ao máximo para sorrir, em vez de arrancar aquela mão de cima de seu corpo.

– Ah, eu estarei lá, Srta. Vanderhees.

Ela era linda, jovem e rica. Exatamente o que aquele homem queria.

Pena que o Rolex de duzentos mil dólares do sujeito fosse mais o tipo *dela*.

Tinha sido muito simples escolhê-lo no meio da multidão. Sem aliança de casado, todo pavonesco, como se fosse dono do lugar. Graças às frequentes aparições de Holly nos melhores restaurantes e lojas de Gotham City nas duas semanas anteriores, ele já sabia quem ela era. E mais ainda: sua própria fonte de renda declarada oferecia entrada automática.

“O clichê dos homens ricos se casando com secretárias e comissárias de bordo já era”, explicara Talia durante aquelas primeiras aulas. “Rico só confia em rico.”

Nyssa lhe ensinara a usar armas brancas e a ser disciplinada. Talia ensinara todo o resto. Sobre as máscaras da sociedade... sobre as regras. Como transitar por entre elas.

“Os homens ricos hoje em dia querem se casar com seus pares”,

explicara Talia. Nossa, o que ela mais amava no mundo era ouvir a própria voz. “Outras presidentes de empresa, grandes herdeiras. Para consolidar o poder... acumular mais. Então você precisa aprender a encarnar esse papel.”

Selina aprendera. E o treinamento fora tão difícil quanto o de Nyssa.

“Unhas, cabelo, pele, corpo, maquiagem... os primeiros sinais”, enumerara Talia quando as duas se sentaram diante da penteadeira do complexo. Examinara as unhas curtas e brutas de Selina. “Você vai treinar de luvas, para deixar essas unhas crescerem. Mas não muito. E nada de pele sobrando nos cantos.” Ela entregara a Selina um estojo compacto, com um creme rosa-claro. “Para as cutículas e os lábios. Aplique de manhã e à noite.”

Então se iniciara o regime de cremes, óleos e máscaras para o rosto. E o cabelo.

“A maquiagem tem que ser leve, mas bem aplicada. Não para os homens, mas para as mulheres, que reparam na mesma hora. E vão desconfiar de você. O intuito é realçar, não chamar atenção. Se quiser ousar, ouse com parcimônia. Ou olhos, ou lábios. Escolha um de cada vez.”

Uma armadura diferente da que Nyssa, meia-irmã de Talia, vinha lhe apresentando. Uma forma diferente de abrir portas, que não envolvia força e arrombamentos.

Nyssa e Talia: dois lados da mesma moeda sombria. Uma treinada para batalhas e massacres; a outra, para estratégias e politicagem. Juntas, as duas coordenavam o quartel-general da Liga na Itália, supervisionando o treinamento de suas jovens recrutas.

“Esses são os passaportes e as armas que eles usam uns contra os outros”, explicara Talia, espalhando um iluminador dourado no rosto de Selina. “Então, nós usamos também.”

Selina deixou a mão do executivo descer um pouco mais, esboçando um sorrisinho discreto. Havia vários olhares cravados nos dois. Todos

curiosos a respeito da nova socialite. O tom da valsa se elevou, aproximando-se do frenético clímax.

Ela sabia que o homem estava atento ao movimento da própria mão. Até arqueou um pouco as costas, como se gostasse... e encorajasse o toque inapropriado. Ao mesmo tempo em que o estômago de Selina se revirava, seu sangue chegando perto de ferver.

“Você vai aprender a falar, caminhar e dançar como eles. Ao conversar com outros acólitos, no salão de jantar, espero que use o mesmo linguajar que usaria com um barão. Quando for andando pelos cômodos, espero que flutue como se estivesse no meio de um baile.”

“E a dança?”, indagara Selina.

Três noites depois, Talia levava Selina ao carnaval de Veneza. Ao Grande Baile de Máscaras. Selina usou um vestido preto, longo e simples, mas com um decote profundo nas costas. E uma máscara preta e dourada que Talia lhe dera. Só por garantia.

Quando a valsa foi chegando ao fim, porém, Selina afastou a lembrança daquele baile. O executivo desceu ainda mais a mão, e Selina lhe tocou o pulso.

Ela o encarou com firmeza, deixando-o inebriado demais por seu olhar lascivo, pelos lábios vermelhos, para perceber que o relógio estava sendo afanado de seu braço.

– Espero te ver antes disso – disse ao homem, num tom baixo e malicioso.

Ela enfatizou com um sorrisinho as palavras repletas de promessa, então deu meia-volta e deixou o sujeito na pista de dança. Queria poder arrancar do corpo a sensação daquelas mãos, afastar do nariz o cheiro almiscarado do perfume dele.

Aquele lugar, de fato, abrigava a escória, pessoas tão desprezíveis quanto a gentinha do East End. O povo ali, concluiu Selina, apenas se vestia melhor.

O que sem dúvida a deixava ainda mais satisfeita com o Rolex no bolso secreto de seu vestido.

Ela contou os passos ao se aproximar do balcão de mármore do bar, com um sorriso vago no rosto. Mas nenhum berro ecoou, e uma recatada olhadela para trás revelou que o executivo ainda a encarava, mesmo já tendo engatado uma dança com outra parceira.

Atrair e distrair. Igualzinho àquele primeiro roubo no parque.

Tão mais divertido, porém.

Com um sorrisinho, Selina inclinou o corpo para o barman e...

– Champanhe, duas taças – disparou uma voz masculina, junto ao bar.

Selina olhou de esguelha para o homem que se aproximava dela.

Vestido num uniforme do Corpo de Fuzileiros que lhe caía como uma luva, Luke Fox abriu um leve sorriso.

Selina deu o troco. Uma ova que ele passaria a frente dela.

– Três taças – disse ela com doçura ao barman, que assentiu e se afastou.

Selina se voltou para a pista de dança lotada, onde os convidados conversavam após o jantar formal.

– Fiquei bem longe dos mariscos – disse a Luke.

Ele ergueu as sobrancelhas escuras.

– Sábia decisão.

As duas palavras deixaram pouco espaço para conversa. Sobretudo quando ele entregou umas notas para o *barman* e pegou uma taça de champanhe com cada mão.

Selina apanhou a dela, sem ousar olhar o bolso engenhosamente disfarçado no vestido para conferir se o Rolex estava bem escondido. E o bracelete Cartier da mulher com quem ela esbarrara na fila do bufê de mariscos. E o anel Harry Winston da bruxa que a encarara de cima a baixo ao ser apresentada a ela.

Selina inclinou o queixo para a segunda taça na mão de Luke.

– Para a sua namorada?

Que bom. Talvez a namorada o consolasse quando ele desse pela falta da obra de arte.

Ele apontou com a taça em direção a uma mulher negra mais velha, muito bonita, que conversava na pista de dança com um homem, também negro, que ela logo reconheceu como o pai de Luke, e um casal de idosos, brancos. As mulheres usavam belas joias, mas a que ela suspeitou ser a mãe de Luke revelava extremo bom gosto, combinando muito bem os adereços com o vestido longo azul-safira.

– Para a minha mãe – respondeu Luke, ainda num tom áspero e distante. Deu um passo à frente. – Divirta-se.

Então o comentário sobre o cansaço com a Europa o deixara aborrecido.

– Não vai tirar a sua vizinha para dançar? – sussurrou Selina, incapaz de se conter.

Luke deu uma golada no champanhe, então se virou. Tentando ganhar tempo para arrumar uma desculpa, sem dúvida.

Selina o observou por sob os cílios postiços e acrescentou, num tom seco:

– Embora eu imagine que o belo soldado não esteja disponível.

– Já prometi dançar com outra pessoa – disse ele, empertigado. – Desculpe.

Que mentira deslavada.

– A julgar pela sua cara de alegria, me surpreende você ter vindo – concluiu Selina, achando tudo aquilo muito divertido.

Porque ele encarava aquela gente com uma carranca de matar.

– Eu estava devendo um favor a uma senhora.

– A senhora para quem você pegou o champanhe.

Somente um filho que adorava de verdade a própria mãe, pensou ela, se arrastaria até ali só para agradá-la. Ela rascunhou uma nota mental: devoção e lealdade. Um detalhe a ser usado mais tarde. Talvez.

Luke deu de ombros, se remexendo no uniforme de gala impecável.

– Eu gosto dessas festas.

Outra mentira. A julgar pelos dentes cerrados, ou Luke *odiava* estar ali, ou odiava Holly Vanderhees. Ele começou a caminhar até os pais, e

Selina bebericou o champanhe.

– Se abrir espaço para uma dança – entoou lentamente, saboreando a retirada –, me avise.

Outra olhadela para trás. Agora com certa cautela.

Oportunista!, ela quis gritar para ele. *É essa a palavra que você está procurando. Está matutando se uma rica que dá em cima de outro rico pode ser considerada oportunista.*

Pelo sorriso tenso que ele tornou a abrir, Selina soube que Luke tinha chegado a uma conclusão. Que envolvia manter distância dela. Que botava Holly no grupo das pessoas a serem evitadas.

Perfeito. A última coisa de que ela precisava era um vizinho enxerido.

Ela tinha certeza que esse cara não bateria à sua porta tão cedo pedindo uma xícara de açúcar.

Um problema a menos, mais um passinho à frente.

Selina tornou a bebericar o champanhe e observou a multidão de convidados, todos cobertos de joias. Sentiu os homens circulando feito tubarões, querendo se aproximar dela, agora que Luke havia recuado.

“As pessoas veem o que desejam ver”, dissera Talia a ela. “Dê a eles essa ilusão. Seja essa ilusão. E jamais deixe que eles descubram, mesmo que esteja bem longe. Mesmo depois de triunfar.”

Selina observou um jovem com pinta de herdeiro cogitando se aproximar. Ofereceu um sorrisinho, terminou o champanhe e deixou a taça no balcão do bar.

A aproximação altiva do rapaz, de queixo erguido, não era nada tentadora. Mas o relógio Piaget que reluzia à luz fraca, despontando sob a manga escura do blazer... ah, aquilo era uma beleza.

Homens ricos e seus relógios. Outra coisa que Talia a fizera estudar. Ela nunca perguntara como a própria Talia tinha aprendido aquilo. Quem lhe ensinara. Talia, por sua vez, jamais oferecera explicação.

Sendo assim, Selina aprendera sobre os símbolos de status que as mulheres e os homens empunhavam para declarar uns aos outros que

possuíam a riqueza de reis.

Aquele relógio de vinte mil dólares no pulso do rapaz, porém, era nada comparado ao quadro de dez milhões que a aguardava.

Luke Fox teria que se afogar no champanhe, sem dúvida, antes mesmo do fim da noite.



Luke mal conseguia prestar atenção à conversa. Seguia de olho vivo no salão, de ouvidos atentos a qualquer sinal de alarme. Nada.

Seus dois amigos de escola, Elise e Mark – que agora gerenciavam, cada um, seu próprio fundo patrimonial –, debatiam os méritos de qual era o pior reality show da tevê. Luke deixava aquele papo entrar por um ouvido e sair pelo outro, como fazia sempre que a conversa cruzava a fronteira do absurdo. Uma habilidade da qual tanto Elise quanto Mark se orgulhavam. E que adoravam.

Escutar aquela bobagem, porém, era melhor que ir buscar champanhe para a mãe a pedido do pai, que mandava Luke circular na esperança de que ele cruzasse com pelo menos *uma* das moçoilas aprovadas.

Pelo menos ele conseguira evitar as poucas mulheres mais velhas que o encaravam feito um pedaço de carne, cujos olhares devoradores ele jamais fora capaz de digerir ou levar na esportiva.

Apesar disso, mesmo com toda a rapidez de pedir a bebida e voltar, ele acabara dando de cara com Holly.

Ele a vira dançando com aquele executivo asqueroso. Os dois formavam um par perfeito.

Entregara o champanhe à mãe e voltara correndo para os amigos, que conversavam junto à janela, como sempre. Como os três faziam em todas as festas da escola e em todos os eventos, desde a adolescência.

Os três eram inseparáveis, uma unidade. Por mais que Mark, seu amigo desde o sétimo ano, cultivasse uma paixão secreta por Elise havia anos. Elise, por sua vez, que provavelmente era o mais próximo que Luke tinha de uma melhor amiga, não fazia ideia.

Elise, de pele bronzeada e cabelo escuro, sorriu para Luke, mas não encerrou a discussão com Mark.

Mark, alheio a todo o resto do salão, não tirava os olhos de Elise, e só desviava a atenção vez ou outra para correr a mão pela cabeleira loira.

O que enfim aconteceu, num dado momento, quando Mark se virou para Luke.

– Você está quieto hoje, cara. – Mark franziu o cenho. Tinha os olhos fixos em Luke, mas numa intensidade diferente da maneira com que encarava Elise. – Está tudo bem?

Elise bebericou o champanhe, olhando para Luke pela borda da taça. Ao contrário de Mark, que era muito direto, Elise sabia reconhecer o momento em que o silêncio era tão eficaz quanto as palavras.

– Você está com a mesma cara daquele dia – soltou Elise –, na aula de literatura do primeiro ano, quando o Sr. Bartleby fez a gente compor sonetos de amor para a avaliação semestral.

Luke podia ser um gênio, mas definitivamente não era um poeta.

Mark soltou uma risada, jogando a cabeça para trás. Luke sorriu, com um olhar de gratidão a Elise pela mudança de assunto.

– Foi a pior nota da minha vida. – Um desgostoso sete. – Acho que o Bartleby baixou a minha nota de propósito, *só por causa* da cara que eu fiz quando ele anunciou a tarefa.

– Da sua vida, e da minha também – respondeu Mark, cutucando o amigo com o cotovelo. – Eu só acho que merecia mais que sete e meio. O meu poema foi épico.

– Vocês dois ganharam a nota que mereceram – retrucou Elise. – Um, por compor um poema de amor às *rosquinhas* – disse, inclinando a

cabeça para Mark. – E o outro, por inventar um soneto sobre seu amor por *não* escrever sonetos.

Luke e Mark reviraram os olhos.

– Nós fomos injustiçados – declarou Mark.

Elise, claro, conquistara um dez.

Luke observou os amigos. Mark e Elise tinham sido os únicos a apoiar sua decisão de se alistar no Corpo de Fuzileiros. A decisão de não ir para a faculdade, de não ir buscar mais do mesmo numa universidade de primeira linha, e em vez disso *fazer* alguma coisa. Servir.

Mesmo diante da compreensão fingida dos outros amigos, mesmo sabendo que os outros consideravam a escolha de Luke ruim, Elise e Mark o encorajaram. Durante seu período do outro lado do oceano, os três trocavam mensagens e conversavam por vídeo.

No dia seguinte ao seu retorno, Mark e Elise estavam presentes. Mark chorou ao ver a ferida ainda meio aberta cruzando a costela de Luke. Elise pegou o celular e começou a pesquisar tratamentos de fisioterapia.

Apesar de saberem sobre o transtorno de estresse pós-traumático, os dois nunca perguntaram nada. Por mais que o assunto não constrangesse Luke, ele sentia profunda gratidão pelo fato de os amigos o deixarem livre para falar a respeito apenas quando tivesse vontade. E por essa ainda ser a dinâmica da amizade entre os três. Era bom ter a sensação de que nada havia mudado.

– Está tudo bem – respondeu Luke, sustentando o olhar inquisitivo de Elise. Ela parecia ler a verdade em suas palavras, e respondeu com um leve aceno de cabeça. – O primeiro baile da temporada, e o tédio já bateu forte.

Luke abriu um sorriso para Mark, e Elise levou a mão ao peito em sinal de afronta, fazendo tilintar os braceletes e anéis dourados.

– Quer dizer que o nosso debate altamente intelectual sobre os dez melhores reality shows não basta para te entreter?

Mark fechou a cara para os dois, mas não conseguiu esconder o

bom-humor.

Luke também não.

– Se vocês dois viessem a *todas* as festas – disse ele –, não seria tão ruim.

– Eu não venho a mais de três desses bailes nem que me paguem – retrucou Mark. Elise concordou, com um murmúrio. – Sou super a favor de doações, mas precisa mesmo dessa coisa de festa? Os meus pais nem se dão mais ao trabalho de comparecer.

Ele abanou a mão calejada para o reluzente salão. Mark sempre gostara de velejar, o que ainda fazia pelo menos uma vez por semana no rio Sprang. Ele continuou:

– Disseram que a partir deste verão *eu* é que tinha que vir. Que já tinham cumprido a cota deles, e agora era a minha vez de representar a família.

E enfrentar o bando de socialites, Mark não precisou acrescentar.

Luke e Elise encolheram os ombros, num gesto de simpatia. Os pais dela também não estavam presentes, mas porque sua mãe, herdeira de um império da pesca na Venezuela, tivera outro compromisso. Se a família Marvez estivesse no país, porém, marcaria presença em todos os eventos, bem ao lado dos pais de Luke, com quem ao longo dos anos construíra uma bela amizade.

– Pobrezinho – soltou Elise, com um tapinha no ombro largo de Mark. – Que vida difícil, ter que se arrumar todo e vir beber o champanhe de outra pessoa.

– Vida difícil – repetiu Luke, com uma risada –, comer do bom e do melhor e voltar para casa com uma bolsinha de brindes.

Mark mostrou o dedo do meio. Elise e Luke retribuíram o gesto.

Atrás deles, um grupo de senhoras arquejou ao passar. Mark limitou-se a erguer a taça de champanhe, em saudação.

Os três esperaram as horrorizadas senhoras passarem, então desataram a gargalhar.

– Não muda nunca – disse Elise, encarando as mulheres que se

afastavam.

Luke, porém, percebeu que Mark havia voltado a observá-lo. Por mais que ele considerasse Elise sua amiga mais próxima, fora Mark quem o levara à fisioterapia naquelas semanas iniciais, e depois, quando Luke precisava de companhia, à terapia para o transtorno de estresse pós-traumático. A oferta estava sempre de pé: nos dias difíceis, quando Luke não queria percorrer o trajeto sozinho, bastava um telefonema e Mark saía para buscá-lo.

– Mas você está bem, não está? – insistiu Mark.

– Se ele diz que está, é porque está – retrucou Elise.

Mark dispensou o comentário com um aceno de mão, recusando-se a desviar os olhos de Luke.

Os três sempre haviam cuidado uns dos outros, mas, desde que ele voltara para casa, Mark e Elise vinham exagerando na proteção. Luke ficava comovido, e sentia que até valia a pena aguentar os debates.

– Está tudo bem – disse Luke aos amigos. – De verdade.

Mark dessa vez pareceu satisfeito, então voltou à discussão com Elise sobre quais participantes de seu reality show favorito começariam a brigar na temporada atual. Luke escutou por um minuto, sorrindo, e terminou a segunda taça de champanhe. A última.

Ele precisava estar atento aquela noite. Vários pequenos roubos haviam ocorrido nas últimas semanas. A elite de Gotham City tinha perdido pertences valiosos em festas e jantares públicos.

Luke podia apostar, valendo a própria herança, que a pessoa que estivera roubando Gotham estava ali, naquela festa. Que já estava entre eles. Não havia como resistir ao primeiro baile de gala da temporada.

Ele torcia para que fosse verdade. Se o responsável não aparecesse, Luke teria que comparecer ao segundo baile. E ao terceiro. Para procurar um padrão. Ficar de olho nos rostos e nomes dos convidados.

A armadilha estava preparada. E seria apenas questão de tempo até que alguém caísse nela.



CAPÍTULO 9

Selina arriscara passar míseros cinco minutos com o quadro durante o baile de gala.

De braço dado com uma bela executiva do petróleo, ela cruzou o longo salão, em cuja parede ao longe pendia a pintura de uma simples cesta de frutas. Estava protegida por um cordão, junto ao qual um segurança entediado impedia que as pessoas se aproximassem demais ou tirassem fotografias.

A executiva de fato entendia um tantinho de arte, e foi enumerando as várias técnicas utilizadas pelo artista. Selina assentia, inclinando-se como se quisesse analisar os detalhes. Na verdade, estava avaliando o tamanho e o peso do pequeno quadro.

Apesar do coração disparado, ela conseguiu sugerir sutilmente à mulher que talvez as duas pudessem retornar dali a um ou dois dias, para observar o quadro com mais calma. Então a executiva se virou para o guarda e perguntou por quanto tempo a pintura ficaria à mostra ali.

– Só durante o fim de semana, senhora.

Então estava confirmado, Selina teria que agir aquela noite.

Ela garantiu que um bom número de pessoas, incluindo o emburrado Luke Fox, a visse cambaleando em direção ao banheiro, ao fim da noite. De onde ela não saiu. Pelo menos não no mesmo vestido dourado.

Os seguranças, já cansados e ávidos por voltar para casa, conferiram rapidamente os banheiros antes de sair. Ninguém se deu ao trabalho de olhar para *cima*, onde ela havia se estirado por sobre o topo de uma das baias.

Depois que o silêncio se abateu, Selina ainda esperou bastante tempo, para que os poucos guardas remanescentes afundassem no tédio; então saiu, sorrateira, do banheiro.

A parte mais difícil – e arriscada – tinha sido esconder a bolsa com a roupa da Liga e o capacete no armário do banheiro.

Ela fizera isso no dia anterior, durante uma visita diurna; guardou seus trajes numa enorme sacola de viagem, então esperou que o banheiro mais próximo ao salão nobre ficasse vazio e destravou a tranca da porta do armário. Enfiou seus pertences no fundo de uma imensa caixa de papel higiênico, meteu a caixa debaixo de *outra* caixa de papel higiênico – sem dúvida não gastariam tanto papel higiênico nas 24 horas seguintes – e pediu a proteção de todos os deuses ancestrais para que os zeladores não os encontrassem.

Ninguém encontrou. Agora, com o museu escuro e silencioso feito uma tumba, Selina percorria as diversas galerias, e a cada movimento sentia um arrepio correndo nas veias.

Sob o olhar das estátuas antigas, ela processou os sons captados pelos receptores de seu capacete: a tosse de um guarda cinco corredores à frente, uma fonte gorgolejante no centro do salão do Egito, as garras dos pássaros a arranhar o teto de vidro embaçado.

Os painéis de vidro dos óculos do capacete proporcionavam uma perfeita visão noturna, limitando o mundo a tons de amarelo e verde.

Nada além de arte e sombras. Eram todos quadros valiosíssimos, mas roubar um qualquer não seria o *manifesto* de que ela precisava.

Mas, começando pelo princípio, o mais importante: o sistema de segurança.

Ela invadira a rede interna do museu, acessara a planta do prédio e memorizara tudinho, nos mínimos detalhes. Descobriu que havia uma sala de comando no primeiro subsolo, onde ficavam todos os controles. Graças a uma mensagem arquivada nos servidores de e-mail, soube que a sala era vigiada por dois guardas noturnos, cada um portando um botão de alarme.

Arriscado demais. E desativar todo o sistema de segurança aumentava o risco de um guarda em outra área do museu perceber a ausência das luzinhas vermelhas.

Então, ela escolheu a rede elétrica. Vasculhou as plantas com atenção e descobriu por onde corriam os cabos do sistema de alarmes do prédio, bem como os terminais, muito bem escondidos.

Mais um engenhoso quebra-cabeças para decifrar. Ela estava empolgadíssima.

Em silêncio, Selina percorreu os corredores do museu, contando os passos em direção ao painel de controle mais próximo. Ela havia roubado, com folga, meio milhão em itens de valor aquela noite. Aquele quadro de dez milhões, porém... seria um pagamento e tanto.

Examinando as paredes à sua volta, Selina parou em frente a um painel quase invisível, embutido na parede. Tinha passado ali duas vezes durante o baile, e usara cada passo e olhadela para tentar desvendar a tranca.

Selina pressionou um ponto em seu cinto e um pequeno compartimento se abriu, revelando uma variedade de arames para arrombamento e outras engenhocas úteis. Ela escolheu um, de olho no corredor à volta, e o deslizou para dentro da fechadura.

Que idiotas, por deixarem aquele painel ali. Mas aquilo lhe facilitara a vida.

O painel se abriu com um clique, revelando uma rede de cabos e interruptores. Ela examinou o interior com as lentes do capacete, que forneciam as informações necessárias para a localização do fio a ser desconectado.

Sem corte. Já que isso dispararia o sistema inteiro.

Redirecionar os alarmes, por outro lado... Selina puxou outro apetrecho do cinto: um cabo com uma saída USB numa ponta e um conector menor na outra. Enfiou a ponta menor numa entradinha na base do capacete e encaixou a saída USB no painel de controle.

No mesmo instante o ruído do fluxo de dados começou. *Feeds* de segurança, rotas... a Máscara da Morte foi classificando tudo. E começou a criar um falso loop de dados para os vários salões. De modo que mesmo quando ela invadissem, passando pelos feixes de luz que serviam de gatilho, o computador principal continuaria a transmitir informações antigas. Bem como as imagens já gravadas pelas câmeras.

Ao terminar, ela desconectou o cabo e fechou o painel.

Um pouco à frente, ela viu um guarda. Parado bem à esquerda de uma porta aberta junto ao salão. Ela o havia visto nas duas noites anteriores. Quase dormindo, cabeceando pelo menos duas vezes em uma hora.

Um estalo do chicote acordaria o homem. Ao pensar nisso, Selina abriu um sorriso.

Em silêncio, ela foi se aproximando, flexionando as garras.

Deixaria o homem incapacitado, mas não morto. Ele não tinha nada a ver com aquilo. Não merecia nada além de uma dor de cabeça.

Com um pequeno suspiro de coragem, ela se aproximou da extremidade do salão. O silêncio antes da tempestade.

Sorradeira feito a morte, Selina foi se aproximando, preparando-se para atacar o guarda que ela sabia estar parado menos de um metro à sua esquerda.

Seus dedos, porém, agarraram o ar.

O homem já estava caído. Inconsciente. Sem sinal de ferimentos; só

exibia uma espécie de pó verde e brilhante nas lapelas do uniforme.

Selina deu um rodopio, levando a mão ao chicote na cintura, enquanto seus óculos vasculhavam o salão...

Uma suave risada feminina ecoou de um canto escuro. O canto onde deveria estar a pintura de Fox.

– Sabe – disse a estranha, postando-se no local iluminado pelo luar que vazava pelo teto de vidro –, imaginei mesmo que você fosse mulher.

Selina se empertigou e manteve as garras a postos, caminhando com firmeza em direção à jovem parada do outro lado da galeria.

À luz turva, a mulher tinha os cabelos vermelhos como sangue, a pele branca feito papel. Abriu um belo sorriso. Vestia um collant verde com inúmeros bolsos. Era jovem, talvez da idade de Selina, 19 ou 20 anos.

– Que bom que atendi suas expectativas – respondeu Selina, a voz áspera e distorcida pelo modificador de voz usado pela Liga. Inclinou a cabeça para o pequeno quadro, na frente do qual se encontrava a intrusa. – Mas acho que isso aí é meu.

– Teoricamente – disse a estranha, com um gesto para a pintura menos de um metro atrás de si, os olhos verde-esmeralda vibrando de empolgação –, pertence a Luke Fox.

As mãos da jovem estavam cobertas por luvas verde-escuras. Não luvas... eram *vinhas*. O que lhe envolvia os dedos eram vinhas muito finas. *Um sistema vivo, orgânico*, informou o capacete de Selina.

Impressionante.

A mulher inclinou a cabeça, e a frondosa cabeleira ruiva deslizou por sobre o ombro delgado. Parecia ter flores brancas trançadas por toda a sua extensão.

– E, teoricamente – completou ela –, eu cheguei primeiro.

– Você só chegou primeiro – retrucou Selina, desembainhando o chicote e desenrolando-o pelo chão de mármore – porque eu estava desativando o alarme. O quadro é meu.

Ela não usava aquele tom desde a época do East End. Para reforçar as regras de Mika.

A estranha soltou uma bufada; algumas flores em seu cabelo *se fecharam*. Como se também estivessem vivas.

– Sabia que existe uma espécie de escaravelho que fica esperando os outros escaravelhos armazenarem seus alimentos, então vai roubar deles? A bem da verdade, isso acontece o tempo todo no reino animal. O nome é cleptoparasitismo.

Selina sorriu, por mais que a estranha não conseguisse ver.

– Você é Hera Venenosa.

Pelo corpo envolto em plantas vivas, não podia ser mais ninguém.

Selina já ouvira os rumores: cientista louca especializada em armas e toxinas de base botânica. Não tinha ligação com qualquer organização criminosa, recusava-se terminantemente a ser recrutada e só queria salvar o planeta. Usando os meios que fossem necessários. As histórias mais bizarras alegavam que a própria Hera havia se tornado um ser de base vegetal.

Talvez a realidade não estivesse tão distante da ficção.

As vinhas que envolviam o punho de Hera começaram a se contorcer, feito diminutas cobras se preparando para dar o bote.

– E você é...?

Ela já tinha lidado muito com esse tipo de postura, tanto na época das Leopardas quanto no período com a Liga. Então Selina foi contornando o espaço, de olhar fixo no quadro. Tentando sentir se a outra mulher recuaria, se lhe cederia o acesso direto à obra.

– Não é da sua conta.

Selina parou a menos de três metros de Hera, que se afastou alguns centímetros da pintura. Fora do alcance do chicote.

Hera, mesmo assim, ergueu o queixo e disse, num tom ácido:

– Eu fico com o quadro, obrigada.

Que coragem. Selina riu entre os dentes, então postou-se a menos de um metro do quadro.

– Para patrocinar a sua baboseira de preservação da floresta tropical. Um sibilo baixo... que pareceu sair não de Hera, mas de algo *além*. O capacete de Selina tentou captar mais informações, mas obteve a mesma leitura genérica: *organismo vivo*.

– Sabe quanto dinheiro circulou no baile de hoje à noite? – indagou Hera. – E para quê? Para este museu? Estas *coisas* mortas, inertes?

Hera estendeu o braço, fazendo balançar as vinhas.

– Que tristeza – retrucou Selina, sabendo exatamente que fera estava atijando. Ou planta, pensou. – Um horror mesmo.

Ela analisou a pintura da cesta de frutas presa à parede. Estava exatamente como antes. Ligada ao sistema de alarme. Começaria a apitar no instante em que alguém pusesse a mão nela. Selina recolheu as garras, mas não soltou o chicote. Havia planejado três rotas de fuga, antecipando a disposição dos guardas. Hera, porém, acrescentara uma nova variável.

Sem olhar para Hera, Selina indagou:

– Você arrumou essa roupinha de “exterminadora do baile” numa loja de fantasias?

Hera deu uma risadinha, atraindo a atenção de Selina para a esquerda. Hera balançou a cabeça, avaliando a armadura da Liga usada por Selina, as lentes de visão noturna, os receptores no capacete.

– Pois é, mas agora estou vendo que devia ter escolhido a de gatinha sensual.

Selina esboçou um sorrisinho.

Regra número um do caos: arrumar uma companhia interessante.

Hera permaneceu junto ao quadro, e Selina se postou bem diante dele.

– Você tem aliança com alguma gangue ou chefe? – perguntou Hera.

– Eu não obedeço a ninguém.

Hera emitiu um murmúrio de aprovação.

– Por que veio a Gotham?

– Curiosidade.

– Esse tipo de coisa não costuma matar os gatos?

Selina soltou uma risada, e o som foi devorado pela máscara. Não havia muito tempo. Cada segundo a mais era um risco, um desastre em potencial. Mesmo assim, ela respondeu:

– As coisas andam calmas... e o dinheiro está vindo fácil.

Hera saiu do ponto onde estava, à esquerda da pintura, e aproximou-se de Selina, para observar o quadro de frente.

Selina projetou as garras da mão, escondida atrás das costas, monitorando cada respiração de Hera.

– Você parece um robô com esse capacete – soltou Hera.

Selina mordeu o lábio para evitar soltar outra risada.

Hera apontou o dedo envolto em plantas para a pintura.

– O negócio é o seguinte: dividimos meio a meio.

– Noventa e dez. E você agradece por ganhar um milhão às custas do meu trabalho árduo.

Hera balançou a cabeça, os cabelos ruivos refletindo o luar, e uns botões de flor tornaram a abrir.

– Sessenta e quarenta.

– Oitenta e cinco e quinze, e chega de me fazer perder tempo.

Hera abriu a boca. E a gritaria começou.

A Máscara da Morte de Selina analisou quanto tempo levaria a aproximação dos guardas do museu: um minuto.

– Achei que você tinha desativado os alarmes – sibilou Hera, as vinhas das mãos agora rastejando pelos braços.

Selina fechou a cara por sob o capacete e passou o chicote para a mão direita.

– Eu desativei.

Alguém estava à espreita, então. Antecipando aquele roubo. A boca de Selina secou, mas algo disparou por suas veias, feito um raio.

– Setenta e cinco e vinte e cinco, e não se fala mais nisso – disse Selina, jogando o chicote por sobre o ombro e avançando para cima do

quadro.

Sob o rugido dos alarmes, ela tirou a pequena moldura da parede, então puxou um pedaço de lona de um saquinho em seu cinto e enrolou cuidadosamente no quadro centenário. Não havia sentido roubar o troço se ele fosse destruído no meio da fuga.

Selina enfiou a pintura no saquinho, aninhando-a no meio de um estojo acolchoado. Outro motivo pelo qual escolhera aquela pintura: era pequena e de fácil transporte. Suas lentes captaram um borrão de movimento. Não vindo dos corredores adiante, mas de Hera, à sua frente. Selina ergueu a cabeça a tempo de se agachar...

Mas não foi preciso.

Hera riu entre os dentes, arremessando na arcada mais próxima uma flor roxa com bordas douradas, um botão do tamanho de uma bola de softbol. Do centro emanava uma fumaça verde-clara.

– Que chique – comentou Selina.

Hera escancarou um sorriso branco.

– Espero que a sua máscara tenha algum sistema de filtragem de gases.

E tinha. Selina apenas apontou para a portinha de funcionários no canto. Destrancada, sem dúvida graças à entrada da própria Hera.

– Se você for tão rápida na fuga quanto é nas respostinhas, vamos sair daqui inteiras.

Hera não se deu ao trabalho de responder; virou-se para a porta e disparou.

Selina também saiu correndo, a bolsinha balançando na lateral do corpo, o chicote numa das mãos, e deu uma olhada para trás. Bem na hora em que os guardas irrompiam no local, já começando a tossir com o que escapava dos esporos da flor arremessada...

Selina permaneceu parada junto à porta por uma fração de segundo. Tempo suficiente para que dessem uma olhada nela, em sua roupa e no espaço vazio onde antes estivera a pintura. Ela se curvou em uma mesura, bem no instante em que os guardas inalaram a fumaça verde,

decerto produzida pela própria Hera a partir de uma combinação qualquer de plantas... e desabaram no chão.

Pomposo e eficaz, admitiu Selina ao cruzar a porta e disparar atrás de Hera pelo labirinto de corredores de funcionários.

Nyssa e Talia aprovariam.

Sirenes tomavam a noite, mas o traje de Selina fornecia as informações necessárias: estavam rumando para o museu, não indo atrás delas, que fugiam para a área chique e silenciosa da cidade, cheia de embaixadas e residências dos ricos. O último lugar para onde iria qualquer criminoso em sã consciência, considerando as câmeras de segurança que equipavam cada prédio, os seguranças de plantão em cada entrada.

Por isso elas se mantiveram nos telhados.

Hera não teve dificuldade para subir a escada de incêndio do edifício atrás do museu, e acompanhava o ritmo de Selina sem qualquer esforço ou medo de altura, saltando sem hesitar pelos vãos entre os prédios.

Elas percorreram três quarteirões, até que surgiu um vão especialmente grande, de modo que foi preciso parar e avaliar a melhor forma de saltar. Selina avançou devagar, arfando de leve, quase sem forçar os pulmões. A respiração de Hera era mais pesada, e seus olhos cintilavam.

Selina analisou o vão. As viaturas de polícia acabavam de chegar ao museu, iluminando o céu noturno atrás delas com lampejos azuis e vermelhos. A luz refletia tons de roxo e carmesim nos cabelos de Hera, as mechas sedosas roçando-lhe o rosto sob a brisa fria da noite. Nem sinal das pequeninas flores; pareciam ter ido se proteger entre os fios vermelhos.

– É um espaço muito grande – disse Hera, ofegante, analisando o vão. – Vá descendo pelo cano.

Isso levaria muito tempo e as deixaria muito longe de onde era preciso. Selina balançou a cabeça, remexendo os punhos para projetar

as garras.

Hera se encolheu e deu um passo atrás. Meteu a mão esquerda num bolso do collant, de onde despontavam pétalas cor-de-rosa retorcidas. Selina não se deu ao trabalho de tentar adivinhar exatamente o que aquela flor fazia.

Ela apontou com as garras para o vão.

– Para escalar – explicou, girando as pontas dos dedos.

Era estranho precisar se explicar, explicar seus métodos. Estranho, concluiu Selina, ter se tornado algo, alguém, que necessitava de explicação.

Um espectro... um ghûl. Ela abria mão de tudo em favor desse título, dessa pele. Não havia percebido como isso a distanciava dos outros. Como ela mesma podia ter se transformado nesses *outros*.

Hera, porém, pestanejou e afastou a mão da surpresinha botânica guardada em seu bolso.

– Você não vai conseguir pular até lá.

– Já pulei coisa pior.

Não era mentira. Selina deu alguns passos atrás, calculando a distância, a velocidade necessária para cruzar o vão e aterrissar do outro lado em segurança.

Ela nunca havia parado para pensar que todas as longas e exaustivas corridas do salto com vara na ginástica pudessem servir de treinamento para algo mais. Pelo menos até entrar para a Liga.

Selina parou na ponta mais distante do terraço e olhou para Hera.

– Se quiser entrar no rateio, é melhor aprender a não ficar para trás.

Então disparou rumo à beirada, ativando memória muscular por meio dos movimentos corporais, da respiração, do treinamento que lhe fora incutido até os ossos.

– Exibida – resmungou Hera, ao ver Selina passar correndo.

Braços abertos, pernas diminuindo a distância, corpo pronto para saltar...

Cruzem a ravina.

Uma ordem fria, serena.

Selina alternava o olhar entre Nyssa al Ghūl e o penhasco que se interpunha entre duas montanhas de granito. À volta delas se impunha o olhar das implacáveis torres das Dolomitas, impassíveis como a professora. As outras cinco acólitas, felizmente, pareciam hesitantes.

Nyssa apenas ergueu a mão bronzeada, coberta de cicatrizes, e apontou para a estreita saliência do outro lado da ravina, onde havia uma trilha.

– O caminho de casa fica para lá. A estrada atrás de vocês está fechada.

Um sorriso rígido, cruel. O oposto dos sorrisos brandos e contidos de Talia, sua irmã mais velha.

– Cruzem a ravina, ou passem o resto da vida aqui.

Ou morram no fundo do precipício.

As mãos de Selina começaram a suar; o café da manhã revirava em seu estômago. As outras acólitas, todas vestidas nas roupas pretas de batalha da Liga, começaram a analisar o penhasco, o ângulo. O vento.

Ela aprendera o máximo possível a respeito das outras garotas: seus movimentos, seus reflexos, altura, peso e armas preferidas. Os detalhes de verdade, os mais importantes... ninguém compartilhava esse tipo de informação: de onde vinham, e que tipo de vida levavam para que Talia al Ghūl tivesse ido bater à sua porta.

Selina só sabia que as garotas vinham de todas as partes do mundo. Os rapazes, ao que parecia, eram treinados em outro lugar. E Anaya, a acólita bem a seu lado, era da Índia. Falava ainda menos que Selina, embora tivesse chegado dois meses antes à imensa e luxuosa área nos recônditos das montanhas.

Se Selina podia considerar alguém ali minimamente sua aliada, era Anaya. A única que sentava ao lado de Selina no refeitório e fazia dupla com ela nas aulas. Nunca por qualquer convite ou pedido; apenas uma presença constante e silenciosa. O que costumava fazer as outras acólitas pensarem duas vezes antes de atacar uma ou outra.

– Quando anoitecer – prosseguiu Nyssa em inglês, com seu sotaque

cadenciado –, a temperatura vai cair até ficar congelante. Não pretendo estar aqui.

“Mas vocês estarão”, não foi preciso acrescentar.

Então Nyssa saiu em disparada, o corpo magro cruzando rápido o chão de pedras, o cabelo negro preso em uma trança firme. Não era um rosto bonito feito o de Talia. A irmã era uma estátua perfeita, esculpida em mármore; Nyssa havia sido entalhada em granito.

E, assim como os picos de granito ao redor, as passadas de Nyssa jamais falhavam, jamais exibiam qualquer sinal de emoção por detrás da fria brutalidade. Com a mesma expressão, ela avançou rumo à beirada da ravina... e pulou.

Sem cordas, sem equipamento. Nada além de frieza e determinação.

A acólita do Leste Europeu soltou um xingamento em alguma língua eslava. Sérvio, talvez. Reconhecer os idiomas do mundo: mais uma coisa a aprender.

Nyssa planou por sobre o vão, arqueando o corpo numa curva perfeita. O único traço de beleza que a meia-irmã Al Ghūl teria na vida: a precisão de seus movimentos.

Parecia muito fácil. Ela aterrissou com um rolamento suave, esmagando as pedrinhas do chão, e pôs-se de pé.

Selina não pôde evitar um meio sorriso ao ver Nyssa recostar o corpo num pedregulho, cruzar os braços, a roupa toda empoeirada por conta da aterrissagem, e aguardar.

Selina não olhou as adversárias, não embarcou na silenciosa batalha por quem iria primeiro, não ficou pensando se a pioneira seria considerada uma idiota ou conquistaria uma migalha do respeito de Nyssa. Ou se a última levaria a marca de covarde ou de esperta, por ter observado os erros das outras e aprendido com eles.

Deu meia-volta e foi caminhando a passos firmes até o ponto exato de onde Nyssa começara a correr. Deu mais uns passos adiante. Analisou as pegadas fracas deixadas por Nyssa. O ângulo do salto. A seu lado, Anaya fez o mesmo.

– Pode ser que elas tentem nos intimidar na hora da corrida – sussurrou bem baixinho a quase aliada, para que as outras não ouvissem.

Ela tinha razão. Decerto gritariam, talvez até se metessem no caminho. E ninguém as puniria por isso. Não, Nyssa provavelmente até as recompensaria. Uma lição a mais: nunca baixar a guarda, era o que Nyssa ensinava. Todas ali eram meros instrumentos para levar a cabo a missão da Liga. Era melhor extirpar as defeituosas antes de mandá-las a campo.

Sobrevivência do mais apto. Biologia sempre fora uma de suas matérias preferidas. Parecia que a Liga tinha alçado o Darwinismo a outro patamar.

Nyssa ainda aguardava, de braços cruzados. Alguém teria que se mexer.

Mesmo a distância, Selina pôde jurar que os olhos da mulher cruzaram os dela. Desafiadores. E convidativos.

Ela já tinha percorrido e saltado terraços com as Leopardas, carregando televisores e outros objetos roubados. As quedas, à época, eram de dez metros, não cem. Mas não menos letais.

Talvez fosse a lembrança das Leopardas, que ela havia abandonado um mês antes, mas Selina murmurou para Anaya:

– Vai. Agora. Eu bloqueio elas para você.

Os olhos vivos e castanhos de Anaya cintilaram, cheios de precaução, os cabelos negros alvoroçados pelo vento uivante dos cumes. Um teste de confiança.

Selina apenas sustentou o olhar da outra garota.

– Vai – repetiu ela, enquanto as quatro acólitas começavam a se aproximar, sorrindo de leve.

Pois é, elas tentariam assustar as duas. Derrubá-las.

Com um breve aceno de cabeça, Anaya respirou fundo e disparou.

Uma acólita loira fez o primeiro movimento. Apanhou uma pedra discreta e pequenina para atirar, tentando passar despercebida, e foi inclinando o braço para trás...

Selina agarrou outra pedra e arremessou. Direto no braço da loira. Abriu os dedos da garota, forçando-a a largar a pedra que jogaria em Anaya.

Anaya seguiu em disparada pelo caminho estreito. A acólita sérvia atacou em seguida. Correu em direção a Anaya, tentando fazê-la desviar e perder a tração.

Antes que Anaya registrasse o avanço, Selina partiu para cima da sérvia.

A acólita soltou um grunhido de dor quando Selina pisou em seu pé. Arqueou o corpo para baixo, como se fosse agarrar o próprio pé, mas trombou com o cotovelo de Selina, à espera.

Ela havia feito aquele movimento mil vezes, no ringue. Sempre seguido dos mesmos golpes. Selina travou o braço da sérvia e a empurrou em direção às duas outras acólitas que se aproximavam, como se elas fossem as cordas do ringue. E mandou as três para longe, cambaleantes.

Selina não esperou. Não deu um instante de recuperação às outras garotas; apenas rodopiou e saiu correndo.

Anaya deslizou por sobre as montanhas, o vento forçando seu corpo para o lado...

E então aterrisou, por muito pouco, e rastejou até Nyssa, que nem a olhou.

Nyssa estava ocupada encarando Selina, que avançava pelo estreito caminho em direção à ravina enquanto as acólitas se recuperavam, percebendo seu plano e buscando uma retaliação.

Ela não teve tanto espaço quanto Anaya tivera para correr. Por causa do ataque, havia perdido uns seis metros.

Selina, porém, seguiu em frente, aproximando-se da beirada, convocada pelo despenhadeiro adiante.

Um foco de dor explodiu na lateral de sua cabeça, uma intensa agonia. Ela cambaleou, mas seguiu em frente, enquanto mais pedras eram arremessadas atrás dela. Ela não queria nem saber de onde haviam saído

as outras acólitas, mas sabia onde ela própria havia nascido. E onde havia crescido.

Selina se perguntou se as outras sabiam, e se Nyssa sabia, que a dor era secundária. A dor era uma velha amiga. Apresentada a ela muito antes daquelas lutas, antes das Leopardas. Apresentada a ela por cortesia de sua mãe.

Por isso o golpe na cabeça não a deteve. Esse tipo de dor jamais a detivera.

Selina correu e deu um salto, forçando o corpo para a esquerda para compensar a rajada de vento, ouvindo apenas o uivo do ar e a aspereza da própria respiração, sentindo o frio amargo e a quentura do sangue que escorria por seu rosto.

A margem oposta era muito distante. Muito, muito distante.

Cada nervo de seu corpo despertou, aos berros, quando ela aterrissou violentamente na borda do penhasco, meio dentro, meio fora. A gravidade a puxava para baixo...

Anaya tentou alcançá-la, mas Nyssa estendeu o braço. E bloqueou seu caminho.

Selina, berrando de agonia, cravou as unhas na pedra, mas elas se quebraram.

Contudo, diante da recusa de ajuda de Nyssa, a natureza deu uma mãozinha.

Na beirada da pedra despontava uma saliência, onde ela cravou as mãos. E se segurou.

Com firmeza.

Nyssa não fez qualquer menção de ajudar Selina, que foi içando o corpo, de braços trêmulos e cabeça latejando.

Quando enfim conseguiu se ancorar, rastejante e sem fôlego, o sangue pingando de sua têmpora sobre as pedras cinzentas, Selina ergueu o olhar para Nyssa, à sua frente.

Nyssa olhou para ela e para Anaya.

E Selina nada pôde fazer quando Nyssa empurrou Anaya por sobre a

borda do penhasco.

Anaya não gritou. Fez-se apenas silêncio. Então um baque, que ecoou por sobre os cumes de granito.

Selina não conseguia se mexer. Não conseguia fazer nada além de encarar Nyssa, os olhos frios e escuros.

Nyssa não deu nenhuma explicação.

Nenhuma.

Selina saltou pelo vão entre os prédios e se agarrou firmemente à pedra. Em seu rastro, houve um estalido agudo e um brilho metálico.

Ela, porém, não ouviu o som do próprio corpo alcançando o teto. Ouviu o baque seco e o estrondo da queda de Anaya na base da ravina. E as sirenes da polícia nada mais eram que o vento uivante a soprar nas Dolomitas.

Ela se levantou e olhou para trás, na direção de Hera, que a encarava de cabeça inclinada.

– Nada mal para uma gata – comentou Hera.

Selina apenas soprou a poeira das garras.

Ela as inserira nas luvas após retornar ao complexo da Liga e receber tratamento médico por causa das pedradas na cabeça. Fora direto para o laboratório, a cabeça ainda latejando, seu corpo ainda dormente e silencioso, e começou a vasculhar as lâminas e os metais que estavam disponíveis para as acólitas.

Ela escolhera o aço mais forte que encontrou, e dera início aos trabalhos.

Selina apontou para Hera, restando a adrenalina que percorria seu corpo.

– Cabeça baixa, braços e pernas o mais firmes possível...

Hera, porém, deu um passo atrás, o rosto tomado de medo e surpresa. Selina girou e levou a mão ao chicote.

Recostado na porta do terraço, em meio às sombras...

Por sob a máscara, Selina sorriu.

– Pode ficar com a pintura – disse Hera, do outro lado. Apontou para o homem atrás de Selina. – Boa sorte com ele... Mulher-Gato.

Hera, então, desapareceu. Correu rumo à porta que a levaria ao térreo do edifício.

A Máscara da Morte de Selina avaliou as medidas do homem à sua frente.

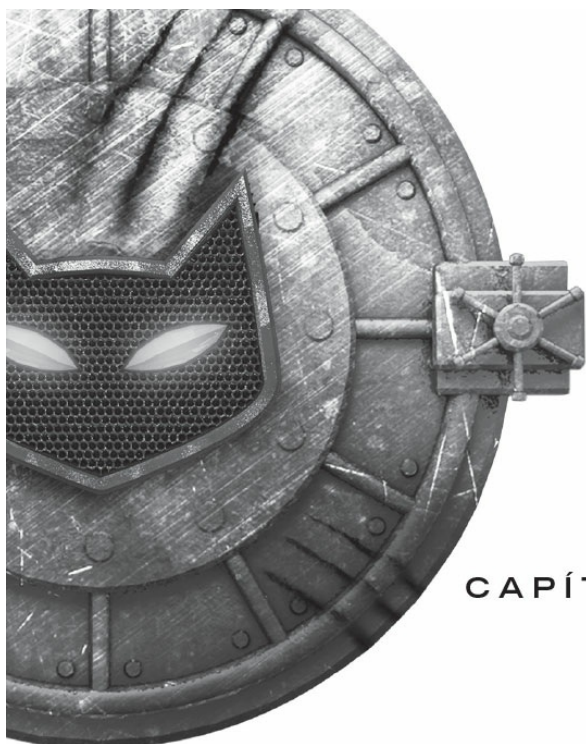
Um metro e noventa. Musculoso. Pelo menos dentro da roupa de metal cinza-azulado.

E, reluzindo na escuridão do peitoral largo, um emblema...

Um morcego.

Selina inclinou a cabeça em saudação.

– Achei que você não fosse aparecer nunca, Batwing.



CAPÍTULO 10

Luke observou a mulher à sua frente.

Vestida de preto dos pés à cabeça, numa roupa feita de um material de alta tecnologia.

Confiante, atlética, habilidosa.

E, com o capacete...

Mulher-Gato era uma boa descrição. As orelhas do capacete escuro, as enormes lentes no lugar dos olhos, as garras que ela recolhera depois do salto espetacular... até seus passos em direção a ele exibiam uma graça felina.

O chicote, porém, era uma promessa de dor.

Ela era altamente treinada. Deixara muito claro naquele salto, e durante a fuga dos guardas do museu ao lado de Hera Venenosa. Aquela, *sim*, era uma dupla que o fazia tremer. A estranha diante dele era ousada. Destemida. Não se abalou nem um pouco com a aparição de Batwing. Ele se afastou da parede, e os dois ficaram frente a frente, a talvez uns três metros um do outro.

A pessoa que ele estivera perseguindo.

– Devolva a pintura – disse ele, apontando para o saquinho que pendia na cintura dela.

– Peça “por favor” – sussurrou a gata, a voz bem baixa e rascante por causa do capacete.

A roupa de Luke forneceu os detalhes: a roupa *dela* era cheia de surpresinhas. Ocultas, porém, como se o material da vestimenta fosse à prova de varreduras. Uma roupa discreta.

Somente o chicote era feito de material não sintético, equipado apenas com o que os olhos viam.

Aquela arma, obviamente, era uma marca registrada. Sem sinal de qualquer ligação com as organizações criminosas de Gotham City.

Luke afastou de leve os pés, distribuindo melhor o peso do corpo.

– Qual é o seu nome? – perguntou ele.

Ela inclinou a cabeça. E permaneceu em silêncio.

– Você sabe o meu, isso está claro – acrescentou ele, com uma pitada de charme. – Eu devia saber o seu.

Ela era esguia, mas exibia um vigor que revelava músculos de aço por baixo da roupa. Dera aquele salto sem qualquer tipo de ajuda da vestimenta, além das garras.

Garras de metal. Caramba.

– Pode usar o apelidinho que Hera me deu – respondeu ela, com a voz arrastada, e Luke pôde jurar ter ouvido uma risada. – Todo bom criminoso de Gotham tem um nome de guerra. Acrescentemos mais um a essa bagunça.

Ela examinou as garras como se olhasse unhas manicuradas, com o chicote balançando ao vento, e disse:

– Mulher-Gato. Gostei da sonoridade.

– Devolva a pintura.

Ela deu uma batidinha na bolsa pendurada na cintura.

– E você, de onde tirou *Batwing*? Foi porque *Batman* já estava sendo usado?

– Essa situação pode tomar dois rumos. Ou você...

– Ou entrego a pintura por bem, ou entrego por mal? – Ela emitiu um som, que talvez fosse um estalar de língua. – Não é errado um homem grande e forte ameaçar espancar uma mulher?

Que diabo.

– Acho que você perdeu o direito de fazer essa pergunta assim que roubou o quadro.

– Uma mulher precisa ter o que comer.

– Pois arrume outra profissão.

Ela deu uns passos em direção a ele. Sem dúvida estava mais perto do que a maior parte dos bandidos de Gotham City ousaria chegar. Se conseguisse dar conta do chicote, Luke poderia agarrar a bolsinha.

Foi exatamente por isso que ela se aproximou. Para provocá-lo.

– Se a sua intenção é ser discreto – observou ela, num tom doce –, essa luminária no seu peito não ajuda muito.

Luke rangeu os dentes, um som que se amplificou dentro do capacete dele.

– É um símbolo.

A cada palavra ele a avaliava, calculando o espaço do terraço, os movimentos da adversária, o peso da pintura em sua bolsinha.

– E símbolos têm poder – entoou ela. – Eu tinha me esquecido de quanto vocês, justiceiros corretinhos, são entediantes.

Luke soltou um suspiro lento, entoando uma contagem de dez a zero. Seu pavio curto seria a sua ruína, dissera Bruce. O controle era vital.

Bom, Bruce não estava ali.

Quando ela estendeu a mão livre e tocou, com a ponta de uma garra, o centro do morcego que cintilava no peito de Luke, ele deu o bote.

Ou tentou.

Ele pretendia agarrar a gata pelo braço, dar um giro e jogá-la contra os tijolos da parede onde ficava a porta que levava ao interior do prédio.

Mas o braço dela não estava lá.

Rápida. Ela era muito rápida. E distraiu Luke com a mão e o chicote, enquanto arrastava a perna.

O mundo balançou...

Luke desabou no chão, mas se levantou no mesmo instante...

O barulho de metal contra metal reverberou no terraço e além.

Com as garras retraídas, ela desferiu uma combinação de socos na direção dele. Luke jogou a cabeça para trás, estendendo o braço para devolver o murro antes que...

Ela aplicou a mesma manobra com a qual ele pretendia atacá-la: agarrou seu braço estendido, imobilizou-o e *jogou* Luke no chão.

A roupa dele amorteceu bastante a queda; mesmo assim, era o último desfecho que ele poderia ter previsto para aquela noite. Uma bela surra. Ele se levantou, e sua roupa mais que depressa desfiou um inventário das técnicas da gata, com base no cálculo dos movimentos que ele já havia observado.

Ela, porém, tinha ido embora.

Na verdade, não. Havia rumado para o canto do terraço. E se dependurava numa trave que parecia uma *câmera*...

Ela não ousaria. Não teria *a audácia* de gravar aquele encontro.

A estranha, no entanto, a tal Mulher-Gato, ergueu a câmera em saudação e saltou da beirada do terraço.

Quando Luke conseguiu se arrastar até lá, o ego doendo mais que o corpo, ela já havia desaparecido.

A manhã seguinte, porém, trouxe a confirmação de que a gravação era real.

Ao entrar na sala de ginástica e dar uma olhada na pilha de jornais em cima do balcão da recepção, Luke franziu a testa para a manchete, em letras garrafais, sobre a foto da primeira página:

E lá estava ele – ou melhor, Batwing. A foto era genial, ele admitia. Sem dúvida retirada de um trecho do vídeo.

A imagem mostrava Luke no meio da queda, derrubado pela Mulher-Gato, que se postava triunfante feito uma rainha sobre o adversário abatido.

Luke pegou o jornal e enfiou na lata de lixo da academia, em meio a lenços de papel e copos d'água vazios.

Nada bom. Nada bom, mesmo.

O recado que aquela imagem mandaria aos outros criminosos de Gotham City era o exato motivo pelo qual ela divulgara as fotos.

Luke sabia que seria inútil ir ao jornal perguntar sobre a fonte. Havia sido uma denúncia anônima. E uma sorte absurda. Os jornalistas jamais revelariam a fonte. Mesmo que soubessem.

Luke subiu numa esteira e começou a correr.

Precisava controlar aquilo... e rápido.

Antes que o submundo de Gotham City se movimentasse.



CAPÍTULO 11

Selina não se incomodava com o nome: Mulher-Gato.

Os jornais pareciam adorar, já que ela estava na capa.

Duas noites depois ela ainda sorria ao lembrar, em especial o trequinho sobre o sumiço da obra de arte do herdeiro da família Fox. Talvez mais tarde ela fizesse uma visita ao vizinho, para saber como ele vinha lidando com a perda.

Depois que acabasse a tarefa do momento, claro. Já estava quase terminando de invadir o cavernoso sistema de segurança da joalheria e reprogramando as câmeras de vídeo para reproduzirem as mesmas imagens sem parar.

Ah, se as antigas assistentes sociais pudessem vê-la naquele instante: uma garota-propaganda às avessas para demonstrar a eficácia do Programa de Gotham City para Crianças Carentes.

O sorriso de Selina desapareceu, ainda na saleta de segurança nos fundos da gigantesca loja de vários andares que ocupava metade de um

quartirão, os alarmes desativados pelos cortes cuidadosos de seus diminutos alicates.

Um sistema falido, era isso. Sempre fora. Maggie só conseguira escapar graças às conexões e ao dinheiro de que Talia lançara mão naquela noite. Quantas crianças jamais teriam a mesma chance?

Muitas. Demais. E, enquanto os ricos da cidade se cobriam de joias e se enclausuravam em suas coberturas, olhando a pobreza lá de cima, crianças como Maggie iam para a escola com fome, usando roupas doadas, e sabendo, lá no fundo, que jamais receberiam ajuda de ninguém.

“São essas as coisas que você pode mudar”, dissera Talia numa das sessões individuais semanais que fazia com cada uma das acólitas. “Você vai voltar e colocar tudo isso de volta nos eixos.”

E era o que Selina estava fazendo.

Selina percorreu, sem qualquer sinal de problema, o reluzente piso cinza da loja escura, passando sob os lustres de cristal que pendiam do teto abobadado, e seguiu rumo à verdadeira catacumba que havia no subsolo.

Percorrer o labirinto de corredores era fácil; ela só precisava acompanhar as pesadas portas de grade metálica.

Esboçar mentalmente a planta, por outro lado, não foi o bastante para prepará-la para o tamanho *real* do cofre que ela vislumbrou ao cruzar a última porta de metal e entrar na câmara onde ele se encontrava. O único ocupante do recinto.

Com as mãos na cintura, Selina observou o cofre, embutido numa sólida parede de concreto; o quebra-cabeça à sua frente.

Tente, ele parecia sussurrar. Como se um imenso dragão adormecido estivesse encolhido atrás do cofre. *Quero ver se você tem coragem.*

O murmúrio baixo que antes corria por suas veias transformou-se numa desenfreada corrente elétrica.

A loja, mais preparada que o museu, guardava suas plantas e contas bem longe de qualquer base de dados digital. Holly Vanderhees visitara

a loja na tarde anterior, naturalmente, mas perguntar demais sobre o cofre teria deixado um rastro muito explícito. Sendo assim, ela partira para aquele roubo sabendo menos do que gostaria... contudo, desvendar uma forma de abrir o cofre era eletrizante. Provar que era mais esperta que eles. Como ela vinha fazendo desde os primeiros anos no East End.

Com uma sacola esportiva pendurada no ombro, Selina analisou o imenso cofre e a sólida parede de concreto na qual ele fora embutido.

– Vou te fazer um favor e te poupar da piadinha sobre o gato escondido com rabo de fora – entou Hera, atrás de Selina.

Sob a Máscara da Morte, Selina arqueou a sobrancelha.

– Está me seguindo?

Hera se aproximou com um sorrisinho, usando a mesma roupa da outra noite.

– Quero meus 25 por cento.

– Você vai receber, quando a pintura for vendida – respondeu Selina, virando-se de volta para o adversário metálico. – Daqui a uma ou duas semanas.

– Bela cobertura no jornal – comentou Hera, aproximando-se de Selina para analisar o cofre. – Achei que você não gostava de publicidade.

Selina correu a mão enluvada pelo metal liso da porta. Aço escovado com diamante. Pelo menos quinze centímetros de espessura.

– A imprensa não passa de mais uma arma a manejar.

Os jornalistas, óbvio, nada perguntaram ao receber, de uma conta de e-mail anônima, uma filmagem de Batwing levando uma surra num terraço e ainda por cima perdendo a inestimável obra de arte.

– Tenho certeza de que a humilhação de Batwing foi só um prazeroso efeito colateral – murmurou Hera.

Selina lançou um breve olhar para Hera, embora o capacete impedisse a outra de ver.

– Foi mesmo.

Selina não revelou, porém, que o mais importante era a mensagem

aos *outros* criminosos. O convite. Em vez disso, perguntou, em um tom seco:

– Por que exatamente você está aqui?

Hera bateu a mão enluvada, que na verdade parecia envolta em *vinhas*, no metal escovado do cofre.

– Quero participar.

– Eu trabalho sozinha.

Selina pousou a bolsinha no chão, agachou-se para abri-la e pegou um pequeno gerador de pulso eletromagnético, que havia sido fabricado por ela mesma, num dos laboratórios da Liga, bem leve e portátil.

Ela, porém, não o havia testado fora do laboratório.

Hera inclinou o corpo na parede junto ao cofre e examinou uma espécie de florzinha cor-de-rosa, que brotava de sua luva. Interessante.

– Pense nisto: a gente trabalha juntas, divide os lucros e desmonta os ricos de Gotham City.

– Você fugiu correndo ao se deparar com um rico de Gotham City – retrucou Selina, apoiando seu dispositivo eletrônico, uma caixinha preta retangular, na porta do cofre.

– Como é que eu ia saber que você ia derrubar o cara?

– Então a roupa dele filtra as substâncias químicas das suas plantas.

– Digamos apenas que eu faço questão de ficar longe dele. – Hera acenou com a mão. – Você, por outro lado... pense no que a gente pode conseguir juntas.

– E que vantagem eu levo nisso?

– Você ganha a proteção de uma parceira. Podemos atingir alvos maiores. Lucrar mais.

– Para patrocinar os seus planos ecoterroristas de proteção das árvores.

– Para ajudar a pôr um *fim* à destruição antes que seja tarde demais, antes que o planeta seja totalmente devastado. Você sabia que a maioria

dos funcionários do governo estadual *e* do federal acreditam que a mudança climática não passa de uma mentira?

– E você acha que seus ataques vão mudar isso?

– Se esses políticos forem eliminados, não vão poder votar a favor da abertura de oleodutos nem do fim do financiamento às agências climáticas.

Selina fechou a cara para Hera.

– Ou vão acabar transformados em mártires.

Hera apertou os lábios, fazendo cintilar as flores.

– A Terra já sofreu tantos prejuízos que talvez não exista a menor chance de reversão. Ecossistemas inteiros foram *destruídos*. Quem é que luta por eles? Quem é que garante que a justiça seja feita?

O mesmo podia ser dito das pessoas, sobretudo das crianças, do East End.

Selina fez um teatrinho, fingindo refletir.

– Me parece que *você* ganha mais estando perto de mim do que o contrário.

Um lampejo de irritação.

– Estou te fazendo uma proposta honesta. Esses roubos são muito menos arriscados quando se consegue simplesmente invadir o lugar expelindo gás, em vez de sair derrubando os guardas.

– Então por que é que eu não arrumo umas latinhas desse gás? – Selina se afastou do gerador de pulso eletromagnético.

– Porque a minha mistura especial não está à venda nas lojas, querida.

– Ah, é?

Hera abriu um sorriso para as vinhas que lhe envolviam as mãos; com um movimento quase imperceptível, elas deslizaram por seus punhos. Selina piscou. Uma vez. Duas.

– Minhas toxinas são compostos orgânicos – explicou Hera. – Todas feitas a partir de plantas, hibridizadas e transformadas em armas. Feitas por esta que vos fala, em meu próprio laboratório.

Ela puxou de um bolso o que parecia uma orquídea cor-de-rosa e continuou:

– Basta um comando meu, e esta belezinha aqui te põe para dormir na mesma hora.

Mas que droga. Selina levou um instante para abafar qualquer traço de espanto na voz, então soltou:

– Ouvi uma história de que você não precisava usar essas flores especiais. Que o seu próprio corpo exala essas toxinas.

Hera paralisou, por uma fração de segundo, e guardou a flor de volta no bolso.

Então uma pálida fumaça verde-esmeralda começou a emanar dela... como se vazasse por todos os poros. Deslizou e flutuou pelo ar, envolvendo Selina.

– Uma amiga me sugeriu atirar flores, achou que era um toque legal – disse Hera, enquanto a bruma verde as rodeava. – Mas vez ou outra eu gosto de fazer as coisas à moda antiga.

Selina conteve um palavrão. Como Hera fizera aquilo, por que fizera... não era a hora de ficar perguntando. Nem o lugar.

– Parece então que eu nunca vou poder tirar meu capacete perto de você. Não é exatamente a parceria de trabalho ideal.

Silêncio. A fumaça de Hera se esvaiu na mesma rapidez com que havia surgido.

Por sob a Máscara da Morte, Selina sorriu. E deixou Hera se esforçar um pouco mais.

– Nunca houve uma dupla de garotas para tomar Gotham City – argumentou Hera. – Todos os chefões são homens.

– Tenho a impressão de que eles iam querer derrubar a gente no instante em que pisássemos no território deles.

– Você encheu Batwing de porrada. – As vinhas rastejaram pelos punhos de Hera e tornaram a envolver suas mãos, justas feito luvas. – Pode ser que eles pensem duas vezes.

Selina outra vez fingiu considerar, apoiando os dedos sobre o visor

de seu dispositivo.

– Beleza – respondeu ela, devagar, e Hera abriu um sorriso. – Mas quero que seja um trio.

Hera ergueu as sobrancelhas ruivas.

– Quero Arlequina – disse Selina.

Ela apertou o botão do gerador; um zunido elétrico baixinho ressoou pelo recinto, penetrando a roupa até seus ouvidos. Um ruído metálico.

O rosto pálido de Hera ficou ainda mais branco.

– Por quê?

Selina baixou a caixinha e avançou até a porta do cofre, agora entreaberta.

– Porque não vamos durar muito sem ela.

As flores vivas que enluvavam as mãos de Hera tornaram a se fechar.

– Arlequina às vezes é... meio instável.

Selina empurrou a porta do cofre, revelando pilhas e pilhas de dinheiro. Lindo.

– Arlequina não só tem táticas bastante ousadas, como também é muito habilidosa com armas de fogo e explosivos.

– Eu sei – respondeu Hera, baixinho.

Selina fingiu não ter antecipado a brandura em sua voz.

– Mas o que Arlequina *também* nos oferece é um histórico de relacionamentos.

Os olhos de Hera congelaram.

– Está falando do Coringa.

– Tem mais alguém? – indagou Selina, num tom inocente, começando a jogar maços de notas dentro da bolsa.

– Não – acrescentou Hera, com rigidez –, mas ele está cumprindo prisão perpétua no Asilo Arkham.

– Com alguns de seus capangas mais conhecidos.

Selina seguiu enfiando o dinheiro na bolsa, e Hera postou-se a seu

lado.

– Se você está cogitando se meter com o Coringa, está completamente maluca...

– Eu vou me meter com Arlequina. E a posição dela de principal companheira do Coringa... – Mais uma vez o rosto de Hera foi tomado por uma ira gélida, e suas vinhas lhe apertaram a mão, talvez até causando dor. – Isso vai fazer todos os criminosos da cidade pensarem duas vezes antes de mexer com a gente. Não tenho tempo nem interesse em lidar com as babaquices insignificantes deles.

Hera piscou, indecisa. Mas começou a ajudar Selina a colocar o dinheiro na bolsa. Depois de um instante, soltou:

– Arlequina está sempre a fim de um pouco de anarquia.

– Então vocês duas se conhecem?

Uma pergunta displicente, calculada. E uma mentira deslavada. Ela havia pesquisado a respeito de ambas, sua história, sua relação intensa. Mais que amigas, mas também quase inimigas. Os detalhes da situação – quem queria algo mais que amizade, quem não queria, se a relação anterior de Arlequina com o Coringa tivera influência nisso – permaneciam nebulosos.

Ela duvidava que as duas compartilhassem publicamente aquelas informações. Saber quais emoções atacar, o que manipular, era outra arma de seu arsenal. Ainda mais quando o assunto era reunir a equipe necessária. Apesar da história de Arlequina com o Coringa, ela agora agia sozinha. Hera, também. Exatamente o tipo de criminosas de que Selina precisava.

Independentes, destemidas. Por que a Liga ainda não havia contratado aquelas duas estava além de sua compreensão.

– Não é da sua conta – resmungou Hera, fechando a cara. Exatamente como Selina previra. – Arlequina anda impaciente desde que Batman, Batwing e todos os outros heróis mandaram metade dos criminosos de Gotham para o xadrez.

Inclusive o Coringa, pensou Selina. Hera continuou:

– Mas ela não vai se unir ao nosso grupinho criminoso sem nenhuma tentativa de... sedução.

Selina sabia disso. Já previra. Ela espremeu um último maço de notas na bolsa antes de fechá-la. Numa oferta silenciosa, passou outra bolsa a Hera... para que ela enchesse.

– Vou fazer a ela uma proposta irrecusável.

– E que proposta é essa? – perguntou Hera, num tom áspero, começando a encher a própria sacola.

Selina pendurou a primeira bolsa no ombro, equilibrando o peso do corpo para se ajustar.

– Vou tirar o Coringa do Asilo Arkham.

Uma palidez esverdeada dominou o rosto de Hera; Selina não achou que tivesse relação com o fato de que a mulher era meio vegetal.

– Isso é impossível.

– O mesmo poderia ser dito sobre Batwing ser feito de idiota.

Hera socou mais dinheiro na bolsa.

– O Coringa *precisa* ficar atrás das grades. O tipo de anarquia que ele pratica não é o tipo que...

Selina pôde jurar que as mãos de Hera tremiam de leve. Ela balançou a cabeça, sacudindo a cabeleira ruiva antes de falar:

– Não é o tipo que eu gosto. Ou quero.

– Ele não liga para as árvores?

Hera cravou os olhos nela.

– Ele é um cara ruim.

– As pessoas pensam o mesmo da gente.

Hera balançou outra vez a cabeça com força.

– Eu quero *ajudar* o planeta. Ele... – Ela voltou a enfiar dinheiro na bolsa. – Ele não tem limite. Não tem alma.

– Bom, é melhor você ir baixando essa bola, porque se quiser uma parte dos milhões que estamos prestes a ganhar... – Selina deu um tranco na bolsa cheia de dinheiro, para enfatizar. – Só se tivermos Arlequina como terceiro vértice.

Hera a encarou por um instante.

– De onde é que *você* veio, para começo de conversa?

De uma vizinhança a três quilômetros dali. Selina, contudo, apenas deu de ombros.

– Pode ser que perguntem o mesmo de você – retorquiu ela. – Você se formou na faculdade aos 19 anos... no ano passado. Um prodígio em botânica, toxinas e engenharia bioquímica.

Hera não demonstrou qualquer orgulho ao ouvir aquelas palavras. Tampouco vergonha. Apenas cautela.

– Por que você decidiu não fazer pós-graduação? – perguntou Selina.

Hera terminou de encher a bolsa, fechou o zíper e foi saindo do cofre a passos firmes.

– Aconteceram umas coisas que impossibilitaram isso.

O tom frio e distante não oferecia espaço para outras perguntas.

Selina saiu atrás dela, de ouvidos atentos para quaisquer sinais de sirenes ou da polícia. Nada.

– Como foi que você se enveredou pela ciência, afinal?

Outra pausa hesitante.

– Minha mãe era cientista – respondeu Hera, enfim, saindo do cofre.

– Meu pai também. Antes de eles receberem a oferta de um ótimo emprego numa indústria farmacêutica, com um salário bem gordo. No fim das contas, parece que o amor deles pela ciência era tão superficial quanto o amor que sentiam por outras coisas.

Família abastada, pais emocionalmente distantes... como podiam ter gerado alguém tão passional quanto Hera?

Juntas, as duas subiram a escadaria, a bolsa de dinheiro pesando no ombro de Selina.

– A que área da ciência eles se dedicavam antes de mudar de carreira?

– Regeneração vegetal. Os dois se conheceram no laboratório. Por isso me chamavam de bebê de proveta. – Um sorrisinho. – Foi só

questão de tempo até as empresas farmacêuticas começarem a farejar. Eles se venderam pelo lance mais alto, sem olhar para trás. Nem para a ciência, nem para mim.

Selina podia pensar em alguns países que talvez também se interessassem por esse tipo de ciência.

– Eu lamento.

Que brutal. A despeito do treinamento que fora incutido em Selina, ela compreendia o tamanho da dor que Hera devia ter sentido e ainda sentia.

Hera deu de ombros, como se de alguma forma pudesse apagar o peso do próprio passado.

– Eu basicamente fui criada pela minha tia, depois que eles caíram fora. Ela me encorajou a fazer todas as aulas de ciência que eu quisesse. Mas ficou chato, mesmo na faculdade. – Uma pequena pausa, como se ela refletisse sobre o que dizer. Quanto dizer. Selina ficou quieta, em silêncio, dando espaço para a decisão. Hera puxou uma flor, desta vez um botão amarelo, e o observou. – Então, no último semestre da faculdade, eu me inscrevi para trabalhar com um cientista num experimento mais... radical... a respeito da conexão humana com as plantas.

Selina teve a terrível sensação de saber que fim havia levado a história.

Hera guardou a flor.

– Acontece que o objeto dos testes era *eu*. – Seus olhos verdes se enrijeceram feito duas pedras. – Para explorar as possibilidades de seres híbridos de humanos e plantas.

– O que foi que aconteceu? – A pergunta de Selina saiu como um sopro de ar.

Hera abriu um sorriso repleto de crueldade.

– *Eu* aconteci. E os cientistas que lideravam o projeto descobriram *exatamente* do que era capaz uma pessoa como eu com a *ciência* deles aplicada no corpo. Seu primeiro e último experimento bem-sucedido. –

Hera observou as vinhas em suas mãos. – Logo depois eu percebi que, por pior que seja, talvez isso tenha acontecido por uma razão. Talvez para que eu use esses... poderes... para ajudar o nosso planeta. Para tentar ajustar a rota de colisão na qual ele se encontra.

Selina não se assustou com o espelho que via diante de si. Duas jovens inteligentes, moldadas para ser outra coisa. Algo pior.

Ela, porém, não diria isso a Hera. Não agora.

– Daí a vida do crime acenou para você – disse Selina.

– *A vida* acenou para mim – retrucou Hera, seguindo Selina até a porta dos fundos por onde ela entrara. – Eu tinha 19 anos... nunca tinha ido a uma festa, nunca tinha beijado uma garota de quem gostasse, nunca tinha feito *nada*. E eles tiraram tudo isso de mim.

Compreensível. Totalmente compreensível.

– E agora, você faz essas coisas todas? – indagou Selina.

Ela ouviu, mais do que viu, Hera sorrir.

– A parte dos beijos nas garotas, sem dúvida que sim.

Selina riu entre os dentes.

– Prioridades.

Ela fechou silenciosamente a porta de metal, e as duas adentraram o beco atrás da gigantesca loja. Os dois lados da rua, no coração da área de compras, eram só silêncio.

Hera ergueu uma sobrancelha para a porta fechada.

– Você deixa o cartãozinho de visitas, ou eu deixo?

Selina projetou as garras na luva.

A resposta veio em dois arranhões na porta dos fundos, com um rangido de metal. Marcas de garras.

– Simples, mas eficaz – comentou Hera, observando a arte de Selina.

Selina recolheu as garras. Um movimento no fim do beco acionou o sistema de advertência do capacete, e ela deu um giro...

Olhos escuros e brilhantes, pés silenciosos e um rabo erguido surgiram à vista, junto a uma caixa de papelão amassada. Hera acompanhou os olhos de Selina e bufou.

– Seu parente?

Selina sorriu sob o capacete e se agachou; uma gatinha de pelagem cinza se aproximou, quase invisível em meio às sombras. Selina estendeu a mão enluvada, que a gata farejou, remexendo o bigode.

– Você está tão magrinha, minha amiga... – disse ela, ignorando a pergunta de Hera e coçando o queixinho da gata.

– Que vontade de registrar este momento – disse Hera.

A gatinha desviou o rosto; Selina correu a mão por seu dorso delgado, e a bichana se arqueou ao toque.

– Achei que você amasse os animais.

– Eu amo – respondeu Hera. – Só não imaginei que *you* amasse.

A gata, já satisfeita com a atenção, escapou pelo beco. Selina se levantou, observando-a desaparecer na escuridão.

– Eu sempre quis um bichinho de estimação. Nunca tive.

– Por quê?

Ela não podia responder. Seriam necessárias muitas explicações. Informação demais. A descrição era outra arma fundamental. Mesmo entre aliados.

– Eu me mudava toda hora. Nunca parei numa casa por tempo suficiente para ter um bichinho.

Não era uma mentira. Ela, porém, passara aqueles anos muito atarefada, e um animal de estimação, por mais que Maggie implorasse para ter um gato, era uma boca a mais para alimentar. Sem falar nas contas do veterinário. Não teria sido responsável arrumar um bichinho. Ainda não era.

– É melhor a gente ir – disse Selina, observando o céu escuro. – Eu desativei os alarmes, mas alguém pode acabar nos vendo.

Hera apontou o polegar por sobre o ombro, na direção do beco.

– Eu vou para lá.

– E eu vou para lá – mentiu Selina, inclinando o queixo na direção oposta.

Hera assentiu.

– Como é que eu entro em contato com você?
– Você passou duas noites me seguindo. Já percebi que não tem dificuldade em me encontrar.

Hera riu outra vez.

– Me ligue neste número quando quiser me informar sobre o próximo alvo. – Ela puxou um pedaço de papel de um dos bolsos do collant. – É um telefone descartável, mas vou ficar mais uns dias com ele.

Selina pegou o papel, arranhando-os com as luvas.

– Ponha Arlequina na jogada. Ou nem se dê ao trabalho de aparecer.

Hera respondeu com uma mesura debochada, então ergueu a bolsa pesada.

– Valeu pelo pagamento.

Selina só partiu depois que Hera desapareceu em meio às sombras, quando já não se ouvia o som de seus passos.

Tinha uma longa noite pela frente. E estava apenas começando.



CAPÍTULO 12

Sentado na cama, preparando-se para mais uma noite insone, Luke encarava o celular como se fosse uma cobra prestes a dar o bote.

Tudo bem por aí?, dizia a mensagem de Bruce.

Ele tinha visto a manchete. Bruce podia até estar em uma missão importantíssima, mas jamais deixaria de monitorar as atividades de sua cidade. Da cidade deles.

Luke puxou o celular para perto, desconectou o cabo do carregador e digitou de volta: **nada preocupante.**

Por conveniência, ele se esquecera de mencionar que acabara de topiar, naquela mesma noite, com duas marcas de garras na porta de uma joalheria, após um roubo de dinheiro e joias. Tudo havia sido roubado, exceto alguns itens de valor menor. A ladra era atenta, bons olhos.

Ou um par de lentes de aumento.

Pelo menos ninguém ficara ferido. Ao ver as marcas das garras, porém, o frenético dono da loja começou a perguntar, aos berros, por

que ninguém havia acorrentado a tal Mulher-Gato.

Me avise se precisar de algo, respondeu Bruce.

Não seria preciso. Não só porque Bruce estava em missão, mas porque Luke queria resolver o assunto sozinho.

Pode deixar, digitou Luke.

Luke cogitou perguntar como estava indo a missão, mas... ele e Bruce nunca ficavam de conversa fiada. Nunca foram o tipo de amigos que assistiam a um jogo juntos, embora sem dúvida tivessem bebido juntos, nos bailes aos quais eram obrigados a comparecer como filhos de Gotham City.

Às vezes Luke sentia que os dois já eram velhos. Cansados, esgotados, com o couro desgastado.

Luke deixou o telefone de lado, reconectou o cabo e apagou a luz.

A peça de arte roubada pela Mulher-Gato tinha seguro, mas o fato de que ela não apenas conseguira escapar da armadilha preparada por ele, como escapara com tamanho descaramento... ele rangeu os dentes.

Ele armaria uma nova armadilha. E descobriria quem estava se escondendo sob aquele capacete.

Selina saiu agitada do apartamento por volta das onze da manhã, segurando as sacolas de compras feito um peso morto, como era adequado a alguém com muito tempo para gastar. Considerando que as caixas dentro das sacolas estavam repletas de joias e dinheiro vivo, ela rezou para que não arrebentassem no trajeto até o cofre no banco.

A porta à sua frente se abriu. Ao ver Luke Fox, Selina cogitou dar meia-volta e fingir estar *entrando* em casa.

Mais que depressa, ela incorporou a personagem Holly, jogando o cabelo por sobre o ombro. Ele era o retrato do riquinho charmoso e descompromissado, em sua camisa polo bem cortada, imaculada, e sua calça cinza. Tinha os olhos encobertos por um par de óculos escuros, que ele, muito educadamente, ergueu para olhar as sacolas.

– Chegando?

Haveria um tom de esperança em sua voz? Para evitar entrar no elevador com ela?

Selina abriu um sorriso afetado.

– Saindo – esclareceu ela, erguendo as bolsas cheias de caixas cobertas por um farfalhante papel de seda. – Preciso devolver e trocar umas coisinhas.

Ele lançou um olhar que parecia dizer “é *muita* coisa, não umas coisinhas”. Porém, sempre cavalheiro, limitou-se a perguntar:

– Posso levar as sacolas até o seu carro?

Selina ficou tentada a aceitar, já que Holly certamente aceitaria, mas, se ele fosse mesmo inteligente como diziam, decerto perceberia que o peso das sacolas não correspondia ao de uns simples pares de sapatos.

– Eu dou conta, obrigada. – Ela ergueu as sacolas com um teatrinho.

– Assim vou malhando os braços.

Ele abriu um sorriso manso; em silêncio, rumou para o elevador e apertou o botão.

Ela foi atrás, num caminhar displicente.

– Vai ao baile em prol das abelhas amanhã?

Os lugares à mesa começavam em dez mil dólares.

Luke deu a ela uma olhadela de esguelha, enquanto o elevador subia.

– Talvez.

Nossa, ele não gostava *mesmo* dela. Selina abriu o que chamava de “sorriso Holly”: recatado, cômico, autocentrado.

– E se eu te chamar para dançar, você vai me dispensar outra vez?

– Talvez.

– Você agora só fala essa palavra? *Talvez*?

Luke a encarou, exibindo algo que parecia bom humor.

– Talvez – respondeu, devagar.

Era possível que ele não fosse um total e completo arrogante, como

ela pensara. Mesmo sem querer, Selina riu baixinho. Começava a ficar com os dedos dormentes por causa do peso das sacolas, e deu graças à campainha do elevador. As portas se abriram, e os dois entraram. Ela se apoiou no corrimão e baixou as sacolas, bem devagar, para evitar o barulhão que com certeza irromperia se ela largasse o peso no chão.

– Ouvi falar que você teve um quadro roubado – disse ela, incapaz de resistir. – Lamento.

Luke deslizou as mãos para dentro dos bolsos.

– Tudo bem. Coisas piores acontecem todo dia com o povo dessa cidade.

Ela evitou o ímpeto de pestanejar. Definitivamente, não era a resposta esperada.

– Você serviu ao Exército, não foi?

Uma pergunta inocente, leve, mesmo que apenas para botar os dois outra vez em pé de igualdade.

E totalmente inadequada, pela forma como ele se empertigou. Pois bem... assunto espinhoso.

– Corpo de Fuzileiros – respondeu Luke, mesmo assim.

Ela bateu os cílios.

– E tem diferença?

– Tem, sim – disse ele, entre os dentes.

Ela sabia que tinha, e se contorceu internamente sob o peso frívolo de ser Holly.

Os dois chegaram ao subsolo, e Luke, de fato um legítimo cavalheiro, segurou a porta do elevador para que ela saísse. Ela rumou para o Mercedes preto que o motorista havia deixado para o fim de semana. Com um clique no chaveiro, abriu o porta-malas, revelando o interior impecável.

Luke dirigiu-se ao Porsche cinza, ao lado do carro dela. Fez uma pausa ao abrir a porta, como se os bons modos incutidos nele brigassem para se libertar.

– Divirta-se nas compras – disse, sucinto.

Selina ergueu a mão muito bem cuidada.

– Divirta-se no... seja lá o que você vá fazer.

Ele entrou no carro.

– Brunch com os pais. Tradição de domingo.

Mais uma surpresa: pelo tom, não parecia obrigação.

Por um instante, ela cogitou comentar que ele era um homem de sorte – mais do que imaginava – por ter pais que o amavam, que queriam estar com ele.

Cogitou correr a chave bem fundo na lateral daquele carro, que ele devia adorar, só pelo fato de Luke *ter* pais que se importavam com ele.

Ela nunca se dera ao trabalho de procurar a mãe. Não queria saber. Mesmo com os recursos da Liga, não queria saber o que sua mãe estava fazendo. Onde estava. Se ao menos estava viva.

O pai já era caso perdido. Ela às vezes se perguntava se ele sabia que tinha uma filha. Se sabia, daria alguma importância?

Pelo menos Maggie estava segura, cuidada, em sua bela casa. Ela sabia que tinha conseguido isso para Maggie, mesmo que tudo aquilo, o que Selina estava fazendo em Gotham City, significasse continuar muito, muito longe da irmã.

No entanto, não facilitava em nada.

Patética. Ela era totalmente patética por pensar esse tipo de coisa. Por sentir aquela dor, distante e silenciosa, ainda escondida no fundo do peito. Pela fúria que a fazia querer pôr as luvas da Liga, soltar as garras e começar a retalhar.

Luke ligou o carro; um estrondo preencheu a garagem. Parecia uma barulheira na cabeça de Selina.

Ela deslizou para o banco do motorista de seu próprio carro, com a expressão impassível, enquanto ele aguardava. Parado.

Selina levou um instante para perceber que Luke estava esperando que ela saísse. Zelando pela segurança dela.

Um riquinho arrogante, mas de fato um cavalheiro. Ela deu outro aceno vazio com as mãos bem-feitas antes de sair da vaga. Manejava o

carro com cuidado, como faria uma mulher rica, desacostumada a dirigir.

Não eram as manobras elegantes pelas quais seus músculos imploravam. As aulas de direção nas curvas fatais e sinuosas das estradas italianas eram um dos momentos preferidos de Selina no treinamento da Liga.

Ela saiu da garagem, devagar, e Luke enfim tirou seu Porsche da vaga. Ele seguiu bem atrás dela, como se o próprio carro fosse incapaz de conter a impaciência.

Subindo a rampa até a rua cheia e ensolarada, ela pensou em deixá-lo ultrapassar só para bater na traseira dele, mas isso a faria se atrasar para levar o dinheiro ao banco, *além* da possibilidade de ter o portamalas aberto.

Assim, quando ele foi para a esquerda, ela virou à direita, e pelo espelho lateral observou-o desaparecer numa esquina.

Talvez ela tivesse que tomar uma atitude. Dar um jeito de deixar o apartamento dele *inacessível*. Pois não era nada bom ter alguém por perto fazendo perguntas, ainda mais um sujeito treinado pelo Corpo de Fuzileiros.

Ela pensaria nisso mais tarde.

O beco no distrito de Coventry estava silencioso aquela noite. Seguro. Selina havia chegado cedo para garantir isso. Comprara um telefone descartável para contatar Hera, informá-la sobre a hora e o local. Nada mais.

Gotham City estava inquieta outra vez. Os ricos estavam incomodados, e o submundo estava à espera, atento.

Vejam. Vejam só como é fácil, ela passara aquelas duas semanas sussurrando aos ricos, a cada roubo. *Enquanto vocês se acovardam e fogem, vejam como eu avanço.*

Seu plano finalmente tomava forma. Não tão depressa quanto ela gostaria, quanto precisava, mas... estava ganhando contornos. Talia ficaria orgulhosa. Talvez até Nyssa. Da maneira fria e silenciosa pela qual ambas expressavam apreço.

Ela vivia se perguntando se as irmãs já tinham nascido daquele jeito, ou se o treinamento extirpara delas qualquer traço de afeto e humanidade.

O som de passos ecoou pelo beco.

O capacete de Selina tentou identificar a pessoa que se aproximava, mas nada encontrou.

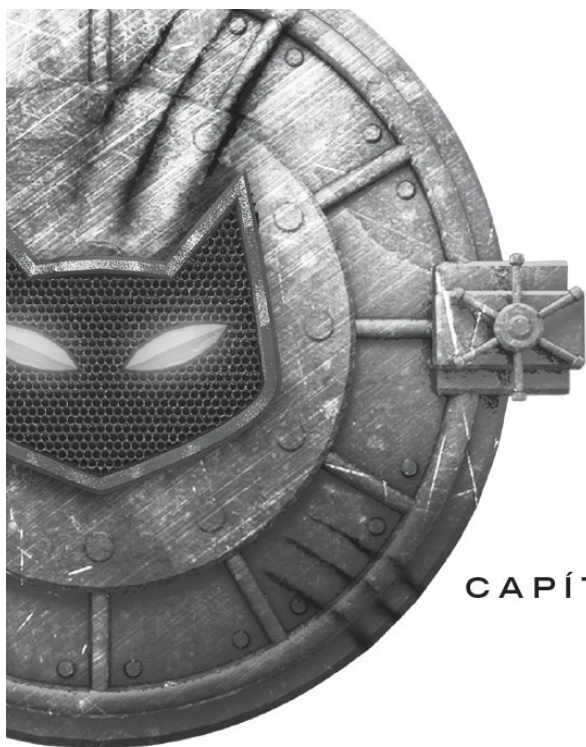
Ela conseguia ver uma figura feminina deslizando na escuridão, mas sua roupa não fornecia informações: batimentos cardíacos, altura, armas... nada.

Então, Selina soube. Antes que a mulher emergisse por completo sob a luz fraca do beco, Selina soube que não era Arlequina, nem Hera.

Mas um espectro.

Um ghūl.

Enviado das profundezas da Liga dos Assassinos para matá-la.



CAPÍTULO 13

Shrike.

Fazia meses que Selina não via aquela assassina. Nyssa e Talia haviam mandado Shrike a Tóquio para um trabalho, o que Selina considerara uma pequena bênção.

Enquanto a bela mulher de ossos miúdos saía das sombras, toda vestida de preto, usando sua própria Máscara da Morte, Selina lembrou o motivo.

Ela não estava armada – não, não era assim que Shrike gostava de matar. Ela preferia infligir dor. Apreciava. Uma sádica, com uma adaga em cada mão.

Era assim que uma das mais notórias assassinas de Nyssa gostava de finalizar seus alvos. Com incisões lentas e profundas. Retalhando.

Selina mais de uma vez tivera o prazer de servir de alvo para a prática de Shrike. Ser imprensada num corredor escuro do complexo, sentindo na garganta a pressão da faca da assassina, os sussurros de Shrike em seu ouvido. “Cadê suas garras agora, gatinha?”

A uns seis metros, Shrike parou. Selina remexeu os punhos e projetou as garras, tentando sem sucesso dominar seu coração, que batia disparado. Ciente de que Shrike detectava cada batida.

A roupa de batalha de Shrike fora modificada para comportar diversas adagas. Seu capacete da Máscara da Morte exibia pinceladas de branco; de perto, não se assemelhavam a nada, mas de onde Selina estava... formavam o desenho de um crânio.

Selina acalmou a respiração. Absorveu cada detalhe do beco: as paredes de tijolos, a caçamba à direita, o lixo empilhado, as portas, os postes.

Aguardou uma explicação para a presença de Shrike.

O porquê das facas em riste.

Shrike não ofereceu.

Sem qualquer esclarecimento, arremessou uma das facas na direção de Selina.

Selina se abaixou e rolou para o lado, já prevendo o contra-ataque de Shrike: em antecipação ao mergulho de Selina para a direita, a assassina atirou a segunda faca. O que Shrike não antecipou, porém, foi a corrida de Selina para atrás de uma caçamba. A adaga cravou fundo na lateral.

Selina teve três segundos para desembainhar as espadas curtas engenhosamente camufladas em suas costas. Padrão em todas as vestimentas da Liga. O chicote de nada serviria contra alguém com o treinamento de Shrike – a menos que Selina quisesse vê-lo em pedacinhos.

Prendendo a respiração, Selina deu um giro por detrás da caçamba, bem a tempo de perceber o brilho de uma terceira adaga. Com o rodopio de uma das espadas, mandou a adaga para o lado; mesmo por sob a luva, o movimento lhe cortou a pele.

Então Shrike apareceu, empunhando duas adagas maiores. Golpes altos e baixos.

Selina desviou de um, mas não do outro.

Shrike girou o pé e o enganchou atrás do joelho de Selina. Selina se desvencilhou com um rodopio, aproveitando o deslocamento da queda para não ser retalhada pela adaga na mão esquerda de Shrike.

Não deu tempo.

O metal rangeu. Selina jogou a cabeça para trás e quase desviou da lâmina de Shrike, que na mesma hora cravou um talho em seu capacete. O vidro da lente esquerda se rachou. Mais um golpe, e o vidro entraria em seu rosto.

Selina avançou com a pequena espada para as costas de Shrike, mas a assassina deu um giro, mais rápida que uma víbora.

Calma. O medo vai te matar. Acalme a respiração, o coração.

As aulas de Nyssa lhe perpassavam a mente, em sussurros. Mas não havia como recuperar o fôlego com Shrike partindo para cima, desferindo golpe atrás de golpe.

Forçada a recuar, Selina soube que estava sendo levada aonde Shrike queria, aonde ela avaliara que seria o melhor local para o extermínio.

A lente quebrada do capacete inutilizava a visão do olho esquerdo. Era o mesmo que lutar com um olho fechado.

Shrike tirou vantagem daquela fraqueza. Seguiu atacando pela esquerda, no ponto cego de Selina, e vez ou outra golpeava pela direita, sabendo que ela estava concentrada no outro lado.

As duas foram percorrendo o beco, numa dança embalada pelo barulho de aço. Quanto mais tempo se passava, menor era a chance de Selina escapar. Ela tinha voltado para casa, tinha retornado àquela cidade com *um* objetivo, e se fracassasse...

Shrike ultrapassou a guarda de Selina.

Com um golpe firme na coxa, Selina caiu.

Selina sufocou um grito, sabendo que atrairia o tipo errado de atenção. Ao desabar no asfalto nojento, porém, o sangue quente pingando sobre a roupa, que mesmo robusta não fora capaz de deter as adagas, ela viu Shrike dar início ao xequemate.

Uma adaga erguida, prestes a lancetar a lente quebrada e perfurar o

crânio de Selina.

Um estalido ecoou pelo beco.

Com os receptores de áudio no volume máximo, era quase ensurdecedor. Mais alto que um trovão.

Num segundo, Shrike avançava para cima dela.

No instante seguinte, Shrike estava no chão.

O capacete de crânio se despedaçou. Todo ensanguentado.

Logo ao lado, no chão, jazia um enorme machado. Um arremesso perfeito.

Fragmentos do capacete se desprenderam, revelando a mulher russa de pele branca e cabelos escuros... o rosto de Shrike era o retrato da surpresa.

Selina limpou o sangue das lentes e ergueu o olhar para o prédio que ladeava o beco.

Uma loira platinada a encarava lá de cima, branca feito um fantasma, apoiada em outro gigantesco machado, os cabelos presos em duas tranças e uma jaqueta de motociclista bicolor.

Hera despontou ao lado dela, estremecendo ao olhar o massacre.

– Briga de garotas? – soltou Arlequina, sorrindo para Selina.

Naquele fim de mundo, o estardalhaço do machado de Arlequina não suscitaria qualquer ligação para a polícia, nem a presença de bisbilhoteiros. Essa, em parte, fora a razão pela qual Selina escolhera aquela área da cidade para a reunião. Mas agora, com o corpo ensanguentado de Shrike esfriando na calçada, era necessária uma mudança de planos.

Com a lente boa do capacete, Selina monitorou a aproximação de Hera e Arlequina. A primeira vestia o collant verde habitual; os botões da gola, abertos, revelavam os floreios e redemoinhos de uma tatuagem.

Arlequina se aproximou, com suas duas trancinhas caídas por cima dos ombros, uma das pontas pintada de preto-azulado, e a outra, de

vermelho-cereja. Combinando com a jaqueta. O machado, preso às costas, sacolejava a cada passo, e o baque surdo dos coturnos pretos tornava quase inaudível o barulho da peiteira de facas. Havia também outra faca presa à coxa musculosa, por cima do jeans preto muito surrado, além de uma terceira, claramente escondida sob a jaqueta, a julgar pelo calombo no tecido.

– Amiga sua? – indagou Arlequina, de sobancelha erguida, parando com Hera a menos de um metro de Selina. Analisou Shrike, o rosto para sempre estirado numa expressão de choque.

Nunca. Jamais.

– Belo arremesso – Selina conseguiu responder, grata pelo modificador de voz da máscara. Que disfarçava o leve tremor enquanto ela repassava a cena da cabeça de Shrike se rachando feito um melão.

Selina afastou a imagem, guardou-a numa caixinha.

Arlequina não pegou o machado, caído ali perto. Em vez disso, esquadrinhou Selina, que fingiu fazer o mesmo com ela. Já tinha informações suficientes a respeito de Arlequina para saber com quem estava lidando. Sabia que o golpe em Shrike não tinha sido accidental, e que ela certamente sairia dali inabalada por aquela morte.

– Hera disse que você requisitou meus serviços? – Embora a voz de Arlequina fosse mansa, quase infantil, o brilho em seus olhos de safira era... tudo, menos isso.

Mais uma garota que aquela cidade forçara a crescer muito depressa, com muita dureza. Só que Arlequina não encontrara as Leopardas. Não. Encontrara o Coringa e seu bando de psicopatas risonhos.

Selina se apoiou na parede, ignorando o sangue, e cruzou os braços.

– Ouvi dizer que você agora trabalha por conta própria. Precisamos de um terceiro vértice para completar o grupo.

Arlequina encarou Hera, então Selina; a primeira ainda olhava, de cara feia, o corpo de Shrike.

– Para fazer o quê?

– Roubo, caos, publicidade... – respondeu Selina, enumerando os

itens com a mão enluvada. – O que mais uma garota poderia querer?

Arlequina jogou a trança de ponta escura por sobre o ombro.

– Hera falou que você consegue tirar o Coringa de Arkham.

A ideia daquele homem solto causava ânsia de vômito em Selina, mas ela deu de ombros.

– E daí?

Arlequina deu dois passos à frente; Hera, ao seu lado, corria os olhos arregalados de uma a outra. Medo pela segurança de Arlequina ou medo de que o grupinho se desfizesse?

– Como é que você vai fazer isso?

A maquiagem de Arlequina era clara demais para seu tom de pele, o delineador, muito pesado. Dava um aspecto doente... macabro.

Selina se afastou da parede. Havia enfrentado muitos questionamentos nos últimos anos. A vida inteira. Sem dúvida não deixaria que Arlequina começasse a perguntar.

– Topa ou não topa?

– Como é que você vai tirar *ele* de lá?

Selina parou junto ao corpo de Shrike, grata pelo capacete que lhe encobria o rosto.

– Quando for a hora certa, Arlequina, eu te falo.

Um sibilo.

– E você acha que eu vou topa só com base nisso?

– Eu já a vi em ação, Arlequina – interrompeu Hera, tornando a encarar Shrike. – Se ela diz que vai, é porque vai.

Um leve tremor percorreu as mãos de Hera, que alisou o cabelo ruivo.

Ela estivera ao lado de Arlequina. Vira Arlequina arremessar o machado com precisão mortal.

– Quem era essa daí? – indagou Hera, com a voz rascante.

Selina olhou por sobre o ombro para Shrike e estremeceu diante da poça de sangue que se espalhava devagar.

– Não sei – disse ela, numa meia mentira. Ela sabia quem era Shrike,

mas as coisas importantes, as coisas *vitais*... Selina não sabia. Apenas Talia e Nyssa sabiam.

As irmãs protegiam como joias os segredos e as verdades sobre seu grupo de assassinas. Como algo mais valioso que joias.

Selina encarou as duas outra vez, pôs as mãos na cintura e perguntou a Arlequina, com todo o atrevimento que foi capaz de reunir:

– Você não quer estar montada no dinheiro quando o seu ex-namorado sair da prisão? Para não precisar se submeter a ele... nem a ninguém?

Os olhos de Arlequina cintilaram.

– Você tem algo a dizer a respeito do meu ex?

Selina revirou os olhos por sob o capacete.

– Independência financeira não faz mal a ninguém. É óbvio que você entrou nessa vida com uma intenção desse tipo.

– Eu *entrei nessa vida*, gatinha, para me libertar de *tudo*.

– É isso o que hoje em dia chamam de anarquia?

Hera se postou casualmente entre as duas.

– Vai ser divertido, Arlequina – disse ela, com um sorriso charmoso.

– E, mesmo que você não precise do dinheiro, eu preciso. Pensa só em quantas florestas tropicais eu vou poder salvar.

Diante da provocação de Hera, Arlequina suavizou a agressividade no olhar. Contorceu os lábios num sorriso, em resposta, mas virou-se para Selina.

– Se você me meter em roubada, se descumprir suas promessas, eu vou transformar o que fiz com ela... – Ela meneou a cabeça em direção ao corpo de Shrike. – Num paraíso, comparado ao inferno por que você vai passar.

Blá-blá-blá. Selina bufou.

– Beleza.

Deu meia-volta e começou a rumar para a saída do beco.

– É isso? – perguntou Arlequina. – Você arrastou a gente até aqui

para isso?

– Foi – respondeu Selina, sem olhar para trás. – Na manhã de cada roubo, informarei os alvos e pontos de encontro. – Ela acenou com a mão por sobre o ombro. – Quero vocês vestidas para arrasar.

Arlequina soltou um grunhido.

– Quem ela pensa que é para vir à *minha* cidade...

– Eu estava exatamente assim umas noites atrás – soltou Hera, com uma risada baixa, enquanto Selina seguia cruzando o beco. – A sensação passa, pode confiar.

– Você disse a mesma coisa da última vez que comemos aqueles sanduíches da barraquinha da esquina.

Selina, já se afastando, mordeu o lábio para conter uma gargalhada, mas Hera, não.

– Você nunca vai esquecer isso, não é?

– Nunca. Nem quando formos duas velhinhas tricotando na varanda.

Quando Selina chegou à saída do beco, as vozes eram apenas murmúrios. Entoando palavras suaves e gentis.

Palavras de amor.

Diminutas flores claras brotavam nos cabelos de Hera, feito estrelas cadentes.

Selina deixou aquilo para trás e desapareceu em meio às sombras.



Não havia sinal dela. Duas horas ali, e nem sinal.

Luke não sabia dizer se isso era bom ou ruim. Quebrou a cabeça para imaginar onde ela poderia estar, mas em uma cidade grande como aquela... ela poderia estar em qualquer lugar.

Até então, a noite fora agradável. Ele tinha ido jantar com Elise e Mark; os dois se alfinetaram o tempo todo, parando apenas para

perguntar sobre o trabalho de Luke nas Indústrias Wayne. Ele até conseguira passar umas horinhas na academia de boxe antes do jantar, treinando com um novato peso-médio que precisava de umas aulas.

Luke adorava a academia, em especial pela conexão com os adolescentes carentes da cidade. Sua mãe administrava a instituição de caridade que a financiara, e ela mesma às vezes frequentava o ringue para umas aulas.

Ele vivia pensando se a alegria nos olhos da mãe ao praticar era a mesma que brilhava nos dele. E se ela própria seria um arraso no ringue, caso tivesse sido bem treinada na juventude. A energia de Luke, sua concentração, a força em seu sangue... tudo isso vinha dela.

Outros veteranos participavam dos treinos. Havia uma capitã do Exército, que também era sua colega nas sessões de terapia de grupo. Luke nunca mencionava a terapia nos treinos, e ela sempre o cumprimentava apenas com um breve aceno de cabeça, mas era legal ver rostos que ele conhecia de outras áreas da vida. Para além das escolas de elite e dos bailes de gala. O serviço militar abrigava gente de todos os contextos e camadas sociais, e ele ainda estava se readaptando ao ambiente homogêneo da alta sociedade de Gotham City.

Do outro lado do oceano, eles viviam ocupados demais, cumprindo ordens e ralando para proteger o país, para se preocupar com a classe social alheia. O que importava era se a pessoa ao lado defenderia você quando fosse preciso. Ele não conhecia mais que umas poucas pessoas em Gotham de quem podia esperar isso.

Já fazia meses que ele e a mãe vinham conversando sobre a elaboração de um programa para que militares veteranos usassem a academia. Ela já se reunira com terapeutas, veteranos e boxeadores profissionais para botar a ideia em prática. E com investidores e funcionários do governo, em busca de patrocínio. Sua família, claro, poderia bancar o projeto sozinha, mas a mãe de Luke gostava de arrebanhar empresas que arrecadavam lucros obscenos para fazer algo em prol da comunidade. Envolver os outros, fazê-los ajudar.

No topo de um prédio de três andares, à beira da faixa escura e cintilante do rio Gotham, horas antes do amanhecer, Luke girou os ombros, deixando-os soltos e flexíveis. Estava prestes a dar as costas para a água e a cidade reluzente à sua volta quando captou um movimento.

Não era quem ele procurava, mas... Luke sorriu.

– Largar um corpo no rio. Que original.

Os três homens se viraram. Luke avançava por trás deles, e ouviu o som do corpo desabando por sobre as rochas apodrecidas do rio.

Sua roupa abrigava uma câmera, que ele fez questão de deixar ligada para registrar aqueles rostos, a van na qual eles haviam chegado, e o corpo que agora boiava no rio.

– Deviam ter pensado em um lugar melhor para desovar esse pacote – soltou Luke, aproximando-se.

Dois dos homens puxaram armas e dispararam.

O som passou rascante por ele, tentando levá-lo de volta àquelas lembranças, mas Luke manteve o foco na respiração e nos movimentos. Ao desviar para o lado, o cais rangeu sob seus pés.

Tiros desajeitados, de pânico. Eles atiraram muitas vezes; a roupa de Luke soltou um sibilo, então começou a vibrar. Uma onda de som ensurdecedor ecoou.

A vibração sônica refreou os projéteis. Os homens tornaram a atirar, mas as balas despencaram no piso de madeira com um baque, desabando com a força das ondas sônicas. Em questão de segundos, eles esvaziaram os pentes.

Então, silêncio.

O terceiro homem, o que não havia atirado, saltou para o rio. Tentaria fugir a nado.

Luke se levantou com um sorriso forçado. Encarou os dois homens, que agora afrouxavam o gatilho das pistolas. O símbolo de morcego em

sua roupa tremeluziu, pronto para desferir mais surpresas.

– Esta não vai ser mesmo a noite de vocês – disse Luke.

Vinte minutos depois, Luke espreitava a passarela de pedestres, observando Gordon e seus homens içarem os comparsas, incluindo o que havia pulado no rio.

Ele imobilizara os três em cinco minutos.

Em menos de cinco minutos. Passara mais tempo à espera da DPGC, de olho para que os bandidos não escapassem das amarras.

Assim que Gordon meteu o último homem na viatura de polícia e fechou a porta, Luke soltou um longo suspiro e deu meia-volta.

E deu de cara com a tal Mulher-Gato, debruçada na amurada oposta da ponte.



CAPÍTULO 14

A silhueta dela projetava uma sombra escura nos trilhos de trem iluminados abaixo.

A visão noturna do capacete de Luke revelou outra história. Uma lente rachada maculava o lado esquerdo do capacete da gata. E sangue. Mesmo com aquela roupa, que impedia leituras mais profundas, não havia dúvida a respeito do material orgânico espalhado sobre o capacete, ombros e peitoral.

Mesmo assim, ela parecia firme. Inabalável.

– É você a responsável pelo corpo que eles estavam desovando?

As palavras saíram graves, ásperas. Ele avaliou as armas dela: duas facas presas às costas, bem coladas à roupa. O chicote na lateral esquerda. E mais nada.

A gata soltou uma risada baixa.

– Não. De quem são esses homens?

Não era da conta dela.

– Por que você está aqui?

- Achei que você pudesse estar entediado, então vim dar um oi.
- Luke não pôde evitar a analogia: um gato brincando com sua presa.
- Que sangue é esse na sua roupa? – indagou ele.
- Quer uma amostra para o DNA?

Claro que queria. Ele não tinha sido contatado pela DPGC para cuidar de nenhum roubo ou ataque, eles não sabiam de nada.

- Você veio se vangloriar?
- Vim te dar um recadinho.

Mesmo tentado a cruzar os braços, Luke os manteve junto às laterais do corpo, ao alcance fácil das armas.

- E qual é?

Ela não mexia um milímetro. Parada feito um animal. Nem Bruce, treinado e letal, permanecia tão imóvel. Como se fosse se imiscuir às sombras e nunca mais retornar.

- Tem gente muito mais graúda vindo para Gotham.

Um arrepio percorreu a espinha de Luke.

- Foram eles que te deram essa surra?

Enquanto ele falava, a câmera de sua roupa ampliou e iluminou a imagem do capacete danificado. Um arranhão comprido cruzava uma das laterais, perfurando o vidro quebrado. Só podia ter sido feito por uma senhora lâmina. A gata também exibia uma ferida superficial na coxa, o sangue seco e grosso dando um vislumbre da cor da pele debaixo dele.

Ela fez que sim com a cabeça.

- Tem mais gente vindo.
- A convite seu?

Uma pausa.

– Tem mais gente vindo – repetiu ela. – Gente pior que qualquer facção criminosa daqui. Mais poderosa... e com propósitos mais letais. Fique atento.

- E por que me avisar?

Ela adquiriu outra vez aquela postura imóvel.

– Porque esta cidade não vai sobreviver a eles.

– E não é isso que você quer?

Ela o encarou de cima a baixo. Pelo menos, foi o que ele sentiu.

– Tem gente boa em Gotham. Proteja essas pessoas.

Luke, muito surpreso, não conseguiu pensar numa resposta. Nem precisou.

Pois no mesmo instante o mundo foi tomado por estrondo, fogo e gritaria, com a explosão de uma viatura de polícia ainda estacionada no cais abaixo.

A mente de Luke saiu do próprio corpo, abandonou aquela passarela.

Ele estava à beira de uma estrada, coberto de areia, sol e sangue. O corpo gritava, cheio de cortes, mas não tão alto quanto seus homens, seus amigos...

Ele teve a vaga sensação de despencar no chão com um baque. Não conseguia respirar; sua roupa entrou em pane, avaliando freneticamente suas condições internas: taquicardia, respiração ofegante, pressão arterial nas alturas...

Não ali. Não ali, não naquele momento.

– Aquela imbecil... – Luke ouviu alguém sussurrar... *ela*. Em outro mundo, outra vida.

Ele precisava se mexer, se levantar, encher os pulmões de ar...

– Você não está ferido. – Uma observação tranquila.

Ele estendeu o braço para a amurada da ponte e tentou se levantar. Sem sucesso; suas mãos tremiam tanto que nem a roupa era capaz de estabilizá-lo.

Fazia meses que ele não tinha uma reação assim. Da última vez Bruce estava a seu lado para ajudá-lo a se recuperar, mas agora...

Um capacete preto e fosco surgiu à sua frente. Alguém ergueu a cabeça de Luke.

Não era um rosto de verdade. Não era humano. Tão inumano quanto quem havia explodido aquela bomba à beira da estrada...

As lentes deslizaram para dentro do capacete, revelando um par de olhos sombrios cor de esmeralda. Vivos. Firmes. Humanos.

– Um carro explodiu – explicou ela, calmamente. – Foi invenção da Arlequina.

Ele conhecia aquele nome. Pertencia à sua outra vida, à nova vida, bem longe do deserto.

– Foi uma mensagem... para mim – prosseguiu ela. – O carro estava vazio; nenhum policial ficou ferido.

Polícia. Arlequina.

Ela encarou o rosto dele, o capacete que ele usava. Tranquila e perspicaz.

– Transtorno de estresse pós-traumático – concluiu.

Ele se recusou a confirmar. Ela espalharia a notícia. Esse tipo de informação valeria uma montanha de dinheiro.

Capturá-la. Ele tinha que capturá-la *naquele instante* e levá-la dali, antes que ela o delatasse.

Ela soltou o rosto de Luke e caminhou até a amurada oposta, mancando de leve. Uma sirene ecoou pela noite.

Agir. Ele tinha que agir, tinha que apreendê-la.

Seu corpo se recusava a obedecer. Recusava-se a se endireitar, recusava-se a se pôr de pé.

A gata escalou a parede, graciosa, apesar do ferimento na coxa. Como se tivesse nascido equilibrada em uns centímetros de aço. No alto da amurada, tornou a baixar as lentes quebradas.

– Você não me vale de nada se estiver morto – disse ela. – Seu segredo está a salvo.

Antes que Luke encontrasse um meio de fazer seu corpo cooperar, de fazer o ar chegar aos pulmões, ela saltou.

O coração dele congelou. Então o trem passou, em disparada, rumo ao túnel adiante.

Ele a vislumbrou no alto do trem, uma silhueta escura e solitária. Olhando para trás, como se a observá-lo, o bruxuleio da viatura de

polícia em chamas refletido no trem prateado.

À medida que o trem se aproximava do túnel, ela deslizou de leve, de costas, e desapareceu no subsolo.

Uma rainha retornando a seu submundo.

Uma confusão de sombra e luz brilhava acima dela; abaixo, o vagão do trem rugia, um foguete estrondoso em disparada sob a terra.

Selina permanecia de costas, as mãos atrás da cabeça, observando o túnel passar.

Ela havia sido sincera com Batwing. O segredo dele estava a salvo.

Se as assassinas da Liga estavam a caminho de Gotham City, talvez ele fosse o único capaz de enfrentá-las. De mantê-las ocupadas, até que ela concluísse a missão.

Selina sabia exatamente o que elas queriam... e por que pensavam poder vir reclamar o que era dela.

Nyssa e Talia costumavam botar suas assassinas umas contra as outras, tornando-as concorrentes nas missões. Para mantê-las alerta. Para ver quem sobrevivia. Não era diferente daquilo.

Selina ficou imaginando quem Shrike teria aborrecido para ser despachada até ali. E se Talia e Nyssa tinham apostado quem venceria a batalha. As duas sempre apostavam.

No entanto, o transtorno de estresse pós-traumático de Batwing era interessante. Péssimo para ele, mas uma peça interessante do quebra-cabeça.

Não havia dúvida de que enfrentar o submundo de Gotham City imprimia graves cicatrizes internas, mas uma reação *tão* debilitante assim...

Fosse lá o trauma por que ele tivesse passado, devia ter sido... Selina tentou não imaginar. Por mais que ele fosse um adversário.

Selina tinha certeza: Arlequina não fazia ideia de que sua pequena pirotecnia desencadearia tamanha reação em Batwing.

Não; a explosão fora uma bela advertência a Selina. Ela decerto seguira Selina até ali, vira os policiais e explodira a viatura, como um aviso para que Selina não se metesse entre ela e Hera. Uma pequena prévia do que Arlequina era capaz de fazer quando provocada.

Um canhão à solta. Mas Selina conseguiria controlá-la. De algum jeito.

Ainda assim, ver Batwing no chão daquele jeito, todo trêmulo... por um instante ela fora transportada daquela ponte. Por um instante retornara ao banheiro de ouro e mármore, vomitando as tripas enquanto o som de uma valsa penetrava pelo assoalho lustroso. Vomitando o que ela fizera minutos antes...

– O movimento é simples – sussurrou Talia no ouvido de Selina, com a cabeça apoiada em seu ombro, enquanto as duas espiavam o velho obeso paralisado sobre a cama de veludo.

Seus olhos, porém, arregalados de terror, observavam a jovem que ele levara até o quarto enquanto o baile de máscaras prosseguia no andar de baixo.

– Você sabe o que ele gosta de fazer – disse Talia, a mão gélida agarrada ao punho de Selina. Que segurava a adaga. – Faça ele pagar.

Selina dera uma chance ao homem. Pelo menos, tivera essa sensação. Uma escolha secreta, silenciosa: ser alguém melhor do que sua ficha sugeria e não a convidar para subir. Evitar aquele momento, deixar que ela encontrasse uma saída para aquilo, que poupasse a vida dele e convencesse Talia de que matá-lo seria arriscado demais. Ela havia preparado uma lista de justificativas plausíveis, pronta para escapar para um banheiro e acionar os sensores de incêndio; então ele a convidara para subir.

Ao fechar a porta do quarto, ao despejar o conteúdo de um frasquinho na taça de champanhe que entregaria a Selina – o que ela viu, pelo antigo espelho, enquanto fingia observar os quadros na parede –, o homem selou seu próprio destino.

Com um beijo – que quase a fizera vomitar –, ela transferiu a droga aos lábios do homem. Que invadiria seu corpo assim que ele lambesse os

lábios. Quando a droga penetrou a corrente sanguínea, o velho já estava na cama, incapaz de se mover.

Talia entrou no quarto um instante depois, o rosto encoberto pela máscara de marfim. Selina também usava a própria meia-máscara, negra feito a noite.

No andar de baixo, a ofuscante alta sociedade de Veneza dançava, rumo ao clímax da orgia carnavalesca. O baile de máscaras era uma tradição anual. Organizada naquela casa, por aquele homem.

Ela havia lido a ficha dele no trajeto das montanhas até lá e enquanto se arrumava, preparando o corpo conforme os ensinamentos de Talia, adotando o discurso e os trejeitos apropriados. Ali morria a garota de rua briguenta. Ali morria a lutadora taciturna, de cara fechada.

Talia elevou o punho de Selina, segurando a faca pelas duas. Uma luz fraca tremulava sobre o aço. Nada de armas de fogo – não para aquela primeira missão.

Aquele rito.

“A primeira morte deve sempre ser com arma branca”, dissera Nyssa, antes da partida de Selina. Para que ela sentisse o momento de acabar com a vida de alguém. Armas de fogo eram muito impessoais, muito distantes. Com uma faca... era preciso intenção. Proximidade.

– Você praticou – sussurrou Talia em seu ouvido, imitando o movimento com Selina. – Então mostre o que aprendeu.

Os seguranças do homem não iriam interferir. Havia sido treinados para ignorar quaisquer gritos de dor saídos daquele quarto. Para manter distância.

Ela sabia que a escolha de Talia por aquele alvo tinha estreita relação com isso. Com as vítimas que Selina havia visto, numa foto atrás da outra. “Uma úlcera da sociedade”, dissera Talia. Que deveria ser extirpada para limpar a ordem vigente. Homens que se protegiam atrás do poder, do dinheiro.

Talia soltou a mão de Selina.

A faca continuou erguida.

Então Selina lembrou das vítimas. Seus rostos, seus corpos. Ele provavelmente não mataria Selina, que exalava dinheiro e classe aquela noite, mas daria a ela o champanhe batizado e depois faria o que quisesse, presumindo que ela ficaria constrangida e assustada demais para denunciar. As outras... elas não haviam sido blindadas pelo privilégio. Almas perdidas, esquecidas, das quais ninguém sentiria falta, por quem ninguém lutaria.

Ela foi dominada por uma espécie de ira gélida. Que se alastrou, estalejando feito geada.

“O sistema está falido”, dissera Talia. “E nós somos a cura.”

Com a adaga firme nas mãos, Selina resolveu o assunto.

Saiu do quarto, atravessou o corredor e cruzou os guardas desatentos, sorrateira, com Talia logo atrás. Alcançou outro corredor, junto à saída dos fundos da casa palaciana, e cambaleou até o banheiro mais próximo.

A janelinha estava aberta. O ar da noite penetrava, o canal era uma faixa cintilante, a festança da cidade se imiscuía à música que rolava no andar de baixo.

E aos sons do vômito de Selina, que desabou de joelhos e botou para fora o que tinha no estômago.

Talia entrou no banheiro e fechou a porta, em silêncio. Observou Selina vomitar incessantemente.

– Limpe os respingos e dê descarga – disse ela, entregando-lhe um punhado de papel-toalha. – Tem água sanitária no armário debaixo da pia.

Oca e paralisada, Selina obedeceu.

Não falou com Talia enquanto limpava. Enquanto removia todos os traços de si mesma.

Enquanto os últimos resquícios da pessoa que ela fora desciam por aquela descarga rumo à Laguna Veneta.

Selina pestanejou, voltando à realidade. O trem começava a parar, aproximando-se da estação.

Hora de ir.

Ela outra vez se sentia distante, longe do próprio corpo, enquanto saía do vagão e caminhava pelo túnel escuro, a coxa latejando de dor. Imaginou se Batwing dormiria tão mal quanto ela aquela noite.



CAPÍTULO 15

Duas noites depois, no terraço do décimo segundo andar do Hotel Devon, com a Máscara da Morte consertada e o ferimento superficial na coxa quase cicatrizado, Selina analisou Hera e Arlequina de cima a baixo.

As duas sorriam para ela.

Selina deu uns passos atrás.

– Cadê as armas? – perguntou ela, baixinho.

As duas ficaram caladas, e os sorrisos foram fechando.

– *Cadê as armas* – repetiu Selina – que eu mandei vocês trazerem?

As duas cravaram os olhos nela. Selina as encarou de volta. Por mais que elas não pudessem ver através do capacete.

Nyssa e Talia infartariam se qualquer assassina da Liga chegasse despreparada para um serviço. Então arrancariam o couro dela até os ossos.

Selina já havia presenciado punições aplicadas por desobediência. Não por Talia, que jamais sujava as mãos imaculadas, nem por Nyssa,

que apreciava esse tipo de coisa, mas pelas próprias assassinas da Liga. Para que soubessem exatamente o que sofreriam caso falhassem. O tipo de lição que as irmãs adoravam ensinar.

Recostada na porta de metal que levava aos andares de baixo do hotel, onde o baile de gala em prol dos monumentos de Gotham City já havia começado, Arlequina deu um tapinha no coldre em sua cintura, de onde pendiam duas esferas coloridas. Entrecruzando a camiseta de beisebol com os dizeres *Gotham City Sluggers* pendia também uma peiteira com esferas menores, do tamanho de bolinhas de Natal. Arlequina inclinou a cabeça, fazendo balançar as trancinhas quase no mesmo ritmo da banda que tocava dez andares abaixo.

– Isso aqui não basta?

Selina apontou com o chicote enrolado em sua mão – enrolado *com força*, para impedi-la de estrangular as duas.

– Eu mandei trazerem *armas*. Não brinquedos.

Arlequina deu um passo à frente; o short masculino, preto e vermelho-vivo, rebateu a luz turva acima da porta do terraço. A meia arrastão não disfarçava as tatuagens que ela tinha nas coxas, descendo direto até as panturrilhas cobertas por coturnos. Desenhos de animais, de um leão rugindo até uma borboleta-monarca, cobriam sua pele. Ela soltou uma das esferas com o polegar.

– Espere só para ver a *diversão* que esses brinquedinhos vão levar aos rapazes e às moças lá embaixo – retrucou ela, com um sorriso travesso nos lábios.

Eram *bombas*, presas a seu corpo. Pequenas, decerto não suficientes para derrubar uma estrutura maior, mas capazes de causar algum estrago.

De dar um recado.

Selina abriu um sorriso forçado, já menos irritada.

– Admito meu equívoco.

Ela se virou para Hera. De seu collant esmeralda pendia um cinto cheio, e as mãos estavam outra vez cobertas por vinhas. Uma vinha

maior, coberta de botões de orquídea, serpeava por seu tronco, igualzinha a uma faixa de miss.

Selina ergueu uma sobrancelha por baixo da máscara.

– Sem florzinha mágica hoje?

– Pensei em exhibir isso aqui desta vez – respondeu Hera, correndo a mão pela vinha em seu torso.

Que sagaz. Uma peiteira de armas botânicas, equivalente à munição de Arlequina.

Selina murmurou.

– Tem alguma outra coisa com que lutar?

Em resposta, o sorriso de Hera era o puro retrato da *maldade*.

– Talvez.

– Eu não trabalho com *talvez*.

– Parece que estou levando um esculacho da diretora da escola – resmungou Hera a Arlequina.

Arlequina riu entre os dentes. Selina cerrou a mandíbula, por mais que as duas não pudessem ver.

– Esse plano não seria muito mais fácil se eu envenenasse todo mundo com gás? – indagou Hera, com um tapinha na vinha em seu torso.

– Não. – Selina encarou a bolsa na cintura de Hera, que parecia *se mexer*. – Queremos que eles saibam quem está fazendo isso.

– Quem são “eles”? – perguntou Arlequina.

– Todo mundo. – Selina aproximou-se de Hera pela lateral. – O que é isso?

– Um pequeno experimento – respondeu Hera, com uma piscadela.

Arlequina escancarou um sorriso.

– Vinhas assassinas.

– Sério? – retrucou Selina, de sobrancelha erguida.

Hera abriu sua bolsinha, e uma massa verde se remexeu no interior. Contorcendo-se feito uma cobra.

– As plantas têm memória... e sentimentos.

Hera sabia disso mais do que ninguém, calculou Selina. A bem da verdade, um toque de tristeza pareceu suavizar o olhar de Arlequina. Como se ela também percebesse.

Hera enfiou a mão na bolsa, e uma gavinha verde, com aspecto de cânhamo, enroscou-se em seu braço. De forma quase amorosa.

Cruzes.

– Eu cuido desta aqui desde que era uma mudinha – disse Hera, afagando a vinha, que se enroscava em seu antebraço feito uma pulseira viva. – Ela parece esse seu chicote. – Um meneio de cabeça para o chicote enrolado na mão de Selina. – A diferença é que ela gosta de apertar. E forte.

Arlequina correu um dedo pela vinha, acompanhando seus volteios. Selina jurou ter visto tanto a planta quanto Hera se arrepiarem... de prazer.

O que Nyssa e Talia não dariam por uma arma dessas.

– Pois bem – disse Selina. – Estão lembradas do plano?

– Sim, mamãe – ironizou Arlequina.

Selina a ignorou.

– As bolsas estão prontas?

Hera e Arlequina ergueram bolsas de lona idênticas.

– Tudo preparado?

As flores na peiteira de Hera pareceram cintilar em confirmação. Arlequina meteu a mão na bolsa de lona e puxou duas fitas, uma vermelha e outra preta. Com dedos ágeis, amarrou uma em cada trança.

– As fitinhas estão combinando com a calcinha? – soltou Selina.

– Você tem sua roupa de gata – respondeu Arlequina, com a fala arrastada, ajeitando os laços. – Eu tenho as minhas cores.

Hera deu uma risadinha.

– Gosta de controlar todos os detalhes, gatinha?

Selina decidiu ignorar mais essa provocação, e pendurou o chicote no ombro.

– Priorizem os relógios em vez das carteiras. As joias, em vez das

bolsas – disse Selina, abrindo a porta do terraço e girando os punhos.

Arlequina abriu um sorriso torto, branquíssimo, sob o batom vermelho.

– Fala que nem dama, age que nem bandida.

Ela não sabia da missa a metade.

Luke quase cochilou bem no meio da conversa. O baile de gala em prol dos monumentos de Gotham estava sendo o pior até então; a música, as pessoas e os arranjos de flores eram uma barafunda de todas as outras festas às quais ele fora arrastado durante as semanas anteriores. Ele já havia analisado todas as mulheres presentes, atrás de qualquer indício de contusão, mas nada. Nenhuma queixa de joia desaparecida, nenhuma mulher vestindo uniforme de batalha.

Ele dançara com todas as jovens que se aproximaram, incluindo a vizinha Holly, insípida como sempre. Esnobe, vazia. Mas negar uma dança a ela pela segunda vez... não era opção. Ela era sua vizinha. Luke não queria passar *anos* espreitando o corredor antes de sair de casa, para não dar de cara com ela. Não valia a pena.

Talvez ir àquele baile não tivesse adiantado nada. Já fazia horas, e nem sinal da Mulher-Gato. Mark e Elise tinham ido para um retiro de pesca em Vermont, e os pais de Luke também não estavam presentes.

A mãe dele soltara uma risada – um uivo, a bem da verdade – durante o brunch, quando ele contou que havia confirmado presença. “Vai passar a noite chorando de tanto tédio, com aqueles arquitetos”, dissera ela.

E tinha razão.

Luke bebeu toda a água do copo. Estava dirigindo, por isso quis distância de bebidas alcoólicas; além do mais, queria manter os sentidos alerta. No entanto, mesmo sem ter visto nada, sem necessidade de vestir sua roupa, escondida numa grande sacola de ginástica na chapelaria, pedira ao manobrista para deixar o carro numa vaga bem

próxima. Perfeito para uma fuga rápida. Não da Mulher-Gato, mas das socialites.

Como as duas senhoras que acabavam de avistá-lo, do outro lado do salão lotado.

Tentando fingir que não as tinha visto, Luke deu meia-volta e rumou para o bar. O salão de baile ficava no segundo andar do Hotel Devon, com imensas janelas que davam para a ponta sul do Robinson Park.

Honestamente, uma pequena parte dele se alegrou quando as portas de madeira do salão foram abertas com um chute.

Ele esperava a presença dela. Esperava a roupa de batalha, o capacete, o chicote em sua mão. Ela irrompeu no salão, e a música cessou. Uns convidados gritaram, outros se calaram.

As duas atrás dela, porém...

Merda. *Merda.*

Hera Venenosa, de collant enfeitado, uma bolsa de lona na mão e uma espécie de vinha *rastejando* pelo outro braço. Sem falar nas duas mãos enluvadas, que mais pareciam *florescer*. Ou na vinha de orquídeas que ela usava como peiteira.

E Arlequina, usando meias-arrastão, short masculino e uma camiseta de beisebol, armada até os dentes com o que parecia ser um arsenal de bombinhas.

Luke ainda não tivera o prazer de enfrentar aquelas duas, mas Bruce, sim. Arlequina, muito ardilosa e perspicaz, conseguira evitar a captura e a prisão quando trabalhava com o Coringa. Bruce advertira Luke a respeito de seu humor imprevisível... e sua mira letal.

Ao que parecia, ela dispensara o Coringa e seus capangas por companhias mais interessantes. Quanto a Hera, Luke havia lido o dossiê de Bruce a respeito de seu arsenal de toxinas.

Não era bom sinal. Nem um pouco.

Todos no salão paralisaram. Ninguém ousava se mexer.

Arlequina ergueu um braço, apontando uma das esferinhas mortais

para o teto, como se apenas se espreguiçasse, e perguntou:

– Todos prontos para a diversão?

O trio parou junto às portas. Luke avaliou os obstáculos e as mortes no caminho delas. Como o veterano Luke Fox, ele poderia interferir. Era *esperado* que ele interferisse. Se trocasse de roupa, contudo, poderia fazer mais. Salvar mais gente. Ele só precisava de cinco minutos para escapar até a chapelaria e retornar como Batwing.

A Mulher-Gato remexeu o punho, e o chicote respondeu. Um estalido cruel e feroz ecoou pelo recinto.

Os convidados murmuraram, alarmados, saindo do caminho daquele açoite.

Luke começou a se esgueirar pela multidão. Graças a Deus seus pais não estavam ali.

– O negócio é o seguinte – disse a Mulher-Gato, num tom baixo e rouco. – Vocês jogam as joias, os relógios e o dinheiro nas bolsas. E ninguém sai ferido.

– Doces ou travessuras – completou Arlequina, erguendo a bolsa vazia junto ao corpo.

Hera caminhou até um convidado próximo, exalando uma fumaça roxo-clara. O homem ficou paralisado, de olhos vidrados, então largou o relógio na bolsa de Hera. A carteira e as abotoaduras também. A mulher ao lado dele começou a fazer o mesmo, com a expressão igualmente insípida. Hipnotizados. O dossiê de Bruce não havia exagerado.

Luke chegou à estreita entrada de serviço no exato instante em que os convidados começavam a remover suas joias e seus pertences pessoais, num retinido de pedras preciosas e ouro reluzente. Ele apostou que os seguranças também estavam inconscientes, derrubados pela nuvem de toxinas de Hera.

Havia sete pessoas perto dele, um misto de convidados e funcionários, todos atentos à cena que se desenrolava. Luke acenou de leve para eles.

Fora, fora, fora, ordenou, apenas com gestos. O grupo não perdeu tempo em obedecer, agachando-se e cruzando rapidamente a portinha.

As três ainda não tinham matado ninguém. A bem da verdade, pareciam relutantes em simplesmente matar.

Pelo menos isso elas tinham a seu favor.

Luke conduziu o pequeno grupo à escadaria dos fundos, então disparou para a chapelaria, cujos atendentes estavam amarrados com braçadeiras listradas em preto e vermelho. As cores de Arlequina. Quatro minutos... ele estaria pronto em quatro minutos.

Rezou para que a coisa não desandasse nesse intervalo.

À medida que Selina circulava entre os convidados, sua bolsa ia ficando pesada.

Aonde ela ia, joias e relógios a acompanhavam.

Os seguranças permaneciam nos corredores, inconscientes, graças ao chicote vivo com que Hera os asfixiara.

“Eles só estão cumprindo ordens”, dissera Hera, quando Arlequina perguntou por que ela não tinha matado todos de uma vez. Selina, ao concordar com Hera, ganhou de Arlequina uma revirada de olhos.

“Frouxas”, resmungou Arlequina, e perguntou a Hera. “Se você empaca na hora de dar cabo desses caras, o que vai fazer na hora que a coisa apertar? Quando você for atrás da classe política?”

Hera se empertigou, mas não respondeu.

Selina, em sua defesa, se pronunciou. “Ela vai enfrentar. Da mesma forma que *nós* agora vamos enfrentar este baile de gala.”

Arlequina estalou a língua e seguiu em frente. Hera, porém, dispensou um breve aceno de cabeça em gratidão a Selina.

Selina tentara ignorar o leve entusiasmo que invadiu seu peito. O sorriso que ela abriu sob o capacete.

Agora, no entanto, parada naquele salão... as sirenes uivando a distância... ela tinha que tirar as duas dali.

– Precisamos de uma música de encerramento – comentou Arlequina para a multidão silenciosa de convidados. Apontou para a parede oposta, onde a banda, paralisada, permanecia no palco. – Posso fazer um pedido?

O vocalista, branco feito papel, assentiu. Selina deu uma risadinha, estendendo a bolsa para uma senhora com quem tinha batido um papo meia hora antes. “Que bom ver mais dinheiro de berço aqui”, dissera a mulher.

Fora quase impossível refrear o ímpeto de atirar bebida na cara da velha.

O que não impediu Selina de ser mais bruta que o necessário ao arrancar a tiara de rubi da cabeça da mulher e enfiá-la dentro da bolsa.

Nem sinal de Luke Fox. Talvez já tivesse ido embora. Parecia entediadíssimo quando dançaram juntos, mais cedo. Mas talvez fosse Holly a causar esse efeito nele.

– *Don't Stop Me Now*, do Queen – ordenou Arlequina ao vocalista, enquanto um casal à frente dela removia as joias, feito uma cobra perdendo a pele.

Hera estalou a língua, ainda emanando suas toxinas hipnotizantes. Todos entregavam as joias sem titubear.

– Boa escolha.

Selina teve que concordar. E abafou a risada ao ver a banda começar a canção no mesmo instante; o pianista, com as mãos trêmulas, perdeu as primeiras notas, mas engatou nos acordes seguintes. O cantor não era nenhum Freddie Mercury, mas compensava a falta de alcance vocal com elaborados maneirismos.

Os receptores de áudio em seu capacete forneceram uma nova informação: as viaturas de polícia chegariam em dois minutos. Um esquadrão da SWAT, sem dúvida.

Arlequina dançava ao ritmo da música, balançando as tranças e saltitando entre a multidão. Hera também dava suas reboladas; quando

alguém parecia notar que ela estava desarmada e cogitava atacar, a vinha começava a rastejar.

– Acabou a brincadeira – disse Selina à duas, fechando o zíper da bolsa. Dois sons idênticos ecoaram.

– Me dá uma levada da bateria – ordenou Arlequina à banda.

E, que diabo, o baterista mandou ver. Na mesma hora, o resto da banda parou; o vocalista imprimia tamanha atitude na canção que Selina soltou uma risada, observando as enormes janelas que davam para a rua abaixo e o parque adiante. Ela conduziu os convidados à parede oposta.

Arlequina arremessou uma esfera colorida na janela. Um lampejo, uma centelha, e então...

Inúmeros estilhaços de vidro se espalharam pelo chão. Alguém gritou.

O cantor não perdeu uma nota sequer.

A banda estava curtindo, Selina percebeu. Arlequina assobiou e jogou outra bolinha para ela. Selina apanhou com uma mão, abriu um sorriso e arremessou para o lustre bem no centro do salão. Talvez a banda estivesse tão saturada daqueles babacas ricos quanto Selina. Não havia como fingir o solo impressionante do guitarrista, que não fraquejou nem quando o lustre veio abaixo, bloqueando o acesso à janela aberta. Selina disparou atrás de Arlequina e Hera, já alguns passos à frente.

As duas pularam pela janela enquanto o povo gritava por sobre a música e o vidro estilhaçado.

Selina chegou à janela, e as portas principais se abriram outra vez.

Batwing irrompeu, reluzente, de braço erguido para disparar a arma que havia em sua roupa.

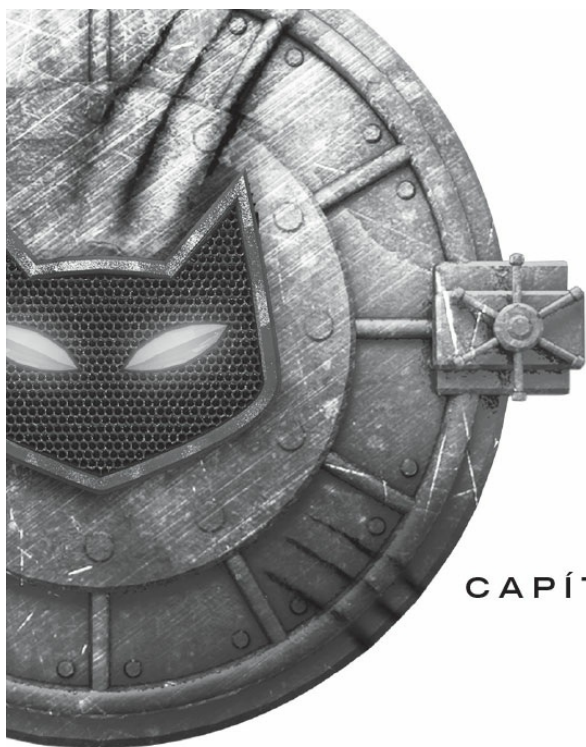
Selina saltou pela janela. Em pleno ar, deu um giro e encarou Batwing, do outro lado do salão.

E ergueu para ele um dedo do meio em cada mão.

A queda livre de dois segundos foi música para os ouvidos de Selina,

que aterrissou no toldo abaixo, deu um pinote e agarrou a bandeira do hotel, drapejando a poucos centímetros. Enroscou as pernas no tecido e desceu deslizando. Foi parar direto no conversível onde Hera e Arlequina já esperavam, com as bolsas de lona abarrotadas de joias. Bem no lugar do motorista.

Batwing chegou à janela a tempo de ver Selina girar a ignição, pisar na embreagem e descer o pé no acelerador. O xingamento que ele urrou foi o bastante para fazer desfalecer as moças bem-nascidas que estavam a seu lado, enquanto Selina, Hera e Arlequina saíam, em disparada, no Porsche de Luke Fox.



CAPÍTULO 16

Elas tinham ido longe demais.

Luke não estava ligando para o carro, estacionado diante da entrada a noite toda, de capota baixa, as chaves deixadas pelo manobrista na ignição. Não, essa era a menor de suas preocupações, com tantas pessoas assaltadas, atemorizadas. Não importava a que camada da sociedade pertenciam, se poderiam ou não substituir seus bens de valor. Esse tipo de coisa não podia, *não iria* acontecer sob a vigilância dele.

Ele olhou para trás e viu os convidados atônitos e em pânico ainda no salão, a banda que agora batia em retirada, esbaforida e culposa.

– Eu cuido disso – disse ele ao salão, para quem estivesse ouvindo.

– Elas levaram os meus diamantes! – berrou uma mulher de rosto lívido. – *Pegue elas agora!*

Luke conteve o ímpeto de revirar os olhos, lembrando que sua intenção era proteger *toda* Gotham City, e saltou pela janela quebrada.

Ele arrastaria todas para a DPGC.

A começar pela Mulher-Gato.



Selina alcançou 100, 110, 130 quilômetros por hora; o carro respondia lindamente, cruzando a via vazia e sinuosa do Robinson Park.

Seu sangue fervia em uma canção, era doce como o ar cálido da noite a rodeá-la.

Sem regras. Sem barreiras. Nada para atrapalhar.

Selina abraçou e saboreou aquela sensação.

Arlequina tagarelava, cobrindo-se de colares de pérolas e braceletes, largando joias sobre a cabeça de Hera.

Atrás delas, o céu noturno se iluminou de vermelho e azul. Selina acelerou ainda mais, ao que o motor respondeu com um ronronar aveludado em meio às árvores.

O carro dobrou uma curva. Hera resmungou quando Arlequina caiu por cima dela, fazendo tilintar as pedras preciosas e pérolas. Selina conferiu o retrovisor, analisando as sirenes e a proximidade das luzes da viatura em seu encalço.

Uma sombra negra cruzou o céu.

– Tem um morcego atrás da gente – avisou Selina às duas.

No banco traseiro, Hera e Arlequina se calaram e olharam para trás.

Arlequina soltou um palavrão e começou a tatear a peiteira de explosivos, enquanto Batwing sobrevoava o céu ao redor com as asas escancaradas.

– Que criativo, um morcego com asas – resmungou Hera. A vinha comprida e letal agora balançava em sua mão.

– A roupa dele é uma armadura reforçada! – gritou Selina. – Mirem nas asas.

As asas mecânicas e retráteis que lhe permitiam voar longas distâncias.

Era arriscado mandar que as duas o abatessem a tiros, mas pedir às mulheres que *não matassem* envolveria muitas perguntas e explicações.

Com um comprido colar de pérolas reluzindo atrás de si, Arlequina desenganchou uma de suas esferas sorridentes e arremessou na direção dele com a precisão de um arremessador de beisebol.

Batwing desviou com agilidade da bolinha, que explodiu bem no ponto onde ele acabava de passar.

Se aquilo desencadeou algum ataque de pânico relacionado ao transtorno de estresse pós-traumático, não o fez reduzir a velocidade.

Arlequina atirou a segunda bolinha, com a terceira já a caminho.

Com outra guinada para cima, Batwing desviou dos arremessos. Estava se aproximando.

– A minha vinha ainda não alcança ele! – gritou Hera por sobre o ombro enquanto Selina estabilizava o carro. – Se você reduzir a velocidade...

Batwing ergueu o braço e deu um tiro também.

Uma espécie de flecha, bem na mira dos pneus traseiros.

Selina desviou. Arlequina soltou um palavrão, caiu em cima de Hera e foi escorada pela vinha, que a envolveu.

A flecha errou o alvo e ricocheteou pelo asfalto.

– Esse cara precisa baixar *bastante* essa bola – resmungou Arlequina com um bico, tentando se desvencilhar da vinha de Hera.

Batwing ergueu outra vez o braço, já preparado para mais um disparo no pneu.

Hera afastou Arlequina, e a vinha se soltou.

– Acho que você tem razão – sibilou Hera, e levantou o braço. – Ele já chegou perto demais.

Selina não poderia concordar mais.

– Vou botar vocês bem na linha do alvo! – gritou Selina para Hera. Dobrou outra curva e rumou para a pequena ponte que cruzava o rio Finger, dividindo o Robinson Park ao meio. – Virem-se para a frente, fiquem preparadas e *afivelem o cinto*.

Batwing disparou outra flecha de aço, e o carro desviou para a esquerda. Hera e Arlequina abriram um sorriso e obedeceram.

Então, ao chegar num trecho comprido e estreito de estrada, Selina pisou no freio.

Mesmo por cima da roupa, o cinto de segurança a esmagou. Arlequina soltou um palavrão.

O carro parou bruscamente, mas Batwing seguiu zunindo pelo céu. Expondo as costas para elas.

Hera soltou o cinto de segurança, pulou para o banco da frente, e equilibrou o antebraço no para-brisa. No mesmo segundo atirou duas compridas vinhas verdes, que vararam o céu noturno. Uma à esquerda, outra à direita. Explosivos e gases sem dúvida já eram esperados por Batwing. Mas um organismo *vivo* partindo para cima dele?

O elemento-surpresa, ao que parecia, estava do lado de Hera. As asas de Batwing se expandiram, numa tentativa de frear e dar um giro. Tarde demais.

As duas vinhas de Hera atingiram o alvo.

O tal material indestrutível que compunha a roupa de Batwing não estava presente nas asas.

As vinhas rasgaram o metal e os fios feito faca quente cortando manteiga, e Batwing rodopiou pelos ares, em direção aos imensos carvalhos.

Arlequina comemorou, pulando no banco e batendo no ombro de Hera, que se limitou a sorrir, e pequeninas flores brotaram em suas luvas.

– Brilhante – sussurrou Selina, arriscando uma boa olhada para trás. Percebeu que retribuía o sorriso de Hera por baixo da máscara. – Simplesmente brilhante.

Hera se curvou numa mesura, ou no mais próximo disso que era possível fazer sentada. Ainda sorrindo, Selina ajeitou o pé na embreagem e pisou forte no acelerador. O Porsche disparou feito um foguete em meio à noite.

Elas largaram o Porsche numa rua lateral e pegaram o metrô de volta ao East End. Selina saiu do trem numa estação térrea toda grafitada, com Hera e Arlequina atrás. Elas haviam apanhado todas as joias do conversível, e agora carregavam apenas três bolsas de lona comuns.

As roupas, no entanto, não eram. No instante em que o trio entrou no vagão, os passageiros começaram a sair, sem nem disfarçar. Se chamassem a polícia, não seria problema. Elas sairiam dali antes da chegada de qualquer viatura.

Arlequina nem percebera, pois não tirava a cara do celular, e agora cruzava a plataforma guiada por Hera, que a desviava das vigas e dos bancos no caminho.

– Vocês *têm* que ver isso – declarou ela, a maquiagem pálida iluminada pela luz da tela. – A gente está em *tudo que é canto*.

Selina parou junto às escadas da estação, e Arlequina ergueu a tela para exibir um vídeo feito por alguém no baile de gala. Mostrava as três invadindo o salão de festas, armadas e sorridentes. Hera e Arlequina, pelo menos, visto que o sorriso de Selina estava escondido.

– E olhem só esse outro aqui – disse Arlequina, trocando o vídeo.

E lá estava ela, num vídeo em câmera lenta, saltando pela janela e dando um giro em pleno ar, os dedos do meio erguidos para Batwing, para todos os convidados do baile.

Selina piscou, espantada. Jamais havia se visto... em ação.

Por uma fração de segundo lhe veio à mente uma antiga imagem sua sobre a trave de equilíbrio, numa competição de ginástica. Tanto havia mudado, e ao mesmo tempo tão pouco. Ela afastou o peso silencioso que ameaçava puxá-la para baixo.

Hera soltou uma risada, com os olhos fixos no vídeo, e empurrou Selina com o quadril.

– Até que no fim das contas a gatinha tem senso de humor.

Selina empurrou-a de volta.

– Vamos embora. Tem câmeras de segurança aqui – disse, inclinando a cabeça para uma câmera erguida a alguns centímetros.

Arlequina arremessou uma bombinha.

Tchau, tchau, câmera.

Selina deu uma risadinha.

– Bom, cada qual com seus métodos.

Hera ajustou o passo e pôs-se ao lado dela. As três desceram os degraus imundos e rumaram para a rua.

– Quando vai ser o próximo ato, senhoras?

– Daqui a três dias – respondeu Selina.

– Por que não amanhã? – inquiriu Arlequina, os olhos brilhando de empolgação.

– Porque queremos que esses vídeos sejam reproduzidos o máximo possível – respondeu Selina, com um meneio de cabeça para o celular ainda na mão de Arlequina. – Não é para um roubo abafar o impacto do anterior.

A passos firmes, elas chegaram à rua silenciosa e xexelenta.

– Vamos manter a discrição até lá – declarou Hera. – Tenho umas coisas para fazer no laboratório, de todo modo.

– Que bom. – Selina fez uma pausa. – Aquele transe em que você botou as pessoas. Por que não faz o mesmo com a gente?

Arlequina enfim baixou o celular. Hera encarou Selina.

– Primeiro, porque o seu capacete não deixa. E segundo... – Hera deu de ombros. – Vai contra os meus princípios. Bom, parte deles.

– E quais são? – soltou Selina, incapaz de evitar a pergunta.

Hera correu o dedo enluvado por uma das orquídeas em seu dorso.

– Não sacanear os meus aliados.

Ela ergueu os olhos verdes, sagazes e atentos.

Selina assentiu. Aviso recebido. E hora de ir.

O caminho para casa seria longo e tortuoso, de modo a evitar as câmeras das ruas.

– Informo os detalhes do nosso próximo ataque daqui a uns dias.

As duas outras pararam de andar, de cara amarrada.

– Qual é o seu nome? – perguntou Hera.

Selina já não sabia nem se tinha nome.

Nomes eram para quem tinha um lar, para quem tinha alguém. Essas coisas já não existiam na vida dela; ou tinham sido apagadas, ou ela as havia, com satisfação, abandonado.

– Mulher-Gato está bom – respondeu Selina num tom suave, digerindo a pergunta.

Arlequina estalou a língua.

– Segredos... Segredos não têm graça...

Selina abanou a mão com frieza, como se dispensasse o comentário.

– Três dias. Estejam a postos.

Ela olhou para trás bem a tempo de ver Arlequina abraçando Hera.

– Na minha casa ou na sua, delícia?

– Na minha – respondeu Hera, meio encabulada.

Mais que amigas, sem sombra de dúvida. Por mais que as duas parecessem não saber exatamente como classificar o que rolava.

Enquanto Selina evaporava em meio às sombras, algo lhe apertou o peito.

Ela jamais conheceria essa sensação... de ter alguém com quem agir assim.

A bem da verdade, já não importava, com todo o glorioso caos que ela planejava instalar em Gotham City, com a inversão de todos os valores corruptos. Mesmo assim... ela imaginou como seria.



CAPÍTULO 17

Elas haviam escapado. Deram uma rasteira nele e saíram em fuga pela escuridão.

Luke estava tão irritado que passou aquela noite acordado. E a seguinte também.

O que era melhor, concluiu ele, que o pesadelo habitual. Por outro lado, também não ajudava em nada ficar assistindo sem cessar à filmagem no noticiário. A imagem das três entrando na festa, empertigadas, e a Mulher-Gato saltando pela janela e exibindo o dedo para ele.

A imagem do salão cheio de convidados assustados, que ele fracassara em proteger.

Nas profundezas do subsolo sete, Luke entooou um resmungo por causa das fagulhas que chispavam das asas de seu uniforme. Ele estava consertando o segundo buraco; os disparos de Hera haviam sido precisos.

E ele, feito a droga de um pombo de barro, tinha se postado bem na linha do tiro.

As vinhas murcharam e morreram antes que ele as levasse ao laboratório para análise. Porém, pela forma como se *mexiam*, como Hera exercera controle sobre elas... Deus do céu. Talvez os rumores estivessem certos: ela *não* era totalmente humana. Bruce não fora capaz de confirmar durante o breve encontro que tivera com Hera, mas a possibilidade estava listada no dossiê, na Batcaverna.

Era melhor nem pensar em quais poderosas forças poderiam estar cobiçando as habilidades de Hera. No intuito de refiná-las e transformá-las em algo pior do que já eram.

O interfone tocou, extrapolando o ruído da máquina de solda; Luke desligou o motor e ergueu a máscara por sobre a cabeça suada.

– O que é? – indagou ele aos alto-falantes embutidos nas paredes e no teto do espaço vazio.

– A Srta. Vanderhees está aqui.

Luke estremeceu.

– No escritório do décimo primeiro andar – esclareceu o assistente administrativo. – Informei que o senhor estava ocupado, mas ela disse que aguardaria.

Luke soltou um grunhido baixo. Que diabo *ela* queria?

– Diga a ela...

Se ele alegasse estar muito ocupado, ela obviamente retornaria. Ou passaria a procurá-lo em casa, batendo à porta dele nos horários mais estranhos e começando a se perguntar aonde ele *ia* o tempo todo.

Luke soltou um suspiro.

– Diga a ela que subo em quinze minutos. Obrigado.

Ele estava tão empapado de suor e sujeira que precisaria de um banho. Havia um chuveiro no banheiro do subsolo, bem como uma muda de roupas – um bom terno, para o caso de seu pai convocá-lo para uma reunião.

– Agora mesmo, Sr. Fox.

Luke chegou ao 11º andar em doze minutos, com o paletó cinza-chumbo um pouco justo nos ombros. Ele havia ganhado músculos nos últimos meses; teria que levar o terno ao alfaiate.

Ele ajustava os punhos da camisa roxo-clara ao entrar no escritório de quina e se deparar com Holly à sua espera, sentada numa das cadeiras diante da imaculada mesa.

Luke costumava ter o cuidado de deixar sobre a mesa apenas memorandos simples e convites para festas; como decoração havia fotos de seus pais, Mark e Elise, e uma de sua primeira vitória no boxe, aos 15 anos. Tudo mais que tinha importância estava bem protegido no subsolo sete.

– Holly – disse ele em cumprimento, contornando a mesa. – Que bom te ver.

Por instinto e treinamento, Luke observou os detalhes do aspecto da moça, como fazia com todos que cruzavam seu caminho: blazer em tom salmão, vestido na mesma cor, sapatos de salto azul-marinho. Nada extraordinário.

Exceto pelo meio sorriso. Isso o fez parar para pensar.

Pela simples e única razão de que o sorriso denunciava uma sagacidade que ele jamais percebera. O olhar de Holly era... perspicaz.

Era a única maneira de descrever aqueles olhos. Atentos e perspicazes. Ela podia até ser uma esnobe insuportável, mas Luke teve a sensação de que Holly não era tão rasa quanto parecera a princípio. Talvez apenas fingisse ser, em benefício próprio.

– A que devo a honra? – indagou Luke, acomodando-se do outro lado da mesa de vidro. Com uma estranha gratidão pela barreira interposta entre os dois.

Ela piscou os olhos verdes para ele.

– Vim saber como você está. Ouvi falar do seu carro.

O carro era a última de suas preocupações.

O Porsche fora localizado graças ao sistema de rastreamento que ele havia instalado. Uma bela fera, agora com a carcaça avariada. Ele

entregara, com prazer, o carro à DPGC para servir como evidência.

– Estou ótimo – respondeu ele, com um aceno de mão.

Por mais que aquela fosse a última conversa que ele quisesse ter, sobretudo sabendo que ainda precisaria de algumas horas para terminar de consertar a roupa, Luke observou Holly outra vez; ela tinha os nós dos dedos brancos, tamanha a força com que se agarrava a cadeira.

– Como é que *você* está? – perguntou Luke.

Ela havia testemunhado a noite do assalto.

Ela correu a mão pela clavícula, como se sentisse a joia que sem dúvida fora forçada a entregar.

– Abalada, mas bem.

Ele conhecia bastante gente que dizia o mesmo. Culpa dele... aquele abalo, aquele medo. Se ele tivesse agido mais rápido...

– Foram só assaltantes – disse Luke, num tom manso. – Logo, logo elas vão ser capturadas.

Os olhos de Holly cintilaram.

– Aquelas armas não eram brincadeira.

Não mesmo.

– A segurança do nosso prédio é muito boa – respondeu ele, em parte refletindo se ela havia ido procurá-lo em busca de conforto. – E todos os bailes de gala daqui para a frente vão contar com escolta armada.

Ele ofereceu o que esperava ser um sorriso tranquilo, embora soturno, incapaz de esconder o desejo de estender a mão, de confortar e proteger. Uma parte de si que ele nunca conseguira abandonar. E disse mais uma vez:

– Elas vão ser presas em breve. Eu prometo.

Ao que parecia, era tudo o que Holly precisava ouvir. Ela assentiu e se levantou. Luke fez o mesmo.

Ela voltou a atenção à rua movimentada atrás dele; quase todos os lados do escritório ofereciam uma vista espetacular da cidade.

– Não tenho nenhum amigo em Gotham – disse ela, por fim, no

tom de voz mais suave que ele já ouvira.

– Ah, é? – indagou Luke educadamente, embora não estivesse surpreso.

Sua mãe teria se orgulhado.

Holly observou a vista da cidade por mais um segundo.

– Ouvi dizer que você e a sua mãe estão organizando um projeto beneficente para dar aulas de boxe a veteranos de guerra.

O tique-taque do relógio de cristal sobre a mesa era audível.

Ela deu de ombros.

– Eu gostaria de ajudar.

Luke pestanejou, surpreso, pigarreou.

– Muito generoso da sua parte – disse ele.

– Não. É... quer dizer... – Ele jamais a ouvira titubear. – Quer dizer, eu posso contribuir com dinheiro, claro.

Por acaso estava ficando encabulada?

– Mas gostaria de ajudar – prosseguiu ela. – De doar o meu tempo. Como voluntária, digo.

A oferta o surpreendeu. E, por tudo o que era mais sagrado, ele não conseguia detectar qualquer indício de que Holly não estivesse sendo sincera. Era o primeiro sinal de honestidade que ele enxergava nela. Talvez existisse alguém atrás da armadura de moça da sociedade.

Por que agora, no entanto? Por que depois do assalto? A pergunta devia estar estampada na cara dele, pois Holly soltou:

– Ouvi dizer que você ajudou a tirar uns convidados do salão naquela noite. E colocou todos em segurança. – Ele não perguntou como ela sabia, quem havia contado. – E percebi... que talvez a gente tenha começado com o pé esquerdo.

Uma oferta de trégua. E um excelente vislumbre de quem se escondia sob a capa de símbolos de status com a qual ela circulava pelo mundo, com a qual se defendia do mundo, de modo que Luke se pegou pensando...

Ele ou sua mãe poderiam encontrar uma função para ela, sem

dúvida.

– Ainda não oficializamos, estamos em fase de planejamento – respondeu Luke, cauteloso. – Mas vou te mantendo informada. Obrigado – concluiu, baixinho.

Por um breve instante, Holly franziu a testa. Como se o enxergasse. Como se *realmente* o enxergasse. Algo naquele olhar lhe tocou a memória, o coração. Ela balançou a cabeça, os cabelos loiros refletindo o sol.

– Claro. Até mais.

Ela deu meia-volta e começou a rumar para a porta em seus saltos finos.

Luke soube que não tinha nada a ver com as aulas de etiqueta de sua mãe, nada a ver com o fato de que precisava agir com naturalidade para impedi-la de pensar por que ele às vezes voltava para casa tão tarde; no entanto, deu um passo para o lado da mesa e perguntou:

– Quer jantar lá em casa hoje à noite? Podemos pedir delivery.

Holly parou à soleira da porta. Luke se deu conta de que talvez ela nunca tivesse pedido delivery em casa e abriu a boca para sugerir uma alternativa, mas ela o surpreendeu:

– Pizza?

A pergunta guardava tanta esperança, tanto alívio, que ele abriu um sorriso.

– Te vejo às sete. Traga o que preferir beber.

Ele só tinha cerveja e uísque, e duvidava que ela gostasse de qualquer um dos dois.

Holly escancarou um sorriso muito diferente de qualquer outro.

– Obrigada. Até mais tarde.

Então, ao observá-la se afastar com passos suaves, porém decididos, Luke se perguntou se teria aberto uma porta que talvez não conseguisse mais fechar.

Ela precisaria de um álibi aquela noite.

Não havia nenhuma festa ou jantar onde Holly Vanderhees pudesse ser vista e notada. Depois dos últimos eventos, todos os bailes de gala haviam sido adiados até segunda ordem.

Ela fora ao escritório de Luke Fox, em parte, para ver como ele estava após o roubo do carro, mas também para que ele e os fofoqueiros de plantão se lembrassem de que ela estivera presente no baile de gala, duas noites antes, e que ficara apavorada, muito assustada e blá-blá-blá.

Selina, sem dúvida, não esperava ser pega de guarda baixa pela genuína consideração e gratidão de Luke diante da oferta de Holly. Não esperava olhar para ele, naquele terno sob medida, e se dar conta de que ele de fato havia tirado algumas pessoas do salão aquela noite.

A rechonchuda conta bancária dele não tinha nada a ver com a história. Desde o retorno para casa, ele não descuidara de seus compatriotas.

Selina, obviamente, não podia dizer o mesmo de si própria.

Ela bateu à porta de Luke às sete, o coração um tantinho mais acelerado do que gostaria. Ainda mais quando ele abriu a porta, de camiseta justa azul-marinho e calça jeans.

Luke abriu um sorriso e a convidou para entrar, com uma expressão afetuosa que ela nunca vira. Ela optara por uma elegante calça de ioga, camiseta de manga comprida e casaco esportivo. Tudo confortável, mas de qualidade.

– Alguma preferência de pizza? – perguntou Luke, indo até o celular em cima da mesa de jantar.

O apartamento era mais bacana que o dela. Mais aconchegante.

Ela analisou as saídas e janelas. Tinham o mesmo conceito do apartamento dela, mas com a planta espelhada: um imenso cômodo abrigando cozinha, sala de estar e jantar, rodeado por janelas de vidro que iam do chão ao teto e se abriam em uma varanda que circulava todo o apartamento. À direita, mais à frente da área de jantar, havia um grande corredor, que sem dúvida conduzia até o lavabo, o quarto

principal e os dois outros quartos, cada um com seu próprio banheiro. As paredes eram pintadas em variados tons de cinza, a mobília de couro e cromo contrabalançada com tapetes espessos e aconchegantes e luminárias arredondadas. Uma lareira a gás tremeluzia sob a enorme televisão de tela plana, que tocava a música de abertura de *Jeopardy!*, o famoso programa de perguntas e respostas.

Se as plantas eram de fato espelhadas, o cofre estaria no *closet*, embutido na parede.

Não que ela planejasse roubar mais alguma coisa dele.

– Muito bonito – disse ela, acompanhando-o até a cozinha aberta, revestida em mármore de Carrara e repleta de armários pretos. – E... é...

A última vez que ela pedira uma pizza... Selina nem se lembrava. Não fora o tipo de pizza servida em Gotham City, claro. Não, tinha sido a verdadeira pizza italiana, simples, fininha, de comer de joelhos. Antigamente, o lugar preferido dela era uma lanchonete no East End que vendia fatias a um dólar... a lembrança ainda a fazia salivar. Ela só não podia dizer isso a ele.

– Só de queijo está ótimo – concluiu Selina.

– Se importa se eu pedir metade de calabresa com pepperoni?

Ela o observou digitar o número.

– Só se você pedir a pizza inteira assim.

Luke disparou uma olhadela irônica e bem-humorada, então fez o pedido.

– Vinte minutos – declarou ele.

Ela assentiu, deslizando as mãos para dentro dos bolsos do casaco.

– Você não trouxe bebida.

– Não sou de beber muito – admitiu ela.

E não era mesmo; nem como Selina, nem como Holly. Ela vira o que a bebida havia feito com sua mãe. Por mais que bebericasse champanhe nos bailes e mimosas nos brunches... nunca exagerava. Nunca a ponto de perder o controle.

– Muito justo – disse Luke. – Nem eu.

Outro ponto a seu favor, ela teve que admitir. Ele abriu a enorme geladeira e deu uma olhada no conteúdo.

– Refrigerante? Suco? Água?

– Água, pode ser.

Ela se sentou em frente à ilha de mármore, observando a televisão do outro lado.

– Depois da Inglaterra – disse Trebek, apresentador do programa –, a maioria das peças de Shakespeare é passada neste país.

– O que podemos dizer sobre a Itália? – respondeu Selina, enquanto Luke deixava o copo d'água à sua frente.

O competidor forneceu a mesma resposta. Luke ergueu a sobrancelha, mas não disse nada.

– Último grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários – prosseguiu Trebek, na televisão.

– Quem é Jacques de Molay? – responderam Luke e Selina, ao mesmo tempo.

Ela abriu um sorriso genuíno.

– Não imaginei que você fosse fã de *Jeopardy!* – disse ele.

– Só porque me visto bem não posso saber as coisas?

Antes que ele pudesse responder, Trebek disparou outra pergunta.

– Este é o maior país do mundo sem nenhum rio ou lago permanente natural.

– O que é a Arábia Saudita? – respondeu Selina, no mesmo instante que Luke.

Correto.

Luke abriu um sorriso astuto.

– O perdedor paga o jantar – sugeriu ele, a luz tremulando em seus olhos escuros.

Que diferente, percebeu Selina. Ele era tão diferente do rapaz rico e presunçoso que ela imaginara. Sem arrogância, sem necessidade de se

vangloriar por ser um verdadeiro herói. Ele era gentil... agradável. Ela percebeu que havia conhecido poucos homens assim.

Então, Selina, num movimento involuntário, tocou o copo no dele, com um retinido.

– Você não faz ideia de onde foi se meter – sussurrou ela.

Os dois empataram. Responderam a perguntas que nem os participantes sabiam. De Luke isso já era esperado, já que acontecia quase todas as vezes que ele assistia ao programa, mas a maestria de Holly nas respostas fora uma agradável surpresa para ele. Ela havia acertado tudinho. Quando a pizza chegou, ele a observava outra vez.

Será que a tinha julgado de maneira precipitada? Por outro lado, ela encarnava muito bem o papel de herdeira insensível e entediada. A pessoa que ele vira no escritório mais cedo, porém... tinha sido um vislumbre. Disso.

Holly também não exibiu sinal de seus modos refinados ao devorar três fatias de pizza, intercalando com goladas da água. Luke mal conseguiu acompanhar.

Jeopardy! deu lugar a *Roda da Fortuna*, e a competição recomeçou.

Quando os dois terminaram, novamente empatados, ela sorria para ele. Um sorriso tranquilo, genuíno. O sorriso que ele duvidava que a imprensa e a lista de nomes proeminentes chegassem a ver. Deixava-a mais nova... mais bonita.

Holly se levantou do sofá em L diante da lareira e do televisor, para onde os dois haviam migrado meia hora antes.

– Obrigada pelo jantar – disse ela, espreguiçando-se.

– Sorte que eu consegui comer umas fatias de pizza – disse Luke.

Holly soltou uma risada baixa e respondeu:

– Da próxima vez a gente pede duas.

Da próxima vez. As palavras pairavam como um convite.

Luke a acompanhou até a porta da frente.

– Até a próxima, então – soltou, quase sem perceber.

Fechou a porta, ouvindo Holly entrar no próprio apartamento e trancar a porta.

Horas depois, enquanto vestia a roupa e adentrava a noite à sua espera, Luke ainda sorria. Um pouquinho.



CAPÍTULO 18

– Anda logo – disse Hera, carrancuda, na descida até o subsolo do banco, enquanto Arlequina posicionava os explosivos na porta da caixa-forte.

– Já vou, já vou – resmungou Arlequina. – Um movimento errado, docinho, e *a gente* é que sai frita.

Hera bateu a bota no piso de mármore.

– Eu sei como funcionam os explosivos.

– Então por que é que *você* não vem fazer?

– Só sei que as minhas vinhas transporiam esse concreto mais rápido que você.

Selina permanecia junto aos degraus da escadaria, ignorando a troca de farpas entre as duas e monitorando os sons do andar de cima do banco, às escuras. Os alarmes haviam sido desativados para que a abertura da pesada porta de metal no alto da escada não os desencadeasse. Hera derrubara o vigia noturno com suas flores, e agora... nada.

Selina ergueu a câmera enquanto Arlequina retornava para o lado de Hera, ajeitando-a sobre um tripé cuidadosamente posicionado.

– Prontas? – perguntou Selina às duas.

Arlequina limitou-se a apoiar o braço num dos ombros de Hera, e as duas escancararam um sorriso demoníaco para a câmera. Selina se postou junto a elas e cruzou os braços.

– Agora.

Uma luz piscou à frente, e outra, atrás. A câmera bateu a foto enquanto a caixa-forte explodia.

Bom, foi uma explosão pequena. Similar ao gerador de pulso eletromagnético de Selina. Uma fórmula secreta, explicara Arlequina, engatando numa provocação a respeito da curiosidade dos gatos que Selina bloqueou sem dó.

Com Arlequina era preciso saber dosar. Era possível lidar com ela e até se divertir, desde que fosse em pequenas doses.

– Você acha mesmo que o jornal vai querer essa foto? – indagou Hera em meio à fumaceira, abanando a nuvem cinzenta com a mão enluvada.

Selina pegou a bolsa de lona e foi cruzando o fumacê.

– E quem não ia querer? – retrucou Arlequina.

Com sua lente de visão noturna, Selina examinou o interior sombrio da caixa-forte. Nenhuma palavra sobre Shrike havia chegado à imprensa. Ela não sabia ao certo se isso era bom ou ruim.

Andava matutando quanto tempo levaria para que Nyssa e Talia ficassem sabendo. E comesçassem a ponderar.

Mandar outra pessoa para testá-la.

– Os jornais – declarou Selina, caminhando até um cofre de tranca rudimentar, arrombando-o tranquilamente e largando umas joias na bolsa – vão devorar essa notícia. E, melhor ainda, os ricos de Gotham vão pensar que a gente desistiu das festas e começou a assaltar bancos, daí vão voltar aos bailes de gala.

Arlequina fechou a cara, abanando a fumaça.

– Eu adoraria outra tiara.

Selina destrancou outro cofre e riu entre os dentes.

– E isso aqui? – indagou, sacudindo um reluzente colar de esmeraldas.

Arlequina arregalou os olhos.

Selina jogou o colar para ela.

– Por ter aberto o cofre.

Arlequina pegou o colar.

– A minha mãe ia amar isso – sussurrou.

Era a primeira vez que ela mencionava a mãe. Mesmo sabendo que qualquer pergunta poderia enveredá-las por um caminho tortuoso, Selina não resistiu:

– Vocês duas se dão bem?

Arlequina enfiou o colar no bolso.

– Ela é a melhor pessoa do mundo – respondeu, com uma piscadela para Hera. – Depois de você, Herinha. – Ela inclinou o queixo para Selina, balançando as trancinhas. – E você, é próxima da sua?

Não. Nunca. Nem nada parecido. Selina deu de ombros.

– Nem vale a pena mencionar.

Era verdade. Arlequina suavizou o olhar, com uma expressão difícil de suportar.

Hera se meteu na conversa, para poupar Selina.

– Então depois daqui a gente vai atacar outras festas? – perguntou, enfiando maços de notas na bolsa.

Selina desejou estar sem o capacete. Para poder lançar um olhar de gratidão a Hera.

– Não fique tão decepcionada – respondeu ela, apenas, e foi abrindo cofre atrás de cofre em busca de joias, deixando para trás papeladas e outras tranqueiras. – O pobrezinho do Batwing não vai saber onde procurar a gente.

Hera soltou um grunhido.

– E o que é que a gente sabe sobre ele? Duvido que ele tenha se

dado por vencido.

Selina manteve o tom doce.

– Quando for o momento, a gente lida com ele.

– Devíamos enforcar ele com as próprias tripas – acrescentou Arlequina, voltando a abrir outros cofres e largando na bolsa os itens de valor. Selina não achou que ela estivesse exagerando.

– A gente devia era usar ele para descobrir quem é o Batman – refletiu Hera, fechando o zíper de sua bolsa. – Os dois trabalham juntos. Quem sabe ele não desembucha.

– Tortura? Já gostei – Arlequina se animou.

– Eu tenho meus métodos para convencê-lo a falar – esclareceu Hera, mais que depressa. – *Sem* recorrer a afogamentos.

Estava óbvio que ela se referia às toxinas naturais que haviam impelido os convidados do baile de gala a entregar suas joias.

Selina interrompeu, antes que as duas enveredassem por aquele terreno.

– Ele não faz parte dos nossos planos. Queremos distância dele.

– Por quê? – indagou Arlequina, com um sorriso meio perigoso.

– Porque ele vai segurar os outros chefões e as outras gangues para a gente. Vai tirar todo mundo do nosso caminho. Se a gente derrubar o Batman, todas as gangues e os chefões vão começar a se levantar das sarjetas para reivindicar seus direitos sobre Gotham. Por outro lado, se ele seguir estancando a maré... – Ela deu de ombros. – Ele nos poupa de uma dor de cabeça, e enquanto isso continuamos a afanar os bens de valor da cidade.

Arlequina, que fechava o zíper da bolsa, não pareceu convencida. Hera, porém, indagou:

– E se ele aparecer no nosso próximo roubo?

Por trás da máscara, Selina sorriu.

– Daí seguimos com o nosso joguinho: fugimos e desaparecemos.

– Mas... – contestou Hera.

– Acreditem – interrompeu Selina, acomodando a bolsa no ombro –,

brincar com ele, deixá-lo maluco, é muito melhor que matar.

Arlequina abriu a boca, mas Selina ergueu a mão enquanto seu capacete começava a apitar.

– Tem alguém vindo aí.

Passos. Não eram guardas. Sem som de chaves tilintando, nem os indicadores costumeiros. Hera puxou do cinto duas flores do tamanho de bolas de beisebol, as pétalas douradas já meio abertas. À espera.

Selina soltou o chicote na lateral do corpo, ainda recebendo informações do capacete.

– Oito passadas diferentes... e firmes – murmurou Selina a Hera e Arlequina. – Com certeza são homens. Estão vindo lado a lado, não em fila. Entrando no salão em...

– Olhem só quem deu as caras – soltou, em tom de desprezo, o sujeito alto e magro no centro do grupo.

Todos usavam roupas escuras e manchadas, que já tinham visto dias melhores. Criminosos. Arraia-miúda, sem dúvida. Ela não captou indício de quem poderia ser o chefe.

– Uma samambaia gigante – disse o homem, entrando no recinto; Hera se empertigou, e suas flores se abriram. – E uma biscate acabada – concluiu, com um olhar lascivo para Arlequina.

Selina rangeu os dentes, segurando a raiva. Se Hera nocauteasse alguns daqueles homens com suas flores e Arlequina detonasse umas bombinhas... a disputa ficaria mais justa.

Não era o ideal, mas ela conseguiria lidar com o restante. Por mais que derrubar os capangas de algum chefe de gangue fosse dar uma complicada nos planos.

Apesar dos insultos, Arlequina deu um passo à frente, com um beicinho.

– Você vai se comportar desse jeito, Ralph? Não nos vemos faz o quê, uns meses, e de repente você aparece me xingando? E xingando as minhas amigas?

Hera seguia encarando os homens, com flores e vinhas a postos.

Arlequina, porém, deu uma olhadela ligeira para Selina, a mensagem muito clara em seus olhos azuis.

Confie em mim.

Confiar que ela fizesse o quê? Matasse os caras? Dali a uns minutos elas estariam em rota de fuga. Se a polícia não chegasse antes.

Arlequina deu mais um passo à frente, então tornou a encarar Selina. *Confie em mim.*

Aquilo ia contra todo o seu treinamento, todo o seu instinto.

Ela não se lembrava da última vez em que confiara em alguém. Além de si mesma.

– Deixa ela conduzir – incentivou Hera, quase num sussurro.

Selina observou os homens. O sorriso acolhedor de Arlequina.

Arlequina conhecia aqueles homens muito bem para compreender que a violência não adiantaria de nada, ou afundaria as três na lama até os joelhos.

Confie em mim.

Com o coração disparado, Selina confiou.

Ralph, tomado de desprezo, encarava o trio.

– Você e as suas novas amiguinhas não estão pagando a gente. Alguns caras estão ficando... chateados.

– Bico fechado – murmurou Hera, entre os dentes.

Arlequina correu a mão pelas costas, como se dissesse *calem a boca*.

– Meu benzinho – soltou ela, enroscando no dedo a ponta de uma trança –, você *sabe* que a gente só estava esperando acumular bastante coisa boa para entregar a parte que devemos.

Ah, nem pensar. Nem *no inferno* ela entregaria seu dinheiro àqueles parasitas, *este* dinheiro...

– O chefe quer agora – disse Ralph. Os homens atrás pressionaram. Ele apontou para Selina. – Quer que ela se dobre.

Selina não tirou as mãos do chicote. Arlequina disparou um olhar de *fique quieta*, então abriu outro sorriso para Ralph.

– Então por que não vamos até lá? – indagou ela, com um tapinha

na bolsa. – Eu faço a entrega pessoalmente.

Ralph refletiu.

– Fala sério, Ralphito – continuou Arlequina. – Eu e a sua garota já somos antigas. – Ela apontou com o polegar para Selina. – A gatinha é nova na cidade. Não conhece as regras.

Selina mordeu a língua. Ela conhecia muito bem as regras. E estava inventando regras próprias.

– Passem as bolsas para cá, que a gente entrega para eles.

– Por favor, não se esqueça de mandar lembranças minhas ao Falcone – disse Arlequina, com um beicinho.

Falcone.

O nome caiu sobre Selina feito uma bigorna.

Esses homens... eram capangas de Falcone?

Só podiam ser novos, porque ela não conhecia seus nomes nem seus rostos.

Ralph apontou uma pistola para Arlequina. Hera se empertigou, com as vinhas se contorcendo.

– Manda a esquisita segurar as plantas – disse Ralph, com um rosnado em direção a Hera.

Arlequina começou a caminhar em direção a ele. Em direção à arma.

– Aqui estão as mercadorias. – Ela entregou a bolsa para o homem ao lado de Ralph. – Vamos indo.

Para espanto de Selina, os homens abriram caminho para Arlequina. O único sinal que ela emitia foi enroscar os dedos nas costas. *Venham. Depressa.*

Selina apoiou a pesada bolsa no ombro, pegou a câmera e o tripé e foi atrás dela, com Hera junto.

As três subiram a escadaria sob a mira de mais armas.

– Sabe qual é a pior parte de viver uma vida de crime? – indagou Arlequina, chegando ao topo da escada que levava ao corredor central e

virando-se para espiar os homens que vinham atrás, com armas apontadas para suas costas.

Selina chegou ao lado dela, e Hera, um instante depois. Bem a tempo de ver Arlequina apertar o botão vermelho junto à porta da escadaria.

– Não saber em quem confiar – disse Arlequina.

A porta de quinze centímetros de espessura se fechou.

Trancando os homens lá dentro.

Os disparos na porta saíram abafados, e os gritos dos homens que Arlequina havia trancado lá dentro, distantes.

– Isso foi melhor que lutar? – indagou Hera, afastando-se da porta pesada e do botão de pânico que lhes salvara a pele.

As flores em suas mãos haviam se fechado outra vez, e ela mais que depressa as guardou no bolso.

– Foi, considerando que o Ralph tinha uma bomba que podia ter detonado a gente.

– Não tinha, não – retrucou Selina, virando-se para o corredor que dava na saída dos fundos. – Eu teria visto – disse ela, e deu um tapinha no capacete.

– Pode crer que ele tinha. Aquelas roupas? Estão encobrindo o disfarce de alta tecnologia que Falcone roubou do mercado negro. Bastava atirar uma bomba, que a gente terminava frita. Ele inclusive deve estar cogitando usá-la nesta porta. É melhor a gente correr.

Falcone agora tinha esse tipo de coisa em seu arsenal.

Inaceitável. De inúmeras formas.

No entanto... Arlequina salvara a pele delas. Selina se esgueirou pela porta dos fundos e adentrou o beco. Ninguém vigiava o lado de fora. Falcone precisava contratar capangas mais espertos.

– Obrigada, Arlequina – disse Hera, baixinho.

Arlequina abanou a mão, em dispensa.

– Falcone vai ficar furioso quando souber o que a gente fez.

Selina seguiu pelo beco escuro a passos firmes, já ouvindo o uivo das

sirenes. Falcone conquistara mais poder. Nem de longe tinha os recursos infinitos ou a rede global de contatos da Liga, mas já era o bastante para deixar de ser uma mera ameaça local.

– O Falcone a gente encara – disse ela, mais para si mesma que para as duas. No entanto, acrescentou, depois de um instante: – Obrigada, Arlequina.

Arlequina apenas abriu um sorriso.



CAPÍTULO 19

Três semanas depois, Selina acabava de entrar no prédio de seu apartamento, tentando não mancar apesar da dor que sentia na perna.

Um dos pequenos dispositivos de Arlequina funcionara um tantinho bem *demais* aquela noite, e Selina levava um bloco de concreto bem na coxa. A roupa impedira que os estilhaços cortassem sua pele, mas provavelmente haviam contundido o osso. Hera confirmara, depois de insistir em dar uma olhada na ferida. E até Arlequina tinha pedido desculpas.

Holly Vanderhees, no entanto, não mancava, e Selina, ao pegar o elevador na garagem do subsolo, rangeu os dentes por causa da dor que se irradiava por sua perna, agravada pelos esarpins. Não havia como entrar no prédio usando a roupa de batalha; por mais que tivesse sido um grande esforço trocá-la, em pleno beco, pelo vestido de mangas compridas... ela tinha conseguido.

O elevador parou no térreo; Selina abriu um sorriso manso, torcendo para que a pessoa a entrar não percebesse o suor que lhe

empapava o cabelo à uma da manhã.

Primeiro, ela viu os hematomas. O olho e o lábio inchados. Então, numa fração de segundo, estendeu a mão para Luke Fox.

Parou antes de tocar a manga de seu casaco esportivo cinza. Luke piscou com o olho bom e entrou no elevador, com movimentos cansados e doloridos.

– O que foi que houve? – perguntou ela.

Se um dos criminosos de baixa categoria de Gotham City o tivesse machucado...

– Tive uma luta hoje.

– Quem te atacou?

Luke recostou o corpo na parede do elevador, o rosto totalmente deformado. Ficava pior, sem dúvida, sob a luz fluorescente.

– Não. Boxe. Semiprofissional.

Foi a vez dela de pestanejar. Então ele não sofrera nenhum ataque.

– Quem ganhou?

Uma risada baixa e rascante.

– Eu.

Então os músculos não eram só exibição. Ela não quis nem imaginar os hematomas que havia sob a roupa. Selina engoliu em seco.

– Por que você luta?

O cara era mais rico que Deus. Se ela não vivesse passando fome todos aqueles anos antes, *já* teria posto os pés num ringue de luta.

– É que... ajuda – respondeu ele, recusando-se a esclarecer mais.

Ajuda. Ele havia servido ao Corpo de Fuzileiros. Talvez as lutas o ajudassem a lidar com o que ainda fosse preciso. Ela ficou pensando se o tal Batwing também havia sido soldado. Se combatia o crime por motivos semelhantes.

Tomado pelo silêncio, o elevador chegou ao andar de destino.

Ela também estivera do outro lado do oceano. Enquanto Luke lutava por seu país... ela aprendia como destruí-lo.

E estava ali para fazer exatamente isto: desestabilizar e enfraquecer.

Um bolo pesado e oco se plantou no fundo de seu estômago, mas ela manteve as passadas lentas ao sair com ele do elevador.

– Posso te ajudar a limpar isso?

Ele balançou a cabeça, mas estremeceu com o movimento.

– Eu estou bem.

Ela observou o corpo de Luke: as calças, a jaqueta por sobre os hematomas.

– Deixa eu pegar um pouco de gelo.

Selina havia roubado o carro dele, o quadro, inventara mentiras deslavadas... era o mínimo que ela podia fazer. Se Luke não fosse um riquinho, ela o consideraria um homem bom. Um homem raro.

– Obrigado – respondeu Luke.

Então, por um brevíssimo instante, ela voltou àquele corredor imundo e perigoso... enquanto ele tentava, sem sucesso, pegar as chaves.

Tinha os dedos inchados, ensanguentados. Ela agarrou o chaveiro já quase no chão e, sem dizer nada, meteu a chave na fechadura, abriu a porta e acendeu as luzes.

– A compressa de gelo está na geladeira, na gaveta de baixo, do lado esquerdo.

Foi tudo que ele conseguiu dizer antes de desabar no sofá, os nós dos dedos sujando o couro escuro de sangue.

Selina foi pegar a compressa, a perna protestando a cada movimento, e apanhou umas toalhas de papel para limpar o sangue. Luke recostou o corpo nas almofadas e pressionou o gelo no olho, sem dizer nada. Ela limpou o couro do sofá.

Quando ela se levantou, rangendo os dentes com força para evitar um grunhido de dor, ele soltou:

– O que você estava fazendo na rua a essa hora?

– Eu saí com uma pessoa – respondeu ela, mentindo.

Ele ficou paralisado.

– Com quem?

Ela jogou o papel sujo de sangue na lata de lixo sob a pia.

– Tenho a impressão de que, no momento em que eu te contar, você vai correr até o banco de dados das Indústrias Wayne para fuçar a ficha dele, então... melhor não.

– Se eu me importasse, talvez.

Muito bem.

– Melhoras para você – disse ela, meio fria, rumando para a porta.

– Holly...

Ela, porém, já havia ido embora. Por mais que odiasse a si mesma por isso, Selina demorou-se um pouco mais em abrir a própria porta, só para ver se ele iria atrás dela.

Ele não foi.

– Vamos explodir o palco bem na hora do concurso de beleza infantil.

– Pelo amor de *Deus*, Arlequina!

– O que foi? Não com as crianças *no palco*, claro. Mas esses concursos são nojentos.

Selina não sabia ao certo como tinha ido parar ali. Telefonara para Hera, para informar sobre o alvo do dia seguinte; em vez de aquiescer e desligar, Hera lhe fizera um convite. Passar um tempo juntas.

Então, lá estava ela. De roupa e capacete. Num laboratório apinhado de plantas, que Hera construía na gigantesca estufa adjacente ao salão abandonado do Robinson Park.

O lugar parecia saído de um sonho: árvores brotavam do chão e iam subindo até o teto de vidro, com folhas grossas que faziam as vezes de telhado. Corredores ladeados por botões de flores cortavam os densos arbustos de vinhas penduradas, samambaias e pequeninos riachos. Passarinhos entoavam piados de boa noite.

Selina podia jurar que alguns animais do zoológico, que elas haviam libertado no passeio da semana anterior, agora espreitavam por entre as árvores de imensas raízes, os olhos cintilando na escuridão.

O ar era doce, quente... um pouco desconfortável. Um cheiro de terra molhada envolvia o ambiente. Um lugar bonito, ainda que perturbador.

Um laboratório/apartamento. Era essa a impressão do ponto onde as três agora se encontravam, uma pequena área gramada junto a uma parede de pedras, um dos poucos cantos da estufa que não fora invadido pelas plantas. Hera e Arlequina se esparramavam num sofá que parecia feito de musgo aveludado, com Selina empoleirada no que claramente era um cogumelo gigante.

Diante de toda aquela mobília viva havia um televisor transmitindo um filme de luta.

Selina não queria nem saber como Hera conseguia arranjar eletricidade e cabos naquele lugar.

– Se é um concurso infantil – disse Selina, com uma careta de dor ao girar a perna, ainda dolorida, para fazer alguns exercícios de aquecimento da ginástica, pelo menos os que eram possíveis ser feitos sentada –, nós não vamos arriscar.

Arlequina revirou os olhos.

– Não vai tirar esse capacete?

– Não.

As duas mulheres trocaram olhares.

– Você é feia, ou coisa do tipo? – perguntou Arlequina, com olhar de desafio.

Selina havia lidado com muita gente igual a Arlequina nas Dolomitas.

– Não – repetiu ela, apenas.

Arlequina bufou, mas voltou a atenção para a tevê.

– Por que é que esses idiotas sempre fogem *para cima* quando chegam os assassinos? – perguntou Hera, talvez desviando do assunto.

Selina olhou para Hera com gratidão, mas Hera não pôde ver.

Arlequina estendeu as pernas tatuadas, cobertas por meias-arrastão, na grama salpicada de flores.

– Deve ser porque eles não manjam de explosivos nem levam um exército de plantas assassinas a tiracolo.

Hera deu uma risadinha e cutucou o rosto de Arlequina, a maquiagem pálida.

– Espertinha.

Arlequina dispensou a provocação e voltou ao filme; Hera a encarou por mais um instante. Seus olhos verdes transbordavam ternura... e saudade.

Hera percebeu a atenção de Selina e abriu um sorriso tenso. Selina respondeu com um delicado meneio de cabeça. O segredo estava a salvo. Se Arlequina não queria nada além do que já havia entre as duas, fosse lá por que motivos, não seria Selina a expor que Hera obviamente não tinha a mesma opinião.

O sorriso de Hera se transformou num esgar malicioso.

– É realmente muito estranho... chamar você só de Mulher-Gato. Podemos tentar adivinhar o seu nome, daí se acertarmos você confirma?

– Talvez.

Elas jamais pensariam em Selina.

– Quanto tempo você levou para fazer tudo isso aqui? – perguntou ela, antes que Hera começasse a brincadeira.

Apontou para o laboratório, a floresta abundante à volta delas. Os diminutos vaga-lumes, insignificantes para o mundo externo, circulando entre as árvores e flores.

– Dois anos – respondeu Hera.

– Você mora aqui mesmo no inverno?

Com os buracos e as rachaduras no vidro, devia ser bem difícil.

Hera deu de ombros, mas se remexeu no sofá de musgo.

– Não tenho muitas opções. E gosto daqui. Aqui é meu lar, mais que qualquer outro lugar.

Selina compreendia muito bem a sensação. Embora jamais tivesse tido um lugar que fosse somente dela, que ela *sentisse* ser um lar. Não, Maggie fora seu lar... se é que uma pessoa podia ser considerada um lar.

Ela começou a ser invadida por uma dor antiga e familiar.

– Nenhum *alter ego* com um apartamento confortável e um emprego bacana? – perguntou Selina, para disfarçar.

Arlequina cravou os olhos em Selina, balançando as tranças.

– Para que tanta pergunta, gatinha?

– Não – respondeu Hera, apenas. – É isso aí mesmo que você está vendo.

E acrescentou, num tom mais brando:

– Eu não tenho ninguém... que necessite de proteção. Por isso não preciso manter minha identidade em segredo.

Arlequina fincou as unhas pretas e vermelhas no braço do sofá de musgo, mas continuou assistindo à tevê.

Selina percebeu a reação. Conteve as palavras que queriam sair.

Eu sei... sei como é sentir esse peso. Como é precisar desse capacete. Para proteger alguém.

Arlequina não ia gostar, Selina tinha certeza. Interpretaria como uma ameaça a quem ela protegia com aquele nome falso, a maquiagem, a fantasia. Sua mãe, sem sombra de dúvida. Porém... quem mais?

– Qual é a sua comida preferida? – perguntou Hera.

Selina piscou, surpresa.

– Eu... não tenho comida preferida.

Não tinha mesmo. A comida sempre fora tão escassa que ela jamais se dera ao luxo de eleger a favorita. Ao ver as sobrancelhas erguidas das outras duas, porém, ela se corrigiu:

– Pizza. Eu acho. E a sua? – perguntou, sem saber o que mais dizer.

– Framboesa.

– Ela é vegana – disse Arlequina, num sussurro debochado. – Nunca deixe ela cozinhar para você.

Hera a cutucou com o cotovelo.

– Você disse que tinha gostado daqueles tacos de seitan.

– Com queijo de mentira, creme azedo de mentira e carne de mentira? Hummm. *Delícia.*

Selina deu uma risadinha.

– Nessa eu estou com Arlequina.

Hera deu um peteleco em cada uma. Arlequina soprou um beijinho para ela.

Que estranho... estar ali sentada, naquela terra exótica de fantasia, com outras mulheres, só... passando o tempo.

Apenas conversando e relaxando.

A ideia soava patética, e provavelmente *era*, mas ela nunca tivera amigas. As Leopardas não contavam. Não existia afeto entre elas; sua lealdade era protocolar, mais ligada à sobrevivência que a sentimentos genuínos.

Na Liga também não existia amizade. Lealdade, sim... a Nyssa, a Talia e à Causa. Uma lealdade intensa e profunda às duas mulheres determinadas a fazer justiça neste mundo, a qualquer custo.

Elas a haviam instruído muito bem.

Mesmo assim, no entanto... vendo Hera e Arlequina resmungarem sobre a estupidez do herói do filme, Selina concluiu que era legal estar na companhia de outras garotas, fossem amigas ou qualquer coisa. Ainda mais garotas como ela, tão empenhadas em cagar para o mundo.

Selina abriu a boca para explicar *como* escaparia do assassino, ou melhor, como viraria o jogo e acabaria com o infeliz. Mas não houve tempo.

Algo irrompeu pelo vidro, rolou sobre a grama espessa e macia e aterrissou entre elas e a tevê.

Selina teve uma fração de segundo para perceber o que era.

Granada. Caseira. Letal.

Arlequina soltou um grito, mas Hera agiu tão depressa que Selina mal teve tempo de cogitar avançar em direção à bomba.

Um lampejo verde, um estalido...

Uma vinha grossa junto à grama, mais parecida com uma raiz, agarrou a granada e a arremessou de volta para fora.

A bomba mal saiu da estufa antes de explodir.

Uma chuva de estilhaços desabou do teto; Selina se jogou por cima das outras duas.

Então, silêncio.

– Merda – arquejou Arlequina, atrás dela. – *Merda.*

Elas tinham que sair dali. Tinha que dar o fora *naquele instante...*

Um segundo depois, algo pesado desabou sobre a grama.

A vinha se preparou outra vez, mas parou.

Mesmo a distância, a mensagem escrita em torno do tijolo era clara:

Foi um aviso. Da próxima vez, haverá mais. Vocês estão acabadas, bandidas.

Um aviso. A granada tinha sido um aviso.

O corpo de Selina, ainda esparramado por cima de Hera e Arlequina, não parecia concordar. Queria gritar. *Precisamos correr. Precisamos reagir. Precisamos sair daqui.*

Ela respirou para se acalmar. Algumas vezes. As outras fizeram o mesmo.

– Estão machucadas? – perguntou Selina às duas, já com o coração mais calmo, então se levantou e sacudiu os cacos de vidro do corpo.

Sua roupa não tinha sido atingida, mas as outras...

Hera estava sangrando. Cheia de arranhões nos braços e nas pernas. Onde o corpo de Selina não havia alcançado.

As duas, no entanto, encaravam Selina. Como se nunca a tivessem visto antes.

– Você pulou em cima da gente – disse Arlequina.

– Eu estou protegida pela roupa – respondeu Selina, apenas. Apontou para Hera. – Temos que limpar isso.

Arlequina deu um salto ao perceber o sangue de Hera, os cacos de vidro. Seu rosto, já pálido, ficou transparente.

Hera soltou um sibilo, cerrando os dentes para as feridas abertas.

– Tem... tem pomada e gaze no armário perto da pia. Vai ser útil. Fui... eu que fiz.

Arlequina disparou até o armário.

Selina caminhou até a parede da estufa atrás delas, perscrutando a escuridão. Nada. Nem sinal do remetente da granada e do recado asqueroso.

– Este lugar está comprometido – declarou ela, enquanto Arlequina retornava correndo com a pomada e a gaze. – Vocês têm que sair daqui.

– Só depois que a gente limpar ela – disse Arlequina, ajoelhando-se na grama para examinar o comprido talho na perna branca de Hera.

Não havia indício de vidro, informou o capacete de Selina. Ela repassou a informação. Arlequina ignorou, já esfregando a pomada no ferimento.

Enquanto Arlequina preparava as gazes, a pele de Hera já começava a cicatrizar.

Selina pestanejou, atônita.

– Como...?

– A natureza tem resposta para tudo – disse Hera, ainda trêmula.

Arlequina seguiu em frente, balançando as tranças com movimentos precisos e eficientes.

– Esse aviso pode ter vindo de qualquer pessoa – insistiu Selina.

– Do Batwing? – indagou Arlequina, sem erguer os olhos.

– Não faz o estilo dele – respondeu Selina.

Era covardia demais para Batwing. Não, ele teria encarado as três dali e as mandaria, vivas, para a cadeia.

– A DPGC, por outro lado, teria invadido de uma vez – prosseguiu ela. – Isso foi coisa de algum criminoso de baixa estirpe, que não está gostando da nossa invasão ao território dele.

Selina olhou o belo laboratório, o refúgio criado por Hera, e disse:

– Eu lamento muito. Vocês precisam sair daqui. Agora. A DPGC já deve ter recebido denúncias de uma explosão no parque. E se alguém tiver seguido vocês até aqui...

– Ela já entendeu – soltou Arlequina. – Em vez de ficar falando, por que não ajuda aqui?

Selina se esticou toda, mas foi até o sofá de musgo. Sacudiu o vidro,

tirou as luvas, enfiou a mão no jarro de pomada leitosa e passou no antebraço de Hera.

– Pode ter sido qualquer um – disse Hera, enquanto Arlequina terminava uma perna e começava a outra. – Falcone, por conta do que a gente fez com os homens dele umas semanas atrás.

Selina refletiu.

– Pode ser. Por isso a gente precisa ser esperta na hora de retrucar.

O brilho no olhar de Hera... A vingança ardia naqueles olhos. E nos de Arlequina. A mensagem de ódio no tijolo em meio aos vidros atrás delas cintilava feito uma placa de néon.

– O que é que você tem em mente? – perguntou Hera, inspecionando suas plantas e o laboratório que ela havia construído.

Sua casa, percebeu Selina. Aquela, verdadeiramente, era a casa de Hera.

Uma pontada de inveja, estranha e fria, invadiu Selina.

Ela ergueu o queixo e encarou Arlequina.

– Eu quero nomes. Quero os nomes dos três subalternos mais reles do Coringa. Os mais insignificantes... que estejam cumprindo pena, claro.

O brilho letal nos olhos de Arlequina se aguçou.

– Por quê?

Selina migrou para o lado direito de Hera, para cuidar de seu outro braço.

– Porque nós também precisamos mandar uns recadinhos.

– Como é que você vai soltar eles?

– Deixa comigo. Só traga explosivos capazes de detonar concreto e aço.

Depois de terminar, Selina foi pegar as luvas.

– Que hematoma é esse? – indagou Hera, estendendo a mão para a manchinha roxa e preta que despontava da manga de Selina.

Com delicadeza, Selina baixou as mangas.

– Nada.

As tatuagens das Leopardas.

Talia queria removê-las a laser. Fora a única coisa diante da qual Selina a desafiou. Ela havia abandonado tudo que era, tudo que amava. As tatuagens, porém... se quisesse removê-las, Talia teria de esfolar Selina viva. E foi informada disso.

Talia, limitando-se a dar de ombros, argumentara num tom arrastado que aquela insignificante ligação emocional com o passado prejudicaria as habilidades de Selina em fazer o necessário para promover a causa da Liga.

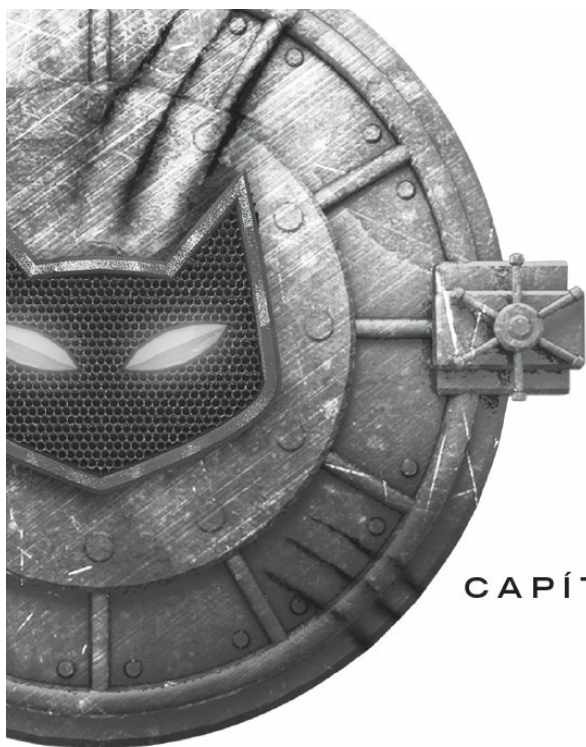
Talia não sabia da missa a metade.

Hera encarou Selina com descrença, mas Arlequina apenas suspirou, levantando-se depressa e balançando as trancinhas.

– Pode cair lá em casa, Herinha. Pega o que for mais importante, e vamos embora.

Hera contemplou por algum tempo o paraíso que ela mesma fabricara. Sim, ela estava triste. Aquelas plantas... eram suas amigas. Sua família.

Não era mais possível ficar com elas.



CAPÍTULO 20

Luke sabia que às vezes era um babaca.

E de fato havia sido, na noite anterior, ao sair soltando mentiras em vez de agradecer a Holly. Mas ainda estava muito irritado e furioso, depois de três semanas de perseguição infernal à Mulher-Gato e suas amigas.

Três semanas, seis roubos. Bancos, joalherias... graças à Mulher-Gato e seu grupinho de bandidas saltitantes, era de se admirar que ainda houvesse dinheiro e bens de valor em Gotham City.

Então começaram as pequenas explosões: contêineres detonados nas docas, animais soltos do zoológico e do circo... não havia lógica ou razão naqueles ataques. Uns eram por dinheiro, outros só para tocar o terror.

O pior de tudo, dissera Gordon a Luke na véspera, pouco antes da partida de boxe, era que alguns criminosos já estavam jurando lealdade à Mulher-Gato. Graças às fotos publicadas nos jornais. A filmagem do pandemônio delas. Uma nova Rainha do Submundo, como chamavam os jornais e os criminosos de baixa estirpe.

Por isso ele fora lutar tão irritado. Desatento. Vencera, mas levava uma bela surra no processo.

Então, com o corpo já dolorido demais e o pavio já totalmente queimado, ainda ouviu Holly, em sua casa, dizer, com a maior tranquilidade, que havia *saído* com alguém. Luke reagiu mal.

Ele teria se levantado para pedir desculpas, mas seu corpo cansado não cooperou. Literalmente se recusou a sair daquele sofá. Ele dormiu ali mesmo. Maldição. Ao acordar na manhã seguinte, foi bater à porta de Holly, mas ela não atendeu.

Luke não tinha o celular dela, ou teria mandado uma mensagem – sugerindo encontrá-la, não pedindo desculpas. As desculpas ele pediria pessoalmente.

No entanto, o dia correu, e ele passou o tempo todo cochilando, vendo futebol na tevê. Próximo à hora do almoço, foi cambaleando outra vez até a porta dela: nada. Jantar: nada.

Se ela estava dando um gelo, Luke não a culpava.

A noite caiu, e Luke ainda estava esparramado no sofá, matutando como entraria na maldita roupa de Batwing, quando o jogo a que ele assistia foi interrompido por uma reportagem urgente. Direto da Penitenciária Blackgate, exalando fumaça por sob o céu noturno. Ao ler a manchete na base da tela, Luke soltou um palavrão, então correu para o quarto.

TRÊS CAPANGAS DO CORINGA SOLTOS DA PRISÃO;
MULHER-GATO SUSPEITA DE ENVOLVIMENTO



Selina entrou no pequeno bar nas docas, com Hera e Arlequina a tiracolo. Os três capangas do Coringa, ainda de uniforme laranja, vinham logo atrás.

Todos no salão escuro, revestido em madeira, ficaram paralisados. Até o rock pesado que tocava nos alto-falantes foi interrompido.

Ela esperara até agora, semanas depois do encontro no banco, por um motivo. Escolhera justo aquele bar por um motivo. Sabia que ali era o ponto de encontro de gente como Carmine Falcone, gente que trabalhava para *vários* chefões da cidade e preferia se reunir em território neutro.

A granada na casa de Hera apenas incentivara Selina a agir um pouco antes.

Nenhum policial frequentava aquele lugar. Não ousavam. Nem os desonestos.

Hera e Arlequina permaneceram ao lado de Selina, empertigadas, enquanto ela inspecionava o recinto: piso de carvalho encerado, teto de ladrilhos originais dos idos de 1800, fotos de chefões antigos e atuais à mostra, lampiões redondos de luz dourada presos às paredes. Para um bando de criminosos, até que haviam tomado o cuidado de preservar a atmosfera original do ambiente.

Todos agora as encaravam, alguns com a bebida a meio caminho da boca.

– O negócio é o seguinte – começou Selina, a ninguém em particular.

Ela projetou as garras das luvas, reluzentes sob a luz fraca. O chicote de couro junto ao corpo implorava para ser usado.

Ainda não. Ainda não.

– Vocês não se metem com a gente, vocês nos ajudam quando solicitarmos, e as recompensas serão...

Ela caminhou até os três homens libertados. Um golpe brutal de suas garras abriu as algemas. Uma após a outra.

– Fartas – concluiu.

Os capangas do Coringa sorriram, girando os punhos.

– Se resolverem fazer o contrário – disse Selina, baixinho, e caminhou em direção ao homem mais próximo, sentado na banquetta

do bar de carvalho entalhado –, se tentarem ferrar com a gente, as punições serão...

O homem estremeceu no banquinho de veludo vermelho; ela correu com delicadeza uma garra por seu rosto barbudo. Um lado, depois o outro. Entoou uma risada baixinha.

– Fartas.

Selina se virou, assentindo para Hera e Arlequina.

– Vaca – soltou alguém lá de trás.

Selina revirou os olhos.

No entanto... conhecia aquela voz.

Selina parou.

O salão estava quieto feito uma tumba.

Sua máscara identificou o sujeito, mas ela já sabia. Um italiano velho, obeso, sentado a uma mesa junto ao alvo de dardos.

Carmine Falcone.

Exatamente quem ela queria encontrar.

Ele ainda tinha a mesma cara, ainda usava o mesmo terno apertado, o cabelinho ensebado para trás, um sorriso de escárnio estampado no rosto pálido. O nariz adunco cheio de vasinhos vermelhos. Ela ficou pensando se as Leopardas ainda prestavam contas a ele. Se Mika conseguira se libertar.

Selina avançou em direção a ele.

– Você passou do limite, babaca – murmurou Hera.

Para seu próprio crédito, Falcone nem se mexeu.

Apenas abriu um sorrisinho para ela e deu uma golada na cerveja. Ninguém nunca o fizera tremer nas bases. Ninguém *nunca* o havia desafiado.

Para tudo existe uma primeira vez, pensou Selina.

Ela soltou o chicote e o deixou cantar.

A primeira açoitada fez estilhaçar a cerveja na mão de Falcone.

Na segunda, ela enroscou o pescoço do homem e puxou-o por sobre a mesa. Ele se debateu feito um porco laçado.

Quatro de seus capangas, em mesas próximas, deram um salto, de armas em punho.

E encontraram Hera e Arlequina com seus arsenais já apontados; os homens do Coringa flanqueavam as duas, doidos por uma briga.

Na mão de Hera, uma flor cor de sangue cintilava à luz dourada do bar.

“Fiz um modelo novo depois do roubo ao banco”, dissera ela mais cedo, ao mostrar a flor a Selina. Flores capazes de abater *muitos* homens, não apenas os mais próximos.

Mas não era só isso. Enroscada na outra mão de Hera estava sua vinha, a ponta agora equipada com espinhos cortantes.

Um homem ao lado de Hera se encolheu ao ver a planta serpeante em seu punho. Seu amigo, diante de Arlequina, empalideceu ao vê-la segurando a esfera de metal, pintada com um desenho infantil.

Selina apertou o punho no chicote e se aproximou, enquanto Falcone tentava, sem sucesso, soltar o pescoço intumescido.

Selina correu as garras pelas costas dele, rasgando o paletó e a camisa xadrez que havia debaixo. Foi recebida por um naco de carne peludo e suado.

– O East End é meu – disse ela, baixinho.

Sempre fora.

Apesar do chicote no pescoço, Falcone gritou ao sentir a garra descer por sua coluna, rasgando a pele, tirando sangue.

Com um estalido, Selina soltou o chicote.

Falcone tremia e urrava.

– Agradeça por não ter sido a sua língua – disse Selina.

Ela rumou para a porta, com Hera e Arlequina sorrindo atrás dela, as armas ainda apontadas para Falcone e seus homens.

– Dê boa noite aos rapazes, Hera – disse Selina, avançando até a porta, com os três capangas do Coringa a tiracolo feito cachorros treinados.

Hera soltou uma risadinha suave.

– Boa noite.

Algo caiu no chão, suave como uma pétala; fez-se um leve chiado, e então...

Gritos e urros.

No momento em que Hera e Arlequina saíam, confiantes, para encontrar Selina na rua escura, um silêncio havia se abatido sobre o bar. Os homens todos acordariam com uma baita dor de cabeça. E perceberiam que ela não tinha chamado a polícia enquanto eles estavam apagados.

Ela só queria ter visto o rosto de Falcone ao recobrar a consciência. Ao perceber que seu reinado havia chegado ao fim, ainda mais depois daquela humilhação.

Arlequina saltitava alegre mais à frente, seguindo pelo asfalto rachado da rua.

– O que vai acontecer agora? – perguntou Hera, de braço dado com Selina.

Selina encarou o horizonte ao norte.

– Agora eles se ajoelham a nossos pés.



Gordon segurou seus funcionários por uma hora, tempo suficiente para que Luke esquadrinhasse o ponto de Blackgate onde ocorrera a fuga; a tecnologia de sua roupa não deixava passar nada, do gás usado por Hera Venenosa para nocautear os guardas aos explosivos com que Arlequina detonara as paredes de concreto. Tudo orquestrado pela Mulher-Gato.

Fora de controle. Totalmente fora de controle.

No interior da prisão os detentos chacoalharam as barras, provocando Luke enquanto ele retornava, ao lado de Gordon. Alguns cuspiram em Gordon, mas ele ignorou.

– Até agora elas escaparam de tudo – disse Gordon, irritado. – Estão testando o nosso limite.

Luke sabia disso. Mas a Mulher-Gato o advertira de que coisa pior estava chegando a Gotham City. As palavras dela ainda repercutiam nele.

– Se ela foi corajosa a ponto de fazer isso, pode ser que o próximo alvo seja o próprio Arkham.

– Ninguém é tão idiota assim.

– Ela está trabalhando com Arlequina. Libertou três capangas do Coringa hoje à noite. Pode muito bem estar se preparando para libertar o Coringa, seja para presentear Arlequina, seja para trocar favores com ele.

O sangue de Luke gelou com essa ideia.

Gordon balançou a cabeça e destrancou a porta, e os dois entraram na principal área de espera da prisão. O lugar estava apinhado de policiais, que olharam Luke de cima a baixo enquanto ele passava. Olharam Batwing, na verdade... de armadura reluzente, feito um raio azul sob o teto iluminado.

– Não podemos deixar isso acontecer – disse Gordon, parando em frente às portas da prisão.

Bem ao longe, do outro lado do muro cercado, fotógrafos disparavam suas câmeras e repórteres batalhavam pelo melhor ângulo para registrar a saída de Batwing. Luke se posicionou e apertou um botão da roupa, preparando as asas para o voo. A decolagem sem dúvida alguma era a melhor maneira de escapar da imprensa... e de suas perguntas.

– Eu vou cuidar disso – respondeu Luke, abrindo com os ombros as pesadas portas da frente. – Pode confiar.

Gordon não parecia convencido, mas assentiu.

Sob a noite escura, Luke deu três passos largos, abriu as asas e disparou rumo ao céu.

Ele cuidaria daquilo, sem dúvida.

– Preciso que você organize um baile de gala – disse Luke ao pai na manhã seguinte, com as mãos sobre sua mesa. – Por favor.

Lucius Fox ergueu a sobrancelha e deixou de lado o documento que estava lendo.

– Será mesmo que eu quero mais detalhes?

Luke correu as mãos pela cabeça.

– É um favor enorme, eu sei. Eu prometo... *prometo...* que ninguém vai sair ferido. Mas preciso que você promova um baile daqui a três dias. Para levantar dinheiro para o circo, o zoológico, a cadeia... os locais que foram alvo da Mulher-Gato e suas comparsas.

– Presumo que também vamos expor algum objeto valioso para um leilão de caridade?

– Exatamente. – Luke empurrou uma pilha de papéis em direção ao pai. – Peça à mamãe para convidar todo mundo dessa lista.

Eram os mesmos convidados de todos os bailes a que ele havia comparecido, e onde a Mulher-Gato tinha dado as caras.

O pai olhou a lista, sem vontade.

– A sua mãe vive tão preocupada com a sua reinserção à vida social que vai ficar empolgada... apesar do momento inapropriado.

– Se alguém dá conta de organizar uma festa em três dias, é a mamãe.

– Ela é mesmo um espetáculo.

Não pela primeira vez, Luke desejou que ela soubesse... sobre Batwing, sobre Bruce. Sobre tudo.

Luke cruzou os braços e foi saindo do escritório.

– Ela mexe mesmo com você, não é?

Luke sabia que o pai não estava falando da mãe. Encarou o pai por um longo instante.

– Ela foi muito longe.

Longe demais.

– Cuidado, Luke. Fazer o papel de isca... – O pai dele suspirou. – Tenha cuidado.

A última coisa que Luke queria era ter cuidado, mas mesmo assim ele assentiu.



CAPÍTULO 21

A residência dos Fox havia sido transformada em um jardim cintilante, os corredores e o salão decorados com velas e flores brancas, arbustos esguios adornando os cantos e fitas de seda cor de creme drapejando no teto em domo.

Era o lugar mais lindo que Selina já vira. Os palácios venezianos não eram nada em comparação àquilo. Nem os luxuosos aposentos pessoais de Talia chegavam perto.

Não eram apenas os sinais de riqueza que a atraíam – era a sensação de lar que irradiava de cada ponto do lugar, até mesmo da pista de dança. Todos os ambientes eram cheios de cantinhos onde ela adoraria passar uma tarde enroscada. Tudo era refinado, elegante e acolhedor.

Uma banda tocava numa das extremidades do imenso espaço com teto abobadado, e a pista já estava lotada. Havia muito mais gente que de costume, mas, por outro lado, a banda também era melhor que o habitual.

A cereja do bolo, contudo, era o colar de safira e diamantes exposto num estojo de vidro, do lado oposto à pista de dança comprida e retangular onde tocava a banda.

Ela mal havia procurado Luke, por mais que estivesse na casa dele. Ao chegar, avistara-o junto a uma arcada, cumprimentando quase todos os convidados. Todos pareciam gratos pelos seguranças em ambos os portões de entrada, montando guarda em cada porta.

Selina encarara aquilo como um desafio.

Quinze milhões de dólares. Era o valor do colar da família Fox.

Roubá-lo debaixo de tanta segurança? Seria ainda melhor.

Usando um vestido de mangas compridas, Selina estudou rapidamente os detalhes iniciais do salão, passou por Luke e cumprimentou sua mãe, mas não ele. Mal suportou olhar por muito tempo a anfitriã, tão gentil e afetuosa, a mulher que ela roubaria. E o homem alto e bonito a seu lado, a imagem exata de Luke dali a algumas décadas, que recebia cada convidado como se fosse um amigo íntimo.

Os cumprimentos foram breves, e antes que Luke pudesse terminar de receber o convidado à sua frente e se virasse para ela, Selina rumou para o meio da multidão, deixando que seu rebolado passasse a mensagem.

Desde a noite em que ela cuidara dele, os dois não tinham se visto nem se falado. Ele batera duas vezes à porta dela, mas Selina não tivera vontade de atender.

No entanto, ela passara as últimas duas horas sentindo o olhar de Luke. Ao dançar com inúmeros homens, ao beber e comer com as damas da sociedade de Gotham City. E agora, enquanto dançava com um velho empresário, um sorriso modesto e afável no rosto, sentia o olhar dele cruzando o salão.

Ele estava no meio de uma conversa com um homem muitíssimo idoso. Que bom. O velho era um tagarela, e embora Luke parecesse de fato estar ouvindo... Selina ignorava os olhares que ele dispensava em

sua direção. Talvez estivesse sendo injusta, talvez um pouco sensível, mas...

Aquelas palavras frias ainda reverberavam em seus ouvidos. Luke não se interessava pelo que ela fazia. Ela não queria saber se ele pediria desculpas ou não.

O erro fora dela. Em esperar uma reação diferente.

A música foi chegando ao fim. Selina se afastou de seu parceiro, oferecendo um sorriso.

– Posso interromper? – disse uma voz grave por trás de Selina, antes que ela desse um passo.

O velho se curvou em uma mesura charmosa e se afastou. Selina encarou Luke. Ele a encarou de volta.

– Oi – disse ele, a voz um pouco rouca.

Elegante como sempre, em seu uniforme de fuzileiro naval.

Dar meia-volta e fazer uma cena apenas atrairia atenção. Com o colar em jogo, a melhor chance de passar despercebida era ser vista na festa, mas não realmente *notada*.

– Oi – respondeu ela, estendendo a mão para Luke.

Em silêncio, ele deslizou a mão pela cintura de Selina e conduziu-a rumo à próxima música.

Ao ouvir a doce melodia de um antigo jazz preencher o salão, Selina estremeceu.

Não essa música. Qualquer uma, menos essa.

Não era a canção de *Carrossel*, mas... Quantas vezes Maggie botara aquela música para tocar, cantando junto da forma que era possível? Quantas vezes ela havia dançado agarradinha com a irmã, na cozinha, ao som daquela canção?

O corpo de Selina se distanciou; o vestido a sufocava. Cada nota, cada batida era uma punhalada no estômago. Ela mal conseguia olhar para Luke, nem para ninguém.

Resistindo à dor que lhe tomava o peito, Selina cravou o olhar num ponto acima do ombro de Luke.

– Não é fã de jazz? – perguntou ele, logo ao primeiro refrão.

A pergunta a arrancou da névoa de suas lembranças, e ela o encarou. Aquilo tinha sido em outra vida. Em outro mundo. Neste novo mundo em que ela habitava...

– Eu amo jazz, para ser sincera.

Era verdade.

– Então por que essa cara?

Ela nunca poderia explicar. Não de verdade.

– Essa era a música preferida... de uma pessoa que eu... – Selina balançou a cabeça. – Velhas recordações.

Era a maior verdade que ela podia oferecer.

Luke engoliu em seco.

– Me desculpe pela babaquice que eu falei na outra noite.

– Tudo bem – respondeu Selina, enrijecida.

Luke franziu a testa.

– Não está tudo bem. Eu nunca fico legal depois de lutar, sinto dor, cansaço... e daí você mencionou que saiu com alguém...

– Ah, então foi culpa minha você ter sido grosseiro?

Um casal de idosos virou a cabeça para eles. Luke a conduziu um pouco mais para longe.

– Não foi isso que eu disse – respondeu ele, baixando o tom de voz.

– Foi, sim.

Ela cerrou a mandíbula e desviou o olhar, buscando uma rota de fuga daquela pista de dança que não levantasse suspeitas.

Ele pigarreou.

– Eu reagi mal. É isso que estou tentando dizer.

– E por que você se importa com quem eu saio?

As palavras saíram frias, inexpressivas. Nem de longe a fala arrastada com que ela interpretava Holly.

– Achei que nós fôssemos amigos – respondeu ele, cauteloso.

Ela o encarou mais uma vez.

– Eu não tenho amigos – disse, sem leveza ou alegria na voz.

Um músculo trêmulo na mandíbula dele.

– Bom, estou tentando mudar isso.

Selina ficou calada.

– E estou tentando te pedir desculpas – prosseguiu Luke.

Ela encarava a banda atrás dele; seu rosto era uma máscara de frieza e calma.

– Holly – disse ele.

Ela odiava aquele nome. Estava ficando de saco cheio daquele nome.

Ele soltou um suspiro.

– Me desculpe. É sério.

Parecia sincero.

Bem lentamente, Selina encarou os intensos olhos castanhos de Luke.

Não se deu ao trabalho de disfarçar a desconfiança. Desconfiança e... esgotamento.

Holly. Ele pensava estar dançando com *Holly*.

Não importava. Selina tinha muito a fazer para destruir aquela cidade. Vivia esmagada pelo peso de sua missão. Peso que a sufocava havia mais tempo que ela era capaz de recordar.

– Tem dias que eu acho que ainda estou lá – disse Luke, com a voz rouca. – Do outro lado do oceano. Na maioria das noites o meu corpo e a minha mente não conseguem distinguir a diferença. E, na maioria dos dias, eu só me sinto presente... pela metade. – Ele engoliu em seco, como se não soubesse ao certo aonde queria chegar com aquilo. – Ainda estou aprendendo a ser normal. Se é que tal coisa existe.

Selina absorveu as palavras dele, a honestidade.

E perscrutou aquele belo rosto.

– Ser normal é uma armadilha.

Ele pestanejou, aturdido.

– Não se deixe aprisionar – sussurrou Selina, enquanto a canção chegava ao fim.

Os últimos convidados haviam retornado para casa, com seus motoristas, duas horas antes.

Os pais de Luke foram dormir meia hora depois, ao que ele também fingiu estar exausto.

Porém, quando o relógio bateu duas da manhã, ele ainda se escondia em meio às sombras do salão, a luz baixa refletindo sua roupa, e observava do canto oposto o colar reluzir sob o luar que adentrava as portas de vidro da varanda.

Já fazia uma hora que ele estava ali. Escutara os funcionários apagarem as luzes e saírem, ou rumarem para seus próprios quartos no casarão.

Ela não aparecera durante a festa. Uma pequena decepção.

Talvez tivesse encarado o excesso de segurança como suicídio, em vez de desafio. Luke dispensou todo mundo. Não queria que ela percebesse a realidade: era tudo uma armadilha.

Duas e dez.

Duas e quinze.

Então...

Luke permanecia imóvel, como uma de suas estátuas, quando ela apareceu.

Em completo silêncio, cruzou as portas de vidro da varanda. Ela havia desativado o sistema de alarme da casa. Interessante. A Mulher-Gato, praticamente uma sombra, avançou. Cada movimento era fluido e gracioso. Calculado, controlado.

Ela parou em frente ao estojo de vidro sobre o pedestal... e analisou o colar que cintilava em seu interior.

Projetou as garras.

Contrariando todos os instintos que o mandavam atacar, Luke retesou os músculos.

Observou a gata, com suas garras, abrir um círculo no vidro. Ela estendeu a outra palma mais abaixo, à espera, e pegou o disco de vidro antes que se estilhaçasse no chão. Trabalho ágil, refinado.

Nenhum sinal de Hera ou Arlequina. A varanda de ardósia, do outro lado das portas de vidro, estava vazia, exceto por uns vasos de buxinho e o gramado muito bem-cuidado, tomado de orvalho e reluzindo ao luar.

Talvez ela não quisesse dividir o prêmio da noite com as amigas.

A Mulher-Gato observou novamente o salão, como se tentasse escutar algo. Luke permaneceu sob as sombras; a pilastra à sua frente escondia por completo seu corpo e sua armadura.

Ela voltou a atenção ao estojo que abrigava o colar. Passou a mão pelo círculo que abrira no vidro e aproximou suas garras brilhantes da joia.

Luke prendeu a respiração. Já tinha a prova de que precisava, gravada na câmera da roupa. Prova de dolo. Dobrou os joelhos, pronto para dar o bote.

O ataque aconteceu tão depressa que Luke levou um segundo para perceber o que acontecia.

Não veio dele.

O ataque não veio dele.

Uma silhueta esguia de mulher, vestida em roupas pretas e soltas, irrompeu das sombras. De *cima*. Das janelas enfileiradas logo abaixo do teto em domo.

Enquanto a mulher descia, em silêncio, a Mulher-Gato deu um salto para trás, e bateu na base de pedra do estojo. Luke espiou a mulher de pele morena, meio coberta por um capuz e um lenço na boca, e soube quem era.

Tigris.

Uma das mais notórias e letais integrantes da Liga dos Assassinos.



CAPÍTULO 22

Uma integrante da Liga – e das poderosas – havia chegado a Gotham City. Luke lera o dossiê de Bruce a respeito de Tigris, bem como o de todos os assassinos conhecidos da Liga.

A mulher havia operado muitas matanças pelo mundo – mortes, em geral, bem feias.

A perfeita representante da própria Liga, uma organização maior, mais rica e muito mais perigosa que qualquer criminoso de Gotham City. Felizmente, a Liga ainda não tentara se infiltrar na cidade. Ao pensar que Tigris pudesse ser apenas o começo, Luke gelou.

A Mulher-Gato deu um giro; suas garras cravaram linhas profundas no piso de madeira enquanto ela tentava se estabilizar e pulava para se levantar.

As duas se encararam por um longo instante; apenas os olhos de Tigris eram visíveis por sob o capuz.

“Tem gente muito mais graúda vindo para Gotham”, dissera a Mulher-Gato. Ela o *advertira*.

Gente pior que o Coringa e seus capangas. Gente pior, como a Liga dos Assassinos.

Se a Liga resolvesse prestar atenção em Gotham City depois de tantos anos...

Os pais dele estavam em casa. Dormindo no andar de cima.

Luke teve uma fração de segundo para decidir: ou mandava os pais correrem para o quarto do pânico, ou entrava na luta para refrear a Mulher-Gato e Tigris.

Antes que ele pudesse escolher, a Mulher-Gato avançou. Para dar um bote em Tigris.

A assassina afastou os pés.

A Mulher-Gato simulou um ataque para a esquerda, então correu para a direita. Bem em direção à porta da varanda aberta. Evitando o estrondo de vidro que poderia fazer seus pais ou os empregados acordarem.

A Mulher-Gato correu uns seis metros pela varanda de piso frio, e Tigris disparou atrás.

Luke correu para fora e parou na mesma hora, enquanto a assassina se jogava para cima da Mulher-Gato.

Devia ter acabado ali mesmo.

Mas a Mulher-Gato não cedeu.

Ambas eram um redemoinho negro, lutando sem armas. Apenas punhos, braços e pernas. Nenhuma das duas pegou as armas que traziam; até o chicote da Mulher-Gato permanecia em sua cintura, intocado.

Rápido. Tão rápido que ele mal conseguia acompanhar.

A Mulher-Gato, mesmo na defensiva... continuava firme.

Tigris tentou passar uma rasteira, mas a Mulher-Gato desviou agilmente. Tigris tentou esmurrar o capacete da gata, mas o soco foi bloqueado. Ataque, movimento, bloqueio... incessantes vezes.

Luke estava embasbacado.

Nunca vira *ninguém* lutar daquele jeito.

Ao receber de Tigris um soco brutal nas costelas, a Mulher-Gato aguentou. Não cambaleou. Seguiu em frente. Os golpes que a Mulher-Gato desferia eram tão letais quanto os de Tigris, mas seu estilo era conhecido. O treinamento da Mulher-Gato, fosse lá qual tivesse sido, sem dúvida incluía o boxe. E uma boa dose de ginástica, pela destreza e elasticidade de seus movimentos.

Ela executava uma dança, uma linda tessitura. Usava todos os golpes do ringue, mas modificados. Amplificados. Depois de reconhecer umas seis manobras, Luke parou de tentar identificá-las.

Então a Mulher-Gato começou a revidar... repetidas vezes. Soco, jabe, desvio, chute...

As duas não paravam.

Quando a Mulher-Gato assumiu a ofensiva e Tigris foi forçada a recuar, passo atrás de passo, ele soube quem sairia vencedora.

Tigris lutava belamente, feito uma lâmina cortando a carne.

A Mulher-Gato, porém, lutava com verdade. Como se seu maior medo não fosse a morte, e sim algo mais. Algo que a impulsionava, que a deixava alerta.

Luke viu o derradeiro golpe chegar.

Tigris desferiu um soco simplesmente perfeito e fortíssimo, capaz de quebrar uma costela.

A Mulher-Gato deixou a adversária acreditar que a acertaria. Assim que o golpe se aproximou de seu estômago, ela deu um giro.

Uma das mãos imobilizou o braço estendido de Tigris. A outra lhe atingiu as costas.

Com um grunhido que até Luke ouviu, ela ergueu a assassina acima do ombro. E jogou Tigris sobre os três degraus que desciam da varanda.

Pedra quebrada, ossos esmagados.

Tigris parou por uma fração de segundo... atônita. Ou quebrada, Luke não sabia.

Na mesma hora, a Mulher-Gato já estava em cima dela. Desta vez, uma lâmina surgiu.

Ela puxara uma espada curta de uma bainha escondida nas costas. A lâmina erguida cintilou sob o luar.

Hora de agir. Luke disparou um dardo de aço do braço de sua roupa.

No instante em a lâmina desceu, o dardo acertou o centro da espada.

Ao ver a espada sair voando pela grama, a Mulher-Gato soltou um grito de surpresa. Deu um giro em direção a ele; as lentes de seu capacete exibiam um brilho de irritação.

Luke se aproximou, e percebeu que Tigris não se movia porque a Mulher-Gato tinha quebrado sua *coluna*.

– Não – disse ele.

A Mulher-Gato permaneceu onde estava.

– Não se meta nisso.

Luke apontou um segundo dardo para o rosto da Mulher-Gato.

– Ela pode ter informações valiosas.

– Tenho certeza disso – respondeu a Mulher-Gato. – Mas nenhuma me interessa.

– Você vai matar ela por ter invadido o seu território?

Tigris soltou uma risada baixa.

– Você já era – disse, com um sotaque forte.

A Mulher-Gato virou-se de volta para a assassina, inclinando a cabeça, num gesto que era sinônimo de problema.

Porém, antes que Luke ou a Mulher-Gato fizessem qualquer coisa, Tigris levou a mão à boca com uma careta de dor e...

Veneno.

A Mulher-Gato deu um bote, como se para arrancar a cápsula da boca de Tigris...

O peito da assassina subia e descia muito depressa.

– Depois do que roubou, você é uma mulher morta.

Ela riu para a Mulher-Gato.

Então... mais nada.

Seus olhos escuros paralisaram. Já não viam.

Por um longo instante, a Mulher-Gato encarou o corpo de Tigris. Agora era um corpo. Um cadáver.

– Merda – sussurrou ela.

– Você estava prestes a matá-la – disse Luke, com frieza, a voz ainda mais soturna por efeito do capacete.

A Mulher-Gato se levantou, empurrando o corpo fraturado e molengo de Tigris, e pegou a espada da grama. Com um movimento suave, tornou a embainhar a lâmina nas costas.

– Eu ia deixá-la ferida, para que ela passasse um bom tempo sem poder vir atrás de mim.

– A coluna quebrada não foi o bastante?

Ele jurou tê-la visto estremecer.

– Isso foi um erro.

Luke não tinha condições de processar aquilo tudo. Ele, no alto da escada, a Mulher-Gato, na grama, e um corpo entre eles.

A Mulher-Gato estava ali, na *casa de seus pais*, seu lar de infância. No gramado onde ele havia jogado futebol e beisebol, onde ele participara de festas e piqueniques, por onde deslizara, de trenó, até a beira do lago.

Ela não pertencia àquele lugar. Com os pais dele dormindo bem no andar de cima...

Os pais dele. Se a mãe de Luke encontrasse um corpo no jardim, se sequer *ouvisse* a respeito daquilo, exigiria respostas. Respostas que ele não queria conceder.

Além do mais, seria um pagamento muitíssimo cretino pela ajuda que os pais haviam dispensado a ele aquela noite.

A Mulher-Gato, obviamente, não sabia de nada daquilo. Não tinha a menor ideia de que o homem parado à sua frente era o filho dos bilionários a quem ela já havia roubado duas vezes, e agora tentara roubar uma terceira.

– Precisamos tirar o corpo da casa, deixar à vista da polícia – disse

ele.

– E eu? Não saio algemada?

Uma pergunta firme, astuta.

– Ela te atacou, depois se matou. Mas, se você quiser sair daqui presa, beleza.

Silêncio.

– Considere isso um favor. Eu não te entrego à polícia, e você me ajuda a tirar esse corpo daqui.

– Por quê?

Ele apontou para a casa.

– Porque a família Fox é uma das poucas famílias decentes desta cidade, e eu não vou correr o risco de ter a Liga dos Assassinos farejando tudo aqui atrás de informações a respeito da sua valiosa assassina.

A ideia de a Liga invadir a casa e atacar seus pais era suficiente para deixá-lo nauseado.

– Que nobre – soltou ela, já caminhando até os pés de Tigris, calçados em botas, para erguê-los. – E aí?

Luke fez uma careta por sob a máscara, refletindo. Cansada da luta e com as mãos ocupadas, ela seria um alvo fácil. Ele tinha todas as provas necessárias para levá-la presa, e mesmo assim...

Ela havia lutado em silêncio. Conduzira a disputa para o lado de fora. Talvez para minimizar os riscos, os acidentes. Se também fosse por considerar os pais de Luke boa gente, ele estava grato.

Ele se aproximou da cabeça de Tigris e passou a mão enluvada sob seus ombros.

– Tem um matagal na beira da estrada, perto daqui.

Luke percebeu em questão de segundos que Tigris, embora parecesse esguia naquelas roupas pretas e soltas, tinha um corpo musculoso. Bem musculoso.

Em silêncio, ele e a Mulher-Gato carregaram o corpo pelo gramado, cruzando jardins e arbustos densos, e por fim saíram do terreno dos Fox e adentraram a mata ao lado. Ele podia caminhar às cegas por ali, mas certificou-se de parar vez ou outra, como se acessasse um mapa mental das redondezas.

Depois de se embrenharem mata adentro por cerca de meio quilômetro, Luke parou.

– Aqui está bom – disse ele. – A estrada não fica muito longe.

Para sua surpresa, a Mulher-Gato deitou com delicadeza os pés da assassina no chão.

Ele então fez o mesmo, com um suspiro tragado pelo vento frio da noite, que fazia balançar os pinheiros numa espécie de dança ébria.

Ela encarou a assassina por uns instantes. Luke abriu um painel no braço da roupa, na intenção de efetuar uma chamada anônima para a DPGC. Digitou os dois primeiros números, então...

Um sussurro baixo, em árabe, preencheu o ambiente.

A princípio ele achou que Tigris ainda estava viva.

Então percebeu que as palavras, belas e cadenciadas... vinham dela. Da Mulher-Gato.

Seu árabe era quase perfeito.

Ele não ouvira alguém falando árabe tão bem desde que retornara. Havia um leve sotaque americano, como o dele.

Ele não disse nada. Tirou a mão do painel em seu braço, encerrando a chamada.

Ao terminar, ela ajoelhou e fechou os olhos de Tigris com a mão enluvada.

A Mulher-Gato se levantou, encarando o corpo da mulher por um longo instante.

– Ela me treinou na Liga – soltou ela, por fim.

Os pensamentos de Luke se agitaram, como um turbilhão.

Ela havia sido treinada na Liga, pela própria Tigris. Ou seja...

A Mulher-Gato ergueu a cabeça; o luar iluminava as lentes sobre

seus olhos.

– Eu sou uma ghül... como ela. Como ela era.

Ela flexionou as mãos enluvadas, como se quisesse livrá-las da presença da assassina.

– É assim que os assassinos da Liga denominam a si mesmos. Ao fim do treinamento, nossa última tarefa é cavarmos nossa futura cova e entoarmos nossas preces finais. Ao anoitecer nos deitamos na cova, e lá ficamos até o dia nascer. Então, quando emergimos da terra... somos ghüls. Espectros.

Luke não perguntou quantos haviam chegado a retornar para sempre à própria cova.

Ela não era apenas uma ladra de joias habilidosa.

Era uma assassina treinada.

Pela Liga dos Assassinos.

– A oração – prosseguiu ela, mais para si mesma que para ele. – Foi o rito final dela. Direito de qualquer espectro.

– E você não tinha intenção de matá-la.

Embora Tigris tivesse ido até lá *justamente* para matar a Mulher-Gato... por algo que ela havia roubado. Silêncio.

– Se você pertence à Liga – indagou Luke –, por que está trabalhando com Hera e Arlequina?

Ela o analisou, como se refletisse sobre a resposta.

– Eu abandonei a Liga.

Luke levou alguns instantes para processar as palavras.

– Ninguém abandona a Liga.

– Eu abandonei.

Por isso a assassina atrás dela.

– Por quê?

– Nyssa e Talia al Ghül sempre se esforçaram para seguir os passos do pai.

Um maníaco ecoterrorista, mas sem o desejo de Hera Venenosa de salvar o planeta, de coexistir com as plantas e os animais. Não, o

homem queria varrer *toda* a vida humana da face da Terra.

– Eu percebi que já não me adequava àquele lugar – concluiu a Mulher-Gato, dando de ombros.

Por isso a advertência da semana anterior. Que havia coisas piores por vir. Fosse como parte dos planos de Nyssa e Talia, ou... para caçar a mulher à sua frente.

– Daí você foi embora – disse ele.

Um breve meneio de cabeça.

Ele queria ver o rosto dela. Queria saber com quem estava falando, quem era a pessoa que acabara de lutar feito um vendaval, que ousava largar a Liga, capaz de tamanha coragem...

– Quanto ao motivo por que estou trabalhando com Hera e Arlequina... – Ela deu de ombros. – Já que não faço mais parte da Liga, preciso de dinheiro para me estabelecer em Gotham.

Luke pestanejou e cerrou a mandíbula. Claro. *Isso*.

– Eu roubei uma coisa muito valiosa de Nyssa quando fui embora – prosseguiu ela.

Luke ouviu em sua cabeça o forte eco do aviso de Tigris.

– Ando avaliando uns potenciais compradores. Mas, até a venda, estou descapitalizada.

– Por que você simplesmente não arruma um *emprego*?

Ela riu baixinho.

– Que ingenuidade sua dizer isso.

Luke saiu do devaneio. Porém, em vez de partir para cima dela, ergueu o antebraço e enfim ligou para a DPGC. Explicou brevemente que um corpo havia sido encontrado naquele local, então desligou.

– Nem pense em sair correndo – murmurou a ela.



Porque ele ia prendê-la. Naquele exato instante. Apertou um botão na roupa tecnológica, a postos para a caçada. Duas algemas se soltaram do cinto de utilidades.

Outra risada baixa.

– Ah, não vai rolar.

O cinto de Luke detectou mais duas pessoas ao lado dela. No mesmo instante, Arlequina trincou duas de suas pequeninas esferas explosivas, uma em cada mão, o rosto coberto por uma máscara de gás. E Hera Venenosa libertou uma das orquídeas da vinha que serpeava por seu torso. Uma fumaça saiu lá de dentro. Não para derrubá-lo, mas para encobrir a fuga delas.

– Oi, bonitão – sussurrou Hera.

Arlequina escancarou um sorriso.

Algo cintilou nos dedos da Mulher-Gato.

O colar. O colar dos Fox.

Ela devia tê-lo pego ao levar o segundo empurrão de Tigris para cima do estojo. Rápido demais até para que ele visse.

Os diamantes ardiam feito fogo azul sob o luar.

– Muito obrigada – disse a Mulher-Gato, dando um passo atrás.

– Posso garantir – disse Luke, contraído – que esse colar é falso.

Ele mandara fazer uma réplica na véspera. Zircônia cúbica e metal pintado.

Valor total: algumas centenas de dólares.

A Mulher-Gato soltou uma risada baixa, um ribombo que ecoou duplamente. Motocicletas. Estacionadas na estrada, a alguns metros. Ela penetrou a névoa.

– Eu sei disso.

Então desapareceu.

Luke partiu pela fumaceira, desviando das árvores até chegar à estrada vazia.

Ela disparou pela noite na garupa de Arlequina. Depressa demais para que ele as seguisse, mesmo com as asas.

Ele devia ter capturado a gata. Devia tê-la algemado a Tigris e aguardado a chegada da polícia. Devia... ele não sabia o quê.

Uma assassina da Liga cheia de princípios.

Que estava na cidade para vender algo pelo qual a Liga estava disposta a matar, algo que o submundo de Gotham City faria fila para comprar.

O estômago dele se revirou. Ao mesmo tempo, porém, Luke lembrou a forma como ela lutara. Aquela risada baixa. A fria honestidade com que ela falara com ele.

Um calor lhe subiu pelo corpo, esticando a pele sobre os ossos. Um efeito pós-batalha, causado pela adrenalina. Por mais que ele não tivesse desferido um soco sequer. Mesmo tendo ficado parado, boquiaberto, enquanto ela lutava. Linda, graciosa, e totalmente sem limites.

Problemão. Ele tinha arrumado um problemão.



CAPÍTULO 23

Já fazia um mês e meio que Selina estava fugindo.

Ela havia levado dinheiro de Nyssa. Arrombara o cofre do escritório e surrupiara o cartão de banco momentos antes de partir para uma missão da Liga. Saíra do complexo pelas portas da frente.

Ela não sabia quanto tempo as outras haviam levado para perceber quem era a ladra. Decerto a própria Talia havia ligado os pontos. Àquela altura, porém, já devia estar claro que Selina embarcara num trem não para a Grécia, conforme fora instruída, mas para a Suíça, onde rapara todo o dinheiro da conta de Nyssa, abrira uma nova conta e se tornara Holly Vanderhees.

O cabelo, as unhas, as roupas. Os sapatos, as bolsas, as joias. Os carros, as residências, o jatinho particular. O jatinho era alugado, claro, mas tudo mais – toda a identidade que ela criara – havia sido comprado com o dinheiro imundo de Nyssa. Ela só lamentava não ter tido tempo de roubar o de Talia também.

E o que Selina trouxera consigo, seu *pagamento*... valia a pena. Valia muito a pena.

– Então a gente passou por todo esse perrengue hoje – disse Arlequina, por sobre o ronco da motocicleta que avançava pela noite – por uma *joia falsa*?

Selina sabia que tinha sido uma armadilha. Se Luke Fox, com seu pedido idiota de desculpas, sabia que sua família tinha sido usada, ela não fazia ideia. E nem estava interessada.

Mas fora curioso ver o cuidado de Batwing com a família Fox. Ela guardou a informação para refletir mais tarde.

O próprio Batwing era um problema. Sobre tudo porque ela gostava dele. Ele definitivamente fazia jus àquela roupa, mas... ela apenas gostava dele. Aquele instinto implacável de proteger os inocentes a qualquer custo. De enfrentar os próprios demônios nesse processo. Ou seja, ele era uma grande ameaça a todo o trabalho dela.

Por mais que ela soubesse que Batwing também estava intrigado, e que ela podia muito bem usar isso em vantagem própria...

– Ele lançou um desafio – disse Selina. – A gente não podia deixar de responder.

Por isso ela deixara Hera e Arlequina de prontidão na retaguarda. Não valia a pena se arriscar por um colar falso. Então elas aguardaram, nas redondezas, até a hora de buscá-la.

A chegada de Tigris fora inesperada.

Ah, Nyssa e Talia deviam estar muito bravas. Furiosas. Ainda mais agora, com Shrike e Tigris mortas...

– *De pé, sua lesma deprimente. – Mal se via os olhos escuros e exaltados de Tigris por sob o capuz. – Acha que os nossos inimigos dão tempo para a gente se recuperar?*

Palavras como nossos e nós eram usadas com frequência no complexo. Apesar da brutalidade, da competição, todos os instrutores alimentavam uma mentalidade de “nós contra eles”; tudo planejado para envolver. Para doutrinar.

Nós. Nosso. A gente.

Deitada nos tatames do centro de treinamento, quase incapaz de respirar por causa do ferimento lacrado a pontos na lateral do corpo, Selina manteve o foco. Tentou acalmar a ira e se levantar.

– Muito lerda – sibilou Tigris, atirando o corpo por cima dela.

Selina teve tempo apenas de erguer os braços e joelhos. Tempo apenas de rolar e sair do caminho de Tigris, mas não a ponto de evitar o chute deslizante que a derrubou outra vez. O golpe na garganta que lhe tirou o ar todinho dos pulmões, e o soco no estômago que a derrubou de vez, toda encolhida.

– Patético.

Tigris soltou uma risada. E foi embora.

Desde então, Selina a odiava. E passou a odiar ainda mais depois de ver outras acólitas incapazes de caminhar. Ou de respirar. Para sempre.

Nyssa e Talia nunca puniram Tigris por isso... por *matar* acólitas durante o treinamento. Nyssa dizia que era seleção natural. Talia apenas afagava os cabelos negros de Tigris.

Selina perdera a conta de quantas vezes imaginara a si mesma degolando Tigris.

Aquela noite, ela tinha certeza de que Tigris saboreara a ideia de matá-la. Por sorte, a assassina fora derrubada pela própria confiança. Não estava preparada para a demonstração das habilidades de Selina, pelo *desejo* de vencer de Selina, e ficara *furiosa* ao perceber a necessidade de se pôr na defensiva. Ao perceber que Selina andara treinando às escondidas na Liga, sem Tigris, e estudando a assassina a cada encontro das duas.

No entanto, ao jogar Tigris naqueles degraus, quebrando acidentalmente sua coluna...

Uma parte sombria e destruída de Selina também havia saboreado. O golpe. A revanche. Por todas elas.

Selina não lamentou a morte de Tigris. Entoara aquela oração porque... não sabia por quê. Talvez por causa da idiotice em pensar

que, se ela própria tivesse morrido, alguém teria feito o mesmo. Para, pelo menos, registrar sua existência – registrar a existência de *Selina Kyle*.

Mas Selina não queria pensar nisso. Não queria pensar tanto sobre as partes mais dilaceradas de si.

– A gente devia ter acabado com ele quando rolou a chance – disse Arlequina. – Para dar a entender que ele e a outra pessoa tinham se matado. – Uma pausa. – *Quem* era aquela mulher?

– Pau-mandado de algum chefão – respondeu Selina; era uma meia mentira, já que Tigris *de fato* trabalhava para Nyssa e Talia.

– Então a gente devia ter mesmo matado ele! – gritou Hera, por sobre o ronco do motor.

Selina não respondeu. Já havia sido bastante difícil manter as duas em xeque, evitar que aproveitassem a chance de destruir Batwing. Elas não compreendiam que, se a Liga estava avançando, era necessário um herói. *Ela* precisava dele. Para manter a Liga o mais longe possível.

Pouco tempo. Ela tinha pouco tempo.

Selina sabia como Nyssa e Talia perseguiam os seus. Já fizera isso no passado, a mando delas.

Primeiro, na dianteira: Shrike.

Em seguida, o teste de habilidades: Tigris.

Então, o movimento seguinte...

Selina não tinha muito tempo antes do movimento seguinte.

E ela precisaria de um exército para enfrentá-lo.

Selina encarou as estrelas no céu, quase invisíveis sob o brilho da cidade ao longe.

Para ter exércitos era preciso dinheiro. E uma dose saudável de medo.

– Pode me lembrar por que estamos aqui neste terraço, neste frio?

Hera soltou um suspiro, de boca torta, sentada ao lado de Selina, observando o beco abaixo. O verão enfim começava a dar lugar ao frescor do outono. Que pequena dádiva poder finalmente dar adeus ao forte calor.

– Porque eu preciso que vocês me deem cobertura enquanto levo um papinho com uma ralé, daqui a pouco.

Hera apenas bocejou, rearranjando as flores cintilantes nos azulejos do terraço à frente delas. Sua amiga vinha estava enfiada no bolso, aquecida.

– Plantas não gostam de frio.

– Bom, você teoricamente ainda é humana, então isso não se aplica.

– Tem dias – admitiu Hera – em que eu não me sinto humana.

Hera não fazia ideia de como Selina tinha a mesma sensação. Mas mencionar isso abria a porta para muitas perguntas.

Selina, então, pegou o jornal que trouxera, explicando a Hera que seria bom para passar o tempo.

Ela já havia completado as palavras cruzadas, com Hera volta e meia metendo a cara para interromper ou roubando a caneta para rabiscar uma resposta.

Selina começou a folhear as notícias internacionais.

Um *miau* inquisitivo ecoou pelo terraço, e Hera soltou um gemidinho de satisfação. Selina baixou o jornal e sorriu para a gatinha cinzenta que saltitava em sua direção.

– Está me perseguindo – disse ela à gata, que já se esfregava nas pernas de Selina e se entrelaçava em suas coxas.

Hera se aproximou, afagando as costas da gata.

– Sabia que os gatos domesticados são responsáveis pela morte de bilhões de pássaros e mamíferos todos os anos? A nossa bolinha de pelos aqui é uma caçadora de sangue frio.

Selina sorriu, arranhando o queixinho peludo da gata.

– Estou tremendo que nem vara verde.

Hera franziu a testa para a gata.

– Os passarinhos também.

A gatinha pestanejou para Hera, parecendo cheia de desprezo, e escapuliu para o meio da noite.

Selina, rindo baixinho, pegou o jornal outra vez.

Hera abriu um sorrisinho forçado.

– Você fica aí fingindo ser toda séria e compenetrada, mas por debaixo dessa máscara eu sei que vive sorrindo.

Selina dispensou o comentário e ergueu o jornal. Parou na seção de Ciência, soltou um suspiro entediado e correu o dedo pela matéria de capa.

– Você acha que esse lance é só feitiçaria?

– Linhas de Ley? – perguntou Hera, inclinando o corpo para espiar o artigo.

Selina deu de ombros, olhando o beco abaixo. Ninguém. E leu:

– “Linhas energéticas naturais que percorrem a terra como autoestradas.” Para mim, parece mentira.

– Não, com certeza é verdade. Já fizeram testes a respeito... uma porção dessa energia é tão forte que, se você encontrar uma linha de Ley numa rampa e botar o seu carro em ponto morto, o carro sobe a rampa – disse Hera enquanto puxava o jornal.

– Só pode ser pegadinha.

– Essa é a seção de Ciência. Não publicam *feitiçaria*, como você disse. – Hera fez uma careta para o jornal.

Ela parou por um instante, como se refletisse. Selina esperou. Por fim, Hera assentiu, mais para si mesma que para qualquer coisa, e soltou:

– Tem uma linha de Ley nos arredores de Gotham.

– A matéria não menciona isso. – Selina correu os olhos pelo restante do artigo.

– É porque ninguém sabe que existe. Quer dizer, o pessoal da comunidade científica sabe, mas... a gente não fala para a imprensa.

Tenho certeza de que alguma grande empresa maldita vai querer dar um jeito de destruir as linhas de Ley.

– É provável. – Selina dobrou o jornal com cuidado e deixou-o de lado. – Quer dar uma passadinha lá? Ver o tal truque do carro em movimento?

Hera refletiu, então apontou o queixo para o beco abaixo e perguntou:

– Mas, e eles?

– Vai ser rapidinho. – Selina suspirou ao ver as duas figuras que enfim entravam no beco.

Ela saltou por sobre o muro de tijolos do terraço, desceu pela calha e parou bem à frente dos dois capangas medíocres de Carmine Falcone.

No instante em que as toxinas de Hera deslizaram pela beirada do terraço, derrubando os homens inconscientes, Selina abriu um sorriso.

Seria só questão de tempo até que os dois contassem ao chefe o que ela se dera ao trabalho de avisar a eles: a Liga estava vindo roubar o que a Mulher-Gato pretendia vender ao submundo de Gotham City. E a Liga destruiria a cidade inteira antes de partir. Não tinha o menor interesse em alianças, nem em dinheiro.

Porque o que Selina estava vendendo... era muito valioso. E, para recuperar aquilo, para evitar que caísse em mãos erradas, a Liga varreria do mapa todos os criminosos e integrantes da escória de Gotham City, no banho de sangue que em breve assomaria à cidade.

Se os porcos e vermes do submundo não se preparassem. Se não se aprontassem para contra-atacar.

Gotham City ruiria... mas não nas mãos de forasteiros intrometidos.

Ruiria nas mãos *dela*.

– Imagino que este carro seja roubado.

Hera fechou a cara para o interior do Range Rover, todo revestido em couro. Empoleirou-se no banco como se não aguentasse sentir o

toque na pele.

– E é mesmo – respondeu Selina, em um tom de voz suave.

Ela havia trocado o capacete por uma máscara cor de ônix, revelando a metade inferior de seu rosto. Os cabelos estavam escondidos pelo capuz de um moletom preto. Hera, surpreendentemente, não abriu a boca ao ver Selina surgir, de carro, com o capacete no banco de trás. Mas parecia que o silêncio estava prestes a acabar.

– Sabe que tipo de maldades a indústria do couro comete todos os dias? A carnificina?

– Por isso você é vegana – retrucou Selina.

Hera observou a cidade, que passava num borrão.

– E você não vai debochar disso?

– Cada um vive como quer. Suas escolhas alimentares não me afetam em nada.

– Você precisa mesmo da máscara? – Hera a observou.

– Devagar se vai ao longe. – Selina bufou.

Hera deu de ombros, de olho na via escura à frente. A linha de Ley ficava quarenta minutos a oeste da cidade; a estrada que conduzia até lá era quase toda de mão única, sem árvores ao redor. Apenas um estirão árido.

– Isso aqui era uma floresta. – Hera apontou para os resquícios de grama iluminados pelos faróis do carro. – Foi tudo derrubado no início do século XX, para abastecer a expansão de Gotham.

– E nunca mais cresceu?

– Óbvio que não.

Selina franziu a testa e disse:

– A cidade devia ter plantado novas árvores.

– Naquela época ninguém dava a mínima. E hoje também não.

Selina refletiu e perguntou:

– Quanto custaria... para replantar a floresta aqui?

– Muita grana. E levaria muito tempo para qualquer coisa crescer.

Havia tanta tristeza em sua voz, tanta resignação.

– Bom – disse Selina –, talvez uma parte do nosso lucro... possa servir para isso.

Não podia ser ruim investir em mais áreas verdes. Nem um pouco.

Hera observou Selina por um longo instante. Selina manteve a atenção na estrada, monitorando qualquer cervo ou outro animal selvagem que tentasse cruzar o caminho e, ao mesmo tempo, dando espaço para a resposta.

– Eu nunca tive muitos amigos – disse Hera, baixinho.

Selina ficou grata pela distração dada pela estrada.

– E, mesmo que o nosso trio seja meio arriscado... – prosseguiu Hera, ainda num tom baixo. – Fazia séculos que eu não me divertia tanto. – Ela engoliu em seco. – A minha passagem pela escola foi tão rápida, que eu não tive a chance de ser... normal, sabe? De ir a festas, sair com o pessoal da minha idade.

– Você não sabe quantos anos eu tenho, posso ter 45.

Selina com frequência sentia-se muito mais velha. Mesmo quando era adolescente, também não fizera nada que a sociedade classificasse como *normal*.

Tentara, porém, proporcionar isso a Maggie. Tanto quanto possível. Fazer Maggie feliz havia compensado a falta de experiências típicas da adolescência. Quase sempre.

– Você não tem 45 anos – retrucou Hera, com um risinho. – O que dá para ver do seu rosto com certeza não aparenta. Além do mais, você não fala como uma mulher de 45.

Selina soltou uma risada.

– A Arlequina reclama que eu falo empolado.

– Ela só quer encher o saco.

– Qual é a história... entre vocês? – perguntou Selina, com cautela. Fazia semanas que estava morta de curiosidade.

Mesmo na escuridão do carro, Selina pôde jurar ter visto Hera enrubescer.

– A gente fica. A Arlequina foi uma das primeiras pessoas que eu conheci depois que o lance da escola terminou e eu comecei a fazer isso. A coisa da Hera Venenosa, quer dizer. E eu fiquei... morta de amor.

– E ela?

Hera deu de ombros.

– Eu sou uma distração para Arlequina, eu acho. Distraio ela dos pesadelos. – Hera ergueu as mãos; as vinhas se afastaram para revelar sua pele. – É difícil duas pessoas ficarem juntas quando uma delas é literalmente *tóxica*.

– Achei que você conseguisse controlar as suas toxinas – respondeu Selina, ainda impressionada com o que Hera havia se tornado, apesar dos horrores de seu passado.

Hera deixou que as vinhas tornassem a cobrir suas mãos.

– Eu consigo. Mas, às vezes, quando perco o controle... é arriscado. O contato direto com a pele.

Devia ser muito solitário viver daquele jeito, com tamanha preocupação.

Talvez essa tivesse sido uma das coisas mais imperdoáveis que os cientistas fizeram com ela.

Com um aceno, Hera desconsiderou as próprias palavras.

– Por outro lado, não tem importância. A Arlequina nunca quis rotular o nosso relacionamento. Depois de terminar com o Coringa ela disse que queria ser livre, mas... não sei se de fato é porque ela não quer se prender, ou se é porque imagina que o Coringa vá querer se vingar de qualquer pessoa com quem ela se relacione.

Que nobre.

– Eles são mesmo ex-namorados?

– São. Só que nem eu tenho certeza se a Arlequina já superou ele totalmente. O Coringa mexe com uma parte dela que é muito perturbada, uma parte que eu não consigo entender.

Hera piscou.

Uma boa amiga... ela era mesmo uma boa amiga.

– A Arlequina merece mais do que um cara como o Coringa. –
Merece alguém como você, emendou Selina em pensamento.

Hera tamborilou com os dedos no braço do assento, e as vinhas em suas mãos se remexeram um pouco.

– Ele é um monstro. É pior que um monstro. Não sei se vocês chegaram a se conhecer, mas ele é...

Hera esfregou o rosto.

– Já ouvi o suficiente para saber quanto ele é horrível – disse Selina.

Um arrepio frio percorreu sua espinha.

– *Perverso*. Ele é *perverso* – insistiu Hera.

– E a Arlequina quer ficar com ele? – perguntou Selina, sem conseguir se conter.

Mesmo depois de passar as semanas anteriores trabalhando com Hera e Arlequina, aquilo ainda desconcertava Selina. Hera era inteligente, engraçada, afetuosa. Sua história era cheia de dor, claro, e ela era uma criminosa, e sem sombra de dúvida meio fanática, mas... Selina não entendia. Por que Arlequina escolheria correr de volta para o Coringa? Ainda mais podendo ter Hera.

– Eu passei todos os dias do último ano querendo perguntar isso a ela – respondeu Hera, num tom rascante.

– E por que não pergunta?

Não era de sua conta, Selina lembrou a si mesma, ao mesmo tempo em que tentava se convencer de que a pergunta servia apenas para conhecer melhor suas aliadas.

– Porque, se eu confrontar a Arlequina em relação a isso, ela só vai se afastar ainda mais, e eu prefiro ficar por perto, de olho. Não quero ficar totalmente fora da vida dela. – Hera soltou uma risada baixa... triste. – É patético, eu sei.

– Não é, não – respondeu Selina, honestamente. – Pela pessoa que a gente ama... às vezes nos vemos fazendo esse tipo de escolha. Vivendo em zonas cinzentas. Não é nem um pouco patético.

Deus sabia que ela tinha feito a mesma coisa. Com satisfação. E faria de novo.

Hera olhou pela janela.

– Não sei nem se a Arlequina sabe... que eu ainda sinto isso. Que ainda quero estar com ela, que tenho esperanças. Ela tem mais talento para esconder esse tipo de coisa do que você imagina.

Selina se absteve de comentar que Arlequina não dava nenhum sinal de corresponder às intenções de Hera. Não seria cruel a esse ponto.

– Por favor – pediu Hera –, não conte nada para ela.

– Não vou contar.

Pelo tempo que pôde desviar os olhos da estrada, Selina observou Hera. Depois disso, falou baixinho:

– Eu também nunca tive amigos... Sabe, esse tipo de coisa? – Ela abanou a mão para fora do carro, fazendo menção ao passeio das duas à linha de Ley. – Nunca tinha feito antes.

– Por quê?

Selina cogitou mentir. Queria mentir.

– Porque eu precisava cuidar de algo importante – respondeu, em vez disso. – E que tomava todo o meu tempo, toda a minha energia. Eu nunca pude desfrutar do luxo de ter amigos.

Hera engoliu em seco.

– E o que foi que houve... com esse tal algo que precisava dos seus cuidados?

Selina seguiu conduzindo o carro pela escuridão.

– Eu fiz um sacrifício, e então não precisei mais cuidar de nada.

Hera indicou a Selina onde parar, junto a uma fábrica abandonada que se erguia feito um iceberg por sobre o mar de escuridão. Uma estrada secundária de terra batida despontava do trecho asfaltado e seguia até o armazém; o Range Rover foi se aproximando, esmagando as pedrinhas do caminho.

– Você me trouxe até aqui para me matar? – perguntou Selina, enquanto estacionava o carro.

Hera riu.

– Se eu quisesse fazer isso, já não teria feito, a essa altura?

Ela abriu a porta, saindo para a escuridão, e Selina foi atrás.

A noite estava fresca, e as estrelas, bem claras no céu. Calmo, tranquilo e seguro.

Hera tragou uma lufada de ar.

– Eu tinha me esquecido... como é bom respirar ar fresco.

– Eu também – murmurou Selina.

Em silêncio, as duas encararam a cintilante cúpula do céu.

Um movimento chamou a atenção de Selina, que olhou para Hera a tempo de vê-la erguer o queixo, o rosto banhado pelo luar. Ao longo das vinhas enroscadas em seu braço e pela frondosa cabeleira ruiva, botões de flores brancas começaram a desabrochar, como se também se abrissem para as estrelas. As pétalas quase cintilavam, como se iluminadas por dentro.

Hera olhou para Selina, que sabia estar boquiaberta.

– Nem todos os efeitos colaterais da minha *transformação* foram horríveis ou letais.

Mais botões desabrocharam em seu cabelo, até que uma coroa de flores irrompeu no alto de sua testa.

– Que coisa mais linda – sussurrou Selina.

Hera abriu um sorriso largo e afetuoso.

– Obrigada.

A palavra saiu com tanta gratidão que Selina ficou pensando qual teria sido a última vez que alguém lhe dissera algo assim.

O peito de Selina apertou ao pensar nisso. Afastando a tensão, ela pigarreou.

– Então, essa linha de Ley, onde é que fica? – perguntou Selina. – Debaixo da fábrica? Achei que estaria mais evidente.

Hera assentiu; as flores se recolheram e voltaram para o meio de

seus cabelos.

– Ao longo da história muita gente foi atraída até as linhas de Ley, sem nem saber por quê, ou o que elas eram. Não existe explicação científica nem para elas, nem para como os antigos *sabiam* da sua existência. A única informação que temos é que vários monumentos do mundo foram construídos por cima delas. O Stonehenge é um dos mais famosos. Em algumas linhas é possível sentir a energia emanando das pedras sobre elas.

– Eu não estou sentindo nada.

Hera acenou, avançando até o armazém de madeira e aço no meio do campo árido. Selina observava cada detalhe à medida que se aproximava: o prédio de um andar, as janelas compridas que pareciam estilhaçadas, o telhado de estanho meio caído. As ripas de madeira que compunham a lateral estavam rachadas ou destruídas em certos pontos, e o caminho de cascalho que levava até a construção ficara dominado por grama alta e ervas daninhas. Fazia um bom tempo que ninguém botava os pés ali.

– Pode ser que o teto desabe em cima de nós, então não entre – advertiu Hera, quando as duas pararam junto ao pequeno salão projetado numa lateral do prédio, cuja porta de aço ostentava um imundo basculante –, mas a linha passa bem... aqui.

Ela apontou para um ponto na grama sob seus pés, cheio de cacos de vidro iluminados pelo luar.

– Está sentindo?

Selina ficou parada onde Hera indicara. Nada, ainda.

– Acho que vou ter que acreditar em você. – Ela apontou para o carro. – E parece que não tem rampa para a gente testar.

– Pois é. Eu só queria sair da cidade um pouquinho.

– Eu devia ter adivinhado – disse Selina, mordendo o lábio. – Então ninguém nunca explorou o poder das linhas de Ley? Nem aqui, nem em lugar nenhum?

Hera balançou a cabeça, sacudindo os cabelos ruivos feito um rio de

seda.

– Não. Por quê?

Selina caminhou pela linha de Ley, traçando um caminho reto pela grama e os destroços.

– Já ouviu falar em Poço de Lázaro?

Um instante de silêncio. Selina olhou por sobre o ombro para Hera.

– Não. O que é isso? – indagou ela, com as vinhas deslizando por seus punhos como se também estivessem curiosas.

Selina voltou a caminhar rente à linha.

– Só tem tipo uns doze no mundo inteiro. São umas piscinas naturais com poderes regenerativos. Que brotam por cima das linhas de Ley.

– Nunca ouvi falar.

– Porque os donos não querem que ninguém saiba.

– E você estava *me* zoando mais cedo por causa de feitiçaria?

Selina deu de ombros.

– Reza a lenda que os Poços de Lázaro têm o poder de impedir a velhice e as doenças. E até de ressuscitar os mortos.

– Por isso os donos querem proteger. E por isso o nome.

Selina assentiu, deu um rodopio, como fizera tantas vezes na trave de equilíbrio, e retornou pelo mesmo caminho em direção a Hera.

– Uma vez usado, porém, o Poço tem seus poderes drenados para sempre. É maravilhoso, mas só pode ser aproveitado uma vez.

– Como é que *você* sabe disso, se é tão secreto?

Selina parou de caminhar.

– No lugar onde eu fui treinada...

Hera ficou tensa com a implicação daquela palavra. *Treinada*. Só de ouvir, ela já entendeu o que Selina era. Que ela havia servido a poderes mais letais que Falcone ou o Coringa.

– Tinha um Poço de Lázaro nas catacumbas de lá – prosseguiu Selina. – Era vigiado dia e noite. Quem me contou foram as outras alunas, que diziam ter ouvido instrutoras cochichando a respeito.

Certamente não Nyssa e Talia.

Hera cruzou os braços.

– Não me surpreende que os ricos e poderosos queiram manter tamanha dádiva e maravilha natural só para eles.

Selina observou o chão sob seus pés.

– Nem a mim.

– Se você sabia sobre as linhas de Ley, por que agiu como se não soubesse?

– Eu não sabia muita coisa, só falatório. E você que é a entendida de ciência. Eu queria saber se você tinha mais informações.

Selina tocou a terra com a ponta do pé. Não sentia nem um tiquinho de energia, pelo menos não através das solas grossas das botas.

– E... talvez eu também estivesse querendo sair um pouquinho da cidade.

Enquanto Arlequina estava fora, fazendo o que quer que fizesse em seu tempo livre.

Hera sorriu, e algumas flores brotaram outra vez.

– Da próxima vez você pode só me chamar para sair, sabia?

Selina riu.

– Agora eu já sei.



CAPÍTULO 24

Luke agradecera efusivamente aos pais pelo baile de gala – e pedira desculpas pelo vidro quebrado.

“Foi só um convidado bêbado que se esqueceu de voltar para casa”, dissera ele à mãe. Ela disparou um olhar de muita dúvida, mas não fez perguntas.

Seu pai, no entanto, não precisou perguntar nada diante da insistência de Luke para que os dois fossem passar um tempo em seu *château* na França.

Disse apenas que mandaria abastecer o jatinho e que eles sairiam em torno do meio-dia. Como ele havia justificado aquilo à mãe, Luke ainda não sabia. No entanto, dera em Luke um abraço muito forte ao se despedir. Ele ficou pensando se a preocupação do pai era jamais vê-lo outra vez. Se lhe vinha à lembrança o telefonema que recebera no meio da noite, quando aquela bomba imprevista mandara Luke para o hospital.

Algumas horas depois, seus pais estavam longe, sobrevoando o Atlântico. Isso já fazia três dias. Luke, então, se enfurnara na mansão de Bruce – no subsolo da mansão, a bem dizer. E devorou todos os dossiês a respeito da Liga.

Tigris: morta. Ele mesmo inserira a informação no sistema. Então passara o pente fino nos arquivos de Bruce, atrás de qualquer pista da Mulher-Gato.

Luke não encontrou nada. Nem um vestígio. Ela só surgira como Mulher-Gato depois de chegar a Gotham. Ou era jovem a ponto de ainda não ter conquistado fama na Liga, ou fora mantida em segredo por Nyssa e Talia, que aguardavam o momento de soltá-la no mundo.

Até que ela própria se libertara.

E, fosse lá o que ela estivesse prestes a vender ao submundo de Gotham City... ele não podia arriscar que isso acontecesse. Por mais nebulosos que fossem seus princípios – ela entoara a prece final para uma mulher que estivera prestes a matar –, Luke não tinha dúvidas de que a Mulher-Gato seguiria com seu plano. E arriscaria Gotham nesse processo.

Por outro lado, arriscaria mesmo? Ele ainda tentava desvendar o enigma ao retornar a seu apartamento aquela noite. Ela pedira que ele *protegesse* Gotham City. As pessoas boas da cidade.

Não fazia sentido.

E o tempo era curto. Na noite seguinte, haveria um evento da DPGC, em homenagem ao serviço policial prestado à cidade. Todos os oficiais, políticos e benfeitores de Gotham estariam presentes. Era o tipo de alvo ideal para ela. O tipo que mandaria uma mensagem.

Luke não tinha a menor intenção de desperdiçar essa chance de botar as mãos na Mulher-Gato. De impedir aquela loucura.

Ele já havia pedido a Gordon que providenciasse segurança extra: guardas armados, cães farejadores de bomba, detectores de metal, atiradores de elite nos terraços dos prédios vizinhos. Todos os ângulos foram considerados.

De volta a seu apartamento, Luke abriu a geladeira e fechou a cara para o interior vazio. Pois bem... comida. Não havia comida. Ele vivera os últimos dias da compaixão do velho Alfred, que lhe servia sanduíches, chás, fatias de bolo e porções de biscoito.

O cuidado de Alfred, porém, ia além disso. O nível de confiança entre Alfred e Bruce... aquele era um vínculo muito raro. Não era encontrado ou construído com facilidade. Fora forjado num momento de extrema dor. E aquilo ainda assombrava Bruce, mesmo décadas depois.

Luke fechou a geladeira; o clique quase abafou o silvo do elevador, no corredor.

Ou seja...

Patético. Ele era realmente patético, concluiu, correndo até o olho mágico da porta para observar Holly chegando ao apartamento. Ela trazia mais sacolas de compras – bem pesadas.

Ele não a via desde a festa na casa de seus pais. Desde aquela conversa estranha e tensa. Ainda assim, era normal. *Ela* ainda era relativamente normal.

Ela era tão diferente da mulher de voz fria que o fazia ranger os dentes, que enfrentava assassinos e ia embora. Cujo rosto ele nem sequer vira, mas que tinha uma risada assustadora.

Normal. Ele precisava de algo normal. *Queria*. Por mais que a própria Holly tivesse dito que ser normal era uma armadilha, ele não se importava.

Luke abriu a porta num ímpeto.

Holly girou o corpo, as chaves na fechadura, os olhos arregalados.

Ele se encolheu. Talvez tivesse aberto a porta com empolgação demais.

Meio ávido demais.

Ele apoiou um braço no batente.

– Oi.

Discreto. Muito discreto.

Ela bateu os cílios, relaxando o corpo ao abrir a porta e largar as sacolas do lado de dentro. Elas desabaram no chão com um baque pesado.

– Oi, oi.

Não era a saudação mais empolgada. “Nível Bruce”, para ser honesto.

– Como foram as compras?

Havia um vazio em sua mente; ele lutava por uma pergunta, por qualquer coisa sã para dizer a ela.

– Estimulantes – respondeu ela, erguendo as sobrancelhas.

Luke bateu um pé descalço no chão.

– Já comeu?

Uma pausa. Uma leve tensão nos ombros dela.

– Não – disse ela, desconfiada.

– Pizza? – soltou Luke, tentando não parecer muito desesperado.

Holly refletiu. Olhou para as sacolas atrás de si, então para ele.

– Me dá cinco minutos, que eu vou me trocar.

Luke conteve o ímpeto de desabar de tanto alívio.

– E peça duas desta vez – acrescentou ela, com um sorrisinho.

Então, mesmo com a voz baixa e opressiva da Mulher-Gato ainda reverberando na mente de Luke, o espectro de um sorriso verdadeiro nos lábios de Holly fez tudo mais desaparecer.

– Não consigo me mexer – grunhiu Luke quarenta minutos depois, dando tapinhas no estômago dolorido, sentado no sofá a uma boa distância de Holly.

A tevê tremeluzia sobre a lareira acesa; fazia um tempo que ele não sentia o apartamento tão aconchegante.

Holly pousou os pés bem tratados na poltrona de couro, espreguiçando-se.

– Sinto um coma alimentar chegando.

Luke sorriu para ela, explorando o guia de canais da tevê.

– Quer ver um filme?

Uma pergunta displicente, largada. Que poderia muito bem configurar um encontro, caso fosse feita em outro momento e local.

Holly fez outra pausa. Ele se preparou para mais uma rejeição.

– Claro – disse ela.

Luke a encarou.

– Você está sendo... educada.

– Preferia que eu não fosse?

– Não, eu só... só não sabia direito em que pé a gente tinha ficado depois da festa da minha família.

Ela abriu a boca para falar, mas o celular dele vibrou no sofá, entre os dois. Ela baixou os olhos.

Bruce Wayne, em letras garrafais, bem na tela do telefone. Deus do céu.

Luke se encolheu, num pedido de desculpas, correu para o quarto e fechou a porta.

Atendeu antes que a chamada caísse na caixa de recados.

– Fala, cara.

Ele praticamente podia ouvir a carranca de Bruce do outro lado.

– Fala – disse Bruce.

Luke entrou no closet e fechou a porta, também. Só por garantia.

– O que foi?

Mais uma pausa, longa e pesada. E Bruce perguntou:

– Que diabo está havendo por aí?

Pois muito bem. O telefonema que ele esperava havia tantas semanas.

– Está tudo sob controle – respondeu Luke.

– Pois não parece.

Luke rangeu os dentes.

– Eu não te devo satisfação.

– Não, mas deve ao povo de Gotham City.

– Está tudo sob controle – repetiu Luke.

– Três mulheres tocando o terror em Gotham, e você diz que está tudo sob controle? Hera Venenosa: tem sido praticamente inofensiva. Fanática ambientalista, mas inofensiva. – Luke quase ouvia Bruce enumerando os itens nos dedos. – Arlequina: não tão inofensiva, mas estava quieta desde que o ex-namorado foi para Arkham. Então, pelo que estou vendo, essa recém-chegada... Mulher-Gato, seja lá qual for o nome... *ela* é a líder do grupo.

– Eu sei.

– É ela que você precisa prender – concluiu Bruce.

– Eu sei! – vociferou Luke.

Mais uma das pausas de Bruce.

– Acho melhor eu voltar.

– Não – grunhiu Luke. – Não é melhor. Primeiro, está sob controle; *segundo*, você também tem uma missão a enfrentar aí.

A missão sobre a qual Bruce não contara nada a Luke.

Luke sentiu uma pontada de culpa – só uma pontada. Porque, provocações à parte, a ideia de ver Bruce enfrentando a Mulher-Gato cara a cara... fazia suas entranhas se revirarem um pouco. Apenas o bastante para que ele não quisesse ver Bruce de volta tão cedo, com ou sem missão.

Bruce suspirou de leve.

– Me liga se precisar de qualquer coisa.

Luke cogitou lembrar a Bruce que não era apenas um subordinado qualquer.

– Claro, cara – disse ele, apenas.

Bruce desligou o telefone sem se despedir.

Luke suspirou, encarando as prateleiras de carvalho embutidas nas paredes do closet. Não, ele não devia satisfação a Bruce. Nunca deveria, e nunca deveria. Mas de fato devia àquela cidade a mínima sensação de segurança.

Ele aguardou um momento para se recompor, soltou um longo

suspiro e retornou à sala de estar.

– Desculpe por isso – disse ele, largando o celular sobre a mesinha de centro e sentando-se de volta no sofá.

Holly ergueu a sobrancelha bem desenhada.

– Seu amigo?

– Ele é meu chefe, então... é?

– Achei que o seu pai era o presidente.

– Ele é, mas a empresa é da família Wayne.

– Imagino que você e Bruce Wayne sejam membros de carteirinha do Clube dos Riquinhos.

– E você não é?

Ela piscou para ele.

– Para os caras é diferente.

– Claro, claro – respondeu Luke, recostando o corpo nas almofadas.

– Falou a garota que *se cansou* da Europa.

Holly revirou os olhos.

– Eu estava fazendo pose.

– Por que você veio para cá, então?

O bom humor se esvaiu do rosto dela. Holly ficou quieta. Ele voltou a ver distância e cautela naqueles olhos verdes.

– Dor de amor? – perguntou Luke, com a maior despretensão possível, mas refletindo se não estaria sendo um babaca ao pressionar.

Holly engoliu em seco.

– Pode-se dizer que sim. Eu queria... um recomeço.

Ele meteu as mãos atrás da cabeça.

– Que bom que você veio para cá.

– Você acabou de ser *delicado* comigo?

Luke deu uma risada.

– Engraçadinha. – Ele apontou para a tevê com o controle remoto. – Escolha um filme. Qualquer um.

Um desafio e uma provocação. Ela piscou os olhos verdes.

– Beleza. *Carrossel*.

– O musical?
– Você conhece?
– Eu vi a remontagem na Broadway uns anos atrás – respondeu ele, dando de ombros. – Vamos ver *Carrossel*.
– Não, não, vamos assistir algum que *você* queira...
– Está amarelando diante do desafio?
Holly cruzou os braços. Luke deu uma risadinha, acessou o serviço de *streaming* e encontrou o filme. Porém, quando os créditos iniciais começaram, ele jurou tê-la visto sorrindo.

Havia areia, sangue, gritos.

O corpo dele ardia, e os fragmentos de bomba se transformavam em garras, penetrando e rasgando sua pele. Braços e pernas voavam pelos ares, sangue jorrava, e ele nada podia fazer enquanto os outros morriam à sua volta. O mundo estava do avesso, seus ouvidos, ocos, e ele soube que jamais voltaria para casa, que jamais tornaria a ver a mãe ou o pai, que jamais conseguiria...

– Luke.

Ele ia morrer ali, naquele lugar, aonde fora provar algo... a si mesmo, a seus pais, ao mundo. Provar que não era um garotinho mimado, preencher algum buraco dentro de si. Agora fora invadido por incontáveis buracos, de onde vertia sangue...

– *Luke!*

Ele não conseguia impedir. O sangue, as mortes. Não conseguia se mexer para ajudar seus amigos que gritavam de dor. Nem os que permaneciam imóveis... sem nem sequer gritar.

– *LUKE!*

A gritaria o arrastava, mas foi a dor que o fez retornar.

O rosto dele pinicava; ele piscou, ofegante, tentando determinar onde estava, sob uma fraca luz azul...

– Você está no seu apartamento em Gotham City – disse uma voz firme de mulher. – Você está vivo.

Luke estremeceu, incapaz de se conter, dominado pela náusea, o rosto quente e mortificado.

Ele correu. Não para o banheiro, mas para a varanda.

Ar fresco. Ele precisava de ar fresco.

Quando ele alcançou a porta, duas mãos fortes e magras agarraram sua camisa. Para que ele parasse.

– Luke...

– Ar – soltou ele.

As mãos o largaram, mas ainda o tocavam. Uma delas deslizou por sua cintura.

Holly.

Holly Vanderhees.

Ela o conduziu até o parapeito. Deixou que ele apoiasse os braços no corrimão, a cabeça solta sob o vento frio, espiando o espaço abaixo enquanto se recuperava, se estabilizava.

– Você deve ter dormido.

Claro. Depois do filme, ele sintonizara no canal de notícias, e ela ficara para assistir, e estava tão quentinho e confortável.

– Você quer alguma coisa?

A voz dela era um ronronar baixo, constante. E familiar. Aquele tom. Aquela calma...

– Eu estou bem – respondeu ele, rouco. Decerto havia gritado. – É só o...

Ele tornou a encher os pulmões de ar, trabalhando a respiração como sua terapeuta lhe ensinara.

– Isso acontece. Desde que eu voltei para casa.

Ela ficou em silêncio. Ele a encarou.

Não encontrou a pena que esperava. Nem o medo.

Apenas... surpresa. E algo mais, que ele não soube identificar.

Com algumas piscadelas, porém, foi-se embora. Ela secou o suor do

rosto de Luke com os dedos. E de novo, na outra têmpora. Na bochecha. E na outra.

Lágrimas.

– Eu entendo – disse ela, baixinho. – A minha mãe... me batia.

Os pesadelos, o horror, tudo se misturou na mente de Luke.

– Eu sinto muito – disse ele.

A mãe dela estava morta, ele lembrou a si mesmo. Só por isso ele não cogitou ir atrás da mulher e mand -la para o xadrez.

– Eu t b m ainda me lembro – disse Holly. – Quando ela chegava em casa bêbada ou drogada.  s vezes, os dois. Ainda ouço... os ataques dela. Ainda me lembro de tremer de medo, sabendo o que estava por vir.

Casos de abuso ocorriam em todas as camadas da sociedade. Até nas mais altas. Ele se enojou ao ser lembrado disso, ao ouvir o relato de Holly.

– Uma vez ela quebrou o meu braço. Quando eu tinha 10 anos.   o maior clich , mas eu disse ao médico do hospital que tinha caído de uma  rvore.

Ela tocou o próprio braço, como se ainda pudesse sentir o osso fraturado. Um bolo se formou no estômago de Luke.

– O seu pai...?

O pai dela t b m estava morto; a pergunta invadia um território perigoso, mas...

– Ele nunca estava presente. Nem sequer sabia o que acontecia.

Ele a encarou, e Holly não desviou o olhar.

– Eu sei como   – disse ela, baixinho. – Ter esses pesadelos.

Luke engoliu em seco, enfim acalmando o cora o, com a respira o mais tranquila, atento a Holly e sua voz.

– Nós sobrevivemos – soltou ele, num tom rascante. – Nós dois saímos dessa.

Novamente aquele lampejo nos olhos dela, uma emo o que ele não conseguia identificar.

– Pois é – respondeu Holly, roçando o braço no dele.

Aquele braço que havia visto tanta dor, tanta feiura.

Luke observou os braços que se tocavam. Os dedos que com tanta delicadeza secaram as lágrimas de seu rosto. Ele tocou o queixo de Holly, erguendo-lhe a cabeça para que ela olhasse para ele.

Luke percebeu que não estava preocupado em ser observado pelos vizinhos, ou por alguém na rua, lá embaixo. Não queria mais saber de nada; inclinou o corpo e a beijou.

Ou tentou.

Holly se afastou.

As entranhas de Luke se reviraram, e seu rosto esquentou no mesmo instante em que ela recuou. Ele estava sendo rejeitado.

“Dor de amor”, ela dissera. E, pela careta que exibira durante a dança, na outra noite, ainda não havia superado aquele coração partido.

– Me desculpe – disse ela.

– Não precisa pedir desculpas.

A escolha era dela... beijá-lo ou não sempre seria escolha dela.

– Está tudo bem – disse Luke.

Ela o encarou com aqueles olhos verdes.

– Eu não sou o que você precisa, Luke.

– Não fique achando que sabe do que eu preciso.

As palavras foram cuspidas antes que ele conseguisse se refrear.

Ela se afastou da varanda, engolindo em seco. Com o rosto vermelho.

– Isso te assusta? – indagou ele, com a voz rouca.

Esse pesadelo que eu não consigo controlar?

– Não... nunca.

Sua voz guardava tanta honestidade, tanta franqueza, que ele ficou tentado a acreditar. Ela seguiu recuando rumo às portas da varanda.

– A minha vida é complicada. Você é um homem bom, Luke.

Do jeito que ela falava...

– Você está com algum problema?

Ele daria um jeito de ajudá-la; Batwing podia encontrar uma forma.
– A minha vida é complicada – repetiu ela. – Não é justo fazer promessas.

Então, antes que ele pudesse compreender aquelas palavras, ela se foi.

Luke estava ávido por uma briga com a escória de Gotham City. Queria fazer *alguma coisa* para deter aquela corja.

Ao acordar no dia seguinte, ele tinha isso muito claro. Ao vestir o smoking para o evento da DPGC aquela noite. Ao chegar à festa e começar a dançar.

Estava esperando... por ela. A única que podia contemplá-lo com a luta que ele tanto desejava.

Ele a vira enfrentar Tigris. Sabia que podia partir para cima com tudo, e ela não cederia. Aquela noite seria *o fim*. Nada de palhaçada, de se deixar derrotar por ela. Se ela e as duas *amiguinhas* aparecessem naquela noite, sairiam dali algemadas.

Luke se esforçou ao máximo para manter o foco no que estava prestes a acontecer, em vez de olhar para Holly. Holly, linda num vestido verde-água, que passou a noite a encará-lo como se quisesse se aproximar.

Luke foi firme em não deixar que isso acontecesse. Passou o tempo todo dançando com outras pessoas.

Ele sabia que estava sendo um babaca. O que Elise chamaria de *palhaçada de bebezão imaturo*. Mas ele não queria nem saber.

Havia preocupações mais importantes que um beijo na vizinha. Ou o fracasso do beijo.

Luke, então, permaneceu em meio aos convidados, de champanhe na mão, quando Gordon subiu ao palco e propôs um brinde. O momento para o ataque da Mulher-Gato, Hera e Arlequina seria *agora*. Com todo mundo de olho e as câmeras ligadas.

Ainda assim, Gordon, de smoking, os cabelos grisalhos excepcionalmente lambidos para trás, deu início a um discurso sobre os esforços incessantes da DPGC em construir laços com os cidadãos de Gotham, saudando os homens e as mulheres de uniforme que trabalhavam sem trégua para construir uma cidade mais segura. Umas partes do discurso eram bobagem pura, mas as palavras vinham da crença e da esperança genuínas de Gordon na capacidade da DPGC de superar sua história e transformar-se em algo *melhor*. Gordon fez uma pausa para olhar o celular, então expressou seu respeito aos policiais ali reunidos. Luke e os convidados ergueram suas taças, em saudação.

Como quem não quer nada, Luke foi atrás dos homens e mulheres de sua mesa – alguns dos mais importantes oficiais da cidade – até a esquerda do palco, onde Gordon cochichava com um grupinho. Ninguém percebeu Luke parado ao lado.

– Não quero sinais de pânico com o que eu vou dizer – soltou Gordon, num sussurro. – Ajam normalmente.

O sangue de Luke começou a gelar.

– A fábrica de químicos de Otisburg foi roubada uma hora atrás.

A Mulher-Gato não ia chegar, Luke percebeu enquanto Gordon falava.

Ela aproveitara aquele momento, com toda a elite policial da cidade, todos os recursos, reunidos ali. Reunidos ali porque...

– Hera Venenosa foi vista saindo de lá com um caminhão cheio de produtos químicos.

Merda. *Merda*. Gordon engoliu em seco.

– E Arlequina – prosseguiu ele, tão baixinho que Luke precisou se inclinar para ouvir – acabou de usar seu extenso conhecimento em explosivos para detonar outra parede da Penitenciária Blackgate. Libertou membros importantes da gangue do Coringa. Os números Dois, Três e Quatro.

O sangue de Luke congelou.

– Vamos agir agora – ordenou Gordon. – Fiquem de bico calado.

Eles precisam ser recapturados antes que a imprensa saiba.

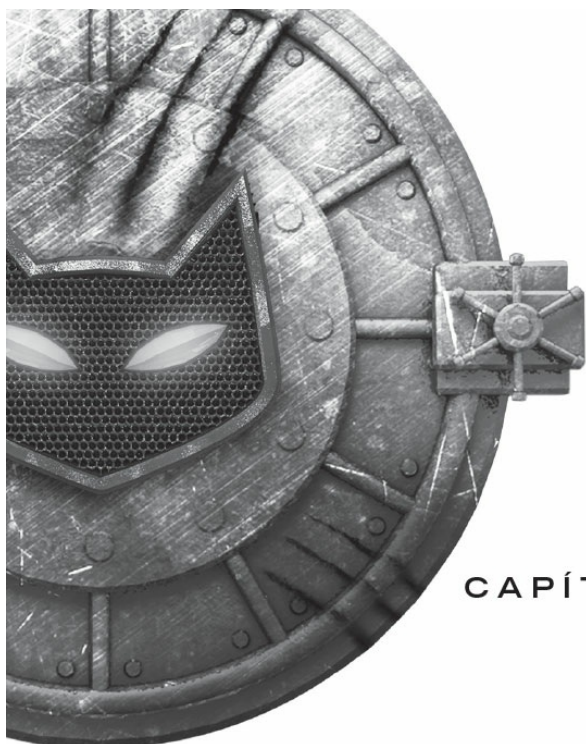
O pessoal de Gordon começou a fazer perguntas. Luke disparou rumo à saída.

Holly cruzou olhares com ele e ergueu as sobrancelhas. Como se tivesse percebido a breve reunião de Gordon... e visto Luke de butuca.

Luke lançou um olhar frio para ela e saiu dali.

Depressa. Ele tinha que agir depressa.

Com os três principais capangas do Coringa soltos, coisas muitíssimo ruins estavam prestes a acontecer.



CAPÍTULO 25

Luke sabia seus nomes, bem como sua extensa lista de crimes.

Honestamente, podia parecer piada enfrentar três caras chamados Risonho, Bozo e Galhofa. Mas esses caras estavam longe de ser palhacinhos amistosos.

Ele sobrevoou o East End, perscrutando o povo lá embaixo através da tecnologia de sua roupa. Ninguém correspondia à altura, ao peso e à descrição dos homens do Coringa.

O coração de Luke palpitava, e ele tentava acalmá-lo. Aquela adrenalina que precedia uma luta, a empolgação antes de partir para a briga. Logo que começara a competir, às vezes essa era a única coisa que ele sentia. À época, isso facilitara suas incursões pelo submundo de Gotham City. Saber que essa adrenalina pulsante estava à espera.

Desde então, ele havia encontrado um equilíbrio. No entanto, mesmo agora, quando uma lufada de ar atingia suas asas e ele *voava*... é, ele adorava essa sensação.

Amava sentir aquela expansão, como se fosse preencher o mundo inteiro, depois o estreitamento do foco... e então, naquele instante, ele os viu.

A adrenalina de Luke foi direcionada para os três homens que avançavam por um beco. Um trazia um taco de beisebol apoiado no ombro, outro, o que parecia ser uma corrente enrolada no pulso, e o terceiro... uma faca comprida e pontuda, reluzindo à luz baixa. Os três nem sequer haviam se dado ao trabalho de trocar os macacões de detentos.

Luke foi descendo, atento à velocidade.

Três contra um... a desvantagem não era muito grande. Por outro lado, aqueles não eram homens comuns.

Nas costas do sujeito do meio, magro e alto (Bozo), havia uma mancha escura e molhada. Não era seu próprio sangue, informou a roupa de Luke. Era de outra pessoa. A corrente que pendia da mão de Bozo também estava toda ensanguentada.

Deus do céu.

O taco de beisebol de Galhofa, apoiado no ombro largo e corpulento... era cravejado de pregos. Enormes.

Luke foi descendo, cada vez mais perto da outra ponta do beco. Uma emboscada por trás lhe seria favorável.

Esse tipo de ataque contrariava todos os princípios do ringue, parecia uma covardia contra aqueles homens, mas... Risonho, o Número Dois do Coringa, magro e de estatura média, estava empunhando um facão.

Risonho não se tornara Número Dois graças a sua personalidade agradável. Não. Luke sabia que ele recebera a alcunha por ser *Risonho até roubando. Risonho até matando. Risonho até fazendo as maiores maldades a mando do Coringa.*

Era em Risonho que Luke tinha que ficar de olho. E foi Risonho que o fez apagar a iluminação da roupa, aterrissar em silêncio no chão do beco e desprender um Batarang. Em seu laboratório, ele modificara o

artefato de metal simples. Agora, com um sinal de sua roupa, cada Batarang era capaz de aplicar uma descarga elétrica similar à de uma arma de eletrochoque.

Durante o serviço militar, ele fizera amizade com uma atiradora. Ao longo do tempo, os dois haviam tido inúmeras conversas sobre cálculos de distância, vento, luz e movimentos. Ela nunca havia errado um tiro.

Os três sujeitos chegaram à extremidade do beco, ainda alheios à presença de Luke logo atrás.

Luke alinhou a mira e desprendeu mais dois Batarangs, para os outros homens, antecipando que poderiam se dispersar.

Seu trabalho não era matá-los.

Ele já havia visto mortes suficientes para uma vida inteira. E ainda debatia sobre elas, com seus colegas da terapia de grupo.

As vítimas daqueles homens mereciam justiça, justiça *de verdade*, concedida por um tribunal. Não por um vigilante. Além disso, por mais cruéis e perturbados que fossem esses sujeitos... eles também tinham direito a um julgamento.

Luke disparou um Batarang em direção ao corpo magro e musculoso de Risonho.

O braço-direito do Coringa, no entanto, provavelmente ouvira o zunido da descarga elétrica.

Mais depressa do que Luke imaginava, Risonho agarrou Bozo e deu um rodopio, pressionando contra o peito o Número Quatro do Coringa.

Um escudo humano.

O Batarang acertou Bozo bem no peito, nocauteando-o. As correntes tilintaram ao bater no concreto, e Bozo foi junto. Totalmente inconsciente.

Como Luke antecipara, Galhofa virou-se para o companheiro, em vez de correr para se proteger. Luke disparou o segundo Batarang, bem onde havia calculado.

Galhofa e seu taco de beisebol desabaram com força no chão.

Risonho perscrutou o beco, com um olhar de desprezo no rosto

pálido e encovado.

– Sai da toca, coelhinho – sussurrou ele, a voz alta e aguda, uma imitação ruim da arrepiante voz do Coringa. – Ninguém gosta de estraga-prazeres.

Ele acenou com a longa faca, que reluziu, refletindo a luz do poste.

Um contra um: assim era muito mais justo.

Luke saiu das sombras; o emblema em seu peito tremeluziu, cintilante.

Risonho escancarou um sorriso torto, ensaiando uma dancinha. Um movimento instável, vacilante... típico de quem achava que sabia lutar boxe. E que só servia para atrapalhar o centro de equilíbrio.

– Venha me pegar, se conseguir – sussurrou Risonho, e saiu em disparada.

Que fugisse. Luke já estava chamando a DPGC. Aprendera a lição de que corria o risco de perder os dois bandidos inconscientes se não os deixasse bem presos antes de correr atrás do terceiro.

Em questão de minutos ele amarrou Bozo e Galhofa a um poste de luz, com as sirenes ecoando a alguns quarteirões.

Que bom.

Um enxame de viaturas de polícia vinha descendo a rua. Luke disparou para os céus, observando as ruas abaixo.

A coisa toda se desenrolara em cinco minutos, no máximo. Em Gotham City, no entanto, muito podia acontecer em cinco minutos. Havia bueiros por toda parte – a rota de fuga preferida da escória da bandidagem.

Ali. Numa corrida em direção às docas, a faca cintilando na escuridão.

Inteligente, de fato, porém despreparado. Não percebia que o brilho o traía.

Risonho dobrou uma curva no labirinto de armazéns das docas. Rumo à pequena marina. Luke desceu pela direita e aterrissou em meio às sombras, bem a norte da rota do homem.

E percebeu que Risonho havia descoberto um caminho *por dentro* dos armazéns, em vez de contorná-los.

Enquanto Luke aterrissava, os alertas em seu capacete tremularam, e...

Ele se abaixou e recuou para se proteger do golpe de Risonho.

Não foi rápido o bastante. A faca arranhou a lateral de seu corpo. Rasgando pedaços de metal. E carne.

Luke soltou um palavrão para abafar a dor, apesar do sangue quente que invadia sua roupa.

Um golpe desses teria retalhado feito um peixe uma pessoa sem armadura.

Risonho arreganhou os dentes para a lâmina ensanguentada.

– Sabe quanto vai valer esse DNA?

O sangue de Luke respingava. Numa rapidez violenta.

Ele tinha que acabar com aquilo sem demora.

– Que pena que você não vai descobrir – disse Luke, e se mexeu.

O emblema da roupa tremeluziu, brilhante como o *flash* de uma câmera fotográfica. Risonho, ofuscado, perdeu o equilíbrio...

Luke disparou para cima dele. Espalmou a mão em seu cotovelo, forçando seus dedos a largarem a faca, então desferiu em Risonho um gancho de direita destruidor.

Ossos se quebraram e sangue jorrou.

Luke ainda não havia terminado. Quando Risonho cambaleou para a direita, ele estendeu a perna, prejudicando ainda mais o equilíbrio já precário do criminoso.

Risonho soltou um ganido e desabou com tudo por sobre as tábuas de madeira.

No instante seguinte, Luke estava em cima dele, largando o Batarang em seu peito.

Risonho desmoronou por sobre as tábuas do chão, o nariz sangrando. Inconsciente.

Luke não ousou parar, não deixou a adrenalina baixar. Não com

uma ferida sangrando na lateral do corpo, não com a dor latejante que sentia a cada movimento.

Conseguiu fazer outra ligação para a DPGC, então atirou a faca de Risonho no rio escuro, lavando seu próprio DNA. Ergueu o criminoso por sobre um dos ombros e o levou das docas. Ali, qualquer marginal poderia encontrá-lo facilmente.

A cada passo, Luke rangia os dentes. Mas conseguiu.

Então, com Risonho acorrentado a uma caixa de correio de rua, choramingando, retornando à consciência enquanto os policiais começavam a chegar ao local, Luke conseguiu saltar para um terraço próximo.

Gotham City nunca parecera tão grande. Infinita. Ele precisava chegar em casa, não podia correr o risco de parar para recuperar o fôlego. Mal foi capaz de aterrissar e recolher as asas.

Então, encontrou-a à sua espera.

– Me esperou no baile de gala hoje à noite? – soltou a Mulher-Gato, com uma risada provocante.

Ele tinha esperado. E ela fizera os policiais de Gotham City de idiotas numa noite em homenagem a eles.

Luke partiu para cima dela.

O corpo de Luke, porém, escolheu, naquele exato instante, fazê-lo se lembrar de seus limites. Que já haviam sido levados ao extremo.

Suas passadas para a frente se transformaram num cambaleio para trás. Ele foi recuando, recuando, recuando, até que a escuridão o abraçou.

A queda do terraço se aproximando, e duas mãos com garras compridas o seguraram.

Luke não conseguia se lembrar de como os dois haviam chegado ali.

Ou como ele não se estatelara do alto daquele terraço.

Tudo estava envolto por uma névoa de dor. O corte na altura de sua costela devia estar mais profundo do que ele imaginava. Luke tinha a vaga lembrança de ter sido carregado. De ter sido escorado por um corpo esguio que o ajudara a descer e transpor obstáculos... mas ele não fazia ideia de onde estava; era um apartamento pequeno, porém limpo. Escuro e silencioso. Ele só sabia que não era o apartamento dele. Um arrepio lhe desceu pelas costas.

O quarto onde os dois estavam trancados também era limpo e organizado. Bonito, porém sem luxo – nenhum sinal de riqueza na pintura meio velha ou no armário descascado. O colchão onde ele estava deitado estalava de leve sob o peso de sua roupa.

Antes de os dois começarem a caminhar, ela dera algo a Luke, ele lembrava. Uma injeção, entre o pescoço e o ombro. Adrenalina, ou um composto similar. Ele havia conseguido estabilizar os movimentos. E agora a substância parecia estar fazendo mais efeito. Clareando as coisas.

Uma pequena luz se acendeu, revestindo a roupa preta da Mulher-Gato de um brilho dourado.

Ela se sentou ao lado dele.

– Posso fazer um curativo nisso para você, ou posso te levar para o hospital.

Luke conseguiu abrir um meio sorriso antes de falar.

– *Agora* você está me dando opção?

Ela não respondeu; em vez disso, abriu uma bolsinha no cinto e pegou curativos, uma agulha médica e uma linha. Bem como dois frascos do que pareciam antisséptico e um anestésico tópico.

– Você sabe usar essas coisas?

– Uma habilidade que adquiri na Liga – respondeu ela, inclinando-se para examinar o corte profundo por sob a armadura dele. – Você consegue tirar essa roupa?

Luke hesitou. Ele poderia manter o capacete, mas remover a roupa requeria mais movimentos do que ele era capaz de fazer no momento;

além do mais, exibir a pele escura... bom, certamente isso dissiparia qualquer dúvida a respeito da identidade do Batwing. Havia muitos negros em Gotham City, mas quantos com acesso a uma tecnologia dessas?

Ela não esperou a decisão de Luke. A droga injetada nele, ou talvez a perda de sangue, o impediram de reagir com rapidez para detê-la quando ela projetou uma das garras e foi cortando, com cuidado, os pedaços de metal ensanguentado. Abriu um buraco em sua roupa com a mesma facilidade com que cortara um círculo naquele estojo de vidro na casa de seus pais.

Luke, de cabeça pesada, observou-a remover as placas de metal sobrepostas e apoiá-las sobre a cama.

– É melhor levar isso com você, senão o DNA vai ser um problema – aconselhou ela.

Ela tinha razão. Se alguém mandasse analisar a amostra de sangue e cruzasse com o banco de dados do Corpo de Fuzileiros, seu disfarce seria totalmente exposto.

A Mulher-Gato ajustou as lentes do capacete para examinar a ferida.

– Nenhum sinal de objetos estranhos do lado de dentro – disse ela, mais a si mesma do que a ele.

– O seu capacete consegue te informar isso?

– Entre outras coisas.

Ele soltou um sibilo quando ela passou o antisséptico no corte. Para desviar a atenção do que ela faria com aquela agulha e linha, Luke perguntou:

– Onde você arrumou essa roupa?

Ela o espetou com uma agulha, anestesiando a área.

– Eu mesma fiz. – Talvez estivesse com um pouco de pena dele, pois prosseguiu, como se para distraí-lo dos pontos: – Sempre adorei ciência e tecnologia. – Uma risada rascante, abafada pelo capacete. – Já ganhei uma competição de ciências no interior, quando era pequena. O

que provavelmente aguçou o radar da Liga antes mesmo de eu saber da existência dela.

Ele guardou as informações. *Interior...* ela provavelmente havia crescido no interior. Ele abriu a boca, então fechou. Admitir sua própria paixão pela ciência só faria com que ela também acumulasse informações sobre ele.

– Deve ter levado um tempão para fazer essa roupa.

– O modelo de base é da Liga. – A agulha cintilava, subindo e descendo. Luke afastou a estranha sensação do fio passando por sua pele anestesiada. – Eu o modifiquei, segundo as minhas especificações.

– Tipo as orelhas e garras de gato.

Outra risada rascante.

– Tipo isso.

– Por que o lance de gato?

– Por que o lance de morcego?

Boa pergunta, pensou Luke antes de responder.

– É parte de uma coisa maior.

– Maior e... do seu amigo, eu presumo.

Luke quis dar de ombros, mas conteve o ímpeto, considerando que ela tinha uma agulha enfiada em seu corpo.

– Mas, sério: por que o tema do gato?

Depois de mais umas passadas da agulha, ela terminou de dar os pontos. Luke deu uma olhada... e encontrou uma linha cuidadosa e precisa descendo sua costela. Ela se inclinou para trás e guardou a agulha e a sobra do fio no saco plástico de onde os tirara, junto a outras agulhas e lenços. Entregou a ele, e Luke piscou.

Claro. Estavam cobertas com o sangue dele. Seu DNA. E, ainda assim... ela entregou tudo a ele. E tornou a enfiar as mãos enluvadas no desinfetante, para remover qualquer traço de material genético.

– Eu recebi um apelido idiota na Liga – disse ela, por fim. – E acabei tomando isso como símbolo. Concluí que gostava dele. As outras assassinas tinham seus toques pessoais, então eu fiz isso... – Ela usou a

mão para englobar as garras, o capacete com orelhas. – Para me representar.

– É um trabalho impressionante.

– E a sua roupa, você que fez?

A resposta a *isso* poderia levar a muitas perguntas... e a outras respostas.

– Umas partes.

Não era uma mentira completa. Uma parte da tecnologia *de fato* tinha sido desenvolvida por outros. Como os robôs do laboratório.

Ela inclinou a cabeça, e Luke acompanhou o olhar da Mulher-Gato até a lateral de seu corpo. Não para os pontos que ela acabara de fazer, mas para as cicatrizes que ele percebeu estarem aparentes.

A pontinha da enorme cicatriz que corria por seu peito, terminando bem junto ao fim da costela.

Ela roçou uma garra no corte; ele se arrepiou, mas não se mexeu. Esperou que ela perguntasse, já com a mentira na ponta da língua: o ferimento fora causado por um camarada do submundo, não por aquele pedaço de projétil. Que rasgara seu corpo e sua própria existência.

– Quem te feriu hoje à noite? – perguntou ela, em vez disso.

A pergunta era fria. A frieza não era dirigida a ele, mas ao responsável pelo ferimento. Como se quisesse ir atrás do sujeito e fazer mal a ele em vingança.

Luke sentiu-se grato pela máscara que lhe cobria o rosto. Piscou, surpreso.

– Você devia saber – conseguiu responder. – Você que o soltou.

Por uma fração de segundo, ela ficou paralisada.

– E você o capturou.

– Eu peguei todos eles.

Silêncio.

Ela se levantou, caminhou a passos firmes até as janelas e fechou as cortinas. Bloqueando a luz da rua. Então abriu uma gaveta, tirou o que pareciam ser dois suéteres e enfiou na fresta entre a porta e o chão.

Conseguiu retornar para a cama, como se já conhecesse o recinto de cor.

Na total escuridão, ela removeu o capacete. Ele ouviu os rangidos e cliques. Ouviu o leve farfalhar dos cabelos. Sentiu o peso do capacete apoiado sobre o colchão atrás deles. Aguardou, com o coração disparado.

– Tire o capacete – disse ela, bem baixinho.

Luke só conseguiu obedecer. Seu corpo urrou de dor com o movimento, mas ele ergueu as mãos às laterais da cabeça e puxou. Sua pele levou um beijo de ar frio.

Os dois estavam totalmente cegos, em plena escuridão.

– Eu devia te prender – ele conseguiu dizer.

– Devia – concordou ela, e ele pôde jurar tê-la ouvido sorrir. – Mas não vai.

– A gente não devia estar fazendo isso.

– Ainda não estamos fazendo nada.

Foi o tom de ironia na voz dela que fez Luke encará-la sem rodeios. Que o fez erguer a mão até seu rosto e sentir suas feições. Ele foi saudado por uma pele suave, quente. E pelos cabelos, amarrados para trás do rosto. Lisos, fartos... sedosos.

Luke desceu a mão até a base do pescoço da gata. Podia sentir que a respiração dela estava irregular. Acariciou a linha onde a pele encontrava a roupa.

– Por que você se deu ao trabalho de me salvar hoje?

Ela removeu as luvas, com um ruído de metal e couro. Suas mãos esguias encontraram a dele, repousada sobre a coxa. Viraram-na, então tocaram de leve a palma calejada.

– Porque somos dois lados da mesma moeda.

– Sério? Você e eu temos muito em comum?

Ele não conseguia parar de acompanhar a linha do pescoço dela. O polegar encontrou o vão da clavícula e ali ficou, sentindo o pulsar de seu coração.

– Você está tentando desestabilizar a minha cidade. Eu estou tentando salvá-la.

Por sob a barreira da roupa, ele mal sentia as mãos dela, que traçavam um caminho por sua perna, pelo estômago, o peito.

– Tem tanta coisa assim que valha a pena salvar?

– Você disse que tem gente boa, que eu devia proteger essas pessoas.

– E a corrupção, o sistema destruído? Isso vale a pena salvar?

– Isso faz parte dessa cidade... e gente assim sempre tira vantagem do caos.

– Não é um caos permanente – respondeu ela. – Só... temporário.

– Só para você ter tempo de conseguir o melhor lance pelo que roubou de Nyssa?

Ele ouviu novamente aquele sorriso em sua voz.

– Talvez.

Ele abriu a boca, mas ela perguntou:

– Você nunca fica entediado de tanto lutar pelo lado *bom*?

– Não. Isso já fazia parte de mim muito antes de eu vestir esta roupa.

As mãos dela foram explorando o peitoral de Luke, chegando ao torso. Ele se arrepiou ao sentir o toque na pele espessa da cicatriz.

– Que herói nobre.

Ela alisou novamente a cicatriz.

– Por que você está aqui?

Não em Gotham City... mas naquele quarto. Com ele.

Ela parou de mexer os dedos. Ao respirar junto à boca de Luke, ele percebeu o quanto estavam próximos. Sentiu cada milímetro da pressão da coxa dela na dele, a respiração quente. Não a criatura de sombras e sangue frio que aparentava ser, mas uma pessoa viva e ardente.

– Eu posso *não* estar aqui, se você quiser.

Ela começou a se levantar; o corpo de Luke urrou em protesto, mas ele disparou para a frente, agarrou-a pelo braço e puxou-a de volta para

a cama. A roupa da gata era flexível, porém dura, de um material que ele não conseguia identificar. As curvas de seu corpo por baixo, porém...

– Não – disse ele.

– Não o quê? – sussurrou ela.

– Não me deixe no escuro – disse ele, baixinho.

Ela soube que o pedido não era apenas o que parecia. *Não me deixe sozinho na escuridão. Neste lugar onde nós dois existimos, mas servimos a fins diferentes.*

Bem de leve, ela correu os dedos pelo rosto dele. O nariz, a boca.

Quando ela tentou recolher a mão, Luke agarrou seus dedos, entrelaçando-os nos dele, e a beijou.

O beijo foi suave, mas não deixou espaço para dúvidas.

Selina percebeu que havia perdido ao se deixar envolver. E ao retribuir o beijo.

Quente... ele era tão quente.

Ela não lembrava a última vez que alguém a havia abraçado.

Ao vê-lo no terraço, cambaleante, sangrando, tivera o instinto de salvá-lo. Bem como agora era puro instinto deslizar os braços por seu pescoço e se aproximar.

Ali, no escuro, no silêncio, ela se abriu para ele. Sorveu-o.

Selina tocou os lábios dele com a língua, num pedido silencioso, e murmurou baixinho quando ele a provou. Com delicadeza... depois mais profundo.

A cicatriz, aquela brutal cicatriz que corria por seu peito...

Ela queria contar a ele. Que sabia.

E que também sabia que os dois formavam um casal tão improvável quanto...

Ele mordiscou o lábio de Selina.

Um turbilhão de pensamentos invadiu a cabeça dela.

Selina não queria saber. Não queria saber de nada, só daquele quarto e do homem à sua frente, e...

Não. Não era verdade. Jamais seria verdade.

Ele percebeu a mudança nela e se afastou, os lábios ainda muito próximos.

– Tudo bem?

A respiração dele era rascante e irregular.

Ainda não. Ela ainda não podia se dar ao luxo de cometer erros.

Selina se inclinou para beijá-lo. Uma vez. Duas.

Ele enfiou as mãos entre os cabelos dela, trêmulo, parecendo se render àquele beijo, a ela.

Ela deslizou para o colo dele, sentiu as mãos que desciam por suas costas...

Ele não reagiu a tempo. Não percebeu o clique no antebraço da roupa dela, indicando que havia algo errado.

A pequena agulha lhe perfurou o pescoço; ele soltou um grunhido, surpreso, e ela se afastou com um salto.

– Você... – começou ele.

E parou.

Ela não conseguia enxergar naquela total escuridão, mas pôde ouvir a respiração dele se acalmando, até que seu resistente corpo desabou no colchão. Inconsciente.

Selina pegou o capacete, acomodou-o na cabeça, mas optou por não baixar as lentes.

A promessa não verbal de confiança havia sido feita, ela não podia olhar.

Então, ela não olhou. Nem ao abrir a janela do quarto e desaparecer em meio à noite.



CAPÍTULO 26

O reduto de Arlequina, numa estação de metrô abandonada, era exatamente como Selina imaginara: caótico, colorido e abarrotado de armas.

O circo, ao que parecia, era o tema principal. Por entre os diversos móveis velhos havia pôsteres antigos, muito coloridos, de engolidores de fogo e equilibristas na corda bamba; cordões de luzinhas cruzavam o teto abobadado de pedras, e uma lona de listras vermelhas, amarelas e azuis, aparentemente parte de uma antiga tenda, fora transformada em cortina para fechar o acesso a um banheirinho, bem nos fundos do cômodo redondo.

Selina não sabia o que estava fazendo ali. Já passava das três da manhã, e elas com certeza estariam dormindo, mas... ela precisava conversar. Com alguém. Qualquer pessoa.

A ideia de retornar à sua cobertura, de ficar a noite inteira para lá e para cá naquele apartamento imaculado, tinha sido tão absurda que ela resolvera rumar para o lado oposto.

Trinta segundos depois de Selina bater à porta de metal amassado, Hera atendeu.

Tinha os cabelos ruivos presos num coque alto e bagunçado, os óculos de aro preto empoleirados sobre o nariz arrebitado e sardento. Vestia uma camiseta velha e desbotada, com os dizeres PLANTAS SÃO GENTE! e um dos ombros à mostra.

– O que foi que houve?

Selina estava apoiada no batente ensebado da porta.

– Não posso vir dar oi às amigas?

– Às três e quinze da manhã?

Hera, porém, chamou-a para entrar, com uma olhadela para a escuridão gotejante do velho túnel de trem.

Selina observou novamente o espaço, notando a mesa encostada a uma parede apinhada de alegres bombinhas esféricas. Algumas ainda estavam inacabadas, abertas sob uma lente de aumento e uma luminária. Sobre a cadeira, a peiteira de facas de Arlequina, encostando no chão.

– Não fica devendo nada ao covil do vilão mais lunático – observou Selina.

– Ela vê isso como a derradeira forma de autoexpressão.

Hera apontou para uma mesa coberta de vinhas, enfiada junto ao pôster de um domador de leões. A mesa estava apinhada de papéis, livros e... plantas.

– E esse é meu único espaço de autoexpressão – concluiu, com uma risadinha. – O único lugar que a Arlequina *não* pode “decorar”.

As plantas tremiam e se contorciam sob lâmpadas ultravioleta.

– Seus bichinhos de estimação?

– Minhas amigas – disse Hera, caminhando até a mesa e sorrindo para as sete plantas envasadas. – Elizabeth, Emma, Fanny, Catherine, Anne, Marianne e Elinor.

Por baixo do capacete, Selina franziu as sobrancelhas.

– São os nomes das heroínas de Jane Austen?

Hera se iluminou, tal qual as luzes que piscavam no teto.

– Já te considero a melhor pessoa do mundo. Ninguém nunca entende a referência... até a Arlequina perguntou de onde tinham vindo esses nomes.

Selina subiu as lentes do capacete para analisar as sete plantas.

– Sou mais fã das Brontë.

– Eca – retrucou Hera, acenando com a mão. – O Sr. Rochester é nojento. Sou muito mais o Darcy.

Selina sorriu, assentindo com a cabeça.

– Enfim... por que você está acordada?

Hera apontou para o laptop quase invisível entre os papéis e livros sobre a mesa.

– Trabalhando.

– E cadê a Arlequina?

Não havia sinal dela naquele circo subterrâneo.

Hera se sentou na cadeira giratória em frente à mesa e deu um rodopio.

– Sei lá. Ela saiu faz umas horas, toda apressada. Até agora não voltou – disse, com um olhar de preocupação. – Mas ela faz muito isso. Tento não bisbilhotar.

Hera, ao que parecia, nunca queria bisbilhotar nem pressionar Arlequina. Houve silêncio, e Hera a encarou. À espera.

Selina soltou um suspiro.

– Pode ser que eu tenha, ou não, dado uns beijos em alguém que não devia.

Hera escancarou um sorriso maldoso.

– Ah, por favor, me conte.

Selina sabia que Hera estava muito ciente de quem tinha sido.

Foi andando pelo carpete azul surrado, salpicado de estrelas, e cruzou as três enormes marretas escoradas no sofá de veludo vermelho desbotado.

– Só... aconteceu. Sei lá.

– E foi bom?

Selina suspirou, olhando o teto de pedras abobadado.

– Foi. Nossa, e como.

Hera a encarou de cima a baixo.

– Daí você veio me contar os detalhes sórdidos?

– Eu vim... nem sei por quê. – Ela encarou a porta de metal. – Vou te deixar trabalhar – disse, com uma careta, desesperada para sair daquela situação. – *Em que* você está trabalhando, de todo modo?

– Estou aperfeiçoando a fórmula daquela pomada regenerativa que usei na outra noite. E não tente fugir do assunto.

– A fórmula... – disse Selina, no entanto. – Você vai vender?

Hera acenou com a mão em negativa.

– Seriam necessárias tantas aprovações da porcaria da vigilância sanitária que não tem a menor condição de realmente vender. Ainda mais sendo quem eu sou.

– Você podia ser representada por alguém... ficar escondida.

– E deixar a pessoa levar todo o crédito? Não.

– Então você vai fazer esse troço milagroso e não vai compartilhar?

Hera franziu a testa e apoiou o pé descalço sobre a mesa. Uma das plantas – Emma? – estendeu um raminho verde e a alisou. Hera riu, contorcendo os dedos com as cócegas. Em seguida, seu sorriso se esvaiu.

– Eu decidi seguir por este caminho – disse ela. – Preciso enfrentar as consequências.

– Dá para mudar de faixa... mudar o rumo. Tem... muita gente que poderia se beneficiar desse bálsamo. Você tinha que dar um jeito de compartilhar.

– Eu sei – disse Hera, descendo o pé até o carpete azul. – Acho que seria muito útil para vítimas de queimaduras. Em mim, pelo menos, funcionou.

Selina ergueu a sobrancelha, analisando a extensão da pele macia de Hera. Ela se encolheu.

– Pode ser que eu tenha testado em mim mesma...
– Você *se queimou*?
– Só um pouquinho – respondeu Hera.
– Meu Deus – retrucou Selina. – Você precisa de um laboratório de verdade.

Hera se empertigou.

– Eu *tinha* um laboratório de verdade. Só que foi explodido.
– Com gente, é o que eu quero dizer. Outros cientistas para te ajudar.
– Se você arrumar um emprego “de verdade”, eu arrumo um também.

Selina sorriu.

– Muito justo.

Hera dirigiu a ela um olhar dissimulado.

– Você ainda não me contou sobre a pegação.

Selina olhou a porta de metal atrás de si e fez menção de escapular.

– Não se atreva a sair daqui sem me contar os detalhes – disse Hera.

Ela avançou, desviando de tudo, de redes de pesca a perucas cor-de-rosa; havia até um macaquinho de brinquedo que tocava címbalo. Desabou subitamente no sofá vermelho desbotado, em frente a uma velha tevê, e deu um tapinha no assento de veludo.

– Hora de um papinho de mulher.

– Não sei levar papinho de mulher – admitiu Selina, aproximando-se do sofá.

– Que bom. Nem eu – declarou Hera, com um sorriso.

Luke acordou grunhindo, a cabeça latejando, a lateral do corpo doída e palpitante.

A luz do dia penetrava pelas frestas das cortinas.

Não era seu apartamento. Ele não fazia ideia de *onde* estava; só sabia que ela o havia drogado e deixado ali. Um leve aroma floral – o cheiro

dela – ainda pairava no ar.

Luke se espichou para pegar o capacete, e a pele de sua costela repuxou. Ele sufocou um grito de dor. Enfiou o capacete na cabeça, baixou as lentes, recolheu os pedaços de armadura que ela havia cortado e guardou nos bolsos do cinto de utilidades, junto ao material que ela usara para dar os pontos. Nenhum DNA para contar história.

Abriu a porta do quarto, chutando os casacos de lã que ela usara para barrar a entrada de luz. Nenhum sinal dela; somente a sensação de seu corpo, de sua boca quente, a pele perfumada, o cabelo...

Ele rangeu os dentes, afivelou o cinto e correu para onde presumia estar a porta da frente.

E saiu bem na cozinha do comissário Gordon. Onde Gordon, a filha adolescente e o menino tomavam café da manhã. A garota soltou um murmúrio de alarme, o filho, um grito de alegria, e o próprio Gordon... largou a colher cheia de cereal em cima da mesa.

– Bom dia – foi só o que Luke conseguiu dizer, passando pela mesa em direção à porta da saída.

– Bom dia para você também – respondeu Gordon, ainda se recuperando do choque.

– *Batwing* – sussurrou o filho do comissário, cheio de respeito e empolgação.

Luke sorriu por baixo do capacete. Ao passar pelo garoto, afagou seu cabelo escuro.

Foi a filha de Gordon que percebeu a ferida na costela.

– Tudo bem com você?

Gordon voltou a atenção à pele exposta, aos pontos. Levantou-se da cadeira.

– Meu Deus...

Luke sabia que Gordon jamais diria nada – nenhum dos três diria –, mas não tinha dúvidas de que parte da reação de choque teve a ver com a pele negra sob a roupa de *Batwing*.

– Estou ótimo – respondeu Luke, já diante da porta. – Maravilhoso.

– Ele olhou para o filho de Gordon. – Só verificando se está tudo certo com a vizinhança.

Eles apenas o encararam, embasbacados. Luke destrancou a porta e saiu.

Ah, ela sabia exatamente para onde o estava levando. Ele não sabia se ficava furioso ou se achava engraçado.

Mas o sorriso que despontava em sua boca... Luke tentou abafá-lo, disparando pela escadaria do prédio. Enquanto rumava para o terraço mais próximo, percebeu que havia dormido a noite inteira. Sem acordar nenhuma vez. Sem ter nenhum pesadelo.



CAPÍTULO 27

Arlequina estava recostada na parede de tijolos do beco, na noite seguinte, quando Selina e Hera chegaram. Não usava o short masculino, nem a meia-arrastão. Apenas uma calça justa de duas cores, botas e uma esferinha de bomba em cada mão.

– Roupas novas? – perguntou Selina, com Hera paralisada a seu lado. Nervosa.

– Não vão mais rolar roubos – disse Arlequina, o rosto rígido e frio.

– Bom, tenho certeza de que o Museu de Antiguidades de Gotham vai ficar muito decepcionado ao saber do cancelamento do compromisso de hoje à noite – disse Selina, ocupando o espaço entre Hera e Arlequina.

Ao telefonar para Hera, um pouco mais cedo naquela mesma tarde, para informar a hora e o local do próximo encontro, ela não percebera nada estranho no ar, mas...

Selina parou, a uma distância segura.

Os olhos de Arlequina, porém, estavam fixos nela. Como se Hera não existisse.

– Eu quero o Coringa fora de Arkham *agora*.

Selina manteve os braços a uma distância confortável das armas, sem ousar projetar as garras. Ainda não. Isso sinalizaria uma luta, e brigar com Arlequina aquela noite não seria nada bom para seus planos.

Ela havia humilhado Gordon e a DPGC. Se Gordon tinha percebido que fora ela a largar Batwing em seu quarto de hóspedes, não importava. Era só questão de tempo até que a polícia chegasse à Mulher-Gato. E só questão de tempo até que o exército de Nyssa e Talia viesse também. Trazendo consigo a aniquilação total e completa.

– Espere mais uns dois dias – disse Selina, calmamente, num tom que era o retrato do tédio.

– Tem que ser *agora* – retorquiu Arlequina. – A gente já provou duas vezes que consegue libertar presos. E eu fui informada por fontes seguras que o meu homem já sabe da gente... da nossa maratona de compras aqui em Gotham. E está *muito irritado* com a nossa demora.

Hera se encolheu diante daquelas duas palavras: “meu homem”.

– Arkham é um monstro bem diferente da penitenciária da cidade, Arlequina – argumentou Hera, num tom frio.

– Está se bandeando para o lado dela? – perguntou Arlequina.

Talvez fosse pena pela dor na expressão de Hera, mas Selina se pronunciou:

– Primeiro a gente precisa vender um pouco do que foi roubado. Precisamos de mais dinheiro para subornar as pessoas certas...

– Pois arrume a porcaria do dinheiro. Vamos fazer isso *agora*.

Arlequina mirou as duas bombas na direção de Selina.

– *Arlequina* – advertiu Hera.

– Cala a boca – rosnou Arlequina, avançando, com os olhos cravados em Selina, os polegares a postos para apertar os botõezinhos das bombas. – *Cala essa boca*, Hera.

Selina calculou a distância entre as duas. Arlequina não erraria o

alvo.

– Seja lá onde você estiver escondendo as porcarias que a gente roubou, vamos até lá agora. *Agora*.

O rosto de Hera empalideceu. *Use os seus gases*, pedia Selina em silêncio. *Detenha isso*.

Arlequina mantinha uma distância segura. Sabia que, se chegasse perto demais, a ponto de Selina poder alcançá-la, perderia as bombas em suas mãos.

– Pode ir na frente, gata.

Selina olhou para Hera, que balançou a cabeça em advertência. E num pedido de desculpas.

Amor... tão venenoso quanto as plantas de Hera.

– Então, vamos – disse Selina, e começou a caminhar.

Aquele armazém específico das docas era tão decrepito que nem a escória da cidade se interessava por ele. Ninguém ia bisbilhotar, nem fuxicar o subsolo, abarrotado de tranqueiras.

Selina foi descarregando todos os objetos roubados que cabiam na bolsa de lona, e Arlequina manteve as bombas a postos. Hera ajudou, com as mãos trêmulas.

– Vá arrumar um comprador – ordenou Arlequina, quando elas terminaram.

Então, ela foi. Com a respiração irregular de Arlequina atrás de si, Selina conduziu as duas pelo labirinto de ruas toscas até a fábrica de processamento de peixes abandonada à beira do rio, no Bowery. De um celular descartável, ela contatara o sujeito que usava aquele lugar para vender produtos impossíveis de serem vendidos por meios legais. As três adentraram o espaço fedido e cavernoso.

– Agora esperamos – disse Selina.

– Quanto tempo? – perguntou Arlequina.

Ela tinha o traço do delineador borrado, escorrendo pelas bochechas feito lágrimas debochadas.

– Uma hora, no máximo – respondeu Selina, calmamente.

Hera se plantou ao lado de Selina.

– Arlequina... baixa essas bombas. A gente já veio até aqui. Está tudo certo.

Arlequina apontou uma das bombas para Hera.

– Tudo certo, uma ova.

Selina soltou uma risadinha baixa, porém meio tensa.

– Como é que esse desgraçado mexe tanto com você – indagou ela –, a ponto de te fazer ficar contra as suas amigas?

Contra Hera, que te ama por um motivo que eu não consigo enxergar?

A própria Arlequina soltou uma risada estranha... gutural.

– Depois que a gente soltou os capangas do Coringa, sabe o que eles fizeram? Foram direto pra casa da minha mãe.

Por um segundo, o coração de Selina parou.

– O Batwing prendeu eles.

– O Batwing *prende* eles – repetiu Arlequina, em tom de deboche, e cuspiu no chão. – O seu namoradinho não chegou a tempo. Eles tiveram horas. E, já que o *meu* namorado sabe quem eu sou, mandou os infelizes irem *primeiro* à casa da minha mãe.

O estômago de Selina revirou. Por isso Arlequina não estava no apartamento na noite da véspera. Estava na casa da mãe.

– Está tudo bem com ela...?

– Não vem fingir que se importa. – O peito de Arlequina subia e descia. – Ele mandou ela *me* dizer que, se não for solto imediatamente, vai fazer a minha mãe sentir a justiça na pele.

A garganta de Selina foi inundada pelo gosto de bile.

– Larga essas bombas, Arlequina – implorou ela. – Se estão botando a sua mãe na jogada, não vamos brincar com isso. Ele vai ser solto hoje à noite. Só largue as bombas.

Os olhos azuis de Arlequina, sob a raiva, estavam tomados de

pânico.

– Ele vai *machucar* ela se...

– Eu sei – sussurrou Selina. – E não vou deixar isso acontecer. Eu prometo.

– As suas promessas são uma *merda* – soltou Arlequina. – Acha que a gente não está sabendo aonde você foi ontem à noite? E com quem?

Selina lançou um olhar para Hera. Belíssimo princípio de não sacanear os aliados. *Desculpa*, disse Hera, apenas movendo os lábios.

– Você está entendendo tudo errado – disse Selina a Arlequina.

– Faz parte do jogo? – debochou Arlequina. – Se agarrar com o inimigo?

– Baixa essas bombas, Arlequina.

Ao lado dela, Hera tremia, com cara de quem ia vomitar bem em cima do concreto sujo. No entanto, disse, num tom claro e firme:

– Se o Coringa sair, Arlequina, você sabe como as coisas podem ficar ru...

– Ele *não vai encostar em você*. Eu *já te disse* isso. Você, a minha mãe... vocês estão a salvo.

– Mas, e as outras pessoas? – perguntou Hera, com a voz trêmula. – E elas?

– Quem é que dá a mínima? – retrucou Arlequina, com o polegar esquerdo na bomba.

– Eu dou – sussurrou Hera. – *Eu dou*, Arlequina!

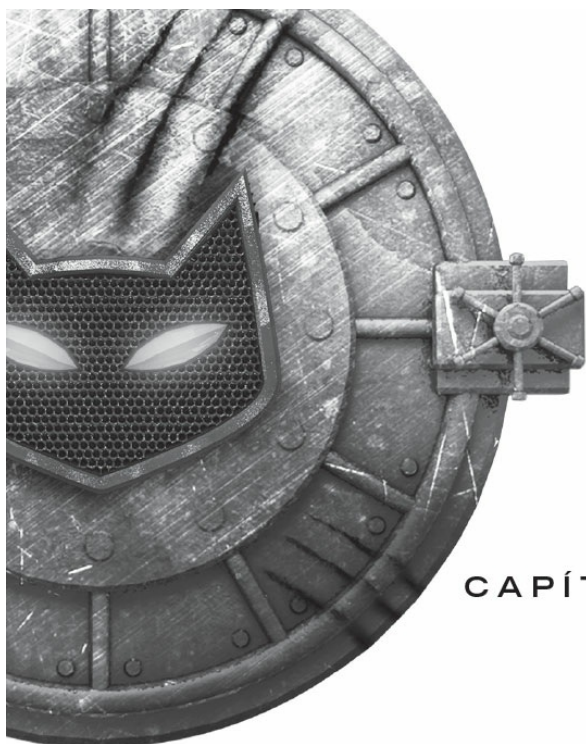
– Se o comprador vir essas bombas – interrompeu Selina –, você pode dar adeus à grana do suborno.

Arlequina tinha um olhar exaltado.

– E que tal a gente então mostrar o que tem debaixo dessa máscara...

As portas do armazém se abriram, com uma nuvem de fumaça, e no instante seguinte as janelas explodiram.

E uma equipe da SWAT irrompeu.



CAPÍTULO 28

Selina havia memorizado as saídas e os pontos do armazém onde era possível se proteger. Rolou em direção a uma imensa torre de maquinário, enquanto Arlequina atirava as bombas, soltando palavrões.

As bombas explodiam com lampejos e estrondos, estilhaçando as janelas e espalhando poeira. Hera correu para junto de Arlequina enquanto soltava algumas de suas belas flores. Arremessou-as em direção à polícia, e na mesma hora a fumaça preencheu o espaço.

A DPGC, porém, também conhecia o local. E a equipe da SWAT que irrompeu pelas portas estava usando máscaras de gás. Hera, mesmo assim, seguiu arremessando suas flores; as vinhas estalavam em meio à fumaça, agora quase impenetrável.

Havia policiais vigiando as saídas. Gordon não estava de brincadeira. A janela mais perto delas, porém, a uns seis metros...

– Aqui! – gritou Selina, em meio à fumaça, para Hera e Arlequina. –
Agora.

Arlequina usava uma máscara de gás, cortesia de Hera; ao emergir, lançando bombas às cegas, em meio aos gritos dos policiais para que se rendesse e parasse de atirar, tinha um filete de sangue escorrendo pelo braço. Havia sido atingida. Nada muito feio, mas Hera pressionou a mão sobre a ferida. O sangue lhe envolveu os punhos, os dedos brancos.

Elas deslizaram por trás da máquina onde Selina estava apoiada. Selina apontou para a janela.

– Tem outro esquadrão lá fora, esperando. Vamos correr até lá... teremos o elemento surpresa se chegarmos saltando.

– A gente vai levar bala antes de chegar à janela – retrucou Hera, avaliando a distância, o esquadrão à espera no beco mais adiante.

– Vou ganhar tempo para vocês – disse Selina, num arquejo. – Saíam correndo e não parem.

Arlequina encarou Selina; os gritos da equipe da SWAT ecoavam pelo piso da fábrica, cada vez mais próximos.

– E você?

– Achei que você não desse a mínima.

Selina pôde jurar que um lampejo de arrependimento tremulou nos olhos azuis de Arlequina.

– Precisamos nos mexer – ordenou Hera. – Agora.

Selina disparou em direção à janela sem dar outro aviso. Uma armadilha, e das grandes, aguardava do lado de fora.

Ela desembainhou a faca das costas, com o chicote agarrado à outra mão. A seu lado, através da fumaça, um lampejo verde... o açoite de vinhas da própria Hera.

Selina chegou à janela.

– Explode, Arlequina!

Em resposta, uma bomba: a última de Arlequina. O vidro ainda se estilhaçava quando Selina saltou por sobre um velho caixote embaixo da janela, agarrou o peitoral e se lançou para fora.

Uma equipe armada da SWAT aguardava a alguns metros, junto à porta dos fundos, de armas em riste e máscaras no rosto. Os homens se

viraram ao ver Selina aterrissar.

– *LARGUE AS ARMAS E...*

Selina não ouviu o resto. Estalou o chicote, que agarrou a pistola das mãos do policial mais próximo. Os outros hesitaram, como se surpreendidas pelo movimento e pela estranha arma...

Dois pares de pés surgiram a seu lado. Hera e Arlequina.

Elas não perderam tempo. Arlequina atirou duas facas nos policiais que avançavam, em choque, uma investida atrevida que Selina percebeu ao estalar novamente o chicote, derrubando outra arma no chão...

Hera e Arlequina cruzaram a linha de fogo. Com uns poucos saltos escalaram uma caçamba, então cruzaram outra fileira de viaturas de polícia. Arlequina arremessou mais uma faca, com mira letal, enquanto a vinha de Hera açoitava o ar.

Selina não olhou para ver se as duas tinham conseguido ir adiante, para onde corria o rio Sprang, atrás do armazém e à beira do cais. Mas ouviu dois sons de mergulho, bem baixinho, por sobre os gritos dos policiais agora à sua frente.

Lá se ia o elemento surpresa. Armas agora apontadas para o rosto dela.

– Largue as armas – ordenou o policial à sua frente, dando um passo adiante.

A porta atrás dela se abriu com um estrondo, e oficiais da SWAT irromperam, rodeando-a por completo. Trinta homens. Armados. Com permissão para atirar.

Selina encarou as inúmeras armas, os coletes à prova de balas.

Largou a espada no chão.

E o chicote.

Então, lentamente, Selina ergueu as mãos para o alto, e a DPGC a algemou.



CAPÍTULO 29

Antes do amanhecer, Luke já estava de pé e na sala de ginástica. Bem a tempo de sintonizar a tevê no noticiário da manhã e dar de cara com a manchete que o fez desligar a esteira:

GATA A CAMINHO DO ASILO ARKHAM

Luke não conseguia se mexer. Não conseguia correr para a saída e disparar até o closet do apartamento, onde estava sua roupa, não conseguia pensar no que *fazer* enquanto assistia às imagens desfocadas.

A Mulher-Gato gritava e se debatia loucamente, arrastada até a viatura blindada da polícia. Nem um traço da mulher calma e fria que ele conhecia. Não, ela fazia um estardalhaço para entrar no carro; as garras cravavam sulcos profundos no metal, mas ela foi enfiada lá dentro, algemada, acorrentada até os pés. Gritando, *gargalhando*...

Asilo Arkham.

Alguém tentara renomear o prédio e abandonar o título datado, mas o nome ainda pairava na boca do povo, em meio a sussurros de medo. Um lugar para onde iam os criminosos insanos, a escória da escória. Os sistemas e protocolos de segurança de nenhum outro local, nem mesmo de Blackgate, se igualavam aos de Arkham.

Mesmo assim, lá estava ela, no jornal, que agora transmitia uma tomada ao vivo de Arkham. A imprensa fora convocada e se aglomerava no que parecia uma saleta de interrogatório. Luke conhecia aquele recinto, frio e familiar. As luzes fluorescentes, as paredes pálidas e o teto baixo conferiam um ar esverdeado e doentio ao cenário.

Ainda mais evidente por causa dos repórteres ali reunidos, atentos à mesa vazia, que ostentava apenas um gancho para as algemas. E correntes.

Não havia nada que ele pudesse fazer. Nem como Luke Fox, nem como Batwing. Mesmo que Batwing telefonasse para Gordon naquele instante, não haveria meio de o comissário atender a tempo. Luke não podia impedi-lo.

Ela havia debochado da DPGC, então foi forçando a barra até...

Até que a porta da sala se abriu. Ela entrou, algemada, ainda de roupa e capacete, sob a mira de armas, e foi conduzida por um pequeno exército de oficiais da SWAT até a cadeira diante da mesa.

De cara para todas as câmeras.

O promotor de justiça entrou logo em seguida. Com a expressão dura feito granito.

Então, Luke soube o que estava prestes a acontecer àquela mesa. Por que a imprensa havia sido convidada.

– Aqui em Gotham City – disse o promotor às câmeras, chegando por trás da mesa à qual a Mulher-Gato estava sendo algemada –, não toleramos ninguém que ameace a segurança, a felicidade e o bem-estar dos nossos cidadãos.

Asilo Arkham... eles devem ter pensado bastante para prendê-la por lá. A ideia era enfraquecê-la, deixar que suas ações das últimas semanas

fossem vistas como loucura.

– Hera e Arlequina também estão sob custódia? – perguntou um dos repórteres.

O promotor de cabelos escuros encarou de cima a baixo a Mulher-Gato, imóvel naquela cadeira. À espera. Preparada.

Luke desejou poder decifrar o rosto dela. Ver o que estava se passando sob aquela máscara.

– Ainda estão foragidas, mas, quando virem o exemplo que vamos exhibir hoje, talvez considerem que a melhor coisa é se entregar.

O estômago de Luke se revirava, o coração ribombava no peito.

– Não faz isso – sussurrou ele, no silêncio da sala de ginástica. – Não faz isso, cara.

– Por muito tempo – prosseguiu o promotor à imprensa –, os criminosos desta cidade se esconderam atrás de máscaras. E fizeram uso delas para cultivar o medo e o caos. Mas eles não são indestrutíveis. Não são deuses.

O promotor pousou as mãos morenas nas laterais do capacete.

– Hoje, daremos um passo à frente, ao revelar a mera mortal que existe sob este disfarce.

Luke tinha os pés cravados ao chão da sala de ginástica, a respiração rasa e irregular.

Todo o recinto parecia prender a respiração. O promotor ergueu o capacete da Mulher-Gato.

Luke viu primeiro os cabelos loiros.

Depois os olhos cor de esmeralda, cálidos e paralisantes.

Então, seus joelhos cederam, fazendo-o desabar no chão, quando ele encarou o rosto de Holly Vanderhees no televisor.

O promotor recuou, em choque. Holly sorriu de leve para ele. Em seguida, voltou o sorriso para a câmera.

Luke não esperou que a imprensa desvendasse a identidade dela.

Disparou pela escadaria da sala de ginástica e entrou no apartamento, sob os protestos da lateral dolorida do corpo. Parou

apenas para pegar o kit de ferramentas num dos armários da cozinha, e saiu em questão de segundos. Cruzou o corredor a passos firmes até a porta de Holly, sentindo-se grato pela firmeza surpreendente de suas mãos ao arrombar a fechadura.

O apartamento dela, ainda envolto pela meia-luz da alvorada... limpo. Normalíssimo. Um espelho de sua própria cobertura, embora os móveis e as obras de arte tivessem uma pegada mais feminina. Ela decerto alugara tudo já mobiliado.

Ele correu até o quarto, mal ouvindo os próprios passos por sobre o ribombar em seus ouvidos.

Holly... Holly, com quem ele havia dançado e rido, que ele tentara beijar.

“Eu não sou o que você precisa”, dissera ela. Muito ciente de quem era e do riquinho que acreditava que ele fosse...

Morando bem ao lado dele. Aquele tempo todo.

O quarto estava limpo, e a grande cama, feita; nada fora de lugar.

O closet, porém...

Luke observou. Vasculhou as prateleiras de roupas e sapatos, até que botou os olhos num espelho nos fundos. Aproximou-se e deslizou as mãos pela moldura de madeira. Não havia botão escondido, como no dele.

Um espelho do apartamento dele. O botão estava do outro lado.

Ele encontrou no mesmo instante.

Com um sibilo e um clique, a porta do compartimento secreto se abriu. Revelando um quarto sombrio, com iluminação meio trêmula.

As luzes foram revelando cada detalhe:

Armas nas paredes.

Uma mesa cromada, com um kit de ferramentas espalhado, fios e pedaços de metal por toda parte.

As pilhas de joias cintilantes no canto oposto. Os maços de dinheiro.

Caixas de sapato repletas de barras de ouro.

Caixas de sapato.

Quantas vezes ele a vira entrar e sair daquele apartamento carregada de sacolas de compras? Que sempre pareciam tão *pesadas*. Toda vez que ele se oferecia para levar, ela recusava.

Pois sabia que o peso ali dentro não era de *sapatos*.

Dois lados da mesma moeda, ela dissera.

Obviamente, ela sabia que ele era Batwing. Que os dois eram embusteiros, mentirosos – um servindo à luz, e o outro, às trevas.

Holly, com aquele sorriso triste. Parecia odiar os ricos e poderosos, mas ao mesmo tempo convivia com eles.

Luke se esforçou para pensar. Nunca ouvira falar de Holly Vanderhees até aquele outono. Jamais. Ela havia chegado em agosto, num jatinho particular, feito um fantasma vindo das nuvens. Um espectro.

Um ghül.

Holly era uma *assassina* da Liga.

E... Holly nunca existira.

Luke estava prestes a dar meia-volta quando uma folhinha de papel sobre a escrivaninha da Mulher-Gato lhe chamou a atenção.

Luke cruzou o recinto, que ainda guardava o perfume dela – o mesmo aroma floral em meio ao qual ele acordara na casa do comissário Gordon.

O nome dele estava escrito.

Luke.

Ele pegou o papel, com o coração disparado. Sentia a boca totalmente seca. Virou o papel e vislumbrou, do outro lado, três palavras:

Proteja esta cidade.

Antes mesmo de refletir, Luke começou a se mexer. Em questão de minutos estava vestido e dentro do carro emprestado pela concessionária, um BMW i8 prateado. Seguia a toda a velocidade pelas ruas da cidade.

Rumo às Indústrias Wayne.

A mera *ideia* de tirá-la de Arkham ultrapassava todos os limites. Bruce daria uma surra nele por isso. Mais do que isso, era ilegal. Mas... ela queria que ele encontrasse aquele papel.

Era como se a intenção fosse alertá-lo, caso algo acontecesse com ela. De que ela sabia muito bem quem era seu vizinho de porta. E de que o pedido que ela fizera semanas antes ainda valia.

Proteja esta cidade.

O estômago de Luke apertou, como se recuasse diante da lembrança do toque dela na cicatriz. Ela sabia que o ferimento tinha sido causado por um estilhaço de bala. Levara ele àquele quarto, e o beijara, pois sabia que era impossível enveredar por esse caminho como Holly; como Mulher-Gato, por outro lado...

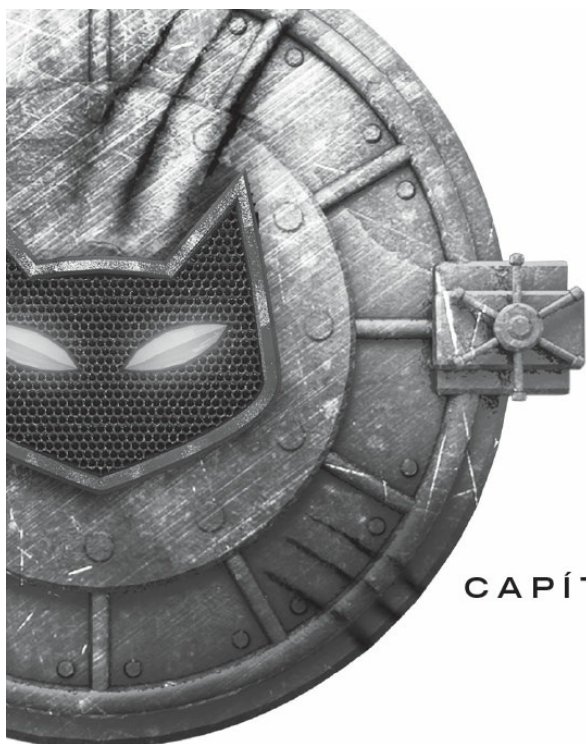
O que havia sido verdade?

Uma dor de amor a levava até ali, dissera ela.

Não causada por um cara, mas pela *Liga*.

Ele precisava saber mais.

Começaria por descobrir *tudo* a respeito de Holly Vanderhees.



CAPÍTULO 30

Fora tão fácil inventar Holly Vanderhees.

Selina não estava especialmente triste em vê-la partir.

Sabia o que o mundo estava pensando: *Quem é essa socialite dama do crime?*

Hera e Arlequina, sem dúvida, deviam estar se perguntando a mesma coisa.

Então, sentada na solitária imunda de Arkham, contando as horas e os guardas que a olhavam atravessado, analisando os gritos dos prisioneiros no bloco de celas de três andares, Selina imaginou se Hera e Arlequina algum dia a perdoariam. Pelas mentiras. Por ser uma das ricas que elas tanto odiavam.

A essa altura, a imprensa já descobrira os perfis de mídias sociais que ela construía meses antes: verões na Provença, invernos em St. Barth, o rosto incluído digitalmente em bailes de galas, iates e clubes. Para uma mulher que nunca havia existido, até que Holly levava uma vida bastante pública.

Muito lentamente, as horas se passaram.

Eles haviam tirado sua roupa, seu capacete. Enfiaram-lhe um macacão branco. No vestiário, ao colocar a camiseta de manga comprida que ficava por sob o macacão, não recebeu qualquer comentário da policial a respeito de seus braços tatuados. No interior da cela fria, Selina puxou o cobertor de lã dura por sobre os ombros e sentou-se no colchão.

Pelo menos não havia sido posta no subsolo, reservado para detentos em *tratamento intensivo*. Mesmo assim, o ar frio e fedorento parecia penetrar pelo piso. Feito uma tumba, a convocá-la.

Selina bloqueou aquilo. Já tinha sofrido coisa pior. Ali, no imenso espaço vazio da ala feminina, a leste, ela podia observar. E escutar.

Hora após hora.

Contou os segundos, reunindo força e concentração.

Pois, no instante em que Gordon removera seu capacete, expondo seu rosto ao mundo, Nyssa dera início à sua cartada final.

Selina dormiu. E comeu. E se preparou.

Já era quase de manhã quando enfim aconteceu.

Então, logo aos primeiros estrondos de gritaria e caos que irromperam no Asilo, Selina soube que Nyssa não mandara um ou dois de seus melhores assassinos para dar cabo da tarefa.

Nyssa havia enviado um pequeno exército.



CAPÍTULO 31

O ataque se desenrolou com precisão cirúrgica, seguindo os exatos ensinamentos passados a Selina.

Primeiro, uma explosão nas paredes externas. Pelo menos foi essa a sensação de Selina com o tremor da enorme construção em forma de U, os destroços voando pelos ares. Os guardas saíram em disparada.

E deram de cara com os assassinos, que os executaram. Um por um. Todos babacas perversos e maliciosos que passaram as últimas horas chacoalhando as barras da cela, olhando-a com lascívia e sussurrando baixarias, por isso seu coração não esboçou o menor fragmento de pena ao ouvir os gritos cessarem nos corredores cheios de fumaça.

No silêncio, Selina pôde ouvir claramente o clique que invadiu a ala.

As portas das celas se abriram. Um convite e um desafio.

Ela não teve dúvida de que, na ala masculina, a oeste, o mesmo estava acontecendo.

Selina largou o cobertor no chão e seguiu pelo corredor. As fugitivas não olhavam duas vezes para ela, disparando e sumindo em meio à

névoa.

Nem percebiam o objeto do qual Selina agora se aproximava, o item que jazia pendurado num dos lustres do teto, junto a uma câmera de segurança desativada.

Sua roupa.

Sem capacete. Sem luvas. Sem chicote, nem cinto de utilidades. Apenas as botas, apoiadas na parede a quase um metro.

Nyssa queria que ela lutasse aquela batalha final sem disfarces. Sem Máscara da Morte. Sem acessórios tecnológicos.

Vendo a última prisioneira de sua ala desaparecer, Selina tirou a roupa do gancho.

Em silêncio, tirou o macacão branco e vestiu a roupa negra de batalha.

Deixou o cabelo solto – a porcaria do cabelo pintado. Não havia elástico por perto.

Selina se apoiou na parede do corredor, observando a fumaceira que se instalava na saída da ala leste.

A Liga chegou dali a segundos, feito espectros no nevoeiro.

Nenhuma identificação individual. Eram todos idênticos, de preto, capacete, espadas iguais.

Uma unidade, uma força mortal e vingativa. A personificação da justiça da Liga, em toda a sua brutalidade.

Por causa da fumaça, ela não conseguia contar quantos eram, além dos dez que ocupavam a entrada do corredor.

Selina se afastou da parede branca, com os braços soltos ao lado do corpo.

– Você traiu seus companheiros mortos-vivos – disse a líder do grupo, com sotaque australiano. – Sendo assim, temos que te devolver ao pó.

Selina sorriu.

– Vocês demoraram para chegar.

– Você é acusada de roubo e alta traição – entoou a assassina. –

Nega as acusações?

– Não nego.

A assassina à esquerda se contraiu, como se estivesse incomodada.

– Devolva o que roubou – prosseguiu a líder –, o que está pretendendo vender a esses palhaços, e a Liga lhe pagará com uma morte rápida.

A ameaça era clara: caso contrário... ah, a morte seria muito, muito lenta.

Selina riu baixinho.

– E o que foi que eu roubei, exatamente?

Além de tempo, claro. Isso ela havia roubado. E muito.

– Você não vai protelar nada com essas perguntas idiotas! – vociferou a líder, empunhando uma faca embainhada nas costas, idêntica às removidas da roupa de Selina. – Você sabe o que roubou.

Selina ergueu a sobrancelha.

– Está querendo me dizer que Nyssa não decorou a formulazinha?

Silêncio.

Selina bufou.

– Talvez ela devesse ter prestado atenção aos cientistas que sequestrou... em vez de mandar executá-los assim que eles terminaram.

Em meio ao tiroteio, Selina havia torcido o pescoço de um dos cientistas.

Um instante depois que ele sussurrara, implorara que ela não fizesse aquilo. Explicou que Nyssa o forçara a trabalhar em segredo durante dez anos, sem ver a luz do sol, sem ver a própria família. Ciente de que, se desobedecesse, ela mataria seus entes queridos. Então ele trabalhou no subsolo do complexo. Fazendo o que ela queria.

Ele e outros dois cientistas descobriram como tornar autorregenerativo o Poço de Lázaro do complexo. Criaram uma fórmula para construir um Poço a partir do zero, que poderia ser utilizado inúmeras vezes. A garantia da imortalidade a quem desse o lance mais alto. De trazer as pessoas do mundo dos mortos.

A arma mais valiosa do mundo.

O cientista revelou a Selina onde estavam guardadas as informações, os dados, sua senha. Implorou que ela o ajudasse a fugir. E impedisse Nyssa de soltar aquilo no mundo. De vender para a escória da humanidade.

No instante seguinte, Nyssa entrou no cômodo ensanguentado, exigindo saber por que Selina não havia terminado a tarefa.

Antes que Nyssa concluísse a frase, Selina quebrou o pescoço do cientista.

Agora, parada diante dos assassinos que a haviam treinado e atormentado, transformando-a nessa coisa que ela agora era... Selina ergueu a cabeça.

– Entregue a fórmula – rosnou a líder. – *Agora.*

Selina sorriu outra vez.

– Tarde demais.

Os assassinos começaram a avançar, como um corpo só, pelo corredor enfumaçado.

– Vocês sabiam – prosseguiu Selina – que durante as semanas em que estive aqui a minha maratona de crimes atraiu compradores *muito* interessados? Gente disposta a fazer *de tudo* para não morrer.

Os assassinos pararam.

Não por causa das palavras de Selina, mas por conta da figura que emergia da fumaça.

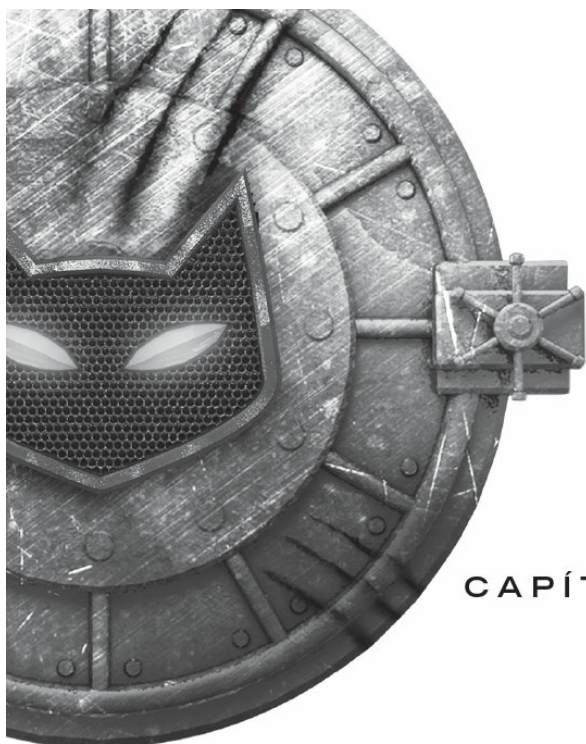
A pessoa com quem ela estava negociando aquela fórmula surgiu, do subsolo. E bem a tempo.

O Coringa soltou uma risada rouca e foi se aproximando de Selina, o macacão branco largo em seu corpo magro.

– Obrigado por confirmar a existência da fórmula – soltou ele, com a fala arrastada. Curvou-se numa medida debochada, o rosto e o corpo encobertos pela fumaça. – Temos um acordo, gatinha.

Então, estalou a língua.

Até os assassinos da Liga estremeceram, surpresos, quando o exército de capangas impiedosos do Coringa explodiu por trás deles e avançou pelo corredor.



CAPÍTULO 32

Fora esse o motivo da insistência de Selina para que Arlequina se juntasse ao grupo. Tudo, cada passo... por causa disso.

Este momento, esta aposta. Esta aliança com o Coringa.

Ter o exército dele, agora *dela*, enfrentando a legião que Nyssa enviara atrás de sua cabeça.

Se os assassinos da Liga eram frios e implacáveis, o pessoal do Coringa era um incêndio desenfreado. Sem regras, sem limites.

Em sua loucura, o Coringa estendeu a mão magra.

– A fórmula, por obséquio.

Aquela voz aguda e leve fez Selina se arrepiar.

Ela inclinou a cabeça.

– Me dê uma hora e vá me encontrar na estátua de São Nicolau.

Pouco antes dos limites da cidade, acompanhando a longa estrada desde Arkham, era muito fácil localizar a estátua de mármore em homenagem ao santo padroeiro dos ladrões arrependidos.

Ela deu meia-volta, mas o Coringa agarrou seu braço, cravando os dedos magros com força suficiente para machucar.

– Se você não estiver lá... – sussurrou ele, com uma risada. – Pode imaginar o que eu vou fazer com você e os seus colegas.

Selina encarou a mão dele, então ergueu o olhar para seu rosto pálido e anguloso, quase invisível em meio à fumaça.

– Nunca mais encoste em mim – disse ela.

O Coringa revirou os olhos escuros, cruéis... e loucos.

– A gente vai se divertir, eu e você.

As palavras pairaram sobre ela, feito garras a lhe arranhar a espinha. Ela se desvencilhou do braço dele.

– Não se atrase.

A gritaria aumentava nos dois lados do corredor. Os assassinos levavam vantagem em destreza, mas os homens do Coringa estavam em maior número. E eram desvairados.

Assim que o tiroteio começou, envolvendo o diminuto espaço numa balbúrdia ensurdecadora, Selina avançou pelo corredor vazio logo atrás. Virou à direita, cruzou o buraco aberto na parede externa e saiu para o dia ensolarado de outono, a grama seca adiante. Os buracos escancarados nas cercas de estilo gótico.

A distância, ouvia-se o eco das sirenes. Os detentos ainda saíam aos borbotões, acotovelando-se para cruzar as grades pontudas de ferro, disparando rumo à comprida estrada que levava ao sopé da colina onde se empoleirava Arkham. E à cidade.

Ela sabia que alguns não estavam só fugindo para Gotham City.

Alguns estavam querendo se divertir.

Selina abriu um painel no braço da roupa e digitou um número que não chamava havia anos.

Ela conversou com a pessoa do outro lado da linha, ao deixar a imponente construção gótica do Asilo Arkham, correndo pela grama queimada rumo às árvores esqueléticas.

Tempo.

Ela estava sem tempo.
E não havia mais como adiar.

Gotham City era o próprio inferno.

Luke recebeu o alerta a meio caminho de descobrir quem, e o quê, era Holly.

Uma mentira. Era uma *mentira*, tudo.

No entanto, ao observar as explosões em Arkham, ao ver os detentos cruzando a estrada desolada, passando pela degradada estátua de São Nicolau e entrando na cidade... Luke tinha uma segunda roupa no escritório. Trocou-se, e em questão de minutos estava sobrevoando os edifícios. Um verdadeiro exército de viaturas policiais avançava pelas ruas.

Mais rápido. Ele tinha que ser *mais rápido*. Havia vidas em jogo.

Luke pegou carona num vento forte e subiu ainda mais, atravessando a fumaça espessa que enegrecia o horizonte, ouvindo os ecos do tiroteio na colina de Arkham, uma besta gótica.

Caos. Caos total.

Todos os criminosos da cidade estariam indo para lá, para libertar os seus comparsas, para participar do que parecia ser uma *guerra*...

Ela orquestrara aquilo. De alguma forma ele sabia que “Holly” tinha ido para Arkham na intenção de promover aquela desordem.

Ao percorrer os edifícios, Luke avistou o carro de Gordon e um pequeno círculo de viaturas da polícia e blindados a alguns quarteirões da estrada. Voou até lá, forçando as asas ao máximo.

Ao vê-lo aterrissar, Gordon desabou de alívio. Alguns policiais, surpresos, fizeram menção de pegar as armas. O comissário fez um gesto para detê-los e apontou para o arco de telas de vídeo à sua frente, que transmitiam imagens ao vivo de diversas câmeras da cidade.

– *Bloqueiem essa estrada agora!* – urrou ele no rádio em sua mão.

Alguém do outro lado perguntou como.

– *Barricadas!* – gritou Gordon.

Luke observou a tela, a transmissão da estrada. Tarde demais. Muitos dos piores criminosos de Arkham haviam chegado à cidade. Às ruas. O povo corria. Para as lojas, para os prédios, para *qualquer lugar* fora do caminho deles.

– O hospital – sussurrou Luke, apontando para a construção alguns quarteirões adiante, no distrito de Coventry, bem na rota da estrada. – Levem eles para o *hospital*...

Ele se preparou para decolar, em meio ao zumbido de sua roupa.

Gordon, no entanto, soltou um palavrão.

Luke encarou a transmissão das câmeras de segurança da saída do hospital.

Pelas beiradas, elas se aproximavam. Desciam as ruas. Armadas com tacos de beisebol, socos-ingleses, canos de ferro. Tudo o que haviam conseguido pegar. *Agarrar*.

Luke, petrificado, assistiu à gangue das Leopardas rondar as portas expostas e desprotegidas do hospital.

– *Preciso de reforços no Hospital Geral de GC agora mesmo!* – urrou Gordon no rádio.

Luke levou a mão ao ombro dele, para detê-lo.

Pois as Leopardas...

Aquela era Mika Ikedo. Alfa do Bando.

Numa postura defensiva, de guarda, em frente às portas do hospital.

Ladeada por Ani Hernandez, sua Segunda.

Tiffany McBride, a Terceira.

E, em cada porta, diante de cada janela baixa... as Leopardas montavam guarda.

As Leopardas mantinham a posição.

– Não estou acreditando nisso – sibilou Gordon. – Elas estão vigiando a droga do hospital para os homens de Falcone.

Ele tornou a pegar o rádio.

– Não estão, não – disse Luke, baixinho, enquanto as garotas,

algumas de 14 anos, outras de seus 28, olhavam para a frente, destemidas e impassíveis, e o caos de Arkham seguia invadindo as ruas.

– Estão respondendo a um pedido de ajuda.

Gordon piscou, atento, e baixou o rádio.

– Mulher-Gato.

Luke assentiu.

– Por quê? – Gordon perscrutou a tela, atrás de alguma pista. – Por que não foram resgatá-la em Arkham?

Luke não respondeu. Gordon começou a organizar seus homens por toda a cidade.

Um apelido, ela dissera. A ideia da gata surgira de um apelido alcunhado pelas outras assassinas.

As Leopardas marcavam suas vitórias na pele. Se algo dera margem a um apelido que remetesse a gatos...

Ele nunca vira os braços de Holly. Ela sempre usava mangas compridas, mesmo no calor. Todas as vezes.

Para esconder as tatuagens.

As pintas de leopardo marcadas na pele.

– Preciso do seu computador – disse Luke, e aquilo não era um pedido.

Puxou o laptop mais para perto; com alguns cliques, acessou a base de dados da DPGC. E abriu o navegador.

Uma competição de ciências no interior. Ela havia ganhado um concurso estadual.

Um verdadeiro sapatinho de cristal.

Luke foi percorrendo os artigos. Vencedoras de todas as feiras de ciência, suas fotos... e lá estava ela.

Não Holly Vanderhees, herdeira e socialite.

Mas Selina Kyle, garota do interior e integrante de uma gangue.

Quatorze anos, cabelos escuros, muito séria, segurando o troféu da feira de ciências estadual. Mais fotografias de diversas competições de

ginástica olímpica. Vitórias. As datas coincidiam, e o rosto... era ela. Feroz e confusa.

Ele digitou o nome no banco de dados da DPGC. *Selina Kyle*. Sua ficha havia sido apagada. Por meio de alguns códigos secretos, Luke a fez reaparecer.

Nascida e criada na área mais perigosa e desprivilegiada de Gotham City. Mãe drogada, pai ausente. A mãe que *batia* nela. Essa parte da história, pelo menos, era verdade. Atualmente cumpria pena de prisão perpétua por tentativa de sequestro e homicídio, entre outras coisas.

Mas Holly... *Selina*... melhor aluna da classe. Melhores notas em todas as provas. A mais inteligente do distrito escolar. De *todos* os distritos. Ginasta talentosa. E conhecida integrante das Leopardas.

Roubo. Lesão corporal qualificada. As acusações eram intermináveis.

Lutadora invicta do ringue subterrâneo de Carmine Falcone. Desaparecida havia dois anos, aos 17, depois da terceira passagem pela polícia.

O motivo por trás do último crime...

Luke tornou a encarar o hospital, as Leopardas que respondiam ao apelo desesperado de sua antiga companheira. O estômago de Luke se revirou. Elas não vigiavam apenas os incapazes de se defender, mas também protegiam...

Protegiam...

Luke agarrou o laptop de Gordon e partiu pelo céu.

Selina correu para o hospital.

Passou pelos detentos frenéticos e amotinados, pelos policiais, que não eram burros de tentar impedi-la, passou pelo povo desesperado da cidade. Selina correu desde Arkham, sufocada pela própria respiração.

Mika e Ani já estavam lá. Esperando em frente às portas.

Não disseram nada ao olhar para ela, de cabelos loiros e roupa de batalha.

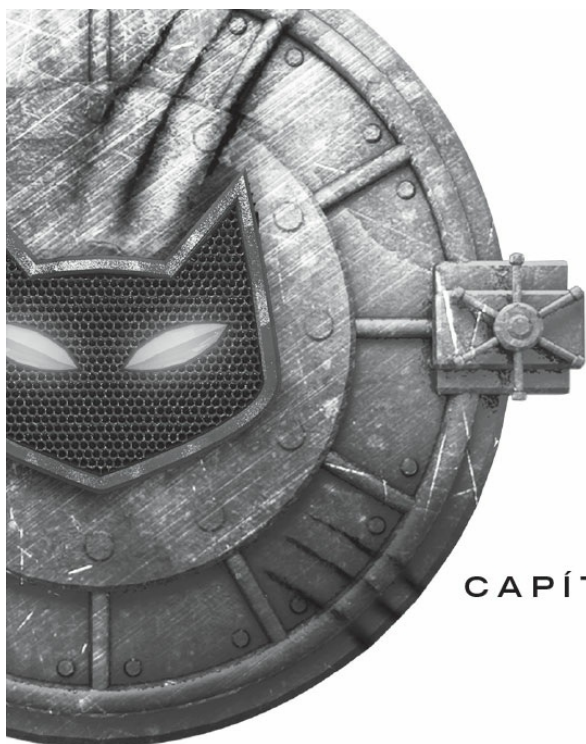
Uma nova cicatriz maculava o rosto de Ani, mas nenhuma das duas havia mudado. Estavam iguais. Selina, no entanto... era uma estranha naquele corpo, naquelas roupas. Uma estranha para si mesma.

Mika inclinou a cabeça e afastou-se das portas de vidro.

A antiga Alfa atendera à chamada ao segundo toque. Ouvira, sem dizer palavra, a explicação de Selina. A súplica de Selina. Que pedia um favor como a lutadora invicta que jamais havia infringido uma regra, que sempre seguira todas as ordens de Mika.

Então, Mika atendeu. Trouxe todas as Leopardas que pôde.

Selina deu à antiga Alfa um meneio de cabeça, em agradecimento; dirigiu um a Ani também, então atravessou as portas de vidro do hospital e correu.



CAPÍTULO 33

Fazia dois anos que ela não via Maggie.

A jovem na cama de hospital diante dela era uma casca. Uma carcaça do que fora sua irmã.

No quarto escuro e silencioso, os aparelhos apitavam e murmuravam baixinho. Havia dois homens, de seus 40 e tantos anos, sentados nas cadeiras encostadas na parede. Os pais adotivos de Maggie.

Acampados ali, com sua filha.

Em seus dias finais. Em suas horas finais.

A delicada Maggie era puro osso, a pele toda estirada. Seus lindos cabelos cacheados estavam frágeis e finos.

Encarando fixamente a irmã, Selina levou a mão ao peito, como se pudesse impedir o coração de se dilacerar. O chão parecia deslizar sob seus pés.

A fibrose cística havia destruído Maggie.

A cama estava rodeada de tubos e máquinas, os monitores e cateteres intravenosos dispostos feito sentinelas ao lado de sua irmã

inconsciente. Tanta tecnologia... Nada disso podia salvar a vida de Maggie.

Incurável.

Os dois homens dormindo junto à cama da filha... eles sabiam, ao adotar Maggie, que ela estava doente. Que não viveria muito tempo. Que seria caro, difícil e triste.

E mesmo assim a acolheram em sua casa.

Durante dois anos, eles lutaram por sua irmã. Todos os dias. Com todo o dinheiro que tinham.

Então, quando a primeira doação anônima chegou, havia um mês, e todas as contas médicas de Maggie foram pagas... eles choraram.

Selina sabia disso porque espreitava, em meio às sombras, a cozinha da linda casa na área residencial, na noite em que a carta foi aberta.

Nem todo o dinheiro do mundo, no entanto, todo aquele dinheiro roubado, e as joias, e as obras de arte, nada foi suficiente para impedir que a doença destruísse os pulmões de sua irmã e lhe roubasse a vida. Roubasse aquela bela e jovem alma.

Ela já sabia disso, muito antes de retornar. Antes de entregar o dinheiro a eles.

Selina usava os computadores da Liga para monitorar Maggie; invadia os relatórios dos assistentes sociais de Gotham City a respeito das condições da nova residência de sua irmã, e acessava os registros médicos para conferir os últimos pareceres e tratamentos.

Fora sua rebelião secreta, que ela escondera dos olhos atentos de Nyssa e Talia. O contato com o exterior era proibido, bem como qualquer ligação com a vida pregressa. No entanto, se alguém descobriu que ela fazia isso, não disse nada. Selina aguardava a calada da noite, quando até as assassinas estavam dormindo, e ligava o computador da oficina subterrânea do complexo.

Certa noite, seis meses antes, como de hábito, ela verificou o estado de Maggie.

Leu o último relatório médico como se cruzasse um longo túnel.

Expectativa de vida: poucos meses.

A devastação foi ainda maior ao ler a anotação do médico, ao fim: *O importante agora é deixar Maggie o mais confortável possível.*

Selina havia se unido à Liga, a seu castelo de assassinos. Arriscara tudo, perdera tudo... para honrar o acordo com Talia. Entregara a vida, e a *alma*, em troca da segurança e felicidade de Maggie.

Porém, não fora o bastante. Por mais sangue que ela tivesse derramado em nome da Liga, não fora possível salvar sua irmã.

Mas ainda havia esperança.

Ela lembrou a menção do cientista ao Poço de Lázaro.

Sem se importar com as consequências ou com eventuais exigências de pagamento, Selina procurou Nyssa na manhã seguinte. Explicou que Maggie estava morrendo.

Selina passara um ano e meio sendo treinada para destruir impérios. Cavara sua própria cova, entoara seus ritos finais, renascera dos mortos. Cumprira todas as ordens de Nyssa e Talia. Mesmo assim, ao pedir a Nyssa que usasse o Poço para salvar Maggie, sua irmã, Nyssa deu uma gargalhada.

“É a seleção natural da modernidade. O Poço não pode ser usado para propósitos tão egoístas. Ou para salvar alguém com tão pouco a oferecer. Mesmo quando estiver em pleno funcionamento, o Poço jamais será usado para fraquezas como laços familiares.”

Seleção natural.

As palavras penetraram o cérebro de Selina. E foram carbonizadas.

“Se você ainda se aflige com esse tipo de emoção, talvez seja melhor retornar ao treinamento”, dissera Nyssa.

Após deixar o rosto esfriar, Selina ouviu a si própria convencer Nyssa, com palavras distantes e formais, de que aquilo era desnecessário, que ela *aceitava* a decisão.

Então, ela planejou. Diante de cada palavra de ódio saída da boca de Nyssa, ela deu início aos planos.

Recuperou na memória a senha do cientista e suas instruções.

Como acessar a fórmula. Como roubá-la.

Ela matara aquele cientista. Por aquela mulher... por aquela Liga.

Essa atitude, no entanto, seria compensada. Selina salvaria Maggie e honraria o desejo do homem morto.

Não, aquilo não cairia nas mãos erradas.

Selina retornou à costumeira posição de silêncio e obediência. Participou de tantas missões bem-sucedidas que Nyssa pareceu ter esquecido seu pedido. Então, na véspera de partir em mais uma missão...

Sorradeira, ela adentrou o laboratório. E roubou todos os arquivos e anotações. Tudo que o cientista e seus parceiros haviam descoberto. Transferiu as informações para um pen drive, depois apagou tudo do dispositivo de Nyssa. E do de Talia, e dos arquivos de backup da Liga.

Com mais alguns comandos, Selina acessou as contas bancárias de Nyssa. E transferiu vultosas quantias de dinheiro para uma nova conta na Suíça, que ela abrisse durante a missão anterior.

Dinheiro para começar. Para ter acesso ao que era necessário.

Ela partiu de manhã cedinho, pela porta da frente.

Antes, porém, destruiu o Poço. Os arquivos do cientista também ensinavam a fazer isso.

Queria ter visto a cara de Nyssa ao entrar no laboratório subterrâneo e descobrir que o poço estava inutilizado. Para sempre.

Quando isso aconteceu, Selina já estava bem longe. Mas sabia que cedo ou tarde seria encontrada. Que Nyssa e Talia usariam seus métodos para localizá-la.

Assim, ela partira para Gotham City. Não por ser a cidade que um dia fora seu lar, mas por abrigar uma jovem e brilhante bioquímica que nas madrugadas atuava como justiceira ecológica.

A Liga andara de olho em Hera Venenosa, cogitando recrutá-la. Nyssa queria que ela participasse do projeto Lázaro.

Selina queria que Hera salvasse sua irmã.

Sussurros de preocupação cruzaram o corredor do hospital; Selina

deslizou para dentro do quarto e fechou a porta. Os pais de sua irmã não se mexeram. Maggie permanecia inconsciente, respirando com dificuldade.

A cada passo em direção à cama, as mãos de Selina tremiam. Saudade e terror lhe cravavam o peito como adagas.

Tudo o que ela perguntara a Hera sobre as linhas de Ley... eram lacunas deixadas pelos cientistas estudiosos dos Poços de Lázaro, as piscinas naturais que brotavam embaixo das linhas de Ley. Hera, sem saber, havia preenchido essas lacunas. Também sem saber, ajudara a roubar muitas substâncias químicas na outra noite.

Algumas, de fato, foram usadas para fazer explosivos. Mas nem Arlequina, nem Hera, nem a DPGC se perguntaram que fim levava o caminhão com o restante dos itens que Selina exigiu que elas roubassem.

As substâncias químicas ali dentro, todas, eram necessárias para criar um Poço do zero. Bem em cima da linha de Ley nos arredores da cidade.

Ela fora *tão* bacana com seu contato no jornal, fornecendo fotos e pistas da Mulher-Gato, que ninguém questionou quando a tal fonte anônima solicitou uma matéria sobre as linhas de Ley. Um pretexto para abordar o assunto – com a garantia de que Hera não desconfiasse do súbito interesse de Selina, naquela noite no terraço.

Ela não se arrependia de nada. De ter usado Hera e Arlequina. De ter mentido para as duas o tempo todo.

De nada.

Selina se aproximou, sorrateira, da cama de Maggie. Sua irmã tinha a pele amarelada e os lábios muito brancos sob a máscara de oxigênio.

Através da roupa, ela enviou um sutil pulso eletromagnético, que desligou as máquinas e silenciou os monitores.

Removeu com delicadeza o cateter do braço de Maggie, os aparatos respiratórios de seu rosto magro, e tomou a irmã nos braços.

Estava tão leve... Tão magra...

Selina ergueu a irmã por sobre o ombro, feito um bombeiro, e abriu a porta do quarto com a mão livre. Os pais de Maggie ainda não se mexiam. Selina fechou a porta atrás de si, sem olhar para trás.

Os corredores do hospital estavam desertos.

Exceto por uma mulher no balcão junto ao elevador.

Selina se lembrava dela. Da recepcionista de olhar afiado, esgotado e odioso.

A mulher, pálida de choque e medo, viu Selina avançar com Maggie no ombro.

– V-você não pode...

Selina passou, sem titubear.

– Posso, sim.

A mulher deu uma boa olhada para ela. Para ela e Maggie.

E de súbito reconheceu as duas.

A recepcionista estendeu a mão para pegar o telefone sobre a mesa.

– Vá em frente – disse Selina, ao chegar à porta da escadaria. – Pode ligar.

Ela abriu a porta de metal com um chute, sem esperar para ver o que a mulher faria.

A escadaria estava um caos. Médicos, enfermeiros, pacientes e familiares desciam e subiam correndo, desesperados para escapar da confusão das ruas.

A última parte do plano: instaurar o caos em Gotham City, de modo a encobrir seus próprios rastros. Cortesia da Liga dos Assassinos, que invadira o Asilo Arkham.

Selina deixou uma mão livre para afastar os malucos de seu caminho, e disparou pela escadaria de concreto até o piso térreo.

Ela tinha que agir depressa.

Sem as máquinas, os pulmões de Maggie não resistiriam por muito tempo. E a velha fábrica erguida sobre a linha de Ley, com o Poço de Lázaro que ela construía no subsolo, ficava a 45 minutos dali.

– Aguenta firme – sussurrou Selina por sobre a gritaria na escada. –

Aguenta firme.

As sete Leopardas de prontidão arregalaram os olhos ao vê-la irromper pelo beco, saindo da porta dos fundos. A rua estava tomada de fumaça, com gente correndo para todos os lados. Já pingava sangue do porrete de uma das Leopardas; um homem inconsciente vestido na roupa branca de Arkham jazia esparramado na calçada, a alguns metros.

As Leopardas observaram Selina, com Maggie no ombro, e uma delas apontou para a rua, na direção oposta.

– Vamos manter a ordem daquele lado para você.

Com o peito sufocado de gratidão, quase sem respirar, Selina só foi capaz de acenar com a cabeça.

As Leopardas ficariam ali, vigiando o hospital, até que a DPGC recuperasse o controle sobre a cidade. Mika havia prometido.

Ela também não teve palavras para expressar sua gratidão por isso. Era o mais próximo de uma família que Selina tinha, e elas foram ajudá-la, responderam a seu pedido de ajuda.

Selina começou a avançar pela rua vazia adiante, a passos bem firmes, para evitar perturbar Maggie. Dias antes, estacionara o Mercedes a algumas quadras dali, à espera desse momento.

Ninguém a impediu de atravessar a rua caótica, tomada de carros buzinando, de gente abandonando seus veículos para sair correndo. Não dava para seguir por ali.

Selina chegou a outro beco, então começou a correr. Avistou o Mercedes preto, coberto de multas. A chave estava presa com fita sob o chassi, bem debaixo do porta-malas.

– Aguenta firme – ela repetiu para a irmã.

Quinze metros. Doze. Nove.

– *Selina*.

Fazia mais de dois anos que ela não ouvia o próprio nome.

A palavra ecoou em seu corpo, estranha e pesada. Ela não queria saber como Arlequina descobrira.

Selina. Ela quase repetiu o nome, só para sentir o gosto. Para ouvi-lo

outra vez.

Nyssa e Talia não o usavam. As outras assassinas a chamavam de Gatinha e variações.

Lá estava Arlequina, no entanto, vinda de uma esquina, os lábios inchados e sangrentos retorcidos num esgar.

Apontando duas facas para ela.

– Para.

A ordem de Arlequina era um rosnado bruto. Havia sangue em seus joelhos e braços.

– Mande *parar*!

Selina continuou andando para o carro.

– *EU MANDEI PARAR!*

Selina fez uma pausa, olhando por sobre o ombro no instante em que Hera chegou ao lado de Arlequina. Hera tinha a têmpora ensanguentada, os nós dos dedos em carne viva, o chicote de vinha todo retalhado no punho. A pele pálida confirmava o estoque baixo de suas toxinas.

Arlequina mantinha as armas em riste.

– Você mentiu. Você é uma *mentirosa*.

Selina não disse nada. A respiração de Maggie era um chiado baixo em seu ouvido.

– Você pertence à Liga – disse Arlequina. Lágrimas manchavam sua maquiagem pálida. – E você me usou, você usou *a gente* para chegar até ele. Você nos manipulou para que lutássemos a seu favor... para que fizéssemos *isso* para você.

Ela estendeu o braço para as ruas caóticas.

Hera encarava as duas, o rosto branco de dor.

– Quando vimos a explosão, saímos correndo para Arkham – soltou Arlequina. – Para tirar você de lá. Fomos até a estátua de São Nicolau. Pelo menos, tentamos. E sabe o que a gente viu?

Selina se recusava a falar. A respiração rascante de Maggie ecoava em seus ouvidos.

Arlequina tremia... de raiva. De fúria.

– A gente viu o meu homem chegar, para esperar *você*. A gente viu a DPGC aparecer no seu lugar.

Ao sair do hospital, Selina dera um segundo telefonema. Ao comissário Gordon. Para informar quem estava a caminho da estátua.

Arlequina continuava apontando a arma para Selina.

– *Machucaram* ele. Os melhores homens dele estão *mortos*. E ele foi mandado de volta para Arkham. Foi preso de novo, depois que *você* armou para ele, sua *mentirosa*!

As últimas palavras saíram em um berro. Maggie se remexeu, num suspiro fleumático, e Selina extravasou seu nervosismo. Pelas palavras, pelo atraso, pela obsessão doentia de Arlequina pelo Coringa. Pela dor e o medo no rosto de Hera.

A coisa foi crescendo e crescendo, até virar um tsunami, que arrebentou dentro dela. Ela desistiu de conter. Era demais.

– Então *deixa* ele ficar preso! – urrou Selina, em meio ao caos. – *Deixa* ele ficar lá! Faça algo por *você*, pela sua família. *Cai fora* enquanto é possível, Arlequina... enquanto ainda há tempo!

– Você não sabe *merda* nenhuma – retrucou Arlequina. – Não sabe *nada* a meu respeito, do que eu passei...

– Você acha que eu não sei? – Selina apontou para a tatuagem de Leoparda visível em seu punho. – Acha que eu não sei como é viver com a sensação de que não existe opção, nem escolha, nem ajuda para proteger quem eu amo?

Ela apertou Maggie ainda mais, ajeitando sobre o ombro seu corpo frágil.

– Ela tem razão, Arlequina – disse Hera, num tom firme. – Eu e você... vamos sair dessa. Vamos *ajudar* ela. Não está vendo que essa garotinha está doente? – Ela apontou para Maggie. – Vamos ajudar. E daí nós duas, a gente consegue dar um jeito, arrumar ajuda para *você*...

– *Calabocacalabocacalaboca!* – gritou Arlequina. Hera se encolheu e deu um passo atrás. Arlequina mantinha as facas apontadas para Selina.

– Eu não preciso de... – A voz dela falseou. – *Tratamento!*

Precisava, sim; talvez as três precisassem.

– Baixa essas facas – implorou Hera, com um toque de pânico na voz.

Maggie sorveu outra vez o ar, numa respiração cheia de muco. Tempo. Selina não tinha *tempo*. Precisava arriscar. Não haveria outra chance.

Com toda a delicadeza possível, por causa de Maggie, ela começou a caminhar para o carro. Ao dar meia-volta, ignorou a decepção no rosto de Hera, a surpresa e a dor. Sem olhar para trás, talvez pelo bem de Hera, talvez pelo bem de todas, ela enfim disse:

– O mundo fica melhor com ele atrás das grades. E você também fica, Arlequina.

Antes mesmo de a dor se irradiar por seu corpo, Selina sentiu o impacto no ombro.

E viu seu sangue respingar na janela do carro.

Ela cambaleou, soltando um murmúrio enquanto seu corpo cedia...

Selina bloqueou a dor, bloqueou o choque que invadia seu corpo e seus ossos.

Cambaleou um passo... dois. E seguiu andando.

Seguiu carregando Maggie. Sentia a faca cravada nas costas, bem no alto do ombro, a ponta projetada na frente.

Não ouviu as palavras que Hera gritou, nem as respostas de Arlequina. Pegou as chaves escondidas, abriu o carro e deitou a irmã, com muito cuidado, no banco de trás. A roupa do hospital estava toda ensanguentada, bem como as perninhas finas de Maggie.

Selina ajeitou os pés descalços da irmã imóvel no assento de couro claro, conferiu se ela estava segura e fechou a porta. Suas entranhas urravam de dor a cada movimento.

Ela tocou a faca, com as mãos trêmulas; o choque se instalou, a dor era insuportável.

No ringue, ela era invicta. Aprendera a levar golpe atrás de golpe

sem jamais cair, sem jamais ceder.

Selina trincou os dentes, engolindo um grito, puxou a faca e apertou com força a ferida de onde saía sangue; ao mesmo tempo, tateou em busca da maçaneta da porta do motorista. Ela não cederia ali. Não agora.

Abriu a porta com uma careta de dor.

Arlequina mirou a outra faca.

– Eu vou te matar, sua...

Um lampejo de vermelho e verde.

Hera se plantou à sua frente.

– Para, Arlequina – implorou ela. – *Para*.

– Sai da minha frente – disse Arlequina, com a voz trêmula.

Hera estendeu os braços, sem arredar pé.

– Eu estou *implorando*. Como sua amiga, estou *implorando* para não atirar outra faca. Não atire essa faca na *nossa* amiga.

Elas tinham ido atrás dela. Em Arkham. Haviam ido até lá. Até Arkham. Para salvá-la.

Selina afastou o pensamento. Quarenta e cinco minutos. Era o que separava Maggie do Poço; talvez sua irmã não durasse esse tempo todo.

Selina deslizou para o banco da frente e cortou, com a faca ensanguentada, uma tira comprida do cinto de segurança. Com alguns movimentos brutais e uns grunhidos de agonia, ela enrolou a tira de cinto no ombro. Para estancar o sangramento. Ou pelo menos diminuí-lo.

Seus dedos trêmulos procuraram o botão para dar partida no carro.

Ela mal conseguia mexer o câmbio automático fora da posição neutra.

O carro começou a se deslocar, e ela sentiu o ribombo do motor sob seus pés.

E lá estava Hera, liberando uma fumaça verde-clara – a última gavinha remanescente. As poucas flores que restavam nas vinhas destroçadas se fecharam. Desapareceram.

E Arlequina, soluçando, estendendo a mão para a amiga.

Os ombros de Hera tremiam. Ela chorava. Arlequina chorava, também, rodeada pela nuvem de toxinas.

Selina deu a partida, acelerou e foi embora. Pelo retrovisor, logo antes de virar outra rua, olhou para trás.

Viu Hera abraçar Arlequina, já abatida pelas toxinas, e deitá-la delicadamente no chão de concreto, sob o barulho das facas. A fumaça verde as envolveu.



CAPÍTULO 34

Um filete de sangue ainda escorria de seu ombro.

Ela pressionou a ferida para estancar o sangramento, mas a dor...

Selina forçou o motor do Mercedes até não poder mais.

Cada solavanco enviava uma onda de agonia pelo corpo, mas Selina resistia à dor, fazia dela um combustível para sua atenção. Por sobre o ronco do carro, ela não conseguia ouvir a respiração de Maggie. Não ousava tirar os olhos da estrada para conferir. Não com o velocímetro passando de 160... 180... 190 quilômetros por hora.

Ela zanzava por entre os carros; motoristas frenéticos e atrapalhados buzonavam em seu rastro, a adrenalina lhe afiava a visão. O sangue escorria pela frente e por trás de seu corpo.

... 210... 230... 240.

Selina começou a avançar por estradas mais tranquilas, retas e uniformes. Ela desviava dos carros, costurando no tráfego à frente, subindo pelo acostamento quando necessário.

Faróis vermelhos, placas de sinalização... ela passava direto.

Por fim revelou-se uma planície de grama devastada, cortada por uma estrada solitária e sinuosa. A fábrica ficava a quinze quilômetros.

Ao longo do trajeto, o tempo se dobrou e distorceu, ora mais lento, ora mais rápido. Finalmente, Selina encostou o carro junto à barreira de concreto. Um caminho de quinze metros de asfalto rachado separava a barreira da porta principal da fábrica.

Ela não teve forças para xingar, para socar o volante até transformá-lo em purê. Mal conseguiu virar a cabeça para olhar Maggie.

O peito da irmã se levantou, bem de leve. Como se cada inspiração fosse uma luta.

Não tão rápido. Não agora.

Selina mal conseguiu sair do carro e dar dois passos até a porta de trás.

Maggie estava completamente mole sobre o assento.

Cem passos. Cem passos até a salvação.

Selina reuniu forças, tentando sufocar a agonia pela dor no ombro.

Sua cabeça, no entanto, estava leve, e a visão, turva...

Ela sabia dos perigos da perda de sangue. Sabia que a quantidade de sangue que perdera no trajeto até ali...

O tempo de Selina também já havia estourado.

E o Poço de Lázaro que ela construía comportava apenas um uso. Uma pessoa.

A ideia não a assustava. Não tanto quanto a respiração ofegante de Maggie. Nada jamais a assustara tanto quanto aquilo. Nada jamais assustaria.

Quinze metros.

Selina se preparou. Respirou três vezes, para se estabilizar; o movimento enviou ao ombro uma onda de dor, que desceu por todo o corpo.

Cem passos.

Ela estendeu a mão para Maggie. Conteve um grito de dor ao suspender a irmã por sobre o ombro bom.

Um passo. Outro. E mais outro.

Por aquele caminho todo arrebitado, sob o céu aberto com as estrelas a vigiá-las.

A qualquer instante, os assassinos de Nyssa chegariam. Sem dúvida haviam implantado um rastreador na roupa deixada em Arkham. Ela não ousara perder nem um minuto procurando outra vestimenta.

Noventa passos.

O sangue de Selina pingava na terra marrom sob seus pés.

Oitenta.

Maggie estava imóvel... tão imóvel...

O impacto de cada passo enviava faíscas que queimavam os olhos de Selina.

Setenta. Sessenta. Cinquenta.

Tudo o que ela roubara, tudinho, fora com este propósito.

O importante agora é deixar Maggie o mais confortável possível.

Ela se recusava a aceitar. Quarenta passos.

Selina apressou o passo. Se conseguisse avançar e ligar a máquina... talvez terminasse antes da chegada da Liga. Poderia entregar as chaves do carro a Maggie e mandá-la *fugir*.

Trinta passos. Vinte.

A fábrica abandonada se avultava à sua frente. A porta de entrada levava a um comprido e estreito corredor, que terminava em outra porta, que por sua vez levava ao galpão. A área vazia que Selina convertera em Poço, repleta dos produtos químicos e da água que Selina transportara até lá em suas noites livres. O equipamento que ela montara com o maquinário comprado, empilhadeiras e engenhocas. Sem ajuda de ninguém. Não correria o risco de que alguém abrisse a boca.

Dez passos.

Ela reduziu a velocidade. Seu corpo começava a tremer, já sem forças, que se esvaíam como o sangue que escorria de seu ombro.

Cinco.

Ela ergueu a mão até a maçaneta de metal da porta pesada.
A respiração de Maggie em seu ouvido... teria cessado?
Em resposta, ela prendeu a própria respiração.
À beira da morte. Na soleira da porta.
O Poço poderia trazê-la de volta daquela soleira. E *traria*. Mesmo que...
O peito de Maggie subiu e desceu. Lento e raso.
Selina se arrepiou, aliviada, quase caindo de joelhos.
Fechou os dedos trêmulos em torno da maçaneta. No mesmo instante, porém, a porta se abriu... por dentro.
E à sua frente surgiu Batwing.
Luke Fox, de capacete, o reluzente emblema do morcego em seu peito, bloqueando a entrada da fábrica.

Ele chegara atrasado demais para pegá-la no hospital.

Não fazia ideia do objetivo daquilo tudo. Mas Selina pegara a irmã mais nova, Maggie Kyle, e desaparecera. Os pais adotivos da menina estavam desesperados. A garota não sobreviveria uma hora sem as diversas máquinas às quais estava conectada.

O casal não sabia quem havia pegado sua filha. Estavam dormindo.

Luke abriu o laptop de Gordon e começou a busca.

As imagens de segurança do hospital tinham mostrado Selina deixando o prédio, com Maggie no ombro, dez minutos antes. Uma câmera de rua revelou Selina numa Mercedes, ultrapassando um sinal vermelho. Mas indo *aonde*...

Então, ele descobriu a escritura. Uma fábrica comprada por Selina Kyle havia mais de um mês. Mesmo com o pagamento em dinheiro, o proprietário precisava ser registrado devido ao histórico químico da fábrica, para caso houvesse qualquer ocorrência ambiental.

Ele voou para lá. Chegou vinte minutos antes dela.

Tempo suficiente para ver o Poço de Lázaro. Ele e Bruce, certa vez, fizeram uma pesquisa a respeito desses poços, na intenção de desenvolver um projeto para a divisão de medicina das Indústrias Wayne. Concluíram que não passava de um mito, e que decerto era impossível fabricá-los. No entanto, lá estava um deles, exatamente como descrito pelas lendas e os rumores.

Ela havia utilizado um tonel grande e redondo, do tamanho de uma piscina – antes usado para mistura de compostos da fábrica. Numa plataforma alta de concreto, havia diversas máquinas com cordas penduradas ao redor.

E ao longo de toda a piscina, presa em roldanas ancoradas ao teto alto e abobadado, uma grade de metal – uma *cama* – se balançava de leve. Para ser mergulhada no líquido escuro e iridescente dentro da piscina. Um líquido tão preto que nem a luz que incidia pelo alto das janelas ensebadas era capaz de penetrar.

Um Poço podia mudar tudo. Sobretudo para soldados feridos, tanto em casa quanto do outro lado do oceano.

As implicações para o mundo eram gigantescas. Por isso ele e Bruce sequer consideraram investigar a fabricação desses poços.

Se caíssem em mãos erradas...

Luke ouviu um carro se aproximando e terminou de inspecionar o maquinário.

Ao abrir a porta, um turbilhão tomou conta de sua cabeça, levando embora cada questionamento, cada palavrão.

Ela tinha o rosto branco feito a morte. A roupa, coberta de sangue. Uma ferida nas costas, transpassando o ombro. Ainda sangrando. Mesmo assim, carregava a irmã no ombro. Os nós dos dedos brancos, agarrados à garota.

Selina, mesmo terrivelmente machucada, *carregara* a irmã até ali.

As lágrimas começaram a deslizar por seu rosto. Sua boca tremia.

O rosto de Selina estava tomado pelo choro... exaurida. Desesperada.

Ela achou que ele fosse impedi-la de salvar a irmã.

Doente terminal. Incurável.

Ela construía o Poço para salvar a irmã. Descobrira e roubara as substâncias químicas para isso, e arrumara dinheiro para comprar o que fosse preciso, inclusive o caos em Gotham City. Reunira os aliados necessários para enfrentar o exército de assassinos da Liga, que viria atrás dela – do que ela roubara. O que ela pretendia vender para *ganhar* aqueles aliados: a fórmula do Poço de Lázaros.

– Por favor – sussurrou Selina.

Duas palavras. Apenas duas. Seu rosto estava tomado de lágrimas, terra e sangue.

Por favor.

O coração de Luke se despedaçou.

A distância, uma nuvem de poeira subiu pela estrada. Em meio a ela, avançando na direção deles... uma SUV preta.



Selina avistou o carro. A toda, levantando poeira.

O tempo dela havia acabado.

– Quem..? – Luke começou a perguntar, levando a mão a uma arma na lateral da roupa.

– Assassinos da Liga. Pelo menos dois. – respondeu Selina, num tom áspero e desconsolado. – Os melhores de Nyssa.

Ele se virou para ela e removeu o capacete, revelando o rosto. O rosto que ela conhecia tão bem... que ela desvendara aquela noite, na varanda, ao testemunhar o ataque de pânico de Luke.

– Eles vão te matar – disse ele.

Selina soltou uma risada baixa.

– Eu já estou morta.

Então, como se as palavras guardassem uma promessa, seus joelhos cederam. Ela sentiu o corpo frágil de Maggie desabando, tentou impedir...

No mesmo instante Luke se aproximou. Tomou Maggie das mãos de Selina num movimento ágil, antes que a menina caísse no chão.

Selina desabou no chão de terra; o mundo girava, a dor a dominava.

Luke se endireitou, com Maggie nos braços, os cachos espalhados por sobre o metal da roupa dele. De joelhos, Selina observou o peito de Maggie subir... um pouquinho. O carro vinha se aproximando.

Por um instante, Luke a encarou de volta. Frente a frente.

Então, deu um rodopio com Maggie e rumou para a fábrica. Para o Poço.

Selina deu um jeito de se levantar. Estava de pé outra vez. Conseguiu dar um passo após outro e seguir atrás de Luke. Pelo corredor estreito. Pela pesada porta que levava até o chão do galpão.

Organizar todos os equipamentos havia sido um inferno. A fábrica, porém, possuía tanto maquinário que ela conseguira modificar alguns. A plataforma de subida e descida, por exemplo, antes usada para mergulhar objetos em produtos químicos, agora encimava o imenso tonel no centro do salão.

Selina apoiou uma das mãos no batente da porta, e Luke deitou Maggie delicadamente sobre o gradeado da plataforma, que pairava à beira da piscina.

Ele se virou para Selina. As máquinas eram novas e lustrosas. Montadas por ela.

– Me explica...

Do lado de fora, som de cascalho esmagado. Um motor de carro ribombou, então parou. Eles haviam chegado. Luke disparou para junto de Selina, encarando a porta que dava para o lado de fora, no fim do corredor. Eles mal conseguiam avistar o carro pela diminuta janela de metal ao centro.

Não agora.

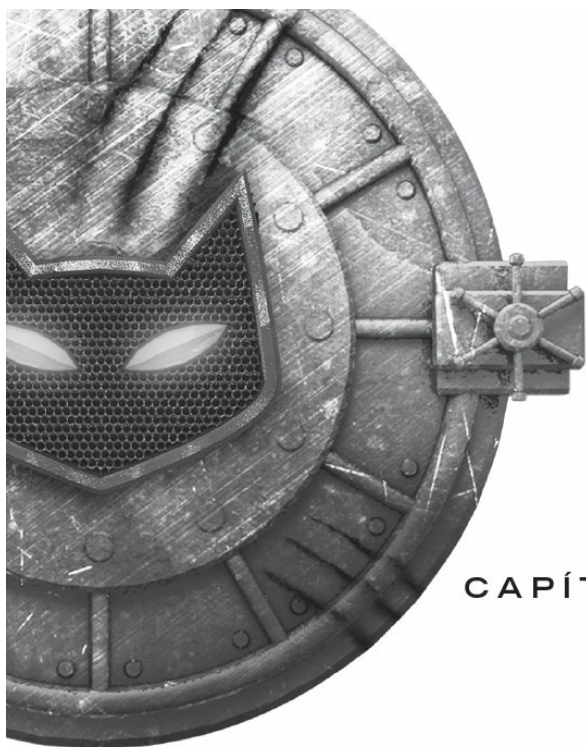
Luke se virou para ela. Fitou seu rosto, os olhos castanhos muito vivos.

E a beijou.

Um único beijo, ágil, rápido. Uma promessa... e uma despedida, percebeu ela.

– Vou te dar o máximo de tempo que puder – disse Luke.

Antes que ela pudesse responder, ele desapareceu. Fechou a porta entre eles e trancou o robusto cadeado externo. Trancando-a do lado de dentro.



CAPÍTULO 35

Luke escolheu seu campo de batalha com muito cuidado.

Tornou a vestir o capacete, que voltou a operar, fornecendo uma leitura murmurante de todas as vantagens e arapucas do estreito corredor. Havia poucas vantagens. E muitas arapucas.

No mesmo instante, três assassinos da Liga entraram pela porta externa, trazendo consigo a luz do sol. Luke foi ofuscado por um raio brilhante, mas a escuridão logo tomou conta do lugar outra vez.

Com o estômago dando voltas, Luke memorizou suas feições. Duas mulheres e um homem.

Nyssa al Ghūl não se limitara a selecionar os melhores. Enviara seus três principais ghūls para executar Selina e recuperar a fórmula do Poço.

Lince. Onyx. Rictus.

Lince... a assassina de cabelos escuros e um sorriso insano estampado no rosto, mesmo ao dar cabo das mortes mais sangrentas. E entalhar sorrisos desvairados em suas vítimas.

Onyx e Rictus, a notória dupla, identificada pelas intrincadas tatuagens idênticas em torno do pescoço. E pela quietude e imobilidade com que encaravam Luke. Fantasma vivos... era a melhor definição para aqueles dois. Com uma lista de vítimas que nem Luke era capaz de memorizar, de tão extensa.

Ele não precisava passar muito tempo lutando. Só o suficiente.

Luke afastou os pés e inclinou a cabeça para os três assassinos; todos usavam roupas de batalha pretas, iguais à de Selina. Nenhum se dera o trabalho de botar o capacete. Queriam exibir o rosto durante a execução de Selina. Queriam que ela soubesse por quem seria morta.

Pelo sorriso escancarado de Lince, Luke soube exatamente o que ela faria com o corpo de Selina. E com o dele. Talvez até com o de Maggie.

O pensamento bastou para aguçar sua atenção. Para deixá-lo alerta.

Três contra um. Ele já tinha enfrentado desvantagem pior, mas não diante de assassinos tão letais.

Luke acalmou a respiração e se preparou; os assassinos perceberam o rastro de sangue que levava até à porta atrás dele, a porta que ele faria de tudo para proteger. Os três trocaram olhares, então o encararam com frieza e argúcia.

Quando o primeiro ataque veio, ele estava pronto.

Cada respiração era um esforço.

Cada movimento das mãos de Selina nas três máquinas, cada passo entre elas, tudo requeria a totalidade de sua atenção.

Ela recitou todo o processo, recordando as etapas enquanto seguia em frente.

Primeiro, ative as linhas de Ley. Ela avançou até a máquina à esquerda e deu um peteleco em cada interruptor. *Um para ligar a máquina. Um para extrair a energia das linhas. Um para direcioná-la à piscina.*

Cambaleante, Selina avançou até a segunda máquina. *O botão verde dá início à mistura dos compostos químicos. O vermelho interrompe.*

Maggie permanecia imóvel sobre a plataforma gradeada. O líquido perto dela começou a se revolver, misturando o verde mais intenso e o preto mais escuro, expelindo leves centelhas de luz, feito peixinhos saltitantes.

Selina cambaleou até a terceira e última máquina, equipada com uma alavanca analógica. *Impulsione a plataforma. Baixe até a piscina. Ative a carga total das linhas de Ley. Os compostos químicos serão drenados e totalmente absorvidos.*

Os dedos de Selina mal conseguiam agarrar a alavanca, que ela puxou para a esquerda. As máquinas roncaram, o metal retiniu. A plataforma gradeada que sustentava Maggie, inconsciente, foi descendo bem devagar até o centro da piscina, três metros abaixo, repleta do líquido revolvido.

Pelo corredor, do outro lado da porta trancada, irrompiam gritos e baques. Brutais – a luta devia estar sendo brutal. Selina começou a sentir uma dor profunda no peito, nas entranhas. Luke não duraria muito tempo.

Nem ela. Mas não era ela quem tinha que sobreviver.

Maggie chegou ao centro da piscina; Selina puxou a alavanca para baixo.

Devagar, muito devagar, Maggie foi penetrando o líquido.

A água escura a engoliu, sem nenhum movimento.

A respiração ficou difícil. Impossível.

Os joelhos de Selina falharam. Ela deslizou até o chão, ainda agarrada à alavanca.

Não importava. Nada daquilo importava.

Ela não sentia medo. A escuridão dominava todos os cantos de sua visão. Selina soltou a alavanca e levou a mão ao teclado que pairava logo acima de sua cabeça. E digitou os comandos finais.

Um ruído baixo ecoou pelo recinto. Uma luz cintilou dentro d'água.

Tudo aquilo. Tudo por Maggie.

Por Maggie.

Com as pontas dos dedos trêmulos, Selina conseguiu empurrar a alavanca para cima.

A plataforma começou a subir, emergindo do Poço. Revelou Maggie, encharcada, a camisola do hospital aderida ao corpo...

Um corpo nada frágil.

Nada esquelético.

Um corpo curado.

Que respirava com força e ritmo.

Luke sabia que estava ferrado.

Havia derrubado Lince por sorte, num ligeiro golpe de seu Batarang eletrificado. A mulher desabara feito uma pedra.

Depois disso, o sorriso evaporou de seu rosto inconsciente. Luke apostou que ele jamais retornaria, ainda mais se ela estivesse nas mãos da DPGC.

Foco. Respiração. Seguindo as instruções de respiração de sua terapeuta, ele pegou a adaga de Lince, caída no chão, e empunhou-a para enfrentar os outros dois.

Onyx e Rictus apenas riram... e atacaram.

Naquele momento, enchiam Luke de pancadas. Quando ele partia para cima de um, o outro atacava. Se um se afastava, o outro golpeava. Além de parceiros, exibiam o mesmo estilo de luta.

As facas lascavam a roupa de Luke. Seu sangue se misturava ao deles.

A dupla não esmorecia. Eles não desistiam de conduzir Luke de volta em direção à porta. Estavam brincando com ele, e Luke sabia disso.

Luke fez menção de acertar um soco em Onyx, mas partiu para cima de Rictus. Os dois perceberam o movimento e contra-atacaram

facilmente. Um gancho de esquerda de Rictus nas costelas de Luke o fez recuar um passo, e um golpe da adaga de Onyx o fez recuar mais um. Rictus soltou uma risadinha baixa.

O som cessou rapidamente; um lampejo iluminou a diminuta janelinha na porta, tremulando por sobre o ombro de Luke.

Os assassinos fecharam a cara, já incapazes de se divertir.

O Poço estava sendo usado.

Ele percebeu o olhar entre Onyx e Rictus. A brincadeira chegara ao fim.

No mesmo instante, os dois desembainharam das costas idênticas espadas curtas.

As mesmas que Selina possuía.

Como um só corpo, os dois foram para cima dele.

Luke só precisava embarreirar a dupla por mais um tempo, para que Selina concluísse o processo e tirasse a irmã dali. Não parecia muito ruim.

Proteger aquela cidade, proteger as pessoas amadas... era só o que Luke desejara, desde o início.

Sendo assim, de fato não parecia nada ruim.

Os assassinos deram um passo para trás.

Tentariam agilizar o movimento. Chegar à porta atrás dele o mais rápido possível.

Ele adiaria a situação ao máximo. A luz morreu atrás dele.

O máximo de tempo.

Luke conseguiu permanecer de pé.

– Vamos acabar com isso de uma vez. Agora mesmo – disse ele, aos arquejos.

Rictus e Onyx sorriram. Em silêncio. Os dois não haviam dito uma palavra desde sua chegada.

Inclinaram as espadas, uma o espelho da outra.

Luke observou os ferimentos de cada um. Derrotar um assassino significaria ficar exposto ao outro; por outro lado, se houvesse apenas

um para Selina enfrentar...

Ele prendeu a respiração, dobrou as pernas, lutou contra a dor e se preparou para atacar.

Ouviu-se um sibilo, então um baque de metal; algo deslizou pelo corredor atrás dos assassinos.

Fumaça.

No mesmo instante, o corredor estava todo tomado. Os assassinos rodopiaram, largando as adagas.

Onyx sorveu o ar e desabou no chão sobre os ladrilhos rachados e sujos de sangue.

Rictus permaneceu de pé. Decerto uma parte de seu treinamento envolvera algum tipo de imunidade a toxinas – que nem mesmo Onyx havia recebido.

Rictus deu um giro e empunhou as espadas enquanto Hera Venenosa emergia da fumaça, segurando o Batarang arremessado por Luke.

O assassino encarou os dois. Hera, de rosto pálido e ensanguentado, não tirava os olhos de Rictus.

– Ajuda ela – disse Hera a Luke.

Ele não fez objeção. Deu meia-volta e correu até a porta. Abriu o cadeado, o corpo urrando de agonia a cada movimento, e cruzou a porta. Trancou-a por dentro, olhando pela janelinha a tempo de ver Hera acenar para o frenético assassino. Rictus ergueu a espada em resposta.

Luke analisou o recinto.

As máquinas estavam ligadas. Um líquido escuro pingava na beirada da piscina. A garota agora sentada no alto da plataforma, encharcada...

Ela esfregou o rosto, soltando um gemidinho ao olhar o líquido espesso que lhe cobria a face e as mãos, seu corpo e a roupa do hospital.

Luke permaneceu em silêncio. Mal conseguia respirar ao ver aquela menina, tão saudável, comparada com a criatura devastada que ele vira

pouco antes. Num sobressalto, como se também percebesse, ela levou a mão ao peito.

Com um suspiro longo e lento, Maggie Kyle sorveu o ar. Maravilhada. Olhou a piscina, a fábrica à sua volta, franziu as sobancelhas castanhas e se virou para as máquinas, do outro lado...

Maggie e Luke avistaram Selina ao mesmo tempo.

Um corpo inerte, sem vida, junto à terceira máquina. Os olhos de esmeralda arregalados, encarando o teto. Sem ver. Sem piscar.

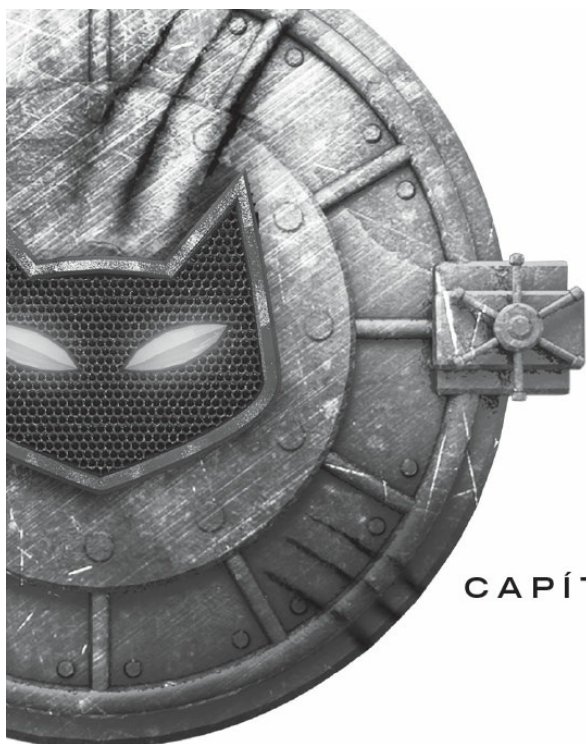
Um soluço de Maggie irrompeu pelo recinto.

E dilacerou o coração de Luke.

Chapinhando pelos ladrilhos, a pele escorregadia por causa do líquido, Maggie correu até a irmã.

Até Selina, caída no chão.

Morta.



CAPÍTULO 36

Maggie soluçava, sacudindo os ombros de Selina. Encarando aqueles olhos sem vida, o rosto lívido.

A cabeça de Luke estava vazia. Silenciosa.

Não ficava assim, tão silenciosa, desde aquele dia no deserto. As lembranças o invadiam feito um enxame, forçando caminho, preenchendo seu peito...

Ele sabia. Que o tempo era curto.

E aquela mulher, mesmo com cada mentira que contara a ele, cada insulto, cada enganação... Luke recusou-se a ceder ao pânico que insistia em dominá-lo, aos lampejos de sangue e sol do deserto. *Fique aqui.*

Ele não sabia ao certo se a ordem silenciosa era para ele mesmo ou para Selina.

Maggie apoiou a cabeça no peito ensanguentado de Selina, como se buscasse um indício de batimentos cardíacos. Seus olhos verdes – iguais

aos da irmã – encontraram os de Luke. Ela não demonstrou choque ou surpresa ao vê-lo como Batwing. Apenas pânico, tristeza e desespero.

Faça alguma coisa. Luke se virou e analisou o armazém. Em seu treinamento básico aprendera alguns truques, formas de preservar a vida dos soldados feridos até que eles chegassem a um hospital de campanha ou recebessem ajuda médica.

Se o coração dela havia parado, ele podia puxar os fios de uma das máquinas, dar um jeito de obter uma corrente elétrica segura, e talvez...

A porta se abriu com um estrondo. Luke deu um giro, levando a mão ao Batarang remanescente. Mas era Hera. Arquejante, ensanguentada, mas... viva. Nem sinal de Rictus.

Ela voltou a atenção a Selina. Então percebeu Maggie, que ergueu a cabeça e ainda não demonstrara nenhuma surpresa com suas novas companhias.

Luke, no entanto, percebeu que Hera acabava de ligar os pontos, contemplando os olhos verde-esmeralda de Maggie, seus braços e pernas agora saudáveis.

Ela compreendeu quem era Maggie. E a razão por trás de tudo aquilo.

Hera avançou, atônita.

– Um Poço de Lázaro – sussurrou, analisando o maquinário, a piscina e os poucos centímetros de líquido que havia restado no fundo.

Hera parou ao lado de Luke. Ele suspirou, com o peito dominado pelo pânico.

– Maggie estava morrendo – explicou Luke, e foi tudo que soube dizer. – Se a gente conseguir desencapar os fios das máquinas, talvez a gente consiga dar um choque no coração dela...

Maggie encarou tudo. As máquinas, a piscina.

– Vamos salvar ela aí dentro – disse a garota.

Luke e Hera olharam a piscina ao mesmo tempo.

– Não tem líquido suficiente lá dentro – rebateu Hera.

– Vamos tentar – retrucou Luke, num tom abrupto.

– Por favor – implorou Maggie.

As mesmas palavras que Selina sussurrara. Seu apelo por compaixão – para salvar quem ela amava mais que a própria vida. Que a própria alma, ao que parecia.

Hera tornou a encarar as máquinas e a piscina. O líquido, as substâncias químicas e toxinas ativadoras naturais da linha de Ley... Hera corria o olhar de um lado a outro, como se também fizesse seus cálculos.

– A chance é mínima – disse Hera, já avançando em direção às máquinas.

– Tente – respondeu Luke.

Maggie foi engatinhando para longe; ele ergueu o corpo inerte de Selina. Ele próprio teria tentado se Hera não tivesse aparecido. A mente de Luke rodopiava, o corpo urrava de dor, cada movimento era um esforço...

Selina em seus braços, toda ensanguentada... Luke já havia passado por isso. Aquele dia. Já carregara um amigo morto...

Ele respirou repetidas vezes, tentando digerir as lembranças, o peso do corpo de Selina sobre o dele. Hera remexeu uns interruptores, analisando a engenhoca.

– Anda logo – sussurrou Maggie, pondo-se de pé entre duas máquinas.

– Estou indo o mais rápido possível – disse Hera entre os dentes, as mãos voando por sobre as máquinas. – Tudo certo. Bota ela na plataforma.

Cerrando a mandíbula para suportar a dor, forçando respirações profundas e silenciosas, Luke obedeceu. Os cabelos de Selina se esparramaram pela borda, o rosto pálido ainda encarava o teto. Os lábios eram brancos feito a morte.

Feito a morte... porque ela *estava* morta.

O pensamento ecoou dentro dele. Luke mal notou Hera correndo pela rede de máquinas, mexendo em interruptores e alavancas.

– Carga manual para a linha de Ley – murmurou Hera. – Gatinha esperta.

Hera empurrou a alavanca da máquina com o próprio corpo, bombeando-a uma vez, duas... e faíscas brancas começaram a cintilar no líquido da piscina.

Ao terminar, ela correu até a máquina seguinte.

– Vermelho ou verde?

– Verde – respondeu Luke, lutando para recordar as palavras por sobre o ribombo em sua mente. – Verde é para seguir em frente.

Hera o encarou, como se dissesse *dã*, e apertou o botão verde.

A piscina estremeceu e roncou. Maggie soltou um gritinho.

– Ela está bem acomodada? – perguntou Hera, indicando Selina com o queixo e agarrando uma alavanca, que decerto controlava os guindastes que baixavam a plataforma até a piscina.

Luke espiou aquele rosto sem vida e fechou delicadamente os olhos de Selina. Um painel deslizou em seu capacete, revelando a metade inferior de seu rosto. Ele se inclinou e beijou-a na boca.

– Por favor – murmurou Luke, no ouvido de Selina.

– Vou considerar isso um “sim” – disse Hera.

A plataforma se balançou, levando o corpo de Selina junto. Seu corpo... seu *corpo*...

Luke seguiu respirando em meio ao pânico, à sensação de estar imprensado pelas paredes. Inspirando e expirando, profundo e tranquilo.

Hera movimentou a alavanca, e a plataforma desceu. Foi penetrando o tanque vazio, rodeado pelas laterais enferrujadas. Descendo na faixa rasa de líquido no fundo.

O líquido escuro subiu ao encontro de Selina. E engoliu-a por completo.

Cobriu todo o seu corpo... a quantidade exata.

– E agora? – sussurrou Maggie, aproximando-se de Hera, que aguardava junto à máquina.

Dentro d'água, uma luz cintilava, reluzente e ofuscante.

– Não sei – admitiu Hera.

O líquido começou a desaparecer, como se absorvido pelo corpo de Selina, como se o uso e a carga da linha de Ley o tivessem consumido...

Pouco a pouco, o corpo veio à tona. O sangue havia sido lavado, revelando o buraco na roupa, bem no ombro.

Hera desceu a alavanca para erguer a plataforma, enquanto a última porção de líquido desaparecia. Selina veio subindo, cada vez mais perto.

A pele sob o buraco da roupa... estava curada. Suave. A cor havia retornado a seu rosto.

As batidas do coração no peito, no entanto...

O capacete de Luke fez uma avaliação.

Sem sinais vitais.

Nada.

A plataforma balançou em direção a eles, então parou, com um grunhido. Luke avançou, removeu Selina e deitou seu corpo no chão, dormente e distante.

Ele não suportaria reviver aquilo. *Não* reviveria aquilo...

– Selina – implorou Maggie. – *Selina*.

Selina não se moveu. Seus olhos não se abriram.

Hera estendeu a mão e segurou o pulso.

– Sem pulso.

As feridas haviam cicatrizado, mas só isso. Um bolo se formou no estômago de Luke e subiu até a garganta. *De novo, não... de novo, não...*

– Ela não está respirando – disse Maggie, empurrando Hera e ajoelhando-se junto à irmã. – Ela precisa de ajuda!

Sem demora, Maggie entrelaçou as mãos por sobre o peito de Selina. Bombeou uma vez, duas... Luke perdeu a conta. Ela inclinou a cabeça da irmã para trás, respirou em sua boca e aguardou. Voltou a bombear o peito. O coração.

Nada.

Hera estava pálida. Sem piscar, encarava Selina. E Maggie, que

realizava a manobra de ressuscitação, respirando com força dentro da irmã.

Não tinha funcionado. O Poço... não tinha funcionado. E Selina...

– *Acorda* – sussurrou Maggie entre os dentes, empurrando o peito de Selina, os cachinhos balançando. – *Acorda*.

Luke estendeu as mãos para Maggie, sem sentir os próprios braços.

– Ela está m...

– *Cala essa boca!* – gritou Maggie, com um tapa na mão dele.

Tornou a respirar na boca de Selina.

Nada.

Com o grito de Maggie, algo se encaixou em sua mente. Clareou.

– Continue – disse ele à menina. – Não pare.

Ele procurou o cabo mais próximo, para desencapar os fios e obter uma descarga elétrica. Poderia ressuscitar o coração dela, arriscar...

Maggie voltou a bombear o peito da irmã.

– Você lutou por mim todos os dias, todas as horas – disse ela, aos prantos, empurrando sem cessar o peito de Selina. – Voltava para casa toda machucada, roubava e lutava... por *mim*. Quando me levaram para a casa do Peter e do Hiroki, quando eu vi como era bom lá, como *eles* eram bons, e você nunca voltou... eu soube que você também tinha feito aquilo por mim. A polícia disse que você tinha sido presa, mas eu não acreditei. E eu soube... eu soube, quando o dinheiro chegou no mês passado e as contas foram todas pagas... eu tive certeza de que era coisa sua. De alguma forma. *Eu sabia que tinha sido você*.

Maggie soprou de novo os pulmões sem vida de Selina.

No canto oposto, as lágrimas cobriram o rosto de Hera, que observava em silêncio. Luke avançou até o cabo de força mais próximo, abriu um painel no braço da roupa e retirou um pequeno par de conectores de fios.

Maggie recomeçou a bombear, os ombros balançando.

– Você lutou por mim, quando ninguém mais lutava. Você lutou, e eu te amo.

Ela prendeu a respiração, trêmula, e sentou-se sobre os calcanhares.

– Lute de novo – sussurrou. – Uma última vez.

O peito de Selina não se movia.

Luke cortou o revestimento plástico dos cabos, revelando o emaranhado de metal. Um vazio oco e dolorido o preencheu; o silêncio ecoou em sua cabeça.

Maggie empurrava a mão no coração de Selina.

– *LUTE DE NOVO!* – gritou ela, com mais uma pancada no coração silencioso da irmã. – *LUTE...*

O corpo de Selina se arqueou do chão, os olhos arregalados.

O capacete de Luke murmurou, com dados e estimativas que ele ignorou. Selina sorveu o ar, então tossiu, virando o corpo de lado...

Maggie abraçou a irmã, trêmula com a força dos próprios soluços. Por uma fração de segundo, Selina simplesmente ficou ali parada. Luke, então, olhou os monitores do capacete.

Para ter certeza de que a súbita imobilidade não significava nada de errado.

Lá estava: o coração dela batia, compassado. Luke largou os fios no chão.

Selina ergueu o braço, lentamente, e apoiou-o nas costas de Maggie.

A irmã mais nova se afastou. Em silêncio, Selina encarou o rosto de Maggie.

Seus olhos verdes perscrutaram cada curva, cada sarda, cada cacho, cada milímetro de pele saudável e reluzente.

As lágrimas começaram a correr pelos olhos de Selina.

Maggie abraçou-a outra vez.

Dessa vez, Selina retribuiu, envolvendo a irmã num forte abraço.

Hera indagou, com a voz grave, porém clara:

– Quer dizer então que você ainda tem mais seis vidas?



CAPÍTULO 37

A rua ladeada de carvalhos vibrava em tons vermelhos, dourados e laranja; o céu de outono, esplendoroso, exibia um límpido azul.

Luke e Selina permaneciam à sombra de uma das árvores, observando a bela casa branca do outro lado da rua; o caminho até a porta vermelha da frente era ladeado de crisântemos, e as amplas janelas e venezianas pretas exibiam canteiros de flores coloridas. Não seria possível imaginar uma casa mais linda, numa rua mais graciosa.

Apesar de tranquila, a rua era cheia de vida. Famílias iam e vinham, crianças gritavam em suas brincadeiras de quintal. Luke e Selina estavam recostados no capô do carro preto da Liga que os transportara até ali; ele roçou os dedos nos dela enquanto os dois observavam Maggie correr até a porta e tocar a campainha. Uma vez, duas vezes. Saltitando, balançando os cachinhos.

Saudável. Curada. Plena.

A porta se abriu, e um homem asiático apareceu.

Ao ver Maggie, ele desabou de joelhos. Ela abraçou o homem, que retribuiu com fervor. Um instante depois, um sujeito branco, alto e loiro se aproximou. Encarou o marido, a menina em seus braços, e ajoelhou-se também. E abraçou os dois.

Luke olhou de esguelha para Selina.

Um brilho envolvia seus olhos, e um sorriso delicado, porém cheio de alegria, dançava em sua boca. Cheio de *vida*.

Ele havia removido o capacete e a roupa, e vestia apenas o traje esportivo que costumava usar por baixo do uniforme. Mas Selina... ainda vestia sua roupa de batalha; limpa, porém rasgada. Os dois ainda eram sombras naquela vizinhança. Fendas na noite. Não pertenciam àquele lugar.

– Tem certeza de que não quer cumprimentá-los? – perguntou Luke.

Maggie e os pais se levantaram; os homens a encaravam, incrédulos... e gratos.

Selina balançou a cabeça, sem desviar a atenção da família. Os três entraram na casa e fecharam a porta. Ela se despedira de Maggie ali mesmo, no carro, pouco antes. Maggie tentara convencê-la a entrar para conhecer seus pais adotivos, mas Selina, delicadamente, recusara. Seu retorno suscitaria muitas perguntas, e sem dúvida atrairia muitos bisbilhoteiros para Maggie e sua família.

Aos prantos, Maggie perguntara quando tornaria a vê-la. Selina beijou a bochecha da irmã, e Luke tentou não espiar pelo retrovisor.

– Eu venho te fazer uma surpresa – respondera Selina.

Luke jamais ouvira aquela voz, o tom que ela usara com a irmã. Tão gentil. Tão delicado.

– Mas quando? – insistira Maggie, de cara amarrada.

Selina afastou um cachinho do rosto de Maggie.

– Que brava.

Os olhos de Maggie tornaram a lacrimejar.

– Daqui a uma semana?

Selina, dessa vez, beijou-lhe a testa.

– Em breve.

– E os filmes de sexta à noite?

Alegria... Os olhos de Selina cintilavam de alegria.

– Reorganize a sua vida, Maggie. Daí a gente vê.

– Pelo menos entra um pouco, para conhecer o Hiroki e o Peter.

Você vai amá-los. De repente eles te adotam também...

Selina dera uma risadinha.

– É melhor você entrar. Eles estão morrendo de preocupação – respondera Selina, abraçando com força a irmã. – A gente vai se ver de novo em breve. Eu prometo.

Maggie, então, deixara o carro. Com dois passos relutantes, partiu rumo à bela casa, onde agora estava abrigada, em segurança.

– Assim é mais seguro para ela – disse Selina, encarando a porta da frente, já fechada.

Luke a observou.

– E Holly Vanderhees? Que fim ela vai levar?

Selina enfim olhou para ele, contraindo a boca. Não disse nada.

– Quando foi que você percebeu... quem eu sou? – perguntou Luke.

– Naquela noite, na varanda.

No dia do beijo – da tentativa de beijo. Ele ergueu a sobrancelha.

– Então você beija o Batwing, mas não o Luke?

Ele jurou ter visto um rubor em seu rosto.

– É isso que você me pergunta? Não quer saber como é a morte, o que eu vi, mas por que eu beijei uma das suas identidades e não a outra?

– Como é a morte, *Selina*?

– Não é da sua conta, cara.

Luke abriu um sorriso, esfregando a mandíbula.

– Mas, falando sério... que fim a Holly vai levar?

– Bom, tenho certeza de que ela vai ficar triste por não conseguir acesso fácil aos bufês de mariscos dos bailes de gala...

Luke riu. Selina caminhou até a porta do passageiro e tocou a maçaneta. Inclinou a cabeça, o cabelo caindo por sobre o ombro.

– O que você acha que deveria acontecer com a Holly?

– Bom, o apartamento dela agora é a cena de um crime...

– Que droga – resmungou Selina, entrando no carro. – Tanto dinheiro guardado lá...

Luke deu outra risada, contornou o carro e entrou.

– Eu sei bem.

Ele encaixou a chave na ignição, mas olhou para Selina. Ela se debruçou na porta, a observá-lo.

– Holly Vanderhees desaparece, então... mas e a Mulher-Gato? – Luke ergueu uma sobrancelha. – Vai voltar a ser Leoparda?

Ela soltou uma risada impressionada.

– Você pesquisou direitinho.

– As minhas habilidades em informática são... acima da média, como as suas.

Durante o trajeto até a casa, Selina contara tudo a ele e Maggie. O que fizera na Liga, o que havia roubado. E como. Luke percebeu que ela deixara de fora alguns detalhes sangrentos e brutais, pelo bem da irmã, mas ele próprio completara as lacunas.

– Você tem as tatuagens, não tem? – perguntou Luke, apontado com o queixo para os braços dela.

Selina abriu de leve o zíper da roupa, apenas o suficiente para revelar o ombro, com duas pintas roxas de borda preta. Pintas de leopardo.

– Quantas? – perguntou ele, enquanto ela tornava a ajeitar a roupa.

Selina afivelou o cinto de segurança.

– Vinte e sete.

Ele assobiou.

– Campeã invicta, hein?

– Ouvi dizer que você também.

Luke abriu um sorriso indolente.

– Talvez.

O silêncio os dominou, leve e vibrante. O sorriso... Luke o sustentou. Sentiu-o penetrar seus ossos.

– Então, você está me levando para a delegacia mais próxima ou...?

– Considerando que todo mundo se deu mal da última vez que você foi presa, acho que podemos deixar isso para lá.

Um lampejo de cautela em seus olhos verdes, e Selina disse:

– Estou esperando que você fale alguma coisa sobre Arkham.

Luke bufou, dirigindo lentamente pela rua tranquila.

– Você morreu. Acho que esse pagamento já basta para quitar a dívida. – Ele olhou Selina de esguelha. – Mas será que tem *outras* aventuras por vir, das quais eu deva saber?

Ela refletiu.

– Talvez.

– O que mais pode inventar uma garota rica que já ganhou o dia?

Ela ergueu a sobrancelha.

– Eu não sou rica – respondeu, observando a rua passar. – O dinheiro foi para a Maggie... quase todo. O que sobrou...

– O que sobrou?

Selina sorveu o ar por entre os dentes.

– Doe para o hospital infantil – disse, como se não quisesse admitir.

– Para pagar as contas das famílias que não podem arcar com o tratamento.

Luke reduziu a marcha e parou num sinal vermelho, numa esquina. Pôs o carro em ponto morto.

– Roubando dos ricos, Robin Hood?

Ela cravou os olhos nele.

– Se você está querendo me arrumar um novo apelido...

Ele tomou o rosto dela nas mãos e a beijou.

O sinal abriu. O carro de trás começou a buzinar, mas Luke não avançou; nada mais interessava naquele momento, enquanto Selina corria as mãos pelo pescoço dele.

Ao se afastarem, os dois estavam sem fôlego. Luke roçou a boca na de Selina. Uma vez, duas. Incapaz de parar.

– Deixa eu te levar para sair... de verdade.

As palavras saíram antes que ele conseguisse pensar.

Selina se afastou, observando-o. Luke enfim engatou a marcha do carro e seguiu em frente.

– Nada de pizza e *game shows*, é?

– Você parece decepcionada.

– Estou mesmo.

Luke deu uma risadinha.

– Se conseguir entrar lá no prédio sem ser vista, pode ir. Pode ir todas as noites, se quiser.

– Quer uma notória criminosa circulando pela sua casa?

– Andei pensando sobre isso.

– Ah, é?

Luke dobrou a curva numa ampla avenida, e o carro se misturou aos outros.

– Talvez o futuro de Gotham City não seja detonar o submundo, como se fosse num joguinho.

Diante do silêncio, ele a encarou – e viu uma expressão séria. Contemplativa. Os olhos, porém... cheios de brilho. O rosto sob Holly, sob a máscara.

Selina.

– Eu me arrisco a supor – prosseguiu Luke – que essa onda de crimes... Bom, agora que Maggie está a salvo, atrapalhar a estabilidade de Gotham City não é o seu objetivo final. Não enquanto ela estiver morando aqui.

– Sim – disse Selina, apenas.

– O problema é que você deixou um monte de criminosos achando que *você* assumiu o comando. Você enganou o Coringa. Eles não vão esquecer isso. Nem ele.

– E daí?

– *E daí* que, além disso ser um aviso para que você tome cuidado, andei pensando que talvez o melhor para Gotham City não seja tentar caçar esses bandidos um por um, mas trabalhar com a nova *Dama* do Submundo.

Ele balançou a cabeça e soltou um sorriso malicioso.

Selina refletiu, mordendo o lábio inferior de um jeito muitíssimo distrativo.

– Achei que você fosse linha-dura em relação a não se meter com a criminalidade.

Luke estendeu a mão sobre o painel, com a palma para cima.

– Ah, e eu sou. Mas a escuridão vai sempre existir, de um jeito ou de outro. A corrupção ainda prevalece... dos dois lados. A gente pode ajudar a dar um jeito nisso.

Selina assentiu.

– Já passou da hora de a DPGC passar por umas grandes mudanças – disse Selina, arqueando uma sobrancelha. – O comissário Gordon não vai gostar de saber que você está se aliando comigo.

– Imagino que isso seja um incentivo para você aceitar.

Ela não disse nada.

– Gordon é um cara do bem – acrescentou Luke. – Ele nos apoiaria, ia querer melhorar as coisas. Os inocentes precisam de proteção.

Selina piscou os olhos verdes.

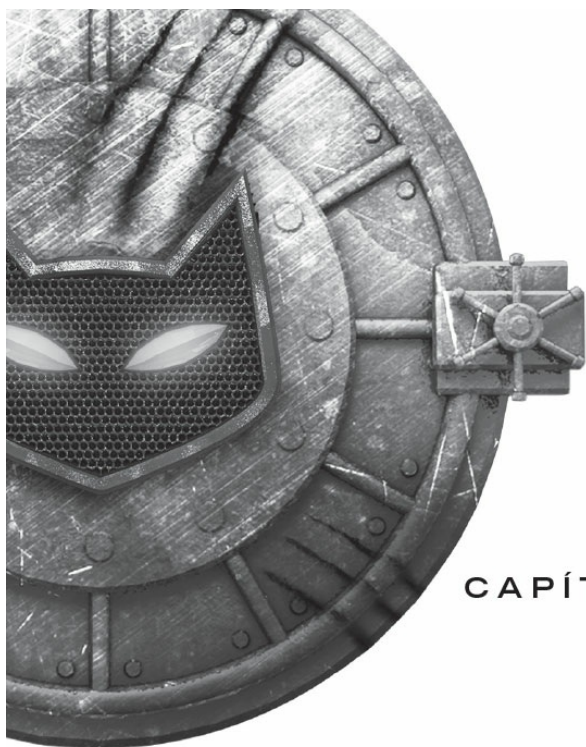
– Precisam.

Ele sabia que, à sua própria maneira, ela os protegeria.

– Uma relação de trabalho – disse ela, refletindo sobre as palavras e olhando a mão dele.

– Se a Dama de Gotham City assim quiser – disse Luke, com um sorriso largo. – Se já não estiver comprometida.

A resposta foi tudo o que Luke esperava, pois Selina entrelaçou seus dedos aos dele.



CAPÍTULO 38

– Com esses óculos escuros, você está parecendo uma Audrey Hepburn de filme de terror.

– É o visual que eu estou querendo – respondeu Selina, passando o cabelo escuro por sobre o ombro e se surpreendendo, pela décima vez em uma hora, ao ver a mudança na cor.

De volta ao normal. Já que estariam todos procurando a loira Holly Vanderhees, a morena Selina Kyle passava muito mais despercebida.

– Além do mais – concluiu ela –, você está parecendo uma apicultora bêbada.

O rosto de Hera estava escondido debaixo de um imenso chapéu de aba flexível e enormes óculos escuros, que nada ficaram devendo aos de Selina. Ela usava uma túnica branca e larga que se agitava com a brisa de outono. As duas sorviam suas bebidas num café em frente ao rio. Um *latte* para Selina, um *chai latte* com leite de soja para Hera.

As duas passavam despercebidas; de toda forma, era pouco provável que alguém resolvesse procurar a Mulher-Gato e suas comparsas numa

cafeteria da moda.

– É meu traje de lazer dominical – disse Hera, apontando para a própria roupa.

Selina sorriu e bebericou o café. Na noite da véspera, Luke entrara sorrateiro em seu apartamento, resgatara suas roupas e levava até ela, que o aguardava com o carro da Liga. Horas depois, Selina abandonou o veículo, mas pegou as sacolas abarrotadas. Ao abrir...

Um bilhete caíra no chão.

Um brinde a uma relação de trabalho, era só o que dizia. Depois de ler, ela passou um bom tempo com um sorriso no rosto.

Selina ajustou a lapela do blazer preto e removeu um fiapo invisível do jeans escuro. A roupa era mais despojada que os poderosos vestidos e terninhos de Holly. Sem dúvida, mais que a roupa distribuída pela Liga. Ela jogara seu antigo uniforme no rio Sprang naquela manhã, decidida a não tentar recuperar a Máscara da Morte em Arkham.

Era hora de criar sua própria roupa e capacete, projetados totalmente a seu gosto.

– Pois bem, você não me convidou aqui para me pagar bebidas caras – disse Hera.

Selina olhou para cima. Na véspera, Hera deixara a fábrica em seu próprio veículo roubado, então perdera a explicação de Selina a Maggie e Luke. Antes de contar, porém...

– O que aconteceu com Arlequina? – perguntou Selina.

Os olhos de Hera tremularam; ela revirou o *chai* na caneca, observando o rio.

– Eu fiquei com ela até a chegada da polícia. Para garantir que ninguém a machucaria. Quando ela acordou, acho que se deu conta do que tinha feito... com você. E arriscando a vida de Maggie no processo. Ela... caiu na real. Em relação a muitas coisas. Se entregou de livre e espontânea vontade, e eu ganhei tempo para te encontrar. Arkham está uma zona, então eles a levaram para outro lugar. Ela está fazendo

terapia para... tratar essa atração que sente por gente feito o Coringa. Ela *quer* a terapia. E está aguardando julgamento.

– Eu sinto muito.

Foi a única coisa que Selina conseguiu pensar em dizer.

– Eu não te culpo pelo que você fez. E a Arlequina... ela não está bem. Já tinha um tempo que eu sabia disso, e agora ela também sabe, mas...

Hera olhou o ombro de Selina que levava a facada.

– Eu não consigo aceitar... que tolerei esse comportamento. Então, mesmo que isso signifique ficar um tempo sem vê-la, mesmo com ela atrás das grades...

– Sei de uma pessoa que pode garantir que ela receba um bom tratamento terapêutico e um bom juiz – ofereceu Selina. – O tratamento certo e todo o apoio necessário.

Luke dissera isso na noite anterior. Que ajudaria com o que fosse preciso. Que botaria as coisas em ordem, para que eles pudessem descobrir como lidar com aquela cidade.

Porque ele estava certo: com Maggie morando ali, indo à escola... só por sobre o cadáver de Selina os lordes do crime dominariam as ruas. Naquela cidade havia gente boa, inocente, que precisava de alguém que as defendesse. Como Mulher-Gato, como a Dama de Gotham City, *ela* poderia ajudar a ditar as regras. A controlar o caos.

– Obrigada – disse Hera, engolindo em seco. – E você, com a sua irmã, eu compreendo. Tudo isso... – Hera estendeu a mão para os arranha-céus flanqueando o rio, o café, o espaço entre elas. – Foi tudo parte do seu plano para salvá-la.

– Foi.

Diante da pausa ansiosa de Hera, Selina se ajeitou na cadeira. E contou sua história.

O sol cruzou o arco de céu acima delas, a garçonete trocou as bebidas, o ar fresco de outono as envolveu. Então, Selina terminou.

Hera soltou um suspiro e um assobio.

– Uau, é uma história e tanto, pode crer.

Selina bufou. Hera deu um peteleco na trança, jogando-a sobre o ombro.

– Você chegou a ter, de verdade, algum... sentimento por nós? Como amigas?

– Não foi a intenção – admitiu Selina. – Mas eu tive. E ainda tenho.

Hera terminou o *chai* com uma golada longa.

– A Liga vai vir atrás de você?

– Ah, não tenha dúvida. Ainda mais agora que eu destruí a fórmula, os dados... tudo.

As informações que a própria Hera colhera, Selina tinha certeza de que estavam seguras. Até onde a Liga sabia, Hera jamais pusera os pés naquela fábrica.

– Só que, até lá... – disse Selina, espreguiçando-se. – Eu preciso pagar minhas contas.

– Ah, é?

Selina sorriu.

– Arrumei um gato.

A bem da verdade, ela tinha encontrado um gato. A gatinha cinza do beco. Bastou um mísero tantinho de comida, na noite da véspera, e a gata pulou no colo de Selina. E ali ficou, ronronando durante todo o trajeto para casa. Selina resolveu chamá-la de Jane.

Hera ergueu uma sobrancelha.

– E cuidar de gato é tão caro assim?

O sorriso de Selina se escancarou.

– Pode apostar que é. Ainda mais no novo covil que estou pretendendo montar com minha abominável companheira de apê.

Ela deitou um molho de chaves sobre a mesa.

Hera riu. Pegou as chaves e balançou.

– Me inspirei na casa da Arlequina – disse Selina. – Outra estação de metrô abandonada, dois níveis no subsolo... o andar de baixo pode virar um laboratório. No de cima dá para montar três quartos.

– Três?

– Um de hóspedes – respondeu Selina. – Ou outra amiga. Quando for a hora certa para ela.

Uma casa. Para todas elas. Para começar uma vida nova, como quisessem.

Hera piscou intensamente, baixando a cabeça e escondendo o rosto.

– Obrigada – disse ela.

Era o mínimo que Selina podia fazer. Se Arlequina saísse, se aquele bom juiz a soltasse depressa e ela recebesse a ajuda de que precisava e agora queria... pelo bem de Hera, Selina rezava pela melhora de Arlequina. Para que ela conseguisse esquecer o Coringa, o passado que a assombrava e impelia. E para que enxergasse a mulher bem à sua frente que havia passado todo aquele tempo a esperá-la.

E também esperava que Arlequina não tentasse matá-la no processo.

Mas nisso ela pensaria amanhã. Outro dia. Outra semana.

Hera endireitou o corpo, e seu rosto sardento se iluminou.

– Vai ser caro fazer um covil desse – comentou ela, balançando as chaves de metal cintilante do antigo zelador, enganchadas em seu dedo.
– Qual vai ser o nosso próximo roubo?

Selina olhou o rio, onde o sol começava a se pôr. Por uma fração de segundo, foi envolvida por uma calma, um contentamento que se entranhou em seus ossos e lhe aqueceu o sangue. Como se o sol que rumava para o horizonte, as sombras que se avultavam... não fossem o fim. Nem de longe eram o fim.

A cidade, agora tomada pelo lusco-fusco... era todinha dela.

Pela primeira vez, tudo lhe pertencia. Sem limites, sem fronteiras. Um caminho a desbravar como ela quisesse. Como sonhasse.

Um lar.

Selina sorriu.

– Tem umas exposições no museu que eu estou doida para ver.



AGRADECIMENTOS

Foi uma imensa honra receber o convite para escrever a história de Selina, e desde o início este foi o projeto dos meus sonhos. No entanto, ele não existiria sem a ajuda de muita gente. Minha gratidão mais profunda, eterna e genuína vai para:

Meu maravilhoso marido, Josh. Sete vidas não seriam suficientes com você. Eu te amo.

Annie, minha fiel companheira canina (também conhecida como Batdog): você traz alegria a todos os meus dias (mesmo exigindo biscoitinhos e petiscos infinitos). Me perdoe pelas milhares de fotos que eu tirei dos seus cochilos, mas você é irresistível de tão fofa.

Para Tamar Rydzinski, minha editora casca-grossa, que trabalha tão incansavelmente por mim. Você é uma rainha.

A todos da Agência Literária Laura Dail, por serem a melhor equipe de trabalho. Do mundo todo.

A Chelsea Eberly, editora extraordinária, que tornou este projeto tão delicioso e que o transformou em algo que me encheu de orgulho.

Obrigada por *tudo*.

À maravilhosa equipe da Random House: Michelle Nagler, Lauren Adams, Kerri Benvenuto, Hanna Lee, Kate Keating, Elizabeth Ward, Aisha Cloud, Kathy Dunn, Adrienne Waintraub, Regina Flath, Alison Impey, Stephanie Moss, Jocelyn Lange, Jenna Lettice, Barbara Bakowski, Tim Terhune, Mallory Matney, Felicia Frazier, Mark Santella, Emily Bruce, Becky Green, Kimberly Langus e Cletus Durkin. Muito obrigada a todos pelo trabalho árduo!

Obrigada à incrível equipe da DC/Warner Bros: Ben Harper, Melanie Swartz, Shoshana Stopek e Thomas Zellers, que me abasteceram de informações e direcionamentos importantíssimos. A Afua Richardson, obrigada pelas belas imagens de Selina.

Amor e gratidão infinitos ao maravilhoso Nic Stone, pelo perfeito e inestimável feedback. E meu muitíssimo obrigada a Jason Reynolds, por me doar seu tempo e oferecer insights tão fundamentais.

Obrigada, obrigada, obrigada a Cassie Homer, maravilhosa assistente. A Steph Brown, Lynette Noni, Alice Fanchiang, Jennifer Armentrout, Roshani Chokshi, Christina Hobbs e Lauren Billings: obrigada por serem amigas tão fantásticas. A Louise Ang: obrigada, como sempre, pela sua gentileza e empolgação contagiantes. A Charlie Bowater: sua arte me inspira e me comove todos os dias. Sou muito grata por nossos caminhos terem se cruzado.

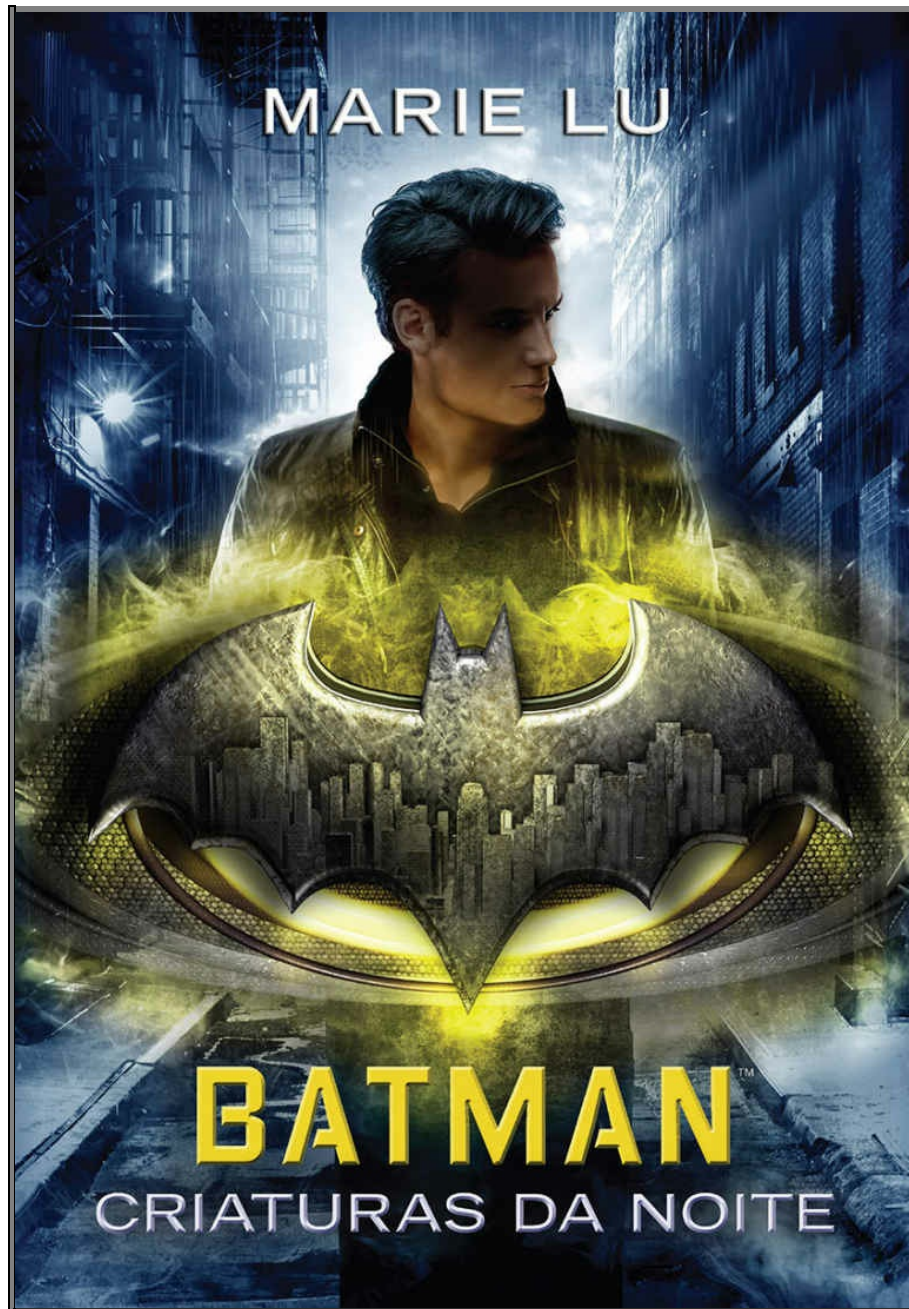
A Jennifer Kelly, Alexa Santiago, Kelly Grabowski, Rachel Domingo, Jessica Reigle, Laura Ashforth, Sasha Alsberg e Diyana Wan: vocês são pessoas muito especiais, e tenho muita sorte em conhecer vocês.

À minha família, que me enche de amor e apoio: sou muito abençoada por ter vocês em minha vida.

E, por último, a você, querido leitor: obrigada, de todo o meu coração, por escolher a história de Selina. Espero que ela inspire você a tocar um pouco o terror (de preferência longe do crime!) – sem deixar de se divertir.

LEIA AGORA UM TRECHO DE
OUTRO LIVRO DA COLEÇÃO

LENDAS DA DC



BATMAN and all related characters and elements © & TM DC Comics. (s17)

Pouco tempo depois, já estava de volta ao lado abastado de Gotham. Os paparazzi estavam mais lentos, mas certamente o alcançariam. Se Bruce não se livrasse deles agora, acabariam em frente aos portões da mansão, fabricando manchetes sensacionalistas sobre a razão de sua saída prematura da própria festa. Ao pensar nisso, Bruce se aborreceu e acelerou. E o alerta do carro voltou a soar.

Ao parar em outro sinal, ouviu sirenes de polícia. O som vinha de um ponto mais adiante – e não apenas de um veículo, mas do que deviam ser dezenas.

A curiosidade sobrepujou o mau humor, e Bruce franziu a testa. Passara tanto tempo investigando crimes por conta própria que aquele som sempre o deixava alerta. Naquela área da cidade, tomada de vitrines elegantes, a mera intensidade das sirenes parecia destoante. Bruce desviou da rota que o teria levado de volta à sua casa. Em vez disso, foi de encontro às sirenes.

Assim que completou outra curva, o barulho se tornou ensurdecedor; os prédios no fim da rua refletiam a massa de luzes azuis e vermelhas. Barreiras de concreto e fitas amarelas bloqueavam por completo o cruzamento. Havia carros de bombeiro e veículos da SWAT aglomerados.

Dentro do carro, uma voz eletrônica se pronunciou:

– *Forte atividade policial à frente. Rota alternativa sugerida.*

Um mapa se materializou na tela do carro e uma sensação de temor invadiu o peito de Bruce. Ele descartou a imagem do mapa e parou bruscamente diante da barricada. No mesmo instante, o inconfundível som de tiros ecoou pela noite.

Ele recordava muito bem aquele som. A memória da morte dos pais lhe trouxe uma onda de vertigem. *Outro assalto. Outro assassinato. É só*

isso.

Então ele balançou a cabeça. *Não, não faz sentido.* Havia muitos policiais ali para aquilo ser um simples assalto.

– *Saia* do veículo e levante as mãos! – gritou uma policial, a voz no alto-falante se propagando pelo quarteirão.

Por um instante, Bruce achou que a ordem fosse para ele, mas então viu que ela estava de costas para ele, com os olhos fixos na lateral do edifício onde se lia INDÚSTRIAS BELLINGHAM & CIA.

– O cerco se fechou, Criatura da Noite! Este é o último aviso!

Outro policial avançou até o carro de Bruce. Balançava os braços de forma exagerada para que Bruce desse meia-volta.

– Retorne *agora*. É perigoso! – avisou o homem, a voz tomada de pânico.

Antes que Bruce pudesse responder, uma bola de fogo reluzente explodiu atrás do policial. A rua estremeceu.

Mesmo dentro do carro, Bruce sentiu o calor da explosão. Todas as janelas do prédio estouraram ao mesmo tempo e um milhão de estilhaços caíram no pavimento. Os policiais se agacharam no mesmo instante, protegendo a cabeça. Fragmentos de vidro despencaram feito granizo no para-brisa de Bruce.

Do lado de dentro do bloqueio, um carro branco disparou e virou uma curva. Bruce percebeu para onde ele rumava: uma estreita abertura entre as barricadas da polícia, por onde acabara de passar um veículo do esquadrão da SWAT.

O automóvel avançou numa reta em direção à brecha.

– Eu mandei *sair*! – gritou o oficial para Bruce, com um filete de sangue descendo pelo rosto. – Isso é uma *ordem*!

Bruce ouviu o carro fugitivo disparar em direção à fresta, cantando os pneus no asfalto. Estivera mil vezes na garagem de seu pai, ajudando-o a consertar um sem-número de motores dos melhores carros do mundo. Na WayneTech, Bruce observara, fascinado, a condução de

testes em motores adaptados, jatos conceituais, tecnologia stealth e todo tipo de novos veículos.

Por isso ele sabia: fosse lá o que estivesse instalado sob aquele capô, era mais veloz que qualquer veículo do departamento de polícia de Gotham.

Eles nunca vão conseguir pegá-lo.

Mas eu consigo.

Seu Aston Martin provavelmente era o único veículo ali capaz de alcançar o do criminoso, o único com poder de persegui-lo. Bruce respirou fundo e acompanhou com o olhar o provável trajeto que o carro seguiria, parando numa placa ao fim da rua que apontava para a rodovia.

Eu consigo alcançá-lo.

O veículo branco em fuga irrompeu pela brecha na barreira policial, acertando duas viaturas.

Não, desta vez não. Bruce afundou o pé no acelerador.

O motor do Aston Martin emitiu um rugido ensurdecedor e disparou. O policial que havia gritado para ele recuou, cambaleante. Pelo retrovisor, Bruce viu o homem se levantar e erguer os braços, acenando para que as outras viaturas avançassem.

– Não atirem! – gritou o homem, já distante. – Civil se aproximando! *Não atirem!*

O carro fugitivo fez uma curva brusca no primeiro cruzamento. Momentos depois, Bruce apareceu em seu encalço. A rua fez um zigue-zague e se elevou num amplo arco que levava à rodovia. A Criatura da Noite disparou pela rampa, deixando um rastro de fumaça e duas marcas de pneu no asfalto.

Bruce avançou; seu carro mapeou o solo no mesmo instante, descrevendo uma curva perfeita na subida da rampa até a rodovia. Ele deu dois tapinhas no para-brisa, no ponto exato onde se encontrava o veículo branco da Criatura.

– Atrás dele – ordenou Bruce.

Agora um alvo verde brilhava sobre o carro branco.

– *Carro assinalado* – disse a voz do Aston Martin.

Um pequeno mapa surgiu no canto do para-brisa, mostrando a posição exata do carro fugitivo em relação a Bruce. Agora, por mais que tentasse escapar, não seria possível.

Bruce acelerou ainda mais. Seu corpo inteiro formigava com a explosão de adrenalina.

– Cancelar – ordenou ele assim que seu carro tentou reduzir a marcha.

Ele seguiu serpenteando entre os veículos, de uma faixa a outra. O Aston Martin respondia com extrema precisão, sabendo exatamente quando passaria por um espaço estreito e a rapidez com que necessitava avançar.

Bruce estava prestes a alcançar a Criatura da Noite. O carro à frente começou a ziguezaguear loucamente. Os poucos veículos ainda na rodovia desviavam, enquanto os dois seguiam a toda por entre as faixas.

Um refletor iluminou Bruce e a estrada adiante. Ele olhou para cima e viu um helicóptero preto voando baixo, acompanhando a perseguição. Atrás dele seguiam as viaturas da polícia.

O que estou fazendo?, pensou Bruce, tenso e exaltado. Porém, não reduziu a velocidade. Em vez disso, pressionou as costas no banco e pisou fundo. Tinha os olhos fixos no carro serpeante à sua frente.

Só mais um pouco. Bruce estava tão perto que viu o motorista olhar para trás e encará-lo. O carro branco avançou em um caminhão que levava um carregamento de imensos canos, forçando o motorista a invadir a pista de Bruce. O Aston Martin emitiu um bipe de alerta e desviou automaticamente. Bruce puxou o volante com força. Por um momento achou que fosse bater no caminhão... mas seu carro deslizou para o lado num encaixe perfeito.

Apesar de tudo, Bruce se sentia invencível, até *instintivo*, concentrando-se somente em seu alvo e na batida forte do coração.

Lá do alto, a voz no alto-falante do helicóptero gritou:

– Pare o carro! Civil, *afaste-se*. Você *vai ser preso*. *Pare seu veículo!*

Bruce, porém, havia alcançado o alvo. *Quase lá*. Apertou o volante com força, esperando que seus cálculos estivessem corretos. Se ele encostasse da maneira certa na traseira do veículo da Criatura da Noite, a velocidade e a resistência do carro à frente provavelmente o fariam capotar.

É o fim.

Alfred vai me matar.

Ele deu um toque de leve no volante. Seu coração apertou por um instante, nervoso diante do que estava prestes a fazer.

– Desculpe – murmurou ele para o Aston Martin.

Então, acelerou. Dessa vez o carro tentou parar, e ele sentiu o volante resistir a seu movimento.

ALERTA! Colisão à frente!

– Cancelar! – gritou Bruce, enfiando o carro na traseira do veículo da Criatura.

Estrondo de metal contra metal. Bruce sentiu uma onda de choque, e seu pescoço chicoteou para o lado. Ele foi arremessado num arco, e com a força do impacto o cinto de segurança feriu seu peito. Os pneus do outro carro gritaram no asfalto – ou talvez tivesse sido Bruce, ele não tinha certeza. Ele viu o veículo capotar, momentaneamente levado pelo ar. O mundo voou ao seu redor. Bruce viu de relance o rosto do motorista: um homem, a pele clara salpicada de sangue.

O carro branco aterrissou com o teto no chão. Fez-se uma explosão de vidro, e a carroceria de metal foi esmagada numa massa retorcida. Por mais que Bruce soubesse, enquanto sua cabeça balançava, que tudo devia ter levado menos de um segundo, era como se conseguisse ver o metal se retorcendo pouco a pouco, os milhões de lascas das janelas cortando o ar.

A polícia correu até o carro branco, os rifles apontados para o motorista. O homem estava de cabeça para baixo, quase inconsciente, os braços balançando.

– *Não se mexa, Criatura da Noite!* – gritou um policial. – *Você está preso!*

Bruce sentiu outra onda de tontura. Enquanto um dos policiais se aproximava, aos berros, cheio de raiva, Bruce ouviu seu carro efetuar uma chamada de voz para alertar Alfred e enviar coordenadas para a polícia.

O guardião de Bruce respondeu ao primeiro toque, a voz tensa e frenética:

– Patrão Wayne? Patrão Wayne?

– Alfred... – disse Bruce, mal ouvindo a própria voz. – Você pode me dar uma carona?

Ele não ouviu a resposta de Alfred. Não sabia ao certo se conseguia *ouvir* suas palavras. Só se lembrou de desabar no banco, e viu o mundo se apagar.

SOBRE A AUTORA



Sarah J. Maas é autora das séries Trono de Vidro – traduzida para 35 idiomas e destaque na lista de mais vendidos do mundo todo – e Corte de Espinhos e Rosas. Ela elaborou o primeiro volume de sua série mais famosa quando tinha apenas 16 anos. Nascida em Nova York, Sarah mora na Pensilvânia com o marido e a cachorrinha.

COLEÇÃO LENDAS DA DC

Mulher-Maravilha: Sementes da Guerra

Leigh Bardugo

Batman: Criaturas da Noite

Marie Lu

Mulher-Gato: Ladra de Almas

Sarah J. Maas

Superman

Matt de la Peña

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC

MAGO

LIVRO UM
APRENDIZ



Raymond E. Feist



ARQUEIRO

Mago, Aprendiz

E. Feist, Raymond

9788580415551

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro destemido a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre. Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia... ou morrer. Dividida em quatro livros, A Saga do Mago é uma aventura sem igual, uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha

entre as forças da Ordem e do Caos."A Saga do Mago é uma série obrigatória para qualquer leitor de fantasia. Dos admiradores de Harry Potter aos fãs de George R.R. Martin, ninguém deve perder esta obra-prima." – Lista dos 100 melhores livros da BBC"Um enredo extremamente rico que desvenda uma saga de amor, coragem e sacrifício." – Publishers Weekly

[Compre agora e leia](#)

Thalita Rebouças

AUTORA COM 2 MILHÕES DE
LIVROS VENDIDOS

*Confissões
de uma garota
excluída,
mal-amada
e (um pouco)
dramática*



Confissões de uma garota excluída, mal-amada e (um pouco) dramática

Rebouças, Thalita

9788580418552

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Tetê acaba de se mudar com a família toda para a casa dos avós em Copacabana, no Rio de Janeiro. O lindo e espaçoso apartamento da Barra da Tijuca em que morava teve que ser vendido, pois com a crise o pai perdeu o emprego, e o resultado é que a vida dela virou de cabeça para baixo. Além de perder a privacidade – tendo que dividir o espaço com cinco parentes malucos que brigam o tempo todo –, ela perdeu todas as suas referências. A única coisa que a deixa feliz é cozinhar. E, claro, comer as delícias que faz. O lado bom foi se livrar do antigo colégio, onde sofria bullying por causa de seu jeito peculiar. Sem contar sua desilusão amorosa... O problema é que ela está apavorada, porque agora tudo será novo e estranho, com o ensino médio, com a nova escola e sem conhecer ninguém. Ela morre de medo de ser excluída, de não fazer amigos ou de sofrer bullying novamente. Apesar de ser uma garota

divertida e bem-humorada, ela está mal. Ou talvez seja um pouco de drama, porque no primeiro dia de aula as coisas já parecem um pouco diferentes... Com o tempo, ela vai descobrir que sair da zona de conforto e enfrentar seus medos é a única maneira de ser feliz.

[Compre agora e leia](#)

"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC

MAGO

LIVRO DOIS
MESTRE

Raymond E. Feist



Mago, Mestre

E. Feist, Raymond

9788580415568

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

Passaram-se três anos desde o terrível cerco a Crydee. Os três rapazes que eram melhores amigos se encontram agora a quilômetros de distância uns dos outros. Pug, um escravo dos tsurani, está prestes a se tornar um dos maiores magos que já existiram. Tomas, um grande guerreiro entre os elfos, arrisca-se a perder sua humanidade para a armadura encantada que veste. Arutha, Príncipe de Crydee, luta desesperadamente contra invasores e traidores para salvar seu reino. Mestre, segundo livro da série A Saga do Mago, é recheado de aventura, emoção e ameaças tão antigas quanto o próprio tempo. Nele, Raymond E. Feist volta a provar que é um dos maiores nomes da literatura fantástica contemporânea. "Uma fantasia épica repleta de ação eletrizante e heróis inesquecíveis." – The Washington Post

[Compre agora e leia](#)

"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC

MAGO

LIVRO TRÊS

ESPINHO DE PRATA

Raymond E. Feist



Mago, Espinho de Prata

E. Feist, Raymond

9788580415575

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Durante quase um ano, a paz reinou nas terras encantadas de Midkemia. Porém, novos desafios aguardam Arutha, o Príncipe de Krondor, quando Jimmy, a Mão – o mais jovem larápio dos Zombadores, a Guilda dos Ladrões –, surpreende um sinistro Falcão Noturno prestes a assassiná-lo. Que poder maléfico fez com que os mortos se levantassem para combater em nome da Guilda da Morte? E que magia poderosa poderá derrotá-los? Mas antes de lutar contra eles o Príncipe Arutha, na companhia de um mercenário, um bardo e um jovem ladrão, terá que fazer a viagem mais perigosa da sua vida, em busca de um antídoto para o veneno que pode matar a bela Princesa no dia do próprio casamento. "Uma série memorável e poderosa." – Melhor Fantasia da Amazon

[Compre agora e leia](#)

"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC

MAGO

LIVRO QUATRO

AS TREVAS DE SETHANON



Raymond E. Feist



Mago, As Trevas de Sethanon

E. Feist, Raymond

9788580415582

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ventos malignos sopram sobre Midkemia. As legiões negras se ergueram para esmagar o Reino das Ilhas e escravizá-lo com o terrível poder de sua magia. A batalha final entre a Ordem e o Caos está prestes a começar nas ruínas de uma cidade chamada Sethanon. Agora Pug, o mestre conhecido por Milamber, terá à sua frente a incrível e perigosa missão de viajar até a aurora do tempo e lidar com um antigo e temível inimigo. O destino de mil mundos dependerá apenas dele. Enquanto isso, o Príncipe Arutha e seus companheiros reúnem as suas hostes para derrotar de uma vez por todas um misterioso demônio ancestral e o temido necromante Macros libertou mais uma vez sua magia negra. Nesse formidável último volume de A Saga do Mago, o futuro de dois mundos será decidido numa luta colossal sob as muralhas de Sethanon, quando os laços entre Kelewan e Midkemia serão restaurados. "Dimensão épica e imaginação vigorosa." – The Washington Post

[Compre agora e leia](#)